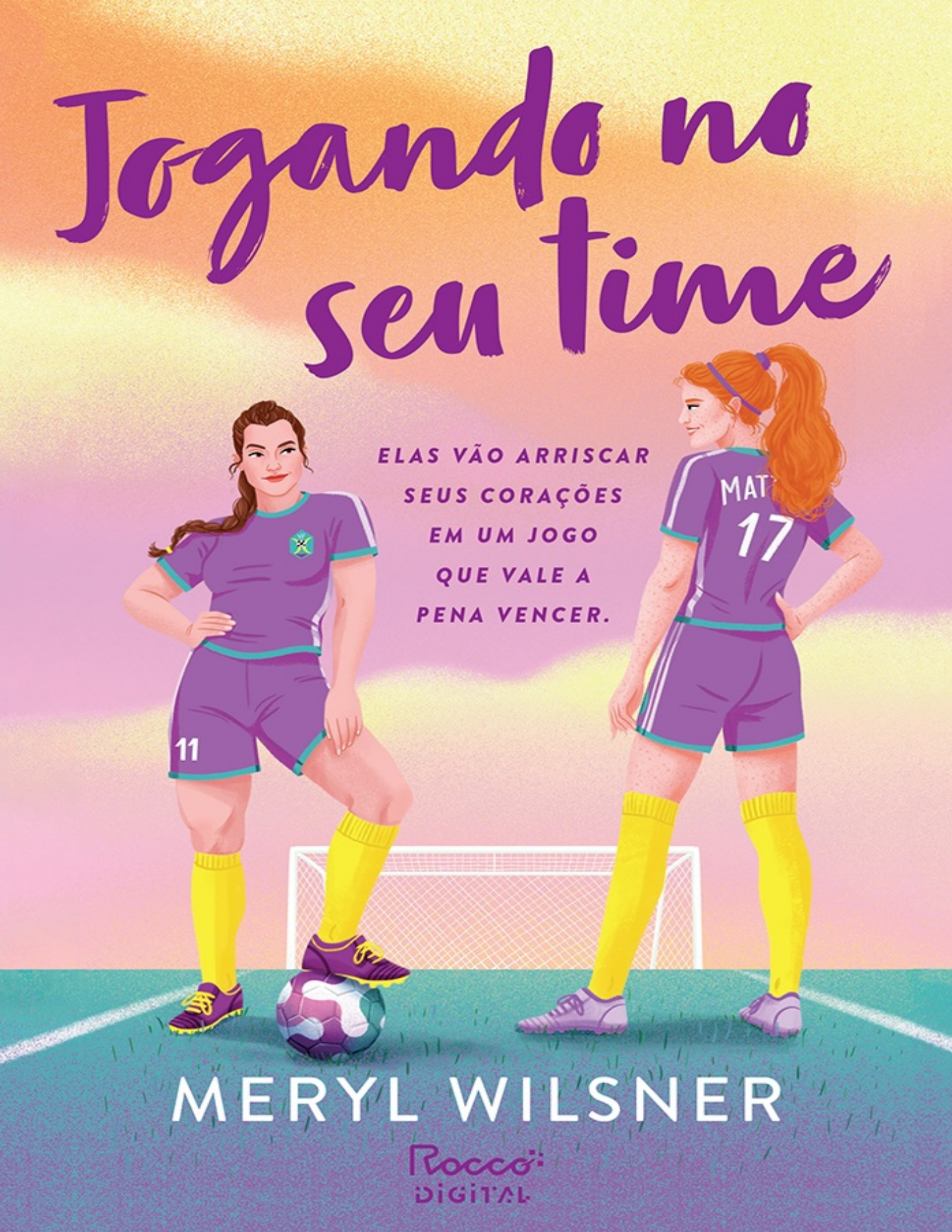
Jogando no seu time



MERYL WILSNER

Rocco DIGITAL

MERYL WILSNER

Jogando no seu time

Tradução de Laura Folgueira

Rocco DIGITAL

Para Ashley,
e, bom.

Sumário



Para pular o Sumário, clique aqui.

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Trinta e sete

Epílogo

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice

Um



> Não dá para vencer um campeonato sem gays no seu time. Basicamente nunca, jamais foi feito. Isso, sim, é ciência.
>
> — Megan Rapinoe

A máquina de vendas puxa a nota de um dólar amassada que Phoebe insere e imediatamente é cuspida de volta. Ela bufa, pega a nota e a estica na coxa por cima dos shorts de lycra.

— Não me decepcione agora — murmura enquanto tenta outra vez.

Quando o dólar não é devolvido com toda aquela arrogância, Phoebe joga as duas mãos para cima da cabeça, vitoriosa. Bate com o dedo indicador nos botões onde sobraram apenas contornos vagos de *C* e *4* após anos de uso, e um M&M de amendoim mergulha para o chão da máquina.

— Quantos azuis tem nesse pacote? — pergunta ao irmão, Teddy, que sempre faz os intervalos da recepção quando Phoebe está entre clientes de personal.

Teddy cutuca o tampo lascado da única mesa da sala de descanso, com as pernas bem abertas, como se isso fosse torná-lo mais alto.

— O que eu ganho se acertar?

— Eu divido com você — responde Phoebe. — Mas, se eu acertar, você compra o próximo pacote.

— Isso é porque você está sem grana?

Ele não está errado — ela tinha fuçado a mochila, pensando que não havia mais esperança até encontrar uma nota lá no fundo.

— É porque é uma aposta justa — diz Phoebe, antes de admitir. — Ou, bom,

pode ser por causa das duas coisas.

Teddy era uma versão em miniatura dela antes de cortar os cabelos e mudar de nome. Não que tenha surtido muito efeito — ninguém olhava as madeixas ruivas como fogo e o rosto cheio de sardas sem chegar à conclusão de que eram irmãos. Teddy aceita a bagunça dos cabelos deles. Sempre parece que ele acabou de sair da cama, mas, por algum motivo, fica bom. (Pelo menos, Phoebe sabe que vai ficar bonita se um dia decidir cortar os cabelos para ser mais *butch*.)

— Dez — responde Teddy. — E, se eu acertar, você me leva junto para Nova Orleans.

— Parece uma compensação bem alta para uma aposta sobre M&Ms.

Mas é melhor que a aposta de sempre de Teddy, que é fazer Phoebe lavar o *binder* dele. O babaca sempre espera para cobrar a aposta depois de ter treinado.

Mesmo assim, ela o levaria se pudesse. Sua única ressalva em ir para Louisiana no fim do mês é o quanto vai ficar longe da família. A faculdade foi uma coisa — Mapleton era perto o suficiente para lavar a roupa em casa. A mudança para NOLA vai ser a primeira vez morando fora de Indiana em seus vinte e dois anos.

Na mesa, o celular de Phoebe toca com uma melodia estridente. Ela tirou o aparelho mais cedo do armário para rolar o TikTok durante a meia hora de espera pela próxima cliente. É estranho ter uma pausa tão longa. Durante a faculdade, ela sempre marcava o dia todo com uma sessão atrás da outra para fazer valer a pena o trajeto de carro até Mapleton. Além do mais, é a primeira semana de janeiro, quando a academia ainda está cheia de gente que até agora não desistiu das resoluções de fim de ano. Phoebe em geral tenta reter cem por cento dos clientes de ano-novo, porque significa que provou para eles que treinar é *divertido*, mas não aceitou ninguém novo neste ano. Não teria feito sentido, já que vai para Nova Orleans em algumas semanas.

— Por que, em nome de Deus, o som do seu celular está ligado? — questiona Teddy com uma careta.

Phoebe se joga na cadeira de plástico ao lado do irmão e olha o aparelho. É um número de Chicago.

Antigamente, ela não atendia números desconhecidos. E também não deixava o som ligado, já que não é uma *boomer*, mas, desde que o time de Nova Orleans a contratou em dezembro, houve muitas ligações para acertar as coisas antes do início da pré-temporada, no mês que vem. Verdade, a maioria desses números geralmente

é de Louisiana, mas, em todo caso, ela atende.

— Alô?

— Oi, é a Phoebe Matthews?

A voz tem um sotaque — Phoebe não conhece o suficiente do Reino Unido (Grã-Bretanha? Ilhas Britânicas? Seja lá qual for o nome) — para saber exatamente de onde.

— Sim, sou eu. — Phoebe prende o celular entre o ombro e a orelha para poder abrir o pacote de M&Ms.

— Oi, Phoebe. É a Amanda Greene, da Seleção Americana de Futebol Feminino.

As mãos de Phoebe param. Seu coração dá uma cambalhota.

— Quê?

— Queria te dar os parabéns por ter sido contratada no mês passado — diz a pessoa. — Você vai se sair bem com o New Orleans. Porém, mais especificamente, queria te convidar para vir para o centro de treinamento da seleção daqui a algumas semanas.

— Cala essa boca. — Phoebe dá uma risada aguda e esquisita. Só pode ser uma pegadinha. Ela puxa de novo as pontas do pacote de M&Ms e diz ao irmão do outro lado da mesa: — Foi você quem fez isso?

— O quê? — respondem Teddy e a pessoa do outro lado da linha em uníssono.

Phoebe engole em seco.

— É mesmo a Amanda Greene?

Os olhos de Teddy se arregalam.

— Sim — confirma a pessoa ao telefone.

O pacote nas mãos de Phoebe finalmente se abre — mas com entusiasmo demais, fazendo M&Ms saírem pulando por todo o chão da sala de descanso. Phoebe não se mexe para pegá-los. Ela mandou a técnica da Seleção de Futebol Feminino dos Estados Unidos calar a boca.

— Ai, meu Deus, me desculpa por… Eu não devia… Não estava falando sério. Quando eu disse para calar a boca, foi só uma expressão. Eu… espera, você está falando sério? Está me convidando para o centro de treinamento?

— Estamos. — A pessoa, que aparentemente é a porra da Amanda Greene, técnica da seleção, parece estar sorrindo. — Não posso fazer promessas sobre a probabilidade de você voltar a ser convocada este ano, mas estou animada para dar

uma olhada em você.

Phoebe sorri.

— E eu estou animada para merecer uma nova convocação.

Pode parecer surreal, mas não falta a Phoebe confiança em seu talento.

Amanda dá uma risadinha.

— Alguém vai te ligar no fim da semana para resolver tudo de que você vai precisar para encontrar a gente em Jacksonville. Te vejo lá.

— Obrigada. Mal posso esperar.

— Você está me zoando, né? — diz Teddy assim que Phoebe desliga. — Não era a Amanda Greene.

Phoebe respira fundo algumas vezes.

— Era a Amanda Greene.

— Você vai para o treinamento de janeiro? — Se fosse uma mensagem, o comentário estaria todo em maiúsculas com vinte pontos de interrogação no fim.

— Eu vou para o treinamento de janeiro.

Pelo jeito, Phoebe não consegue fazer nada exceto papagaiar as palavras do irmão em forma de resposta.

Teddy salta da cadeira, puxando as mãos da irmã para que ela também fique de pé. Ela se levanta cambaleando enquanto o irmão pula sem parar ao seu lado.

— Você foi convocada! Você foi convocada!

Teddy está gritando, mas Phoebe, em sua cabeça, ouve apenas o som de sangue correndo pelas veias, ou de estática, ou das ondas do lago Michigan no Parque Estadual Indiana Dunes. O coração dela bate no esterno.

— Me conta tudo o que ela falou. Palavra por palavra.

Phoebe não consegue lembrar.

— Eu nem achei que fosse ela. Achei que fosse um trote, que você ou a Alice tinham convencido alguém a fazer isso.

— Nós somos rudes, mas nem tanto.

Ela repete para o irmão o que consegue se lembrar da conversa. Aconteceu. *Acabou* de acontecer, mas não parece real. Tipo um sonho que você achou que fizesse sentido, mas, ao explicar para alguém, a surrealidade aparece.

Ser convocada para a Associação Americana de Futebol Feminino já era um sonho realizado por si só. Phoebe tinha se sentado naquela sala de reuniões de um hotel em dezembro, uma semana depois de se formar na faculdade, usando um

terno azul-marinho feito sob medida que custava o mesmo que todo o restante de seu guarda-roupa junto. O gasto valeu a pena quando o New Orleans Krewe a escolheu na primeira rodada da convocação.

Na época, foi a melhor coisa que já havia acontecido com ela.

Isso é melhor.

A seleção organiza vários períodos de concentração ao longo do ano. As melhores jogadoras americanas de toda a AAFF — e, às vezes, até de mais longe (Becky Ewing joga na Europa) — se reúnem para treinar e, muitas vezes, jogar antes de voltar aos seus clubes. Ser convocada para esse treinamento é o primeiro passo para ser escalada para a seleção. Quando você é escalada para a seleção, não apenas tem a chance de jogar pelo seu país como — o que é mais importante para Phoebe — recebe um bônus.

Na verdade, muitas coisas são mais importantes para Phoebe do que "jogar pelo seu país", mas a seleção americana é a rota para todas elas. Além do dinheiro, chegar à seleção nacional tem a ver com jogar no maior palco possível. Tem a ver com ser a melhor.

— Você está na porra da seleção!

— Tá, espera, ainda não estou… — Phoebe se acalma. — A gente não vai jogar durante esse treinamento. É só treino. E ela disse especificamente que não podia me prometer nada em relação a convocações futuras neste ano, o que faz sentido, é óbvio, porque é ano de Copa do Mundo. Seria loucura entrar no time agora. Ela já deve ter preparado a escalação, né? Ou pelo menos tem uma lista de opções seleta.

— Talvez ela tenha e você seja uma das opções.

Phoebe puxa uma respiração forte só de pensar. Como esta pode ser a vida dela?

— Tenho que voltar para a recepção, mas estou orgulhoso pra caralho de você, cara.

Teddy não parou de sorrir desde que Phoebe desligou o telefone. O irmão joga os braços em torno dos ombros dela, apesar de Phoebe ter doze centímetros a mais do que ele. Os dois se apertam forte.

Depois de se afastar, Phoebe olha para o chão e diz:

— Então, você pulou em cima dos M&Ms, mas eu que tenho que limpar?

Teddy, obviamente sem demonstrar um pingo de culpa, imita o emoji da careta.

— Por favorzinho?

— Você é um bosta.

— Obrigado, te amo! — diz ele, mostrando o dedo do meio por cima do ombro enquanto sai.

Phoebe puxa o elástico dos cabelos. Passa os dedos pelas ondas ruivas bagunçadas e as puxa com dificuldade em outro rabo de cavalo. O aspirador só funciona às vezes, então Phoebe começa catando os M&Ms que não foram esmagados na comemoração.

Vinte e três jogadoras são escaladas para a Copa do Mundo. Mais algumas são chamadas para a maioria dos períodos de concentração, para dar a Amanda e ao restante da equipe técnica a chance de avaliar cada uma de perto. Claro, elas também são avaliadas pelos clubes onde jogam.

Phoebe se formou antes da hora de propósito, para que quando — ela sempre dizia *quando*, não *se*, apesar de jogadoras de fora da Associação Atlética Universitária Nacional raramente serem convocadas —, *quando* fosse convocada, pudesse entrar para seu time da AAFF na primavera. Ela planejou essa parte da carreira. Nunca pensou em adicionar a seleção como meta.

Quer dizer, claro que havia considerado — entrar para a seleção é seu objetivo desde que tinha doze anos e ficava sentada perto demais da televisão de 42 polegadas que só pegava quatro canais, com os olhos brilhando, quando Grace Henderson substituiu outra jogadora na seleção pela primeira vez. A primeira aparição de sua carreira — a primeira partida oficial — foi antes de ela tirar a carteira de motorista, segundo os narradores. Até hoje, há um pôster de Grace Henderson pendurado na parede do quarto de Phoebe na casa dos pais dela.

Mas ser Grace Henderson não é um objetivo profissional realista. Nunca fez sentido Phoebe esperar entrar na seleção logo depois de sair da faculdade. Não em ano de Copa do Mundo. Em vez disso, ao ser convocada, o plano dela virou jogar tão bem, enquanto as maiores estrelas da liga estivessem longe, na Copa, que ela teria chance de ser escalada no ano seguinte para as Olimpíadas. Claro, seria *incrível* entrar na escalação da Copa, mas não é realista. Mesmo alguém como ela, que mal passou nas aulas de estatística no semestre passado, consegue reconhecer que a probabilidade de ser escalada, sem nunca ter sido convocada, é minúscula. Melhor planejar coisas que possam acontecer. Coisas que ela pode fazer acontecer.

Mas agora que foi convocada para uma concentração? Isso dá algum controle a Phoebe. Dá algum poder.

Isso lhe dá uma arrogância grande demais, e ela está se adiantando. Não está

prestes a ser escalada para a Copa do Mundo; está passando aspirador — que está funcionando, desta vez — no chão da sala de descanso da Planet Fitness do Cu do Mundo, Indiana, com cinco minutos até a próxima cliente chegar.

Ela guarda o aspirador, enfia o pacote de M&M ainda pela metade no armário e diz a si mesma para não se deixar levar. Uma única convocação não quer dizer muito, exceto que ela foi notada. O treinamento daqui a duas semanas é o momento de garantir que eles continuem notando-a.

Dois



O campo de treinamento está em silêncio quando Grace chega. As cercas formam sombras compridas na grama, ainda úmida de orvalho. O time nem vai vir aqui hoje. O primeiro dia de treinamento é lá dentro — musculação, equipamento de cárdio e coisas do tipo. Mas Grace gosta de começar no campo. Isso a ajuda a lembrar por que está aqui. Ela ama um campo de futebol.

Supostamente, é disto que se trata: fazer o que ela ama. Claro que o resultado importa. Ela quer vencer. Mas, no fundo, jogar pela seleção tem a ver só com isso: jogar. É para ser divertido. Na maior parte do tempo, é, mas qualquer ano com um grande campeonato deixa Grace tensa. Elas já venceram três Copas do Mundo seguidas. Qualquer coisa diferente disso significa fracasso.

Então, Grace vai garantir que elas vençam.

Mesmo com o desvio até o campo, ela é a primeira a chegar ao vestiário.

Outras jogadoras chegam em grupos. Grace se concentra em organizar seu armário para não ter que dizer muito mais do que "oi". Voltar para a concentração em janeiro é como o primeiro dia de aula: muito caos e barulho. A temporada da AAFF só começa daqui a um mês, e o último treinamento da seleção foi em novembro. Para quem chegou cedo o bastante ontem à noite, teve um jantar coletivo, mas, fora isso, ninguém havia se visto desde antes dos feriados de fim de ano.

— E aí, capitã? — cumprimenta Kayla Sorrell, uma das companheiras de time de Grace no Krewe.

— Sem essa de capitã aqui — diz Grace. Ela é capaz de ser capitã do New Orleans, mas capitã da Seleção Americana de Futebol Feminino é demais. — Não quero esse tipo de responsabilidade.

A mão pesada de alguém se fecha nas costas de Grace.

— Além do mais, meu uniforme é grande demais para você, Baby Spice.

A verdadeira capitã da seleção, Courtney Trout — mais conhecida como Fish por causa de seu sobrenome, que literalmente quer dizer "truta" —, abaixa a cabeça para Grace com um sorriso. Suas microtranças ainda não estão presas num rabo de cavalo.

— Grande e velha, é a Fish resumida — provoca Sorrell. — Sabe que tive que pesquisar o que eram as Spice Girls na primeira vez que ouvi você chamar ela disso?

— Eu me recuso a acreditar que seja verdade — devolve Fish. — Vou botar "Wannabe" para tocar enquanto a gente levanta peso, e vocês duas vão cantar junto.

Grace sacode a cabeça. Não que ela não conheça a música — pode ter sido lançada um ano antes de ela nascer, mas ela não mora numa caverna —, só não vai cantar na frente de ninguém. Fish sabe disso. O time inteiro sabe disso. Menos as duas novas jogadoras, que foram convocadas para a seleção pela primeira vez depois de terem sido contratadas pelo Krewe no início do mês.

Grace não sabe mais nada sobre as novatas exceto o que viu na contratação: o nome, a posição e as fotos de rosto das duas. A atacante Gabriella Rodriguez está se trocando do outro lado de Sorrell. Grace olha pelo vestiário. A outra garota nova, Phoebe Matthews, é uma meio de campo que tem cabelos ruivos tão vivos que é difícil esquecer. Mas não está em canto nenhum do vestiário.



Quando Matthews enfim chega, faz uma cena.

O restante do time já está na sala de musculação. Amanda está no meio do discurso de boas-vindas quando alguém bate de cara nas portas da sala, vindo lá de fora.

— Merda! — resmunga a pessoa por um segundo antes de puxar, em vez de empurrar, e enfim conseguir abrir as portas. A outra novata. — Desculpa! Desculpa pelo atraso. Não consegui encontrar… — Sua boca se fecha de repente. — Desculpa — repete, agora mais baixo, quase recatada.

Amanda assente.

— Matthews.

— Oi — diz Matthews, de cabeça baixa e ombros eretos. Ela se embrenha mais

na sala de musculação, parando atrás de Sorrell, ao lado do time.

Não ser capitã significa que não é da conta de Grace se Matthews estiver atrasada. Ela não precisa se importar com aquilo. E não se importa mesmo, exceto por não conseguir imaginar que alguém se atrasaria em seu primeiro dia com o time sênior. Se Grace lembra bem, é o primeiro dia de Matthews em qualquer seleção. Ela não estava no funil do Desenvolvimento Olímpico. Veio de uma escola qualquer depois de crescer numa cidade qualquer. E está disposta a jogar fora a sua chance se atrasando no primeiro dia de treinamento.

Grace não está impressionada.

Mesmo do outro lado da sala, as sardas de Matthews são evidentes. Seus cabelos são ainda mais ruivos ao vivo. E também estão soltos, ou estavam quando ela chegou. Agora, ela está passando os dedos pelas madeixas bagunçadas, grossas e cheias de nós. Grace tem vontade de enfiar a mão lá. Depois de anos de experiência com a irmã mais nova, é a trançadora designada do time praticamente desde que entrou nele. Grace é capaz de domar os cabelos de Matthews. Duas tranças embutidas, começando de cada lado daquela risca do meio e se unindo num rabo de cavalo. É mais prático do que o coque estilo ninho de rato que Matthews consegue prender com um elástico verde-limão.

Amanda segue explicando o plano do dia. A maioria das jogadoras preferiria estar em campo, mas os técnicos se certificam de que o treinamento comece leve. Atletas de elite são competitivos demais para o seu próprio bem.

Máquinas de cárdio — bicicletas, *transports* e esteiras — são usadas sobretudo para aquecimento e testes. Não dá para competir com um monitor de frequência cardíaca. Oximetria, VO2, frequência cardíaca: Grace gosta desses números. Ela gosta de coisas que possam ser medidas. Não são a única coisa que importa — uma capacidade pulmonar melhor não faz gol —, mas são concretas.

Grace também tem a qualidade desconhecida, aquilo que faz com que as outras jogadoras a procurem num mata-mata que está empatado aos 45 do segundo tempo e ninguém quer ir para a prorrogação. Ela tem garra, perseverança, ímpeto, qualquer que seja o nome que se queira dar. Mas não consegue explicar. Números de preparo físico, por outro lado, fazem sentido.

Antes do cárdio, Grace tem um encontro individual com Ilse. A preparadora física do time faz um encontro com cada jogadora no começo do ano. É uma análise para avaliar a gama de movimento e flexibilidade de cada jogadora por meio de uma

variedade de alongamentos, tanto estáticos quanto dinâmicos. Mas Ilse sempre faz com que pareça uma conversa.

— Tem alguma coisa que tá te incomodando ultimamente? — pergunta ela, enquanto Grace passa pelos movimentos exigidos.

— Não — responde Grace.

Pelo menos não mais do que o normal. Ela está sentindo uma pontada no quadril faz meses, mas Ilse não precisa saber disso. Grace já viu muitas jogadoras que vão envelhecendo e são colocadas na reserva por causa de mínimas falhas no corpo. Envelhecer é isso: seu corpo se desfazendo. Ou é o que parece.

— Você não está exagerando? — questiona Ilse.

— A temporada nem começou, Ilse.

Nem a *pré*-temporada começou; o Krewe só pede para as jogadoras se apresentarem no fim do mês.

— Até parece que isso já te impediu antes.

Não é algo ruim se manter em forma quando se está fora da temporada. Grace passou os últimos dez anos cuidando do corpo da melhor maneira possível. Alimentação certa, exercícios físicos, sono regrado. E valeu muitíssimo a pena, mas ela sempre soube que chegaria a um ponto em que não seria capaz de se recuperar como antes. Estava na adolescência quando começou neste time; claro que o seu corpo mudou.

Ilse basicamente interrompe o sermão. A conversa delas gira mais em torno de botar as novidades em dia do que de botar Grace contra a parede. No último movimento, Ilse a direciona para uma área aberta no meio da academia, de uns nove metros de comprimento. Pé na bunda numa direção, joelhos altos na outra. Grace se prepara. Joelho alto faz seu quadril doer. Não é tão ruim, mas não é confortável.

— Juro que estou me comportando, Ilsinha — diz Grace no meio da corrida com joelhos altos, usando o apelido que sabe que vai distrair a preparadora.

Ilse revira os olhos.

— Você pode não estar treinando até morrer, mas vai acabar me matando. Se manda daqui. Phoebe, sua vez.

Grace vai para a bicicleta ergométrica, mas podia muito bem ter ficado para a avaliação de Matthews — a ruiva fala tão alto que Grace consegue ouvir toda a conversa.

— Não. Nada de dor. Tive Osgood-Schlatter no joelho direito quando criança e

ainda dói às vezes quando chove, mas não, tipo, toda vez que chove. E, mesmo assim, não é ruim nem limitante, só meio doloridinho, e queria garantir que você soubesse.

Ela quer garantir que Ilse saiba de muita coisa, aparentemente, tipo como ela tem um irmão mais novo chamado Teddy e uma irmã mais velha chamada Alice e nenhum bicho de estimação no momento, mas prefere cachorro a gato, apesar de amar os dois. Grace tenta não ouvir. Não sabia que era possível que alguém falasse mais alto do que Fish.

Grace nunca gostou da proximidade constante dos períodos de concentração. Ficar uma em cima da outra durante o treinamento é uma coisa, mas ainda tem as refeições coletivas e as colegas de quarto designadas. Pelo menos, com o Krewe, ela pode ir para casa no fim do dia e se sentar sozinha na varanda fechada.

Claro, a concentração tem seus benefícios. Não ser capitã é um deles. Poder ver a bebê de suas colegas após o jantar é outro. Metade do time se aglomera no quarto de H e Madeeha Wilson quando a babá delas traz Khadijah ao fim do dia.

Grace conheceu aquela gracinha no outono passado, quando o Krewe jogou na Filadélfia. Khadijah ainda era careca, mas, desde lá, os cabelos dela cresceram, e agora ela tem uma penugem preta cobrindo a cabeça. Grace tenta ser paciente enquanto as jogadoras que ainda não conheciam Khadijah ficam babando em cima dela, mas, no fim, decide que elas já tiveram tempo demais e pega a bebê dos braços de H.

Ela se retira para um canto com Khadijah enquanto o restante do grupo repassa o dia. Bebês são parceiros perfeitos para uma conversa: fofinhos que só e nada tagarelas.

— O que acharam das novatas? — pergunta H.

Grace dessintoniza do papo. Ela não fofoca sobre colegas de equipe. Em vez disso, fica fazendo caretas para Khadijah, enruga o nariz, balança a sobrancelha, dá à menina um sorrisão de boca aberta.

Os olhos de Grace estão vesgos e a sua língua está para fora quando ela ouve:

— E a protegida da Grace?

Ela desvia o olhar de Khadijah.

— Quê?

— O que acha da sua nova fã? — pergunta Kelsey, com um sorriso irônico.

Só tem duas jogadoras novas, e Grace não falou com nenhuma delas. Deveria,

provavelmente; ambas são novatas no clube dela também. Mas não quer a responsabilidade de ser capitã delas ainda, então as evitou.

— Ah, meu Deus, você não sabe? — Kelsey ri. — Vou puxar o vídeo. Você tem que ver.

— Dá essa bebê aqui — diz Fish, pegando Khadijah do colo de Grace. — Sem telas até os dois anos.

— Sério, olha isso — fala Kelsey, fazendo os polegares voarem pelo celular.

Amber e Kelsey se aproximam uma de cada lado de Grace, perto o suficiente para as pontas do rabo de cavalo alto e loiro de Kelsey fazerem cócegas no ombro de Grace. Ela tenta não se afetar enquanto as duas esperam o fim de um anúncio. Grace nunca sabe o quanto Kelsey está fingindo. Kelsey age como se não tivesse traído a confiança de Grace ou, pelo menos, como se não fosse nada de mais ter feito isso. Grace não sabe se é fingimento ou se o que aconteceu entre elas foi tão insignificante para Kelsey que ela de fato esqueceu. Mas Grace ainda se abala toda vez que ela para ao seu lado. Antes, ela fazia isso porque gostava de ficar perto de Grace; pelo menos, foi o que permitiu que ela pensasse.

Não tem importância. O centro da questão aqui não é Kelsey. Aparentemente, é Matthews, que está no celular de Kelsey ao fim do anúncio, com uma tela de coletiva de imprensa da AAFF atrás. Está sem fôlego, com as bochechas tão vermelhas quanto os cabelos. Grace imaginaria que ela acabou de sair de um jogo se não estivesse usando um terno azul-marinho que lhe cai perfeitamente bem. Seu rosto se abre num largo sorriso.

— A gente tem certeza de que isso aqui não é um delírio de febre? — diz ela, no vídeo. A pessoa que está segurando o microfone ri, e o sorriso de Matthews se amplia. — É possível que eu ainda tenha catorze anos e esteja tendo o melhor sonho da vida? Ser contratada para o time da Grace Henderson? Não só eu posso jogar futebol, e não só vão *me pagar* para jogar futebol, como eu também posso jogar com a minha *ídola*? Não parece nem um pouco real. Como posso ter tanta sorte?

Grace sente Kelsey olhando-a, alternando entre a tela e o seu rosto, procurando uma reação. A repórter no vídeo pergunta como é ser uma das poucas jogadoras de fora da Associação Atlética Universitária Nacional a ser escolhida na história.

— Só tem mais uma coisa que ela fala no final — diz Kelsey por cima da resposta de Matthews. Ela pula para o fim do vídeo.

— Quando eu era criança, o que eu mais queria era ser Grace Henderson — diz

Matthews. — Meu Deus, vou passar a maior vergonha da primeira vez que a vir. E muito possivelmente todas as vezes depois disso.

A repórter a parabeniza de novo, e o vídeo termina.

— Alguém tem uma paixonite — cantarola Amber.

Grace tenta não fazer careta. Como ela deveria reagir?

— Quem não tem uma paixonite pela Grace? — comenta Madeeha.

— Olha esse rostinho — diz H. Ela pega Grace pelo queixo. — Como é possível não se apaixonar por ele?

Grace se sacode para se soltar de H e usa o movimento como desculpa para se afastar de Kelsey e Amber.

Fish não desvia o olhar de Khadijah para dizer:

— Não é à toa que o nome dela é Baby Spice.

— O nome dela não é Baby Spice coisa nenhuma — resmunga Grace.

— Tá bem, achei que ela estivesse sorrindo para mim, mas ela definitivamente está fazendo cocô — fala Fish. — Essa bebê não é mais minha.

Madeeha pega a filha de volta, e a conversa passa a ser sobre fraldas.

Grace vai ter que comprar mais um livro para Khadijah como agradecimento por tê-la tirado dessa. Mas ainda tem um sorrisinho na cara de Kelsey, como se ela estivesse esperando pela chance de falar mais sobre o vídeo de Matthews. Enquanto Madeeha e H discutem bem-humoradas sobre de quem é a vez de trocar a bebê, Grace sai discretamente do quarto sem falar nada.

Então, Matthews é uma dessas fanzocas. Que ótimo.

Vai ser irritante, mas nada de mais. Pode até ajudar, na verdade, pelo menos no Krewe, quando Grace for sua capitã. As jogadoras que olham Grace maravilhadas em geral são as mais fáceis de liderar. Grace *manda* e quem tem juízo *obedece*.



É nisso que Grace pensa na manhã seguinte, com o time inteiro em campo, menos uma pessoa.

O treinamento ainda não começou *oficialmente* quando Matthews chega, de chinelo, voando pela lateral, com as chuteiras penduradas em uma das mãos, mas, na opinião de Grace, se você não chegou adiantada, está atrasada.

— Cheguei! — grita Matthews.

Grace suspira. Para início de conversa, ela não consegue se imaginar chegando atrasada, quanto mais anunciar a sua chegada.

Ninguém mais parece ligar. Matthews não levou sermão por ter se atrasado ontem e não recebe nem um olhar de soslaio hoje.

Em geral, os técnicos já não são mais tão durões com jogadoras jovens quanto antigamente. É uma coisa boa por vários motivos, sobretudo pelo fato de que Grace não precisa ser gentil. Matthews já tem gente demais sendo bacana com ela. Grace pode ser a durona.

— Matthews — diz Grace sem olhá-la. — Comigo.

O campo se enche de *uuhs*. Amanda dá as costas, mas não antes de Grace ver seu sorriso.

Ou ignorando os *uuhs* sinistros, ou nem os notando, Matthews vai saltitando e sorrindo até o lado de Grace.

— Eu sou a Phoebe. Matthews. Você já sabe disso, óbvio. Oi. Prazer.

Ela estende a mão. Grace não aperta.

— O treino começa às nove. Significa que você tem que estar vestida e pronta às nove.

O sorriso de Matthews some.

— Ah. Sim. Eu não sou muito boa em administração de tempo. Tenho vários alarmes diferentes, mas, agora que sei quanto tempo leva para chegar até o campo, posso colocar um com um barulho diferente para quando tenho que sair do quarto e assim…

— Eu não preciso saber da sua rotina matinal — interrompe Grace. — Só preciso que você chegue no horário.

— Sim, senhora — responde Matthews. Ela inclina a cabeça como se estivesse pensando em alguma coisa. — Senhora, não. Você deve ser, tipo, quatro anos mais velha do que eu, não acho que deveria te chamar de senhora.

À esquerda de Grace, Fish solta uma risadinha pelo nariz. Grace a ignora. Ignora também Matthews, que ainda tem que trocar o sapato enquanto o restante do time inicia o aquecimento.

Elas começam com alongamentos dinâmicos que cobrem metade do comprimento do campo, indo e voltando. Grace assume sua expressão de jogo. Mesmo no treinamento, não está disposta a demonstrar fraqueza e nunca sabe quando o quadril pode dar início a uma onda de dor. Melhor parecer brava e

inacessível do que deixar a dor transparecer.

Sorrell, que está acostumada à cara que Grace faz para jogar, não tem problema nenhum em se aproximar dela enquanto esperam sua vez de fazer as passadas pelo campo.

— Achei que você não fosse a capitã aqui — comenta ela.

Grace dá de ombros. Ela vai ser a capitã de Matthews no Krewe, dá na mesma agir assim aqui também. E tem a sensação de que Matthews vai precisar de mão firme.

Três



Grace Henderson deu um conselho a ela.

Tá, tá, talvez tenha sido um conselho meio condescendente do tipo "vê se cresce e chega na hora", mas mesmo assim. Phoebe *precisa* crescer e chegar na hora, de todo modo. E Grace a notou. E falou com ela. E é ainda mais gata pessoalmente do que na TV, mas isso não vem ao caso.

Enquanto aquecem balançando as pernas para a frente e para trás, Gabby Rodriguez, com quem Phoebe fez amizade ontem, encontra o olhar dela.

— Você ainda está surtando? — pergunta Gabby com o canto da boca. — Eu ainda estou meio que surtando.

— Eu… não estou surtando, não — responde Phoebe.

— Quê?!

Ela estava nervosa para a rodada de contratações da AAFF. Estava nervosa de chegar à concentração, ver com quem ia dividir o quarto, conhecer o time. Estava nervosa ontem na sala de musculação. Não está nervosa em campo.

Phoebe sabe o que fazer em campo. Ela sempre soube o que fazer num campo de futebol.

— Como pode não estar surtando? — questiona Gabby.

Phoebe dá de ombros.

— A gente vai jogar de verdade hoje. E eu amo futebol.

— Tá, mesmo assim, vamos jogar com… toda essa galera.

Gabby não está errada. Uma parte de Phoebe quer ir embora do treino para poder ligar para Teddy e contar tudo a ele. Mas ela *não* quer ir embora do treino, óbvio, principalmente porque vai treinar com *Grace Henderson*. E com Courtney Trout, e Madeeha, e Sarah Wilson também. São jogadoras que acompanhava desde

criança, e agora Phoebe está aqui, em campo, com elas.

Gabby é a única pessoa no campo que não intimidou Phoebe desde o começo. Não só é a primeira vez dela numa concentração como também foi contratada pelo New Orleans. Vai se apresentar para a pré-temporada do Krewe junto com Phoebe, mês que vem. Graças a Deus ela é legal.

Também tem outras jogadoras bacanas, lógico. Sorrell é outra do New Orleans, e Gabby já ficou amiga dela. E Michi — a convocação mais recente fora Gabby e Phoebe — foi superbacana quando estavam na musculação ontem. Phoebe conversou muito com ela. Talvez até demais. A maioria das pessoas acha que ela fala muito, mas ela precisava de uma distração para conseguir parar de ficar olhando toda boba para as veteranas.

Depois dos aquecimentos, as goleiras se separam para ir fazer o próprio treino, enquanto todas as jogadoras das outras posições ficam juntas.

— Ok, duas fileiras, uma de frente para a outra. Uma aqui, outra ali — instrui Amanda, gesticulando para o outro lado do campo. — Vamos recuperar a posse de bola.

Grace dá um passo à frente para começar a primeira fileira. Phoebe corre para ficar na frente da segunda. É seu primeiro exercício na seleção, e ela vai enfrentar Grace Henderson. Animada demais para ficar parada, ela dá saltinhos, de chuteira, enquanto Amanda explica o que vão fazer. É simples: a jogadora de uma fileira começa com a bola, e a da outra fileira tenta pegar.

Quando começam o treinamento, Phoebe esquece a energia a mais nos seus membros. É sempre assim — o futebol aquieta a mente dela. Seu cérebro em geral voa que nem um bumerangue a toda velocidade. Ela sempre teve um foco horroroso, fica entediada fácil demais e se distrai com qualquer coisa que se mova — e com a maioria das coisas que não se movem também, para ser sincera. Mas em campo? Num jogo, ou num amistoso, ou até num treino, não existe mais nada. O foco de Phoebe se estreita ao que está bem à sua frente.

Hoje, é Grace Henderson, jogando com ela.

Não importa que seja o seu primeiro período de concentração nem que ela esteja prestes a enfrentar a sua heroína de infância. O cérebro de Phoebe está quieto, e o corpo dela sabe o que fazer.

Phoebe desliza no momento perfeito, um pé se conectando à bola quase com delicadeza, só o bastante para mudar a aceleração sem que ela saia voando. Então,

ela se endireita, com a bola à frente, e sai correndo para a fileira de jogadoras de onde Grace veio.

Kelsey vem na direção dela.

Quando era criança, Phoebe quase sempre estava com uma bola de futebol nos pés. Outras crianças tinham *spinners* para gastar energia — Phoebe tinha a bola. Ela a guardava na mochila toda manhã antes de correr até o ponto de ônibus. Depois da escola, vinha driblando os dois quilômetros e meio inteiros de volta para casa. Alguns professores permitiam que ela ficasse com a bola embaixo da carteira durante a aula, desde que não a deixasse escapar. Phoebe ficou muito boa em não deixar a bola escapar.

Bem quando Kelsey está prestes a tentar tirar a bola dela, Phoebe faz uma finta e a atravessa, passando com a bola enquanto Kelsey tenta ficar de pé.

A próxima jogadora que Phoebe enfrenta é Fish, e Phoebe até pode ter bola no pé, mas se trata de Courtney Trout, Zagueira do Ano da AAFF em quatro dos últimos cinco anos. Phoebe nem se incomoda com a facilidade com que perde a bola. Ela dá uma corridinha de volta à lateral, com um sorrisão.

— Foi muito bom — comenta Phoebe ao assumir seu lugar na fila atrás de Grace.

— O quê, tirar a bola da Grace ou ser destruída por Fish? — pergunta Madeeha.

— As duas coisas.

Grace olha por cima do ombro, e Phoebe abre um sorriso largo para ela. Quando desvia o olhar, Phoebe redireciona o sorriso para Madeeha.

— Sei que isso vai me fazer parecer uma novata, mas estou tão… — Ela dá de ombros. — Ah, sei lá. Não acredito mesmo que isso seja um trabalho, sabe? Tipo, as pessoas pagam para a gente jogar? É maravilhoso demais.

— É, sim — concorda Madeeha. — E é bom ter novatas por aqui para lembrar a gente disso de vez em quando.

Agora que começaram, o treino parece normal. Phoebe *ama* futebol. Como um treino pode ser qualquer coisa que não divertido? Ela preferiria um jogo de verdade, lógico, mas qualquer coisa que a permita colocar os pés numa bola a faz sorrir. E vencer todas as jogadas defensivas que tenta no primeiro exercício também.

Ela sorri quase o dia todo, na verdade. As jogadoras treinam exercícios com diferentes focos: passe, agilidade, velocidade. Fazem um amistoso de sete contra sete. Depois do almoço, Amanda anuncia que vão fazer uma dinâmica para conectar o

time.

— Cair para trás de olhos fechados? — sugere Phoebe, jogando-se.

Madeeha não está pronta, mas mesmo assim consegue pegá-la, as mãos sob as axilas da outra.

— Isso, sim, talvez seja energia de novata demais — comenta Madeeha, mas ri enquanto coloca Phoebe de pé.

O exercício acaba sendo só duas verdades e uma mentira, que é bem menos divertido do que cair para trás de olhos fechados, apesar de ser legal saber que Jess foi de uma organização de liderança juvenil, Becky nunca andou de montanha-russa e Madeeha e Sarah foram secretamente casadas por seis meses antes do casamento oficial. Ela também descobre que, quase sempre, referem-se a Sarah como H, tipo "Sarah com H". Sara Dowling, por outro lado, é conhecida como Pants, e Phoebe ainda não sabe por quê.

Depois de todo mundo falar, Ilse apita.

— Infelizmente, moças — diz ela —, é hora do teste do bipe.

O time todo resmunga em uníssono. Menos Phoebe.

— Não vai me dizer que você tem tanta energia de novata que gosta do teste do bipe — fala H.

Phoebe olha ao redor.

— É que, tipo, eu já ouvi falar do teste do bipe. Mas nunca fiz. Na verdade, não sei o que é.

— Meu Deus do céu. — Kelsey ri. — Essa é a energia de novata *mais novata* do mundo.

Phoebe se encolhe. Kelsey gargalha. É uma piada. Ela a está provocando. Phoebe entende a criação de laços através da provocação — a família dela faz isso o tempo todo. Mas, por algum motivo, sentiu o estômago embrulhar ao ouvir o comentário de Kelsey. Obviamente, Phoebe perdeu muita coisa por não fazer a mesma rota que todo mundo fez até a seleção, mas até agora nunca se sentira deslocada.

Antes de Phoebe poder ficar envergonhada demais, Grace aparece ao seu lado.

— É um jeito de medir a capacidade aeróbica — explica. — A gente corre para a frente e para trás entre duas fileiras com vinte metros de distância. Um bipe começa o teste, e você precisa chegar à outra fileira antes do próximo bipe. Da primeira vez que não consegue, ganha uma advertência. Se acontecer de novo, está fora. A cada minuto, o primeiro bipe fica mais próximo do segundo. Então, quanto mais tempo

você dura, mais difícil é.

Phoebe jamais ouvira Grace falando tantas palavras de uma vez, nem em entrevistas pós-jogo. Ela pensa em fazer um comentário sobre isso, mas em cavalo dado não se olha os dentes.

— Parece divertido — diz ela, em vez disso.

— Gata, você está doida? — pergunta Becky. — Em que mundo isso parece divertido?

— O que tem para não gostar? Eu amo correr e ser melhor que todo mundo.

Becky ri, e Phoebe abre um sorriso, já não está se sentindo um peixe fora d'água.

— Melhor que todo mundo, é? — fala Becky.

— Quer apostar que eu vou durar mais que você?

Becky balança a cabeça.

— Eu não vou apostar com alguém que acha que o teste do bipe é divertido. E, de todo jeito, sua concorrente é a Grace. Ela venceu esse negócio três anos seguidos.

— Ah, é? — diz Phoebe, virando o sorriso arrogante para Grace. — Quer fazer uma aposta?

— Não.

Pelo jeito, Grace está de volta ao seu eu taciturno de sempre.

— Faz sentido. — Phoebe assente, cheia de uma falsa compreensão. — Eu provavelmente também não aceitaria uma aposta que sei que vou perder.

— Eu não vou perder e não vou apostar.

Sua recusa ferrenha só estimula Phoebe.

— Ah, vai, Henderson — provoca ela. — Se tem tanta certeza de que vai vencer, uma aposta não faz mal algum, né? Vai ser uma vitória dupla para você, então.

Hoje de manhã, Phoebe estava pronta para ligar para casa só para contar que estava no mesmo campo que Grace Henderson, e olha ela aí, enchendo o saco da sua ídola para aceitar uma aposta.

— Boa sorte em conseguir que a Grace se divirta — diz Amber. — Ela é séria demais há anos.

Ela dá uma risadinha como se tivesse feito uma piada. A única outra jogadora que a acompanha é Kelsey.

— Tá bom, vamos apostar — fala Grace, parando para amarrar o cadarço.

Ela estava liderando o caminho até a linha do gol, onde Ilse e o restante da equipe colocaram cones a vinte metros de distância. O time parece desacelerar e se

abrir ao redor dela, como se as jogadoras estivessem esperando para ver o que vai acontecer, sem deixar óbvio o interesse.

— Se eu vencer, você não fala fora dos exercícios o dia todo — sugere Grace.

— Ei! — Phoebe ri alto. É mais fácil fingir que está se divertindo também do que admitir que você é o alvo da piada. — E aí, se eu vencer, você não fala fora dos exercícios o dia todo? Não parece muito diferente de agora.

Grace faz uma careta de desdém.

— Não. Não precisa ser recíproco. Você pode escolher o que quiser.

Kelsey responde antes mesmo de Phoebe começar a pensar em algo.

— Que tal um beijo?

Agora, o restante do time para de vez. Grace ainda está ajoelhada, amarrando o cadarço da chuteira do outro pé. Phoebe não consegue impedir o sorriso que se abre no seu rosto.

— Em geral, não preciso apostar para conseguir isso.

Ninguém ri. E, tipo, não foi *tão* engraçado — foi mais verdadeiro que engraçado —, mas foi melhor do que Amber dizendo que Grace nunca se divertiu, e Kelsey riu disso. Phoebe olha ao redor. Todos os olhos estão em Grace, que está focada só nos cadarços.

— Acho que podemos pensar em algo melhor que isso — diz Phoebe. Ela nunca vai obrigar alguém a beijá-la, apesar de não ter encontrado muitas pessoas desse tipo na vida.

— Não. — Grace faz um nó duplo. — Não tem problema.

Phoebe oferece a mão a Grace para que ela se levante. Não é para ser uma cantada — é instintivo, para Phoebe, ajudar uma companheira de time a ficar de pé —, mas, quando Grace aceita e se levanta, elas acabam cara a cara, perto o suficiente para Phoebe perceber que os olhos castanhos de Grace têm pontinhos dourados. Grace dá um passo para trás, abaixando a cabeça e olhando para as jogadoras, que Phoebe esqueceu que ainda estavam ao redor.

Grace leva as mãos à barra da regata, os dedos bronzeados escuros contra a faixa mais clara de pele que foi revelada quando a blusa subiu. Ela a puxa para baixo.

— Não tem importância, de qualquer maneira — diz ela. — Eu vou vencer.

— Mas olha só — diz Phoebe, e Grace olha para a boca dela sem hesitar. Ela desvia o olhar na mesma hora, antes de voltar a fazer contato visual. Phoebe dá um sorrisinho arrogante. — Você não vai vencer.

Grace revira os olhos.

— O único jeito de você me vencer é se eu morrer, então divirta-se beijando o meu cadáver.

Ela sai trotando na direção dos cones no fim do campo.

— Meu Deus amado. — Kelsey gargalha. — Agora, você tem que vencer. Ia ser muito engraçado.

— Eu não vou obrigar ela a me beijar — responde Phoebe.

E não vai mesmo. Pelo jeito como Grace olhou para a sua boca, Phoebe não vai ter que *obrigá-la* a fazer nada. Por outro lado: se Grace *de fato* pagar a aposta, Phoebe vai deixar que ela decida se alguém mais vai ficar sabendo do beijo.

Não é que Phoebe não esperasse que fosse se distrair com o pensamento de beijar Grace Henderson — a essa altura, ela havia passado metade da vida sonhando acordada em beijar Grace Henderson —, mas não parecia algo que pudesse de fato acontecer. Ainda não parece, ela lembra a si mesma, a não ser que vença o teste do bipe.

Agora, o time quase todo já alcançou Grace, e Phoebe fica contente, porque quer que ela escute isso.

— Eu vou vencer o teste do bipe porque eu consigo, não para obrigar a Grace a me beijar — diz.

Se sair bem na concentração é mais importante que beijar mulheres bonitas.

Bom, as duas coisas são importantes — futebol e beijar mulheres são as duas coisas favoritas de Phoebe —, mas agora o foco dela não é mulher. Seu foco é entrar para a seleção.

E, de todo modo, Grace nunca vai beijar Phoebe se ela não levar o treinamento a sério. Phoebe nem conhece Grace tão bem assim, mas sabe disso.



No início, o teste do bipe não parece tão ruim.

Phoebe consegue falar, e fala, contando algumas das piores piadas de tiozão que conhece. *Qual é a seleção que tem a melhor defesa? A DinaMARCA*. A certo ponto, ela diz para Grace que as chuteiras dela estão desamarradas, só para zoar. Grace nem olha para baixo.

Conforme os bipes ficam mais próximos, porém, Phoebe para de falar. Precisa de

fôlego. Outras jogadoras começam a levar advertências e, depois, a sair. Ela tenta não prestar atenção. Seu melhor desempenho é justamente isso: seu. Não importa como as outras pessoas em volta se saem.

Bom, *importa* como uma pessoa em volta se sai. Ela tem que vencer Grace. Não pode fazer uma aposta dessas e então *perder*.

Phoebe está com uma música na cabeça. É um truque que a sua mãe ensinou quando era criança. Ela tem algumas músicas que sempre usa porque conhece a maior parte da letra e, se vai fazer um exercício de treinamento, ou uma prova, ou qualquer coisa estressante, na verdade, sempre pode tirar um momento, cantarolar e se sentir melhor. Ela não tem fôlego para cantarolar, mas repassa a letra na cabeça. Concentra-se nisso em vez de na forma como os seus músculos queimam.

Ou tenta, pelo menos. Conforme o tempo passa, a queimação fica mais difícil de ignorar.

Normalmente, Phoebe ama o próprio corpo. Não de um jeito *sou gostosa* — se bem que desse jeito também —, mas pelo que ele é capaz de fazer. Ela ama dançar com os pés na bola. Ama devolver uma bola parada, fazer um gol de escanteio. Ama correr, em geral. O baque das solas no asfalto ou o farfalhar das chuteiras na grama. Ama dar um *sprint*, se matar para deixar a defesa para trás ou voltar às pressas para ajudar a zaga.

No momento, ela odeia tudo isso.

Tudo queima. Os pulmões, as pernas. Está sentindo cãibra até nos pés. A única coisa que quer mais do que parar de correr é ganhar essa porcaria de aposta.

— Advertência, Grace — diz Ilse.

Phoebe só se vira e continua correndo. Não tem importância se Grace tomou uma advertência.

Mas tem, sim.

Porque, três bipes depois, um apito soa. Grace não cruzou a linha.

— Alguém enfim destronou a Grace — anuncia Amanda. — Espera, Matthews, onde você vai?

Phoebe mal escuta. Tem uma lata de lixo perto do banco e, quando chega lá, finalmente, finalmente, *finalmente* para de correr. A única razão para ainda estar de pé é poder vomitar. Fazer isso na lata de lixo já é vergonha suficiente, a ela prefere morrer a vomitar no campo, na frente de todo mundo.

Depois de pôr para fora tudo o que comeu hoje, ela desmorona na lateral do

campo.

O céu é uma ampla expansão azul. Phoebe ouve outro apito. Vai voltar para junto do time em algum momento, só precisa de um minutinho. Vai comemorar a vitória também, quando seu cérebro tiver oxigênio suficiente para pensar nisso.

Em algum momento, Yoni, uma das gerentes de equipe, aparece no seu campo de visão.

— Você está… viva? — pergunta Yoni.

Phoebe tenta dar de ombros, mas aparentemente seu corpo desistiu de se mexer.

— Não sei dizer — fala ela, com esforço.

— Mas você não está, tipo, precisando de um médico, né?

— Estou bem.

— Claramente. — Para alguém que ela não consegue ver, Yoni diz: — Ela falou que está bem.

Ilse vem e para ao lado de Yoni, ambas de cabeça baixa, olhando para Phoebe, que continua jogada, com os braços e as pernas abertos na grama.

— Levanta, Matthews — diz Ilse. — Vem desaquecer.

— Levantei — responde Phoebe, apesar de levar um momento para de fato se colocar sentada. — Levantei — repete, ao ficar de pé.

Quando volta a se juntar às outras, suas companheiras de equipe se certificam de que ela está bem antes de parabenizá-la. Fish dá um tapa tão forte em suas costas que Phoebe perde o fôlego de novo por um instante.

Kelsey nem dá parabéns, só usa uma cadência provocante quase cantarolada ao dizer:

— Então, a Phoebe ganhou a aposta.

Grace ou não ouve, ou finge muito bem que não ouviu.

— É, mas por algum motivo acho que vomitar provavelmente anula a aposta quando se trata de um beijo — responde Phoebe.

Kelsey parece prestes a protestar, mas Becky fala antes:

— Ainda acha que o teste do bipe é divertido? Mesmo com o vômito?

— Bom, eu ganhei, né? — responde Phoebe.

Madeeha sacode a cabeça.

— Definitivamente é energia de novata demais.

— Você é a pessoa mais esquisita que já conheci — comenta Becky.

Phoebe dá um sorrisão.

— Eu escuto muito isso.

Durante todo o desaquecimento, Grace não olha para ela nem uma vez.

Quatro



Naquela noite, Grace não vai ver a bebê Khadijah depois do jantar. Não se junta a Sorrell e à outra novata do Krewe, Rodriguez, que estão assistindo a *Driblando o destino*, nem à sua companheira de quarto, Jess, e mais algumas outras, que estão indo ver a piscina. Ela não faz nada, só fica enfurnada no quarto de hotel, sentada de pernas cruzadas em cima da coberta, com o computador aberto à sua frente.

Ela precisa saber mais sobre Phoebe Matthews.

Não que Grace normalmente fizesse parte dessas atividades, de todo modo. A cada concentração, ela passa mais tempo sozinha. Fica mais feliz fazendo palavras cruzadas no canto do ônibus do que se envolvendo nas papagaiadas do time. Se tem um número ímpar de pessoas para os quartos do hotel, é Grace que fica sozinha, sem dividir o quarto com ninguém. Não é que ela não goste das suas companheiras — ela gosta. É que valoriza o seu espaço e o silêncio.

Ela tenta não se sentir culpada por isso. Depois de um jogo, o time faz a recuperação. Tem banhos de gelo, rolos de espuma e descanso. Grace precisa da mesma coisa depois de estar com pessoas. Recuperação mental, não física. Ela precisa recarregar.

Hoje, é mais do que isso.

Ela pesquisa "convocação AAFF Phoebe Matthews". Aí está o vídeo.

É menos estranho assistir sozinha, sem todo mundo de olho na reação dela. Revendo, Matthews não parece tanto uma fanzoca. Ela é bonita. Charmosa, até. Responde às perguntas dos repórteres e os faz rir. As pessoas *gostam* dela.

Grace quer ficar irritada. Ela *deveria* ficar irritada com a forma como Matthews nunca para de falar, a quantidade de espaço que ocupa. Mesmo quando estão em campo, a presença dela é enorme — dá para ouvi-la rindo do outro lado do

gramado.

Tem mais uma coisa: ela ri o tempo todo. Vive fazendo piada e se divertindo. Tipo a coisa de cair para trás de olhos fechados — o que *foi* aquilo? De onde a cabeça dela tira essas coisas? Grace quer ficar brava, e normalmente ficaria. Em geral, se tem alguém fazendo palhaçada, quer dizer que não está prestando atenção nem se esforçando o suficiente. Mas Matthews se esforçou hoje. Mais do que Grace esperava, considerando a tendência dela de se atrasar. Phoebe tirou a bola dos pés de Grace com mais sucesso do que qualquer uma em anos. E passou metade do treino rindo.

Grace não entende nem um pouco essa garota.

O próximo vídeo começa automaticamente. São destaques de um jogo. É difícil não notar Matthews, com aquele rabo de cavalo ruivo voando atrás dela enquanto cruza o gramado e manda a bola para o gol. Ainda mais rápido, ela corre à frente, se livra da zaga e dá um carrinho perfeito.

Tem um número surpreendente de vídeos dessa garota, a maioria da faculdade, uma universidade minúscula da qual Grace nunca ouviu falar. Alguém lá devia gostar muito dela. A universidade chegou a montar uma playlist. "Phoebe Fenomenal" tem quinze vídeos de Matthews.

Faz sentido, Grace supõe, quando clica no próximo vídeo. Matthews precisou ser vista de alguma forma para ser convocada. Givhan e o restante da equipe técnica devem ter feito exatamente o mesmo que Grace está fazendo agora, assistido a toda a playlist de vídeos de Phoebe. Às vezes, são destaques dos jogos, mas também tem vídeos separados por habilidade: bola parada, carrinho, até cabeceios, o que faz sentido, já que Matthews é alta pra cacete. E ela é boa também. Muito boa.

No fim da playlist, Grace clica num dos vídeos sugeridos: "*Fancam* das covinhas de Phoebe Matthews." Tomada após tomada. Tanto vídeos quanto fotos. Matthews ri, covinhas emoldurando seu sorriso, até quando a bola está em jogo. Ela parece estar se divertindo muitíssimo.

Grace ama futebol. Sempre amou. Mas não consegue lembrar a última vez que sorriu assim.

A porta do quarto se abre, e Grace dá um pulo. Ela aperta os olhos quando as luzes são acesas. Jesse entra, vira no corredor e pausa.

— Você está só sentada aqui no escuro?

— Eu… — diz Grace. — Não percebi que tinha escurecido tanto.

— O que está fazendo?

— Vendo umas coisas no YouTube. — Ela muda a posição do laptop para garantir que Jess não veja a tela. — E você?

— Foi divertido na piscina, mas preciso hidratar os cabelos e tirar o cheiro de cloro do corpo — fala Jess, enrugando o nariz.

Ela pega um pijama da mala e desaparece no banheiro.

Grace volta a olhar o computador. Matthews continua sorrindo na tela.

Phoebe Matthews é incrivelmente bonita. Não é a primeira vez que Grace nota, mas é a primeira vez que admite isso para si mesma. Ela havia notado desde o momento em que Matthews se enfiou pela porta da academia ontem — alta o suficiente para parecer que teve que se abaixar para passar pela porta, apesar de Grace saber, conscientemente, que não tinha feito isso.

Mas Grace não se permitira notar, porque não está no ensino médio. Não que Grace tenha terminado o ensino médio. Ela fez a prova de equivalência enquanto jogava em Lyon, já focada na carreira. O que importa é o quanto ela se esforça, o quanto é boa, não por quem está atraída.

Grace pode não falar da sua sexualidade, mas não está no armário. Suas companheiras de time sabem, ou pelo menos poderiam adivinhar. Ela pode não ter namorado desde Kelsey — se é que o que rolou com Kelsey conta como namoro para começo de conversa —, mas algumas dessas mulheres a conhecem desde os quinze anos. Não falar publicamente da sua identidade não faz com que seja um segredo. Sua sexualidade não tem nada a ver com a sua carreira. Lógico, às vezes Grace olha Madeeha e H e pensa em como estão normalizando o fato de jogadoras do mesmo time serem casadas e terem uma filha. Às vezes, Grace pensa em Briana Scurry, a primeira jogadora abertamente lésbica na Seleção Americana de Futebol Feminino. Às vezes, Grace se pergunta o que poderia estar fazendo, o que poderia significar para meninas lésbicas no país todo.

Mas ser uma figura pública já é difícil o bastante. Uma celebridade. Um exemplo. Ela se doa tanto aos fãs e dá tudo de si aos times. Sua identidade é só dela.

Então, lógico que Kelsey sugeriu um beijo. Lógico que ela fez algo que, no melhor dos casos, era insensível e, no pior, intencionalmente hostil. Lógico que Grace não podia dar para trás.

A aposta era idiota, mas Grace com certeza teria cobrado caso tivesse vencido. A ideia de Matthews ter que se esforçar tanto para ficar em silêncio só porque Grace

havia mandado… Dá um arrepio na espinha dela até agora. E, se ela teria cobrado, deveria ter pagado. É assim que as apostas funcionam. Ela não pode só recusar porque não gosta de ter perdido.

Matthews tentou livrar a cara dela alegando que vomitar anulava a aposta. Foi bacana, mas Grace não quer ficar em dívida com ela. Grace é adulta. Ela paga as suas dívidas. Não precisa ser protegida de um beijo idiota que não vai significar nada mesmo.

Matthews está no quarto 321 com Pants. Tinha anunciado isso ao convidar Rodriguez para ir lá depois do jantar do time ontem. Não que Grace estivesse prestando atenção, é que a voz dela se projeta longe.

O quarto fica no fim do corredor. Grace poderia refazer os passos dela até os elevadores, virar à direita em vez de à esquerda e resolver de uma vez esse negócio.

Antes de conseguir pensar demais, fecha o navegador, depois o notebook, e sai da cama. A água do chuveiro já está ligada, e ela vai voltar antes de Jess sair do banho. Ninguém precisa saber que vai fazer isso, mas não conseguiria se perdoar se não fizesse. Ela é uma mulher de palavra.

O carpete do corredor é fino e silencioso sob as meias. Leva menos de trinta segundos para chegar ao quarto 321. Grace respira fundo, levanta a mão e bate três vezes.

Os cabelos ruivos compridos de Phoebe deixaram grandes manchas molhadas onde tocaram o moletom cinza-carvão. Ela está descalça, usando uma calça de pijama azul xadrez. O esmalte rosa das unhas dos pés está quase todo lascado.

Ela ergue as sobrancelhas ao olhar Grace, então faz o mesmo com os cantos da boca, e está dando aquele sorriso idiota que Grace viu em todos aqueles vídeos, covinhas que parecem uma piscina natural e um brilho no olhar.

— Hendy — diz ela, chamando Grace por um apelido que só as veteranas usam. — A que devo o prazer desta visita?

Grace pensa na playlist do YouTube. Phoebe Fenomenal.

— Fenô.

Era para ser um apelido pejorativo. A forma como o sorriso de Matthews se abre ainda mais indica que ela não acha que seja.

A TV está baixinha no quarto atrás de Matthews. Grace não consegue saber se Pants está lá ou não. De todo modo, não vai se convidar para entrar. Mas ficar parada na porta parece exposto demais. Grace aponta com a cabeça para a placa de

“máquina de vendas/gelo” que aparece depois de algumas portas. Matthews continua olhando para ela. Grace levanta as sobrancelhas e gesticula com o braço. Matthews olha para o corredor, mas os pés continuam fincados no chão. Bufando, Grace vai na frente até a alcova onde ficam as máquinas de venda e de gelo, sem se dar ao trabalho de ver se Matthews está vindo atrás. Óbvio que está.

A alcova dá alguma privacidade, mas Grace não se sente mais segura com Matthews ainda sorrindo arrogantemente para ela. A novata tem pelo menos quinze centímetros a mais do que Grace. Seu sorriso presunçoso é enlouquecedor. Ainda mais enfurecedor: é sexy. Grace esfrega o polegar no indicador e tenta lembrar por que veio aqui. É uma questão de negócios. Algo a resolver.

— Você ganhou a aposta — diz Grace.

— Ganhei.

É só o que ela diz. Claro que, na única vez que Grace deseja que ela conduza a conversa, Matthews não faz isso.

— Eu pago as minhas dívidas — fala Grace.

— E é isso? Uma dívida?

— A gente fez uma aposta. Você ganhou. Eu te devo o que eu te devo. Sei que você disse que vomitar anula a aposta, mas não anula. Desde que você tenha escovado os dentes.

Matthews dá uma risada suave.

— Eu escovei os dentes — diz ela. — Mas tem certeza de que você não quer simplesmente me beijar? Não precisa usar a aposta como desculpa.

O que Grace quer é estar no próprio quarto, embaixo do lençol, com uma revistinha de palavras cruzadas à frente. Quer estar num banho de gelo, se recusando a pensar no quanto está gelado. Quer estar em sua varanda fechada em Nova Orleans, na espreguiçadeira onde ninguém consegue vê-la da rua. Quer estar em qualquer lugar onde não esteja vendo o sorriso arrogante na cara de Phoebe Matthews.

É possível que Grace de fato queira beijá-la.

O lábio inferior dela é volumoso, mesmo com a boca esticada num sorriso. Matthews se inclina para trás, apoiada na máquina de venda. Provavelmente devia ser mais esquisito que sexy, mas mesmo assim a visão faz Grace perder o fôlego. O rosto de Phoebe é uma máscara de sardinhas. Muitas para contar. Tem até nos lábios. Grace não consegue parar de olhar para a boca de Matthews.

A máquina de gelo liga com um zumbido, e Grace dá um salto. Matthews solta uma risadinha que é grave e afetuosa, fazendo as terminações nervosas de Grace formigarem.

— Vamos acabar logo com isso.

— Quando você estiver pronta — diz Matthews, num murmúrio baixo.

Grace faz cara de desdém.

— Estou pronta.

Ela chega mais perto, mas não faz nada.

Não sabe por que está sendo tão ridícula com isto. É só um beijo. Não é como se fosse a primeira vez que beijaria uma companheira de equipe, e não tem como dar tão errado quanto da última vez. Ela não quer pensar em Kelsey agora. Basta que seja um selinho, mais nada. Mas, agora, ela ficou tanto tempo parada perto de Matthews que o ar entre as duas está úmido.

Matthews não parece nada preocupada com a demora. Em vez disso, espera, com aquelas pernas absurdamente compridas cruzadas na altura do tornozelo. O sorriso até desapareceu do rosto. Ela é a cara da paciência.

Grace realmente precisa acabar logo com isso.

Ela dá mais um passo para perto de Matthews, pronta para enfim fechar a distância entre as duas.

— Não precisa ser na boca — diz Matthews.

Um canto dos lábios dela sobe num sorriso torto. Ela parece muito satisfeita. Está tão orgulhosa de si mesma por ter desorientado Grace. Já chega. Grace vai botar essa novata no lugar dela.

— Ah, não precisa ser na boca? — diz Grace. — Tá bom.

Ela chega mais perto e leva os lábios abaixo da mandíbula de Matthews, onde se sente a pulsação. A pele lá é tão macia. Matthews levanta o queixo e arqueia o pescoço, descansando as mãos no quadril de Grace. Grace mais chupa do que beija. Não é forte o suficiente para marcar, apesar de ela ficar tentada, só para obrigar Matthews a se explicar amanhã no treino. Ela puxa a pele de Matthews com a boca e morde, com delicadeza, mas não muito. Matthews geme. Ela puxa Grace mais para perto.

Antes que seus quadris possam se tocar, Grace dá um passo para trás. Matthews solta um barulhinho de protesto, mas Grace já está fora de alcance. Os olhos de Matthews se abrem, vidrados, as pupilas bem dilatadas.

Grace levanta uma sobrancelha arrogante para ela como um desafio, então dá meia-volta e retorna ao seu quarto.

No corredor vazio, onde ninguém pode vê-la, Grace leva o dorso da mão à boca.

Caralho. O que ela acabou de fazer?

Cinco



Ser uma novata na AAFF pode não pagar muito, mas pelo menos vem com um alojamento. E, apesar de o restante do time se apresentar só em janeiro, a secretaria do Krewe acertou para que Phoebe possa entrar uma semana antes. O prédio é novo, mas barato. Genérico. O apartamento em si tem carpete marrom em todo lugar exceto o banheiro, que inclui uma privada bamba e um chuveiro minúsculo. Vai dar muito trabalho fazer esse lugar ficar com cara de casa. As luzinhas que ficavam penduradas nas paredes do dormitório de Phoebe estão enterradas numa das malas. Vão ser o primeiro passo, mas isso vem depois.

Por enquanto, Phoebe larga as malas — de roupas no quarto, de outras coisas na sala — e se conecta ao Wi-Fi que veio com o lugar. Já tem uma aba aberta mapeando a rota até o estádio.

O corpo de Phoebe ainda não se recuperou da viagem de vinte horas de ônibus de Indiana a Nova Orleans. Uma caminhada de quinze minutos vai alongar o seu corpo. E daí que está escuro e tudo vai estar fechado? Tem um e-mail de Stuart, administrador do lugar, na caixa de entrada de Phoebe, dizendo a ela onde encontrá-lo amanhã para fazer um primeiro tour das dependências, mas Phoebe quer ver *agora*. Uma viagem de ônibus e um apartamento vazio não parecem reais o suficiente. Ela quer ver o estádio onde vai jogar.

Phoebe revira a mala de roupas em busca de uma legging preta e a primeira blusa que encontra, um moletom de capuz laranja de Mapleton. Uma vez vestida, fica paralisada entre a sala e o quarto por um momento. A cidade de Nova Orleans em janeiro não é quente, mas com certeza não é nada parecido com Indiana na mesma época. Tem um colete puffer no topo da mala, a última coisa que ela guardou antes de sentar-se em cima da mala para fechar o zíper, mas até isso provavelmente é

desnecessário, né? *Foda-se*, decide ela, e mantém o que já vestiu, trancando a porta do apartamento ao sair.

Seus fones de ouvido ficaram sem bateria no ônibus, mas, mesmo que não tivessem ficado, ela não os colocaria. Ouvir os sons da sua nova cidade parece significativo ou algo assim. Ela realmente se mudou, a mais de doze horas de distância da família, para uma cidade onde não conhece ninguém. Bom, não exatamente ninguém, óbvio. Tem Grace, e Sorrell, e Gabby, mas Gabby só vem para Nova Orleans quando o time começar a treinar na semana que vem, e Phoebe não pegou o telefone de nenhuma das outras duas.

De todo modo, ela tem a sensação de que Grace não vai querer falar com ela.

As duas não conversaram desde o beijo — ou o não beijo, no fim das contas. Porque a aposta era um beijo, mas não foi o que Grace fez. Phoebe tentou ser toda arrogantezinha, ironizando e falando que não precisava ser na boca, e Grace usou isso contra ela. Ela não beijou o pescoço de Phoebe; mordeu, sugou a pele, deixou a língua roçar ali. Enlouqueceu Phoebe e não levou mais de dez segundos. Desde então, Phoebe não parou de pensar na boca de Grace.

Bom, parou, claro, porque o seu cérebro tende a pular de um assunto para o outro, mas o espírito da frase é verdade. Ela pensou em Grace mais do que em qualquer outra coisa, incluindo a mudança, e por isso a família vai ter que trazer o tênis favorito dela quando vier visitá-la para ver o primeiro jogo da temporada.

Phoebe se controlou durante o restante do período de treinamento. Quis sair correndo atrás de Grace no corredor do hotel. Quis sorrir para ela na manhã seguinte, fingir que estava interessada, mas não afetada nem nada assim pela boca de Grace na sua pele. Quis passar o restante da concentração seduzindo-a. Mas não fez nada disso.

Phoebe é idiota e cheia de tesão, mas não é *tão* idiota e cheia de tesão. Não podia passar a primeira concentração tentando transar com Grace Henderson. Era importante demais, consequente demais. Ela tinha que provar seu valor.

E tem quase certeza de que fez isso. Ela se esforçou, não só no futebol, mas no lado pessoal. Fez as pessoas rirem. Fez com que gostassem dela, com que se lembrassem dela. Fez tudo que podia para que Amanda, quando estiver pensando em quem chamar para o campeonato sHeroes no fim do mês que vem, pense em Phoebe.

Com o New Orleans, vai ser diferente. Não que ela não queira que as suas

companheiras de time aqui gostem dela também, mas ela tem — bom, não uma vaga garantida, óbvio. Mas foi contratada. Na primeira rodada. Eles a querem aqui. Ela está no time para aprender e crescer. Ainda vai fazer as pessoas rirem e provar o seu valor, como sempre, mas o chão parece mais sólido aqui. Parece que ela tem mais firmeza de… alguma coisa. Seus sonhos. O que está fazendo.

Phoebe poderia passar muito tempo tentando descobrir o que vai acontecer em seguida.

A Copa do Mundo começa em seis meses. Será que agora há espaço para ela na seleção? Amanda ainda está considerando novas jogadoras para a convocação ou o grupo já está definido? E se alguém se lesionar? Se Phoebe for bem no New Orleans, Amanda vai notar? Quais vagas precisam ser preenchidas na seleção, se é que há alguma? Como Phoebe pode provar que é capaz de preenchê-las?

Ela não sabe nenhuma das respostas. E não é uma questão de quebrar a cabeça até descobrir — ela *não tem como* saber as respostas. Tudo que pode fazer é jogar bem. A única coisa que pode controlar é o seu desempenho, o seu comportamento, a sua postura. Então, vai jogar até estourar a chuteira e ser engraçada e charmosa, como sempre, e não pensar demais.

Mesmo a três quarteirões de distância e com só metade delas acesas, as luzes do estádio são ofuscantemente claras. Phoebe saltita ao caminhar, alongando as passadas. Este é o parque dela. Ela vai jogar aqui. O estádio parece bem maior que os prédios em volta, embora Phoebe saiba que não é nem de perto o maior da AAFF. Essa honra fica com o de São Francisco, que tem uma média de mais de dez mil torcedores por jogo. Phoebe não consegue conceber a ideia de jogar regularmente na frente de dez mil pessoas. Em Mapleton, o tamanho da torcida raramente chegava a três dígitos.

Enquanto espera o sinal de pedestres abrir para atravessar a rua do estádio do Krewe, ela levanta os olhos. Chamam de Pântano. Até a multidão média de cinco mil torcedores do New Orleans parece enorme para Phoebe. É aqui que eles vão estar, atrás desses muros, torcedores vestidos de roxo e amarelo, usando cachecóis que são absolutamente desnecessários em Louisiana — Phoebe nunca entendeu por que cachecóis de time ficaram tão populares. Deve ter começado na Inglaterra, onde amam futebol e o clima é frio pra caralho.

Phoebe passa a mão pelo exterior de tijolo do estádio. Do estádio do time dela.

O portão principal é uma cerca de ferro forjado com flores-de-lis. O campo a

chama — a parte que ela consegue ver, pelo menos, uma fatia verde entre seções de cadeiras se levantando de cada lado. Enquanto olha, pensando nas suas chuteiras naquela grama, nas manchas que deixará na sua camisa — ah, meu Deus, ela vai receber uma *camisa* com o seu nome nas costas e tudo —, uma figura atravessa sua linha de visão. Uma figura familiar. Phoebe reconhece aquela corrida. Que raios Grace Henderson está fazendo aqui às — Phoebe checa o celular — nove da noite?

Grace cruza o gramado de novo, ereta e de cabeça baixa, correndo da mesma forma como parece fazer tudo — séria e focada. Essa garota é ridícula.

Phoebe levanta a cabeça para as pontas daquelas flores-de-lis. A cerca nem é tão alta. Se eles quisessem mesmo impedir as pessoas de entrarem, deveriam se esforçar mais. Sem pensar em mais nada, ela dá um impulso de três passos e passa por cima da cerca.

— Caralho.

Lógico que o que acaba sendo arranhado pelo topo da cerca são os seus seios. Agora segura dentro do estádio, Phoebe esfrega o peito. Gostaria de manter os mamilos no lugar, se possível, obrigada.

É só depois de já ter pulado a cerca que ela se pergunta sobre câmeras de segurança. Mas enfim. Não é como se o time fosse mandar prendê-la, apesar de que invadir o estádio provavelmente não passe a melhor primeira impressão. Na verdade, eles nem devem ter ninguém *assistindo* de verdade a essas câmeras de segurança. Podem até checar se alguém vandalizar o lugar, mas um time que não tem dinheiro para pagar um salário digno a todas as jogadoras com certeza não tem segurança 24 horas.

À esquerda de Phoebe estão os quiosques de comida. A porta de enrolar prateada está fechada. À direita fica a loja do time, que está totalmente escura. Isso ela vai ter que ver amanhã — eles lhe deram uma camisa quando a contrataram, mas ela quer um boné com o brasão.

Ela queria tanto ver o estádio que tinha vindo direto depois de sair de uma viagem de ônibus de vinte horas, mas, agora que está aqui, o lugar em si não importa tanto quanto a pessoa que está no campo.

Seu foco em Grace se quebra quando Phoebe atravessa o túnel até a beira do gramado. Parece um teatro, com dois níveis de assentos se levantando de todos os lados, cadeiras e camarote. As luzes são ainda mais fortes. Ainda não estão todas acesas, mas, mesmo assim, o campo está claro, aceso como um palco. Anúncios de

patrocinadores ladeiam a frente do segundo pavimento. Não é silencioso — a cidade faz barulho demais —, mas parece tranquilo, e Phoebe não consegue discernir nenhum som exceto o sangue correndo nos ouvidos.

Ela se vira num círculo lento, absorvendo tudo.

A visão de Grace, que ainda não a notou e continua fazendo o que parecem ser corridas de suicídio, arranca Phoebe do seu devaneio.

Essa garota.

Talvez Phoebe não devesse estar chamando uma mulher quatro anos mais velha que ela de "essa garota", mas… essa garota.

— Ei! — chama Phoebe.

Grace continua correndo.

— Ei!

Ainda sem reação.

Por que ela não pode deixar de ser irritante nem por um minuto? Phoebe acena com os braços acima da cabeça como se estivesse fazendo polichinelos só com a parte de cima do corpo. Da próxima vez que Grace se vira na área do pênalti, ela tropeça para trás em vez de continuar correndo. Notou Phoebe, então. Grace leva as mãos à orelha e tira um AirPod.

— Phoebe?

É a primeira vez que Grace a chamou pelo primeiro nome.

— O que você está fazendo aqui? — questiona Grace.

— Posso te fazer a mesmíssima pergunta. — Phoebe avança mais e entra no campo em si, passando pela linha de fundo, onde, fora de temporada, não há bandeirinha de escanteio. — Por que caralhos está correndo à noite?

Grace não responde.

— Como você entrou? Achei que o Stuart fosse te mostrar tudo amanhã.

Phoebe sorri.

— Ah, então você andou falando de mim, é?

— Quê? Não, eu… o Stuart me contou. Eu não perguntei.

— Não, claro, tem razão. Tecnicamente eu só estava vindo dar uma olhada. — Falando em voz alta, Phoebe se lembra do seu propósito inicial e levanta a cabeça para o estádio ao redor delas. Vai ser a sua nova vista. — Mas aí vi você e tive que pular a cerca para te dizer como você é ridícula. — Ela quer beijar Grace até arrancar aquela cara séria. — Você só treina depois do pôr do sol, que nem algum

tipo de vampira?

Grace revira os olhos.

— Você já me viu no sol.

Phoebe lembra. O brilho dos cabelos de Grace, sempre em uma trança elaborada. O bronzeado da sua pele, que Phoebe jura que ficou mais forte a cada dia ensolarado na concentração. Seu sorriso, que parece mais iluminado que o próprio sol, ainda que Grace não o mostre com frequência.

Os cabelos de Grace agora estão mais simples, divididos no meio, com uma trança embutida de cada lado. Se os cabelos estão trançados, conta como maria-chiquinha? Porque Phoebe quer puxar as marias-chiquinhas dela, ou fazer o equivalente adulto daquilo, enfim. Talvez o equivalente adulto *mesmo*, já que ela se imagina agarrando cada uma dessas tranças enquanto se esfrega na cara de Grace. Phoebe não consegue evitar — Grace está sexy demais com a legging de lycra e o cropped preto. Os músculos da barriga fazem um V na altura do quadril, como uma seta que aponta para onde Phoebe quer ir. Mas ela olha para os assentos do estádio em vez disso.

— Eu não quis interromper o seu treino — diz. — Apesar de ser ridículo você estar treinando à noite.

— Não tem problema, Fenô. — Grace ignora a provocação de Phoebe. — Eu já estava terminando mesmo. Posso sair com você.

— Que cavalheirismo.

— Não posso deixar uma das minhas jogadoras ser presa por pular a cerca.

— Uma das *suas* jogadoras? — Phoebe ri. — Você agora é a dona? A técnica?

— Sou a capitã — diz Grace, direta. — Qualquer coisa idiota que você faça reflete em mim.

— Putz, então, você está encrencada, porque eu faço muita merda.

— Já notei.

Meu Deus, como é divertido perturbar Grace. Ela se leva a sério demais, como ficou claro com esse papo de "minhas jogadoras", apesar de Phoebe não se importar se disserem que ela é da Grace em qualquer sentido.

É a primeira vez que elas ficam a sós desde que Phoebe cobrou a aposta — desde que Grace *obrigou* Phoebe a cobrar a aposta. Durante o restante da concentração, Grace a evitou, e Phoebe deixou que ela fizesse isso. Também pegou Grace olhando para a sua boca em mais de uma ocasião. O pensamento a anima, apesar de Grace

agir como se não fosse nada de mais, como se estar a sós com Phoebe fosse normal e natural e não a afetasse nem um pouquinho. Ela leva Phoebe até o outro lado do campo, onde tira as chuteiras com a ponta dos dedos, absolutamente casual, e calça um chinelo na beira do campo.

— Então, você simplesmente vem aqui quando quer? — pergunta Phoebe. — Todas nós temos acesso ilimitado ao estádio ou é um benefício especial para Grace Henderson?

— O crachá para de abrir as portas às dez — responde Grace. — Com certeza, Stuart vai te explicar direitinho amanhã quando te der o tour completo.

— Ah, não é isso que você está fazendo?

— Minhas coisas estão no vestiário, mas é o máximo que vou te mostrar.

Pensar nisso faz o coração de Phoebe acelerar. O vestiário. O vestiário *dela*. Seu próprio vestiário, onde a cada jogo vai estar pendurada uma camisa com o seu nome. Ela dá pequenos passos para andar ao lado de Grace até o túnel do vestiário. As duas passam por um conjunto de portas, e então chegam.

Os armários são roxos, e não são daqueles de academia, parecem mais… um guarda-roupas, talvez? Cada um tem sessenta centímetros de largura; não vai ser preciso empurrar o casaco de inverno lá dentro de um jeito específico para que ele caiba e você possa fechar a porta, o que, de todo modo, não aconteceria, já que, em Nova Orleans, o tipo de casaco a que Phoebe está acostumada não é necessário. Não tem nem porta em nenhum dos armários, são só cubículos.

— Acho que é o máximo de tempo que já passei na sua companhia sem você falar.

Phoebe pisca. É verdade, Grace também está lá.

Será que ela deveria sentir vergonha de estar tão embasbacada por um lugar que deve ser um tédio para Grace? Grace entra em vestiários chiques de futebol desde adolescente. O único vestiário a que Phoebe está acostumada — fora o da Planet Fitness — é o da faculdade, que era só o vestiário geral da academia. Duas fileiras de armários para todo lado, tendo que atravessar os corredores labirínticos para chegar ao campo, passando pela sala de musculação e pelas salas dos técnicos. Phoebe teve o mesmo armário por todos os quatro anos da faculdade. Decorar uma nova senha a cada ano era difícil o bastante; ela não queria ter que aprender um número novo de armário também.

Grace pega as suas coisas do único armário que tem alguma coisa dentro. Apesar

disso, mesmo alguns dos armários vazios têm mais personalidade que o de Grace — não há nenhum pertence, mas estão decorados, pelo menos. Phoebe nota num deles uma flâmula do Philadelphia Eagles e sabe que deve ser o de Sorrell. Ao lado da flâmula, há várias fotos da meio de campo e outras pessoas — algumas jogadoras, algumas com o mesmo nariz fininho que Phoebe supõe que sejam familiares. Quando Grace pega o casaco do gancho no armário, Phoebe vê que ela tem ao menos algumas fotos. Não consegue discernir de quem são, mas quer saber. O que é importante o suficiente para Grace colar no fundo do armário?

— Pronta? — pergunta Grace, como se Phoebe estivesse fazendo algo além de absorver o lugar.

— Sim.

Grace lidera o caminho para sair do prédio. Phoebe nem se dá ao trabalho de olhar demais ao redor. Vai ter bastante tempo amanhã.

Na calçada, Grace pergunta:

— Onde você estacionou?

— Ah, eu não tenho carro — responde Phoebe. — O apartamento em que colocaram a gente fica perto, dá para ir a pé.

— Certo.

Grace olha de relance um estacionamento onde Phoebe supõe que esteja o carro dela. Há um momento em que Phoebe acha que talvez Grace vá oferecer uma carona, mas, bem quando ela fica cheia de esperanças, aquilo passa.

— Eu, hum, vejo você depois — diz Grace.

— Vou estar aqui amanhã às nove, mas provavelmente você já ficou sabendo pelo Stuart. — Grace revira os olhos, e Phoebe sorri. — Quem sabe eu te vejo?

— Ainda não sei a minha agenda de amanhã — responde Grace.

Phoebe não conhece Grace tão bem assim, mas tem quase certeza de que não é verdade. Essa garota parece o tipo que tem tudo muito planejado. Ela não aponta a mentira.

— Então, a gente se vê quando der.

— Certo — diz Grace. — Tchau.

Phoebe a observa indo na direção do estacionamento. Sua jaqueta grande demais cobre a sua bunda, senão, seria bem mais divertido vê-la indo embora. Apesar de Phoebe não ser idiota e cheia de tesão a ponto de ter passado a primeira escalação para a seleção tentando transar com Grace, é idiota e cheia de tesão o bastante para

passar a primeira pré-temporada da AAFF fazendo isso.

Elas têm uma semana até o restante do time chegar. Phoebe já seduziu gente em muito menos tempo.

Ela torce para que Grace apareça amanhã. Não consegue enjoar dela. Aquela pele macia e aqueles olhos furiosos — ou não furiosos, exatamente, mas alertas. Desconfiados. É isso que Grace Henderson é: desconfiada. Phoebe ama conquistar as pessoas. É por isso que gosta tanto de estar perto de Grace.

Phoebe gosta do sucesso, mas é sempre mais divertido com um desafio.

Seis



O sol já está alto no céu quando Grace chega ao estádio. Tecnicamente, ainda é de manhã, mesmo que por apenas alguns minutos. Faz sentido que Grace tenha chegado mais tarde — ela em geral não se exercita à noite. Ela não tinha como acordar para o seu treino matinal de sempre sendo que treinou na noite anterior.

Seu horário não tem nada a ver com Matthews.

Quando entra no vestiário, Grace fica paralisada por meio segundo. Tem uma sacola pendurada no armário da Kelsey, com um chinelo largado ao acaso na frente. Ela respira fundo, voltando a si. Kelsey está no Phoenix agora. Grace está confusa, porque é a primeira vez em meses que o seu próprio armário não é o único que não está vazio.

Matthews deve ter pegado o antigo armário de Kelsey e obviamente ainda está no estádio. Portanto, mesmo que Grace estivesse tentando evitá-la, parece que não vai funcionar, a menos que ela queira dar meia-volta e ir para a sala de banho de gelo por um tempo. O mais provável é que Matthews não a encontre lá.

Não que Grace precise evitá-la. Elas são adultas. Matthews não necessariamente sempre age como adulta, mas é. Elas podem ser profissionais. Se não conseguirem, Grace vai ter problemas maiores do que vê-la no vestiário. Elas são colegas de equipe. *Precisam* ser profissionais.

Grace mantém as colegas de time do New Orleans mais distantes do que as da seleção. Ela precisa liderar o Krewe. Precisa do respeito e da confiança delas mais do que da sua amizade. Não pode ter favoritas. E com certeza não pode transar com nenhuma delas.

Ela não seguia essas regras antes da Kelsey. Mas era jovem e imbecil naquela época. Além disso, Kelsey e ela nem transaram de verdade, e mesmo assim deu tudo

errado.

Grace se pergunta, não pela primeira vez, se a sua reação à traição de Kelsey — se é que dá para chamar de traição para começo de conversa — é exagerada.

A porta do campo se abre, e entra uma Matthews radiante.

— Hendy! — cumprimenta Matthews. — Você saiu à luz do dia!

Grace já lidou com pessoas como Matthews antes. Pessoas que se acham engraçadinhas. Que gostam de provocar. Ela nunca cede um centímetro.

— Fenô.

Matthews sorri ainda mais.

— Temos que acertar o nosso horário.

É tão estranho vê-la se aproximar do armário de Kelsey que Grace leva um momento para processar as palavras.

— Oi?

— Nós sempre pegamos a outra no final dos treinos — diz Matthews. — Seria bem mais divertido se fôssemos companheiras de treino. Amanhã eu estava pensando em correr na Lafitte Greenway. É assim que se diz? Ou é Lá-fiti? Eu sei que vocês pronunciam as coisas de um jeito esquisito aqui. Tipo Bur-GAN-dy Street.

Matthews tira a camisa enquanto fala. Grace tem certeza de que não é por estar dando em cima dela. Phoebe não está se despindo para flertar; está apenas casualmente confortável com o seu corpo — e, para ser justa, quem não estaria, com aquela aparência? A barriga de Matthews é marcada por um tanquinho perfeito. A pele dela brilha, e a língua de Grace quer seguir a seta marcada pelos músculos acima dos quadris. Em vez disso, ela mastiga a parte interna do lábio inferior.

— Enfim — diz Matthews, e Grace percebe que não respondeu. — É isso. Vou correr na Lafitte Greenway amanhã, às nove, se quiser vir. Começando pelo lado sul.

Grace não tem interesse em uma companheira de treino. A única razão pela qual Stuart lhe disse que Matthews chegaria hoje — não é porque ela se *importa*, ela não estava *falando* de Matthews — foi para avisá-la, já que em geral as instalações são todas dela até o restante do time chegar.

— Vamos ver — responde Grace, porque parece muito rude admitir que não está interessada.

— Maravilha!

Matthews tira o elástico de cabelo do rabo de cavalo e sacode a juba. Grace não consegue entender muito bem os cabelos dessa garota — é algo entre cacheado, liso, ondulado e uma bagunça emaranhada.

— Bom, tenho que tomar um banho — diz Matthews. — Bom treino! Quem sabe a gente se vê amanhã!

Grace caminha para o campo e não pensa nem um pouco em Matthews no chuveiro.

Apesar de Matthews ser irritante em todos os sentidos, pelo menos ela não fez nenhum comentário sobre a aposta. Ela nunca falou nada sobre isso, na verdade, depois que Grace praticamente lhe deu um chupão e depois fugiu. Grace tinha certeza de que Matthews falaria do assunto no dia seguinte, que a provocaria, importunaria e seria uma pentelha. Parece ser o *modus operandi* dela. Grace planejou evitá-la o máximo possível, mas é claro que, quando Amanda disse a elas que se juntassem em duplas para um exercício de troca de passe, Matthews apareceu ao lado dela. Grace se preparou para o que a novata teria a dizer, mas Matthews não disse nada. Ela se concentrou e se esforçou, e, quando sorriu para Grace, não parecia ser nada mais nem menos do que amigável.

Foi assim até o fim da concentração. Grace ficou grata, mas confusa. Ela não conseguia entender Phoebe Matthews.

E também não conseguia parar de pensar nela.

Enquanto Matthews aparentemente não foi afetada pelo que aconteceu entre elas, Grace não consegue tirá-la da cabeça. Matthews ficou afetada, sim, Grace sabe, porque a lembrança se repetiu no seu cérebro durante dias. Matthews pode até ter superado, mas, na hora, ela sentiu.

Grace ainda está sentindo.

É por isso que ela estava no estádio ontem à noite. Sim, Nova Orleans é quente e os treinos noturnos fazem sentido, mas não foi isso que a levou até lá. Ela estava pensando em Matthews. Estava irritada pra cacete com o seu cérebro idiota e traidor, que adora se fixar naquele momento ao lado da máquina de venda do hotel. O gosto da pele de Matthews, a respiração ofegante dela, o passo à frente, tentando se aproximar, conseguir mais. Por um momento, quando estava fazendo os exercícios de suicídio na noite passada, ao se virar e ver Matthews agitando os braços na lateral do campo, Grace se perguntou se a teria criado com a imaginação. Como se Matthews tivesse saído dos seus pensamentos e entrado no estádio.

São só hormônios. Grace não transa com ninguém desde antes de se envolver com Kelsey — são quase quatro anos de orgasmos solitários. Grace não tem problemas com isso, mas aparentemente seu corpo tem. Ela está acostumada a mandar no próprio corpo. Faz exercícios mesmo com dor, corre de volta para a defesa enquanto os pulmões imploram por um descanso, ignora a forma como o quadril se contrai quando muda de direção. Ela está no controle. Durante toda a vida, manteve o desempenho por meio de controle e disciplina.

E então, Phoebe Matthews aparece, e o seu corpo se rebela.

Grace precisa lembrar a ele quem está no comando.

É por isso que ela decide se encontrar com Matthews no dia seguinte para correr. Vai ser um bom cárdio, e Grace vai poder recuperar o controle da sua libido. Como uma terapia de exposição. Ela simplesmente não está acostumada a flertes — vindos de mulheres lindas, pelo menos. Sempre tem algum homem branco muito confiante depois de um jogo, pedindo um autógrafo e oferecendo o telefone. Grace em geral finge que não está ouvindo.

Grace vai passar mais tempo com Matthews para mostrar ao seu corpo que não há motivo para ficar obcecado. Ela precisa se acostumar com a garota — elas vão se ver todos os dias, nos treinos, na próxima semana. Grace precisa estar mais no controle até lá. Ela é a capitã. Tem responsabilidades. Sonhar acordada com uma das suas companheiras de time é uma distração. É constrangedor. Ela é melhor do que isso.



Matthews não deu uma localização específica de onde a encontrar. Algum ponto do lado sul da Lafitte Greenway. Ela não deu o telefone para Grace. Nove da manhã.

São 9h15, e Matthews não está em canto algum. Grace muda o apoio dos pés, tentando fazer um alongamento dinâmico enquanto está parada. Ela não deveria ter vindo. Definitivamente não deveria ter esperado tanto. E se Matthews estivesse zoando com a cara dela ao fazer o convite?

Grace correria sozinha, mas Matthews talvez tivesse começado mais cedo, sem ela. Passar pela mulher na trilha seria humilhante demais. Em vez disso, Grace vai treinar lá no estádio, como sempre. Quando se vira na direção do carro, uma tempestade de cabelos ruivos aparece à sua frente.

— Você veio! — cantarola Matthews.

Grace quase cambaleia com o tamanho daquele sorriso. E depois de novo com a pochete amarelo-fluorescente que ela está usando.

— Você está atrasada. — O sorriso de Matthews diminui, e Grace continua falando, sem conseguir se controlar. — Você não tem seis alarmes diferentes que nem na concentração?

Aquele sorriso amplo de covinhas volta na mesma hora.

— Achei que você não precisasse saber da minha rotina matinal, só que eu chegue no horário, não?

Talvez o fato de que as duas se lembrem de uma interação trivial a ponto de citá-la signifique alguma coisa. Ou não significa nada, mas a libido de Grace está procurando algo a que se agarrar.

— Sorte sua que você chegou, Fenô. Estava prestes a ir embora.

— Obrigada por esperar. — Matthews abaixa a cabeça, alisando os cabelos num rabo de cavalo baixo. — Desculpa mesmo eu ter atrasado. Estou tentando melhorar isso.

— Está tudo bem — diz Grace. Ela não precisa saber o que Matthews está tentando melhorar. Por que a voz dela ficou suave e sincera? — Pronta?

— Claro!

Grace gesticula para Matthews ir na frente, e a ruiva dispara. Está começando rápido demais. Grace passou quinze minutos ficando na ponta dos pés, aquecendo, mas Matthews, não. E, apesar disso, a novata inicia a corrida a toda velocidade. Grace fica intencionalmente para trás, obrigando Matthews a desacelerar para acompanhar seu ritmo. Grace não vai deixar essa garota se distender antes do início da pré-temporada.

— Não achei que você fosse vir — diz Matthews.

Grace não menciona que achou que Matthews fosse ser a furona e dar um cano nela, apesar de ter sido ela quem fez o convite. Se os planos nunca foram confirmados, conta como se tivesse levado um cano?

— Eu precisava do cárdio.

— É, eu também — diz Matthews. — Estou pronta para voltar à temporada. Definitivamente não estava em boa forma na seleção. Queria ter sido chamada para a concentração de novembro, bem no fim da temporada universitária. Naquela época, eu estava bem mais em forma.

— Mesmo assim você ganhou o teste do bipe.

Grace quer dar um tapa na própria testa. Ontem mesmo, ela tinha pensado em como Matthews havia sido legal em não falar da aposta e aqui estava ela, mencionando o teste do bipe.

— Eu lembro — diz Matthews.

Grace se recusa a olhar para ver se ela está sorrindo maliciosamente. Em vez disso, acelera. O aquecimento não durou o bastante, mas ela não está mais nem aí. Matthews continua ao seu lado.

— Provavelmente eu deveria ter perguntado antes de te convidar, mas você gosta de correr na cidade? Ou, tipo, te interrompem quando você é reconhecida?

— Pelo amor de Deus — responde Grace. — Ninguém liga o suficiente para mim para me reconhecer.

Não é totalmente verdade — ela é reconhecida às vezes. Mas é mais comum com a seleção do que em Nova Orleans. Negar ser uma celebridade é uma reação instintiva. Grace sabe que é famosa para uma certa galera. Óbvio que Matthews sabia quem ela era. Ela é um dos rostos mais reconhecíveis do futebol feminino a esta altura, mas, dado o tamanho da comunidade desse esporte nos Estados Unidos, isso não é necessariamente grande coisa.

— Nem ferrando — diz Matthews, apontando a minimização. — Eu te pago o café da manhã se você não for reconhecida.

— Quê?

— Aposto que você vai ser reconhecida. A perdedora paga o café da manhã.

Grace não quer fazer mais uma aposta com Matthews. Não quer *não* fazer e chamar atenção para a última aposta. Não quer ir tomar café da manhã com Matthews, apesar de saber que vai estar morrendo de fome depois da corrida. Não quer nem estar na corrida. O que ela tem a provar para si mesma de novo?

— Beleza — diz, bufando. — Divirta-se pagando o meu café da manhã.

— Vamos ver.

Grace nem precisa levantar os olhos para ouvir o sorriso na voz dela.

Grace tende a minimizar a sua fama, nem tanto porque seja humilde e mais porque não a deseja. Ela quer ser a melhor no jogo, sim, mas não quer ser a mais conhecida. Ela gosta de privacidade. Gosta de silêncio.

Matthews, pelo jeito, nunca ouviu falar desse conceito.

— Um dos motivos pelos quais eu queria correr aqui em vez de em torno do

campo ou coisa assim é que quero muito ver a cidade — comenta. — Obviamente não vou ter um puta tempo para isso, mas quero explorar. Você tem um lugar favorito? Ou uma atividade favorita? — Ela não espera pela resposta. — Não quero fazer só as coisas de turista, tipo a Bourbon Street ou sei lá. Mas nunca morei fora de Indiana. É muito diferente aqui. E legal. E, tipo, obrigada por correr comigo, porque não conheço mais ninguém. Quer dizer, sei que o time vai chegar semana que vem, e hoje vou começar o meu segundo emprego, então, tipo, não estou preocupada em fazer amizades, na real. Mas é legal não estar cem por cento sozinha num lugar novo.

É sinceridade demais para Grace.

— Você chegou faz dois dias e já tem outro emprego?

— Aham. É numa lanchonete 24 horas, então posso manejar os turnos de acordo com os treinos. Na faculdade, fui garçonete por um tempo. Não é um dinheiro maravilhoso, mas é alguma coisa. Ainda mais se você conseguir boas gorjetas.

Grace imagina que Matthews consiga boas gorjetas.

— Mas, é, tinha uma placa na janela dizendo que precisavam de uma atendente, e, quando entrei para perguntar como me candidatava, alguém pediu demissão bem na minha frente. Então eu falei tipo: "Posso terminar o turno dela?" e basicamente me contrataram na hora. Fica lá na… merda, já esqueci o nome da rua. Vou pesquisar depois da nossa corrida e te falo. Vê se você já foi lá. Provavelmente não é chique o suficiente para você, é meio que uma lanchonete com cara de boteco. Você provavelmente vai a lugares mais bacanas, né? Tipo, qual é o seu restaurante favorito em Nova Orleans?

Quando Grace não responde rápido, sente os olhos de Matthews em si.

— Ou, tipo, talvez um dos seus favoritos? Se você não conseguir escolher um só.

— Ah, você quer que eu responda? — devolve Grace. — Antes você fez uma pergunta, mas continuou falando, então eu não tinha certeza.

— Desculpa. — Matthews solta uma risadinha desconfortável e abaixa a cabeça. — Eu sei que falo muito.

— Está tudo bem — diz Grace. Ela não sabe como Matthews consegue sorrir arrogantemente num minuto e parecer um cachorrinho magoado no outro. A culpa faz o estômago dela se revirar. — Eu estava brincando. Podemos ir num dos meus restaurantes favoritos depois da corrida, se quiser.

Matthews sorri de novo na mesma hora.

— Seria demais.

Depois disso, Grace mantém o ritmo rápido o bastante para Matthews praticamente parar de falar.



Mais tarde, depois de se alongarem, quando estão paradas na fila do Pagoda Café, que tem os melhores tacos de café da manhã da cidade, Matthews volta a falar demais da conta. Ela faz perguntas sobre o cardápio — que não é grande o suficiente para suscitar perguntas — e se maravilha com o fato de só ter assentos ao ar livre e de como *Este lugar literalmente não poderia existir durante metade do ano em Indiana.* Grace não tem que responder na maior parte da conversa. Matthews consegue manter um diálogo sozinha.

— Com licença — fala alguém que não Matthews.

Grace olha de relance, pronta para sair do caminho. A fila está saindo pela porta, como sempre, e ela imagina que a pessoa precise passar.

Mas a desconhecida não está pedindo para ela sair. A desconhecida é uma jovem branca, de talvez uns treze anos, que está segurando um caderninho em espiral minúsculo e uma caneta, olhando para Grace como se ela fosse uma deusa.

— Pode me dar o seu autógrafo? — pede a garota. — Por favor. Desculpa. Eu ia dizer por favor.

Matthews solta uma comemoração.

— Eu *falei*. — Para a garota, ela diz: — Obrigada. Você acabou de me garantir um café da manhã de graça.

— Pode ignorar ela — diz Grace à garota, que não tirou os olhos dela para começo de conversa. — Como você se chama?

— Rowan.

Grace fica sabendo que Rowan é atacante e que o que mais ama no futebol é ou fazer gols, ou que as amigas estejam no time dela. Ela está tentando convencer os pais a comprarem ingressos para toda a temporada do Krewe, mas viaja para jogar futebol no verão, e eles ainda não têm o cronograma, então talvez percam jogos demais para que o dinheiro valha a pena.

Grace assina um pedaço de papel de caderno para ela. *Rowan. Continue fazendo gols e amigos.*

— Se os seus pais toparem, que tal eu deixar para você quatro ingressos na bilheteria para o jogo de abertura em casa? Assim, você também pode levar uma amiga.

Os olhos de Rowan conseguem ficar ainda mais arregalados.

— Sério?

Leva um minuto para resolver tudo — os pais de Rowan enfim a levam embora quando chega a vez delas de pedir.

Matthews pede um taco de bacon e um rolinho de salsicha *e* um cookie de cada sabor, mas Grace não reclama, só paga. Elas se sentam a uma das mesas de piquenique verde-água para esperar o pedido.

— Aquilo foi uma das coisas mais fofas que eu já vi — comenta Matthews.

Ela tinha ficado estranhamente quieta durante a conversa. Grace sabia que era bom demais para durar.

— Fiquei surpresa de você não ter interrompido para contar a ela que também joga — retruca Grace. — Pelo jeito, você ama ser o centro das atenções.

Matthews dá um sorriso metido.

— Eu vou ter a atenção da menina quando ela for no jogo e vir o quanto eu sou boa.

Grace não sabe se Matthews está tentando ser irritantemente convencida, mas valoriza de verdade a confiança. Passar do futebol universitário para o profissional pode ser difícil — mais torcedores, competição mais dura, mais pressão. A própria Grace não fez faculdade, mas viu a falta de confiança de muitas novatas acabar se concretizando numa profecia autorrealizável.

— Mas, sério — diz Matthews —, foi muito legal. Você sempre dá ingressos para as pessoas? Todas nós temos ingressos para dar?

— Tem uma seção de amigos e família, mas em geral eu compro e deixo na bilheteria se for para pessoas que não conheço.

Um funcionário chama o nome de Grace na janela de entrega, e Matthews fica de pé rápido, sem falar nada, e vai pegar a comida.

— Você pagou — diz ela quando volta, deslizando o taco de Grace na frente dela. — Pensei que o mínimo que eu podia fazer era buscar a comida.

— Eu paguei porque perdi a aposta. Você não me devia nada.

Matthews revira os olhos.

— Ah, meu Deus, cara, eu sei que falo demais, mas é impossível jogar conversa

fora com você.

Grace suspira. Em geral, ela não é tão ruim de conversa fiada — não gosta muito, mas é capaz de participar. Só que Matthews a deixa à flor da pele. Confiar não é fácil para Grace, ainda mais em alguém que ela mal conhece. Seu corpo gostaria que ela confiasse em Matthews, mas o cérebro sabe que é melhor não.

Pelo menos, Matthews não parece guardar rancor.

— Meu Deus do céu, que coisa incrível — diz ela, com a boca cheia. — Viu, foi por isso que eu te perguntei. A gente precisa achar alguém daqui em vez de só jogar as coisas no Google. Assim, sempre vai encontrar os melhores lugares.

— Eu não sou daqui — responde Grace, apesar de morar há tempo suficiente para quase pensar em si como se fosse. — Sou um "transplante".

— Verdade — diz Matthews. — Você é de Nova York, né?

Grace está acostumada a isso — pessoas que sabem fatos aleatórios sobre ela porque assistiram a algum documentário ou aos bastidores da Seleção Americana de Futebol Feminino ou algo assim. Em geral, ela deixa passar, mas não quer que Matthews pense que a conhece.

— Nasci lá, mas a minha mãe e eu nos mudamos para a Califórnia quando eu tinha onze anos para poder trabalhar com a melhor equipe de Desenvolvimento Olímpico.

— Uau, não consigo nem imaginar. Como foi isso?

Foi difícil. Os pais sacrificaram tanto por ela, moraram longe um do outro por seis anos. O pai criou a irmã dela sozinho. Eles nunca fizeram Grace sentir que era difícil, mas ela sabia. Os pais de outras crianças não se mudavam para o outro lado do país para que elas pudessem praticar um esporte.

Para Matthews, porém, Grace só dá de ombros.

— Aconteceu o que tinha que acontecer — diz. — Precisava acontecer para eu chegar onde estou hoje.

— Você sempre quis jogar futebol? — pergunta Matthews. — Tipo, o que faria se não pudesse jogar?

— Não sei.

Grace não gosta de pensar nessa pergunta. Futebol é o negócio dela. Ela ama. É ótima nisso. Precisa ser. Ter separado a família por tanto tempo tem que ter valido a pena.

— Nem eu — diz Matthews. — Quer dizer, sim, estou trabalhando como

garçonete e trabalhei como personal trainer, mas os meus pais sempre quiseram que eu tivesse, tipo, um "emprego sério", o que quer que isso signifique. Mas não consigo imaginar ficar sentada num escritório o dia todo. Tenho energia demais.

Ela já está na metade do taco. Grace pega o seu para dar a primeira mordida. Pensou que tivesse se safado de jogar conversa fora depois do sermão de Matthews sobre o assunto, mas, pelo jeito, não. Conforme comem, Matthews continua a enchê-la de perguntas. Grace não é grossa o suficiente para não responder, mas mantém as respostas curtas. Matthews nunca se deixa abalar.

Quando Grace termina o taco, decide lidar de frente com a situação.

— Você sabe que não vai conseguir mais tempo de jogo sendo minha amiguinha ou algo assim, né?

Matthews aperta os olhos para ela.

— Quê?

— Você queria uma "companheira de treino". — Grace faz aspas com os dedos. — Você sempre queria ser a minha parceira na concentração. Está me fazendo um monte de perguntas. Mas não vou falar bem de você para o Eric ou para a Amanda nem nada do tipo. Você não tem nada a ganhar aqui, Fenô.

— Você quer dizer, sem contar, tipo, amizade ou camaradagem? — Grace revira os olhos. — Sério, Grace… todas essas perguntas? Isso se chama conhecer alguém. É uma coisa normal que as pessoas fazem.

Era uma coisa que Kelsey tinha feito. Levado Grace a falar de si, a se abrir. Fingido que se importava.

— E na concentração? Sua obsessão comigo lá?

Matthews joga a cabeça para trás e gargalha, o que não é a reação que Grace esperava.

— Você é boa de bola, Henderson — diz Matthews. — Melhor do que eu. Eu quero melhorar. Foi por isso que, no treino de parar a bola, fiz dupla com a Madeeha, porque a técnica dela é excelente. Mas você é uma das melhores meio-campistas do mundo. Queria aprender com você.

Claro que tem a ver com futebol. É sempre por isso que as pessoas se interessam por Grace. E por que não seria? Ela só é boa nisso. É todo o mundo dela. É por isso que não sabia o que dizer quando Matthews perguntou o que ela faria se não jogasse.

— Fora que, tipo, você é gata — diz Matthews com covinhas tímidas. — Isso

também pode ter influenciado, admito.

Grace sente o topo das orelhas ficarem vermelhas. Ela torce para que ainda pareça que está corada da corrida.

— Mas eu te convidei para correr porque gosto de você — fala Phoebe —, e você também é a única pessoa que conheço na cidade. Mesmo que tenha decidido que estou obcecada por você ou sei lá o quê e nunca mais queira falar comigo, valeu muito a pena. — Ela gesticula com o taco na direção do café. — Como eu disse, perguntar a alguém daqui… desculpa, a um "transplante"… é bem melhor do que procurar no Google. Eu não estou obcecada por você. Só queria saber os segredos deste lugar. Nunca morei fora de Indiana. Preciso de umas dicas. Com os treinos e a lanchonete, não vou ter tempo de explorar como gostaria. Sair para correr e depois parar num restaurante maravilhoso provavelmente é a minha melhor chance de ver a cidade.

Grace não faz uma nova amiga há um tempo. Ela esqueceu como é? Pensou que as suas preocupações fizessem sentido, mas Matthews riu dela. Foi uma risada bacana, alta e sem vergonha nenhuma, mas ela riu *de* Grace, apesar de não parecer que tivesse má intenção.

Talvez Grace possa tentar não levar tudo que Matthews diz para o pior lado possível.

— Se fizer você se sentir melhor, também pergunto coisas para outras pessoas — diz Matthews. — Por exemplo, o Stuart me falou que eu precisava pedir… como chama? Bolo de reis? Da Randazzo's. O Mardi Gras é só daqui a, tipo, um mês, mas acho que é algo de Mardi Gras, não?

— Em primeiro lugar, em Nova Orleans, o Mardi Gras começa em 6 de janeiro — diz Grace. — Em segundo lugar, nunca ouça o Stuart. A Randazzo's tem glacê demais. O melhor bolo de reis da cidade é o da Dong Phuong.

Matthews sorri, aquelas covinhas reluzindo. O estômago de Grace dá uma cambalhota. Ela deveria ter pedido outro taco.

— Viu? É por isso que estou te perguntando coisas. Como eu ia saber que a Randazzo's tem glacê demais? Também não é para confiar na recomendação dele do Café du Monde?

Grace faz que não com a cabeça.

— A experiência do Du Monde não é de se jogar fora, mas, para comer *beignet*, a melhor escolha é a Morning Call.

— Eu deveria estar anotando.

Amigas, pensa Grace. Ou, se nada mais, terapia de exposição. Quanto mais ela fica perto de Matthews, menos a mulher vai afetá-la.

— Vamos amanhã — fala Grace.

— Amanhã?

— Musculação de manhã e *beignet* depois. Não é exatamente a melhor refeição pós-treino, mas tecnicamente ainda estamos fora de temporada. Não vai ter problema.

— Credo, você quer treinar de novo amanhã? Por que está tão obcecada por mim?

Essa garota.

— Quer que eu te mostre a cidade ou não?

— Quero, quero! Vou me comportar — promete Matthews.

Grace duvida disso.

Sete



Na manhã seguinte, Phoebe entra correndo no estádio, quinze minutos depois do horário em que Grace mandou que chegasse. O vestiário está vazio. Grace deve ter começado sem ela. Os passos de Phoebe no linóleo ecoam pelo corredor enquanto ela se encaminha para a sala de musculação, já formulando um pedido de desculpas pelo atraso. Mas todas as máquinas estão vazias.

Ela volta ao vestiário e põe a cabeça pela porta para ver o campo. Uma onda de umidade a atinge na cara, apesar de ser fim de janeiro. O gramado também está vazio.

Phoebe senta-se encurvada no banco em frente ao armário. Provavelmente Grace se irritou e foi embora. Bem feito para Phoebe — é tão difícil assim chegar no horário? Para quem é normal, pelo menos, não é nada difícil. Phoebe tinha cinco alarmes de manhã — para acordar, para se levantar, para terminar o café e se vestir de uma vez, para sair do apartamento e não, sério, você realmente precisa sair agora para chegar no horário — e, mesmo assim, se atrasou. Claro que Grace não quis ficar esperando.

Enquanto Phoebe considera se punir fazendo alguns exercícios de suicídio na umidade, ela toma um susto com uma voz.

— Bom dia.

É Grace, vestida para treinar, ainda de óculos escuros e bolsa-carteiro pendurada no ombro. Phoebe fica olhando para ela sem expressão enquanto Grace pendura a bolsa no armário e coloca os óculos escuros na prateleira de cima.

— Pronta? — pergunta Grace, virando-se a ela.

— Você está atrasada?

Assim que as palavras saem da sua boca, Phoebe se encolhe. As pessoas amam

apontar o seu atraso, e nunca ajuda. Ela sempre está se sentindo culpada o bastante.

Mas Grace dá um sorrisinho arrogante em resposta.

— Na verdade, estou adiantada. Eu te falei meia hora mais cedo do que eu planejava começar para podermos chegar mais ou menos na mesma hora.

Desde que consegue se lembrar, Phoebe é cronicamente atrasada. Mesmo quando intencionalmente se dá mais tempo — acordando mais cedo ou algo assim —, ainda acha um jeito de se atrasar. Ela fica presa no TikTok, ou no trânsito, ou demora mais do que espera para se arrumar. Ela tentou usar o mesmo truque de Grace — dizer a si mesma que os eventos começam mais cedo do que a realidade —, mas nunca funciona; seu cérebro sabe a verdade.

Punições também não funcionam. Castigo na escola, flexões de braço, tarefas extras — nada foi suficiente para superar a má gestão de tempo de Phoebe. Ela nunca teve ninguém que entendesse e trabalhasse junto com ela em vez de só se resignar ao fato de que não vai ser pontual. Ela não consegue evitar o sorriso que domina o seu rosto.

— No nosso segundo treino juntas, você já está descobrindo como eu funciono — comenta. — Você sempre é tão observadora ou só gosta de prestar atenção em mim?

— Pode continuar achando isso, Fenô.

Ela não precisa achar. Grace está lhe mostrando isso.

Grace tenta parecer implicante — tipo, esse apelido provavelmente devia ser grosseiro e condescendente, mas como receber um apelido de *Grace Henderson* seria qualquer coisa que não sensacional? E Grace está *prestando atenção*. Ela se importa a ponto de entender a situação.

A academia ainda deixa Phoebe atordoada. Ela fez musculação no primeiro treino, naquele primeiro dia depois de Stuart dar o tour, mas ainda não se acostumou ao lugar. As paredes são roxas, com LAISSEZ LES BONS TEMPS ROULER! em amarelo numa delas e o escudo do Krewe na outra. Ela tinha passado a vida toda se exercitando em academias escolares meio merdas, e na Planet Fitness, e no porão da casa de amigos. Ainda é surreal estar numa academia tão bem equipada. Tem máquinas que ela nunca usou na vida — ela nem sabe para que servem algumas delas.

— Você gosta de fazer algum circuito em particular? — pergunta Phoebe. — Não quero atrapalhar a sua rotina.

Grace pensa por um momento antes de responder.

— Sim. Gosto de começar pelo quadríceps e seguir dando a volta.

Pelo jeito, hoje é dia de perna.

Uma das desvantagens de ser uma atleta lésbica é que outras mulheres vivem fazendo coisas sexy perto de você.

Tá, talvez não seja uma desvantagem, mas com certeza dificulta a concentração. O suor formando gotículas na testa de Grace. Seus braços perfeitamente esculpidos. A forma como ela bate os pés no ritmo da música que deu um jeito de conectar nos alto-falantes do lugar.

Phoebe segue o que Grace faz. Tenta até ficar em silêncio quase o tempo todo. Grace literalmente achou que ela estivesse… o quê? Se insinuando para ela ou algo do tipo ontem, sendo que só estava fazendo perguntas.

Mas Phoebe não dura muito antes de voltar a falar.

— Andei pensando — diz, entre séries de elevação de panturrilha. — O que conta como ser obcecada por você?

Grace suspira.

— Olha, desculpa. Às vezes, jogadoras mais novas meio que me veem como uma espécie de celebridade. Cresceram me idolatrando, tinham pôsteres meus na parede quando eram crianças, esse tipo de coisa.

— Ah, não, bom, se esse for o critério, definitivamente sou obcecada por você. Aliás, ainda tenho um pôster seu na parede do meu quarto na casa dos meus pais.

— Quê? — Grace enruga o nariz, e, mesmo em outra máquina, Phoebe sente vontade de beijá-lo.

— Ah, é, você foi uma daquelas celebridades formativas, sabe? Tipo, eu não sabia se queria beijar você ou ser você.

Grace fica olhando para ela, boquiaberta.

— No fim das contas, eram as duas coisas — diz Phoebe, com uma piscadela.

Phoebe sempre bateu um bolão. Não no sentido futebolístico — ou não *só* no sentido futebolístico —, mas no do flerte. É um dos seus hobbies favoritos. É divertido descobrir como flertar com pessoas diferentes. Phoebe consegue seduzir alguém com elogios, ou rindo das piadas da pessoa, ou até fingindo ser uma dama em perigo. Mas a forma como ela flerta com Grace é a sua favorita: irritante, mas charmosa. Irresistível.

Ela deixa Grace digerir o fato de Phoebe ter crescido com uma paixonite nela até

chegarem ao último exercício: o leg press.

Enquanto Grace está adicionando anilhas à máquina, Phoebe diz:

— Aposto que consigo pôr mais peso que você.

Mas ela viu as coxas de Grace e, para ser sincera, não tem certeza de que pode ganhar essa aposta. Porém, tem muita certeza de que valeria a pena perdê-la.

Grace suspira.

— Você por acaso é incapaz de fazer as coisas sem apostar?

— Consegui fazer todo esse treino, ué — responde Phoebe.

Claro que ela é capaz de fazer coisas sem apostar; é que apostar é mais divertido. Atividades tediosas são imediatamente mais divertidas quando tem algo em jogo.

— Você não é competitiva? — pergunta ela.

— É, Fenô, eu sou atleta profissional e não sou competitiva. — Phoebe consegue escutar na voz de Grace que ela está revirando os olhos. — Enfim, se você é tão competitiva, por que insiste em apostar coisas que vai perder?

— Se bem me lembro, você achou que fosse ganhar a nossa primeira aposta também. E a de ontem, por sinal. Esqueceu que pagou o café da manhã para mim? Aliás, eu nunca perdi uma aposta para você.

— Ah, é? O que vai apostar desta vez?

O peso da primeira aposta delas paira no ar. Aquilo foi Grace flertando de volta?

— Bom, tenho umas ideias.

Phoebe jura que ainda consegue sentir a boca de Grace nela. Pareceu que estava dando um chupão, apesar de Phoebe ter olhado no espelho no quarto do hotel depois e não ter visto nenhuma marca. Só tinha a sensação, como se Grace tivesse deixado uma prova de sua presença.

A pulsação no pescoço de Phoebe lateja.

— Meu Deus — diz Grace, com outro suspiro —, mal posso esperar para terminar essa série e ficar longe de você.

É um balde de água fria na cabeça de Phoebe. Ela deve ter ido longe demais com o lado irritante do flerte.

— Tá bom, mas… — Ela quase não continua. Talvez seja melhor esquecer os planos do que ser rejeitada diretamente. — A gente não ia comer *beignet*?

Grace sacode a cabeça, mas está sorrindo.

— É injusto como é fácil para você fazer essa cara de cachorro que caiu da mudança para conseguir o que quer. Mas, sim, ainda vamos comer *beignet*.

Ela se posiciona e começa o exercício. Phoebe finge que fez a tal da cara de cachorro que caiu da mudança propositalmente, e não porque odeia a possibilidade de Grace se afastar dela.

— É uma habilidade de filha do meio — alega. — Tem que dar um jeito de não esquecerem de você.

— Você com certeza conseguiu isso, Fenô — diz Grace.

Oito



Quando Grace se mudou para Nova Orleans, achava que os *beignets* do Café du Monde eram tudo de bom. Eles deviam ter um marketing melhor ou talvez fossem mais conhecidos só por estarem no Quarter. E não é que os *beignets* do Café du Monde sejam ruins, mas os da Morning Call são melhores — e, além do mais, você nunca tem que lidar com hordas de turistas.

— Eles também tinham um ponto no parque, mas o Café du Monde assumiu. — Grace revira os olhos.

— Para alguém que alega não ser daqui, você é bem chatinha com as suas opiniões sobre os restaurantes de NOLA.

— É o que chamam de ter bom gosto.

Matthews dá uma risadinha, aparentemente encantada.

Elas dividem o pedido e cada uma pega um café gelado. Grace paga, por hábito ou educação, mas óbvio que Matthews tem que fazer um escarcéu.

— Olha que eu vou me acostumar com uma mulher bonita me levando para sair pela cidade — diz, com um sorriso no rosto.

Faz anos que Grace não vai a um encontro. Parece legal, talvez, mas não é o que está rolando aqui. Isso é terapia de exposição. E está funcionando — Grace só pensou em usar a língua para seguir um filete de suor de Matthews duas vezes enquanto as duas estavam levantando peso. Agora ela está sentada na frente da mulher, e a sua libido não está em modo luta, ou fuga, ou foda.

Os *beignets* chegam num pratinho, numa pilha alta, polvilhados de açúcar. Matthews parece uma criança no Natal, os olhos verdes ainda mais largos que o sorriso.

— Tenho que tirar uma foto disso — diz.

Grace se recosta e não toca em nada. Matthews dispõe o prato e as bebidas das duas segundo alguma ordem desconhecida antes de destravar o telefone para tirar fotos.

— Quer sair em uma?

— De jeito nenhum — responde Grace.

O sorriso de Matthews diminui.

— Tá bom — diz, esticando a última palavra.

— Desculpa — fala Grace, mas sem sinceridade. — Não curto muito tirar foto.

Não é mentira, apesar de não ser a verdade completa. Grace não precisa que Matthews tenha "provas" de que são amigas. Não que a outra necessariamente fosse usar as fotos assim, mas é melhor não ter que se preocupar. Quanto menos fotos de Grace, menos precisa se preocupar de as duas aparecerem em algum lugar.

— Tudo bem, tirei das coisas importantes — diz Matthews.

Ela está provocando, mas Grace não discorda.

— Posso tomar o meu café, então? — pergunta Grace.

— À vontade.

Com isso, Matthews cuidadosamente pega o *beignet* que está por cima do prato. Mas não importa o quanto ela tome cuidado — vai cair açúcar de confeiteiro por todo lado.

— Ave Maria — diz, depois da primeira mordida. Seus lábios estão brancos por causa do açúcar. — Eu definitivamente posso me acostumar com isso.

Outro benefício da Morning Call em vez do Café du Monde: não tem ninguém por perto para ouvir Grace dizer o seguinte a Matthews:

— Isso não é um encontro.

— Se você diz, Henderson. — Ela está mais focada nos *beignets* do que em Grace.

Grace odeia a certeza arrogante na voz dela. Essa garota não a conhece, não jogou com ela. A sexualidade de Grace pode ser um segredo aberto para as suas companheiras de time, mas Matthews é novata. Elas mal começaram a jogar juntas.

— O que te faz pensar que eu curto mulher?

Matthews levanta as sobrancelhas, com a mão paralisada a meio caminho entre o prato e a boca.

— Quer dizer que não curte?

— Não foi nada disso que eu falei.

Matthews enfia na boca o que de algum jeito já é a última mordida do primeiro *beignet*.

— Ninguém beija daquele jeito sem estar interessada em mulher.

— Tecnicamente, eu não te beijei — retruca Grace.

— Ah, perdão. Ninguém chupa o pescoço de outra mulher daquele jeito sem estar interessada em mulher. Não ter me beijado não conta a seu favor. — Matthews arqueia a sobrancelha para ela. — Ainda mais porque a aposta era um beijo.

— Tá bom, que seja. Valeu. — É uma caixa de Pandora que Grace não vai abrir de novo.

Matthews deixa que ela se safe.

— Além do mais, tipo, eu era uma adolescente lésbica que curtia futebol, e existe internet. Tem fóruns inteiros do L Chat dedicados a quanto você é sapatão.

Grace curva os lábios. É por isso que não fala em público sobre a sua sexualidade. Não é da conta de ninguém, mas estar sob os holofotes faz as pessoas acharem que é. A sexualidade dela não é entretenimento, não é algo a ser consumido.

— O que o L Chat acha que é a coisa mais sapatão que eu já fiz?

— Bom, suponho que transar com uma mulher, mas aquele terninho que você usou no ESPY de 2020 é um forte concorrente.

Em vez de sorrir, Grace aperta os lábios. Até ela é capaz de admitir que era um terninho bem sapatão. Ela pega o seu *beignet* e dá uma mordida para não ter que responder.

— Além do mais, para ser sincera, mesmo que você supostamente fosse hétero — Matthews dá de ombros como se estivesse se livrando da arrogância —, isso nem sempre foi um obstáculo para mim.

— Você já transou com hétero?

— Algumas delas disseram que eram hétero.

Seria muito bom falar que aquilo não fazia sentido, mas Matthews é tão magnética que isso não surpreende Grace.

— Bom, de todo jeito, não estou interessada num relacionamento.

Matthews dá um sorrisinho malicioso.

— Quem falou em relacionamento, Henderson?

— Bom, também não estou interessada nisso. Sexo casual, quer dizer. Não é uma coisa que eu faça.

— Sério? — Matthews franze o cenho. — Mas você é gata e famosa. Pode ficar com quem quiser.

Ela fala aquilo de um jeito qualquer. Como se fosse um fato. Talvez seja. Mas Grace não é o tipo que faz sexo casual.

— Bom, eu não quero ninguém. Não assim, pelo menos.

— Ah, caralho — diz Matthews, e levanta as mãos com as palmas viradas para Grace. — Foi mal. Eu tenho a tendência de supor que todo mundo topa, bom, você sabe. Só apostas platônicas daqui para a frente, prometo. E chega de flertes.

Ela cruza os dedos na frente da boca e beija, literalmente numa jura. Grace não conhece ninguém como ela. Nem foi Matthews quem definiu os termos da primeira aposta, para começo de conversa. Era tudo coisa da Kelsey. Matthews tinha tentado deixar Grace se safar.

Ela termina o último *beignet* em silêncio, então diz:

— Mas você ainda vai me mostrar as melhores partes da cidade, né? Lembra que, sem você, eu podia ter me deixado enganar pela Randazzo's.

Grace faz que sim.

— Tá, tudo bem. Em algum momento, vamos na Dong Phuong.

— Mas não só isso — fala Matthews. — Sério, quero ver as suas coisas favoritas da cidade. Restaurantes, sim, mas também parques, prédios, sei lá. Estou me acostumando a morar fora de Indiana, mas quero amar o lugar. Você parece que ama.

— Amo.

— E, de novo, foi mal por todo… o resto. Eu interpretei mal as coisas, a culpa é minha.

Grace não consegue apontar alguma mudança específica, mas é como se Matthews tivesse reduzido o charme em vários níveis.

— Enfim — diz Matthews, e Grace fica grata por não estarem mais falando de sexo casual —, acho que é seguro dizer que você provavelmente não quer que eu te marque quando postar as fotos, né?

Grace estremece.

— É, prefiro não ser marcada.

— Então, tipo, as pessoas não podem saber que somos amigas?

Grace leva um momento para responder.

— As redes sociais estão cheias de gente que acha que sabem tudo sobre você. Eu

prefiro que as minhas sejam estritamente profissionais.

— Você não tem um perfil privado nem nada?

Ela tinha, quando era mais nova. Então, foi escolhida no lugar de uma amiga para ir viajar com o time, e a tal amiga tirou *prints* do seu perfil e compartilhou com todo mundo. Não era nada ruim; Grace só tinha falado de como se sentia por não ser titular. Mas todos acharam que ela estava esfregando na cara de quem não tinha entrado para o time para começo de conversa. A razão de ter uma conta privada era postar algo pessoal. Não era para todo mundo ver.

Grace sabe que provavelmente parece desconfiada demais. Mas é melhor prevenir do que remediar. Ela se arrependeu vezes demais. Mesmo assim, contra seu bom senso, Grace curtiu a companhia de Matthews. A garota é surpreendente, e surpreendentemente enternecedora. Grace não vai cometer os mesmos erros que cometeu com Kelsey, mas pode ser simpática com Matthews, desde que as duas entendam a situação. Ninguém precisa achar que é nada mais do que de fato é.

— Em relação a te mostrar a cidade — diz Grace, em vez de responder à pergunta de Matthews —, você está interessada em ir a um desfile de Mardi Gras?

Matthews abre um sorriso enorme. Tem açúcar de confeiteiro na bochecha dela, e Grace está se coçando para limpar com os dedos.

— Total. Eu dei um Google, na real, mas tem tantos. Não sabia qual escolher.

— Tem um bom no sábado. Eu te levo.

Faz uns anos que Grace não vai a um desfile de Mardi Gras. O desfile Krewe du Vieux passa pelo Quarter e é sempre atrevido e político. Não é necessariamente o favorito de Grace, mas é perfeito para levar alguém. Tem o que as pessoas tendem a esperar do Mardi Gras em Nova Orleans: bebida, peitos e colar de contas.

Nove



Phoebe está parada na calçada em frente ao seu prédio, esperando Grace vir buscá-la. Ela já esteve no carro de Grace quando as duas foram à Morning Call, e é exatamente o que esperava: um Subaru Imprenza verde-escuro, mais limpo por dentro e por fora do que qualquer carro que Phoebe já tenha dirigido. Não tem nada pessoal nele, nem um adesivo do escudo do Krewe como o que Phoebe já meteu na sua garrada d'água.

Grace mandou uma mensagem — pois é, agora Phoebe tem o telefone de Grace Henderson — quando saiu de casa, então Phoebe está pronta e esperando quando Grace dá a seta e para na frente do prédio.

— Oi — diz Phoebe ao se sentar no banco do passageiro. — Minha roupa está ok?

Ela gesticula em direção ao corpo. Há uma hora e meia, mandou mensagens frenéticas primeiro para Teddy, depois para Grace, perguntando o que deveria usar. Como nunca havia ido a um desfile de Mardi Gras, Teddy não ajudou em nada. Grace não foi muito melhor. O que você quiser foi a primeira resposta dela, depois seguida por Qualquer coisa verde, dourada ou roxa. Phoebe escolheu uma calça de moletom camuflada e uma blusa de moletom cropped que é mais amarelo-fluorescente do que dourada, mas torce para que seja suficiente.

— Está ótimo. — Grace dá a seta para o outro lado e volta à rua vazia. — Vai ter gente lá literalmente fantasiada de genitais. Não tem roupa errada, na verdade.

Phoebe nem consegue imaginar Grace numa multidão que inclui pessoas fantasiadas de genitais, mas, depois de estacionarem a alguns quarteirões da rota do desfile, nem precisa imaginar. Tem muita gente, todo mundo andando na mesma direção, e Phoebe se encaixa melhor do que Grace. O código de vestimenta parece

ser de fantasias absurdas e/ou muita pele à mostra. Grace está de jeans skinny preto e jaqueta de couro preta por cima de uma blusa branca. A cara de nojenta — que é um julgamento que Phoebe não gosta de fazer sobre outras mulheres, mas que definitivamente cabe para Grace Henderson — também não combina com a multidão desordeira. Todo mundo é barulhento, e soam risadas altas, alguém até toca trompete enquanto anda. Phoebe suspeita que Grace e ela sejam as pessoas mais sóbrias no desfile. Depois de uma quadra, alguém dá colares de contas às duas.

— Achei que precisasse mostrar os peitos para conseguir os colares — cochicha Phoebe a Grace, que dá de ombros.

— Com certeza não vão reclamar se você mostrar.

Phoebe abre a boca para perguntar se Grace ia reclamar, mas, desta vez, seu cérebro funciona rápido o suficiente para impedi-la de dizer algo idiota.

Grace havia sido clara. Ela não está interessada em Phoebe. Para dizer a verdade, deve ser mais inteligente não se envolver com a capitã do time, de todo jeito, não importa o quanto Phoebe não consiga parar de pensar naquele momento ao lado da máquina de vendas. Então, Phoebe não vai flertar, porque não conta como flertar se a outra parte não quer.

— Talvez mais tarde — diz ela. — Eu costumo me abrir demais, mas não exatamente nesse sentido.

Quando encontram um lugar para se posicionar, uma mesa alta quase na calçada, num bar basicamente aberto para a rua, elas já tinham coletado colares de todas as cores. Grace pede uma cerveja com um crocodilo no rótulo, e Phoebe pede um Hurricane. É uma tradição de Nova Orleans, né?

Phoebe não sabe para onde olhar. Tem gente por todo lado. O bar está lotado, e a calçada, também. Foliões enchem sacadas nos andares mais altos dos prédios da rua. Jogam contas a quem está lá embaixo. Ela não consegue acreditar no tamanho da multidão, sendo que o Mardi Gras tecnicamente só aconteceria dali a várias semanas. Grace não estava mentindo quando disse que era uma temporada toda. Tudo é roxo, verde e dourado: roupas, e contas, e bandeirolas penduradas nas sacadas. Tem alguém vendendo colares que brilham no escuro que provavelmente são superfaturados, mas mesmo assim Phoebe quer um.

Uma garçonete atarantada entrega as bebidas delas quando o início do desfile deve estar subindo a rua — o barulho da multidão começa a ficar mais alto.

E, de fato, não demora para um burrico puxar o primeiro carro alegórico até

onde elas conseguem enxergar. O carro tem um livro enorme, com 2023: VAMOS ATRASAR PARA DEVOLVER, POR KREWE DU VIEUX escrito na capa. Uma bandeira de arco-íris voa num mastro no topo.

— Você me trouxe para uma parada gay — diz Phoebe.

Grace revira os olhos.

— Não é uma parada gay. É um desfile de livros banidos.

Phoebe gesticula para o próximo carro.

— Aquilo ali são literalmente duas mulheres se pegando.

— Porque livros queer andam sendo banidos. Não porque é uma parada gay. Cada *krewe* interpreta o tema como quiser. Os *krewes* é quem fazem os carros alegóricos. E é daí que vem o nome do nosso time, óbvio.

Phoebe já sabia disso, mas não vai interromper Grace.

— A cada ano, eles têm um tema diferente — explica Grace. — Este desfile sempre é mais ousado e mais político que a maioria.

É diferente de tudo o que Phoebe já viu. Sua cidade natal tem um desfile de Quatro de Julho todo ano, mas é basicamente composto de caminhões de bombeiro e da banda do ensino fundamental, feito para famílias com crianças. As bandas neste desfile são jazzísticas, mais velhas, sem uniformes militares estranhos. E este desfile com certeza não é para famílias — se bem que Teddy ia amar pra caralho.

Grace dá mais informações sobre o desfile, a maioria das quais Phoebe já tinha visto no Google, mas também tem coisa nova.

Enquanto Grace conta que o primeiro festival de Mardi Gras nos Estados Unidos nem aconteceu em Nova Orleans, uma mulher tropeça na calçada. Sem pensar, Phoebe desce da banqueta e segura a desconhecida antes de ela cair de cara no cimento.

— Meu Deus, obrigada! — diz a mulher, com um sotaque *cajun* forte.

Phoebe a segura pelos cotovelos até ela parecer estável de novo. O sorriso grato da mulher cresce quando ela põe os olhos em Phoebe.

Ela dá uma risadinha.

— Minha heroína.

— Eu tento — diz Phoebe. Ela a solta, mas, com a multidão ao redor, a mulher não dá um passo para trás. — Você está bem?

— Graças a você — responde ela. — Meu nome é Lindsay.

— Phoebe. — Ninguém mais parou com Lindsay. — Você veio sozinha?

Ela faz um biquinho, esticando o lábio inferior pintado de vermelho-vivo.

— Meus amigos me deram um bolo.

— Ah, quer ficar com a gente? Esta é a Grace.

Phoebe volta na direção da mesa, e Lindsay vai junto. Grace mal consegue dar um sorrisinho. Claro. Obviamente, ela não ama conhecer gente nova, a julgar pelo jeito como tratou Phoebe no começo. Mas é só uma gatinha desconhecida que está sozinha no desfile. Além do mais, Phoebe tem quase certeza de que Grace não precisa se preocupar com Lindsay ficando obcecada por ela, de todo jeito. A garota mal tira os olhos de Phoebe para cumprimentar a morena.

Não tem banquetas suficientes para as três, e todas as outras mesas estão com as banquetas ocupadas, então Phoebe oferece a sua a Lindsay e fica de pé. Ela bate sem querer o quadril em Grace e pede desculpas com um sorriso. Grace termina a cerveja.

— Eu pago a próxima rodada — diz Phoebe. Grace pagou a primeira, mas Phoebe checou a sua conta bancária hoje de tarde… Ela pode pagar três bebidas. — O que você está tomando?

A garçonete sumiu, então Phoebe vai até o bar e chama o barman. Ele tenta fazer com que ela abra uma conta, mas ela não tem *tanto* dinheiro assim. Sobretudo depois de ficar sabendo quanto custam três bebidas.

De volta à mesa, Grace e Lindsay parecem não ter trocado uma palavra. Com o tanto que Grace parece ser ruim em jogar conversa fora, Phoebe não fica surpresa.

— Acho bom vocês amarem isso aqui — diz Phoebe, colocando as bebidas no meio da mesa. — Custou mais do que a maioria das minhas refeições.

— Os bares do Quarter fazem isso mesmo, ainda mais durante o Mardi Gras — responde Grace.

Em geral, Phoebe não bebe muito, mas quer ir ao bar favorito de Grace. Antes que possa perguntar qual é, Lindsay fala:

— Você não é daqui?

— Eu? — Phoebe faz que não com a cabeça. — Que nada, eu sou uma garota do Meio-Oeste. Acabei de chegar.

— Uh, uma virgem de Mardi Gras. Divertido.

Phoebe não planejava ficar com ninguém, e não é como se fosse levar Lindsay para casa nem nada, mas é um bom escape para a atração que faz sua pele formigar por estar tão perto de Grace. Ela não pode flertar com Grace, mas pode flertar com

Lindsay. Sorri como se soubesse exatamente o que Lindsay quer e deixa os olhos se demorarem. E, como esperado, Lindsay fica corada.

Aliás, Lindsay é meio parecida com Grace. Bom, uma Grace genérica, apesar de Phoebe se sentir mal por pensar isso. A pele dela é um pouquinho mais pálida, provavelmente por não passar tanto tempo no gramado, debaixo do sol. Os cabelos também são mais escuros, sem nenhuma das mechas mais claras que perpassam os fios lisos de Grace. Ela é mais magra e pouca coisa mais alta, desengonçada enquanto Grace é robusta. Robusta não parece um elogio, mas, para Phoebe, é. Grace é forte. Provavelmente é capaz de quebrar Lindsay no meio que nem um graveto.

Mas enfim. Não é essa a questão. A questão é que Phoebe tem alguém novo com quem flertar. E Grace nem pode ficar brava por ela ter convidado uma desconhecida para ficar com elas, porque Lindsay mal presta atenção em Grace.

Elas fazem as perguntas típicas de pessoas que estão se conhecendo. Lindsay é professora do ensino infantil, nascida e criada na Big Easy. Quando fica sabendo que Phoebe joga futebol, solta um assovio baixo.

— Caramba. Atleta profissional. Você é boa?

— Eu diria que sou bem boa. — Phoebe dá um sorriso na direção de Grace. — O que você acha, Henderson?

— Você nunca participou de um único jogo que não fosse no nível universitário. Não vai se adiantando.

Pelo jeito, Grace não quer ajudar Phoebe a conquistar ninguém. Não que ela precise disso.

— Ela só está mal-humorada porque fui melhor que ela no teste do bipe.

Lindsay parece interessadíssima em ouvir Phoebe explicar o que é o teste do bipe. Phoebe tem a sensação de que Lindsay pareceria interessadíssima em ouvir qualquer coisa que ela falasse. Ela chega a dar uma risadinha quando Phoebe conta que vomitou na lata de lixo, o que é bem nojento.

Sinceramente, Lindsay é gatinha, mas alguém que deixa tão óbvio que está a fim dela é menos interessante para Phoebe do que alguém como Grace, que ela até agora não conseguiu fazer rir. Sempre é melhor, mais genuíno, fazer alguém como Grace rir. Ela se sente poderosa. A forma como Lindsay olha para ela só faz Phoebe se sentir gata, o que também é bacana, mas não *tão* bacana.

Grace, claro, fica em silêncio, a boca uma linha fina. Mesmo quando Phoebe

tenta incluí-la na conversa, ela dá as respostas mais curtas possíveis. Phoebe pegaria no pé dela por ser tão introvertida se não tivesse certeza de que Grace *não* curtiria ser provocada na frente de uma desconhecida.

Conforme a noite segue, com mais carros alegóricos indecentes, bandas insanamente talentosas e — Grace tinha razão — um número surpreendente de pessoas fantasiadas de genitais, Phoebe sente… bom, talvez um pouco de saudade de casa. A noite é divertida e interessante — diferente de qualquer coisa que ela normalmente faça. Não é que ela não goste, só sente que precisa se comportar direitinho. Grace e ela estão ficando amigas, sim, mas ainda é aquele período inicial em que estão cheias de dedos — *não nesse sentido*, diz ela à sua mente suja. Ela não deveria pensar em Grace assim. Ainda mais com Lindsay à sua frente, passando o dedo pela borda do copo e batendo os cílios.

Phoebe consegue identificar quando alguém está tentando ser beijada, mas não vai fazer isso na frente de Grace. Lindsay não parece sentir necessidade de discrição. Ela chega mais perto.

A mesa balança quando Grace desce da banqueta.

— Banheiro — diz, mal-humorada, e desaparece na multidão dentro do bar.

— Que bom que ela deu um pouco de privacidade para a gente — diz Lindsay.

Ela se aproxima de novo, mas Phoebe põe a mão no ombro da outra, não com firmeza, mas com segurança.

— A gente acabou de se conhecer — diz. — E nós duas bebemos.

O sorriso de Lindsay fica maior.

— É mais divertido assim.

— Eu não quero estar bêbada se vamos… — Phoebe se interrompe. Porque ela não está exatamente *bêbada* e porque seria mentira fingir que não ama beijar bêbada. — Prefiro estar com a cabeça limpa para começar qualquer coisa.

Ela prefere não ter vindo de carona com outra pessoa que gostaria de beijar.

E, do nada, Lindsay para de sorrir.

— Então você estava me dando falsas esperanças?

— Não, não é nada disso. — Phoebe tenta voltar atrás. — Eu amaria pegar o seu telefone, e quem sabe a gente pode…

— Estou de boa. — Lindsay pega a bolsa *clutch* de cima da mesa. — Valeu por desperdiçar o meu tempo.

Ela sai sem dizer outra palavra. Phoebe continua olhando bem depois de ela já

ter desaparecido na multidão da calçada. Foi… diferente do que ela esperava que acontecesse. Quando Phoebe ficou tão ruim em ler as pessoas com quem flerta? Não que possa culpar Lindsay por ficar chateada. O Mardi Gras parece o momento perfeito para ficar alegrinha e pegar uma menina que ela acabou de conhecer. Se Phoebe conhecesse Grace um pouco melhor, talvez não tivesse impedido Lindsay — ela já tinha abandonado os amigos por uma mulher gata antes, mas parece grosseiro fazer isso com Grace, que lhe fez um favor trazendo-a hoje.

Olhando pelo lado bom, pelo menos não precisa mais ficar de pé. Ela retorna ao seu assento quando Grace volta.

— Aonde a sua mina foi? — pergunta Grace.

Phoebe não quer admitir o quanto foi rejeitada.

— Ela tinha um compromisso. Mas pegou o meu telefone, então, tipo, quem sabe outro dia.

— Que ótimo.

Phoebe torce para Grace se soltar agora que Lindsay foi embora. No começo da noite, ela estava bem falante — falante para Grace, pelo menos. O desfile já acabou, mas, para algumas pessoas, aparentemente isso quer dizer que a festa está só começando. Por algum motivo, Phoebe duvida que Grace seja do tipo que gosta de festa.

— E agora?

— Eu termino isso — diz Grace, inclinando a garrafa de cerveja na direção de Phoebe —, e a gente vai embora.

— Certo — diz Phoebe. — Foi o que imaginei. É que… é, eu só queria ter certeza. Não tem por que ficar na rua sendo que eu talvez já esteja de ressaca no meu turno da manhã na lanchonete. Você chegou a falar se conhece o lugar? Bourré Café?

— Não. — Grace dá um gole na cerveja.

Aparentemente, aquela Grace falante se mandou. Elas terminam a bebida em silêncio. Phoebe fica desejando nunca ter convidado Lindsay à mesa delas — claramente, a companhia gastou toda a energia social de Grace. Phoebe se divertiu flertando, mas tem quase certeza de que teria se divertido mais perturbando Grace.

No caminho de volta ao carro, ela tem que perguntar:

— Você se divertiu?

— Claro — responde Grace. — Por que não teria me divertido?

— Só queria saber — diz Phoebe. — Eu me diverti.

— Ah, sim, Fenô, deu pra perceber.

A risada de Phoebe sai parecendo uma risadinha de nervoso. Ela gosta que Grace se sinta confortável o suficiente para pegar no pé dela.

Dez



Grace não dorme bem. Fica deitada na cama olhando o teto, dizendo a si mesma para parar de pensar em Matthews. Na forma como sorriu para aquela outra mulher. Na forma como ficou perto demais dela, na forma como permitiu que a sua mão encontrasse a pele da outra para enfatizar um argumento ou rir de uma piada — qualquer desculpa, pelo jeito, só para poder tocá-la.

Não é que Grace esteja com ciúme. Isso só confirma que Matthews não ligava de verdade para ela, não estava interessada em nada além de transar com uma pessoa famosa. Grace tinha razão em dizer que não estava interessada. Ela não quer se envolver com ninguém que seja capaz de trocar de parceira sem nem se importar.

Saber que tomou a decisão certa não diminui a raiva que borbulha nas veias. Grace não gosta de ser usada. Já aconteceu o suficiente na sua carreira, sendo porta-voz de empresas que literalmente pagam para usar a fama, a celebridade, o reconhecimento do nome dela. Ela se recusa a aceitar isso na vida pessoal.

Aliás, vai dizer isso a Matthews, que pareceu alegre o suficiente para não perceber o quanto Grace estava irritada ontem à noite. A mulher claramente passa com tranquilidade pela vida sem pensar nos outros. Se ela vai fazer parte do Krewe, é inaceitável. É responsabilidade de Grace, como capitã, exigir de Matthews um padrão de comportamento mais alto do que esse.

O restante do time volta amanhã para o começo oficial da pré-temporada, mas Grace não precisa fazer isso na frente de todo mundo. E, de todo modo, ela sabe onde Matthews está no momento: de ressaca e servindo café da manhã no Bourré Café.



É só quando está dentro da lanchonete que Grace percebe que não planejou um discurso. Deveria ter planejado. Precisa de algo para focar que não seja o ninho de cabelos ruivos que tenta escapar da rede que Matthews enfiou de qualquer jeito na cabeça. Matthews está usando um avental branco curto por cima de uma camisa polo azul-petróleo, colocada por dentro dos shorts pretos. Ela é tão alta que, mesmo com mesas entre as duas, Grace vê pele demais das coxas saindo por baixo do avental.

— Grace! — exclama Matthews quando os olhos delas se encontram. Ela imediatamente se encolhe, como se o barulho tivesse sido alto demais, apesar de ter sido feito por ela mesma. Muito mais baixo, continua: — Veio me ver sofrer?

— Quero conversar com você — diz Grace.

— Está bem. Cabine ou mesa?

— Eu vim conversar, não comer.

— Sim, mas o meu gerente está lá atrás, e é minha primeira semana, e ele é meio bravo. Tipo, eu meio que entendo por que tanta gente pede demissão. Então, tipo, será que você pode só se sentar logo?

— Cabine — resmunga Grace.

— Por aqui.

Matthews coloca Grace do lado oposto de onde estão todos os outros clientes. Se Grace realmente fosse pedir algo, não seria eficiente para Matthews ter que ir tão longe servi-la, mas, dessa forma, as duas têm privacidade para conversar.

— Pode pedir um café ou algo assim também? Só para não parecer que você está ocupando uma mesa sem consumir nada.

— Você acha mesmo que eles estão preocupados comigo ocupando espaço sendo que só tem mais três mesas ocupadas?

— Sei lá! Só não quero me encrencar por receber visitas de amigas.

Lá está aquela palavra de novo: amigas.

— Tá bom. — Grace vira a caneca que está de boca para baixo à sua frente. — Pode ser café.

Matthews serve do bule que está na sua mão.

— Vou deixar o cardápio para você dar uma olhada. Preciso checar as outras mesas, um segundo.

— Matthews, dá só para a gente…

Mas ela já se foi, checando como está a comida dos outros clientes, rindo alto de algo que um deles diz.

Grace franze a testa e se serve de um pouco de leite. Ela precisa mesmo da cafeína, com o tanto que dormiu mal.

Ela está na metade da caneca quando Matthews volta à mesa.

— Certeza de que não quer comida? Dallas, da cozinha, faz umas batatas crocantes recheadas maravilhosas.

— Eu já disse que não vim comer.

— Verdade — fala Matthews. — Sobre o que quer conversar?

— Sobre como você flertou com aquela mulher ontem à noite.

As sobrancelhas de Matthews pulam pela testa.

— Quê?

— No desfile.

— Sim, eu sei onde a gente estava ontem à noite. Mas você quer falar do *quê*?

— Você flertou com ela. Depois de passar toda a semana passada flertando comigo.

Matthews inclina a cabeça para o lado, franzindo o cenho.

— Sim, mas você me disse que não estava interessada.

— E não estou!

— Então, qual o problema?

— Eu claramente era só uma celebridade no seu álbum de figurinhas mesmo.

Alguém assovia, e Matthews gira a cabeça para olhar o balcão, onde está outro funcionário. Pelo jeito como acena com a cabeça na direção de uma mesa recém-desocupada, como se Matthews já devesse estar limpando, deve ser o gerente. Os clientes ainda nem saíram da lanchonete. Matthews se afasta de Grace sem falar nada. Aparentemente, ela tinha razão de se preocupar em ter uma amiga no trabalho, se é assim que o gerente age.

Não que Grace seja uma amiga — ela é capitã de Matthews. Esta é uma conversa profissional. Grace bebe o café devagar, vendo o próprio polegar roçar para a frente e para trás na cerâmica lisa.

Quando Matthews volta, ela continua a conversa sem preâmbulo:

— Você não foi uma figurinha no meu álbum, né? A gente nem fez nada.

Grace suspira.

— É o princípio da coisa.

— Que é qual, exatamente?

— Você não pode usar as pessoas.

— Eu não te usei! Eu flertei com você!

Grace mantém a voz estável.

— Você obviamente não estava nem aí para mim, se foi tão fácil achar uma pessoa nova com quem flertar.

— Você disse especificamente que não estava interessada num relacionamento nem em nada casual. Então, parei de flertar. Não entendo por que isso é um problema.

— Você não notou que eu estava chateada com o seu comportamento ontem.

— Meu *comportamento*? — solta Phoebe, mas Grace fala por cima.

— Você claramente só estava prestando atenção no que achava importante. Numa situação social, é uma coisa, mas, como sua capitã, quero te dizer que isso vai ser inaceitável quando o restante do time chegar amanhã para se apresentar.

Matthews a encara por um momento sem responder. Grace não quebra o contato visual.

— Você está aqui como minha capitã?

— Sim.

— Para me dizer que está puta porque flertei com outra?

— Sim. — Grace pisca. — Bom… não. Não estou puta.

— Você parece estar puta.

— Não. Só estou…

— "Chateada com o meu comportamento" foram as suas palavras.

Grace não precisa que Matthews a lembre.

— Sim. Estou…

— Com ciúme.

— *Quê?*

— Você obviamente está com ciúme por eu ter flertado com outra pessoa.

É tão absurdo que Grace abre e fecha a boca duas vezes antes de conseguir formular uma resposta.

— Não estou, não. Como te disse, não estou interessada num relacionamento.

— Eu não disse que estava — retruca Matthews. — Mas com certeza também não quer que eu flerte com alguém que não seja você.

— Não. Eu vim aqui como a sua capitã.

— Você me procurou no trabalho para mandar que eu não flertasse com outras pessoas.

— Não. Eu procurei você… — Esta conversa está saindo do controle. Matthews fica interrompendo e distorcendo as palavras dela e tirando-a do prumo. — Na verdade, eu não te procurei. Você me disse que ia estar aqui. Passei para discutir o que é e o que não é comportamento adequado para quando o time chegar.

— E não é adequado que eu flerte com pessoas que não sejam você.

— Eu não falei isso. Eu…

— Eu sei que eu disse que era obcecada por você, mas parece que talvez seja o contrário — diz Matthews. — Isso é bem esquisito.

Grace faz uma careta de desdém.

— Não mais esquisito do que pular uma cerca para vir conversar comigo durante um treino.

— Tem razão. — Grace fica contente com as palavras, mas não com o sorriso arrogante que Matthews dá. — Acho que nós duas estamos meio esquisitas uma em relação à outra.

Matthews fica parada com o quadril apoiado na cabine onde Grace está sentada. Debaixo do avental, os shorts dela são tão curtos que as pernas parecem nuas, só *pele pele pele* até chegar a um par de alpargatas desbotadas. Grace deve ter tomado cafeína demais, pelo jeito como o seu coração dobra de ritmo no peito.

Uma sineta soa na cozinha.

— Pedido!

— Já volto — diz Matthews, apontando um dedo para Grace. — A gente devia continuar essa conversa.

Ela vai entregar a comida a outros clientes. E, quando está de costas e com a atenção desviada, Grace joga dinheiro demais na mesa e foge.

Onze



Quando Phoebe volta à cabine, Grace havia ido embora. Há duas notas de dez dólares na mesa. Um café custa dois dólares. Pelo menos, ela deixou uma boa gorjeta.

Phoebe quer rir do que aconteceu. É engraçado que Grace tenha invadido o local de trabalho dela — *como capitã dela*, claro. É que… Phoebe nem sempre é boa em entender seus sentimentos, mas isso é ridículo. Grace está com ciúme e não quer admitir, ou talvez nem perceba, e Phoebe quer muito zoar com a cara dela por isso.

Mas, também, Grace é Grace. Phoebe quer zoar com a cara dela porque é hilário e fofo, mas Grace não parece ser do tipo que curte ser provocada. Não assim, pelo menos. E, se Phoebe vai descobrir se Grace gosta de ser provocada de algum *outro* jeito, precisa fazer isso do jeito certo.

E… talvez Phoebe nunca descubra. Só porque Grace está com ciúme não quer dizer que vai acontecer alguma coisa. Ela falou que não estava interessada num relacionamento nem em sexo casual. Phoebe não entende isso, mas não vai desrespeitá-la. Mas se ver Phoebe falar com outra mulher fez Grace mudar de ideia… Se Grace não tivesse fugido, elas poderiam ter conversado. Em vez disso, Phoebe tem que atender outras mesas com o cérebro fervilhando. Ela não faz a menor ideia de como lidar com aquela situação.

Na entressafra entre café da manhã e almoço, Phoebe se recosta numa pia na cozinha e conversa com Dallas, sua pessoa favorita no trabalho. A única pessoa no trabalho, no momento, agora que o gerente saiu. Dallas usa um rabo de cavalo de dreads, pronomes neutros na etiqueta de nome e tem uma tatuagem de escorpião no antebraço.

— Dallas? Você curte mulher?

Dallas dá de ombros.

— Não curto muito ninguém, na real.

— Que bom. — Phoebe aponta para elu. — Mulheres são confusas demais. É bem melhor não curtir elas. Não que… eu não estava querendo dizer que curtir mulheres seja uma escolha ou não. Curtir qualquer um ou não. E, tipo, eu sei que ser arromântico ou assexual não é só alegria. Não que você necessariamente se identifique com um desses dois rótulos. Só estou falando que…

— Respira aí, ruiva — diz Dallas. — Eu entendi.

— Ah, que bom. Não quero ofender…

— Então, você está arrumando problema com mulher? — pergunta elu, em vez de deixar Phoebe tagarelar mais.

Ela abaixa a cabeça nas mãos.

— Estou arrumando confusão.

— Quer conversar?

— Ah, não precisa… com certeza você tem coisa melhor para fazer.

Dallas gesticula para a lanchonete, agora vazia.

— Na verdade, não.

— Ah, é.

Phoebe quer, sim, conversar. Desesperadamente. Mas quer conversar com *Grace*. Além do mais, tipo, Grace gosta de privacidade. Ainda não está claro se ela saiu do armário para alguém. Mas não é como se Dallas fosse fã de futebol feminino nem nada assim. Provavelmente não vai fazer diferença se Phoebe contar.

Mas, também, o que Dallas vai dizer a ela? Phoebe não pode conseguir respostas delu, então nem vai ser uma conversa produtiva — vai ser só Phoebe desabafando.

— Deixa para lá — diz ela. — Tem jeito melhor de passar o tempo mesmo com o lugar vazio. Tipo… me conta um fato interessante.

— Sobre mim ou o quê?

— Sobre qualquer coisa.

Sem hesitação, Dallas diz:

— As árvores se comunicam através dos cogumelos.

O resto do turno é bem tranquilo, com uma leve acelerada na hora do almoço. Phoebe e Dallas passam o tempo todo falando de cogumelos. Ela tinha razão — é um jeito bem melhor de passar o tempo.



Depois do trabalho, Phoebe vai para casa e toma um banho antes de desmaiar na cama. Não está mais de ressaca — as batatas crocantes recheadas de Dallas com ovos de gema mole em cima basicamente curaram isso —, só cansada. Ao acordar, fica olhando o celular em vez de sair da cama. Sua mala, ainda quase intacta, chama-a do armário vazio. A mala de coisas que não são roupas continua na sala, também quase intacta. Ela só desembalou itens de que precisava de imediato: a única panela e a única frigideira que compõem seu jogo de cozinha, roupas de ginástica suficientes para só ter precisado lavar roupa uma vez durante a semana que passou aqui, luzinhas para pendurar no topo da parede do quarto, seus bonés e a prateleira que Teddy lhe deu de aniversário há alguns anos para pendurá-los atrás da porta.

Ela teve tempo de desfazer as malas. Sabe que já deveria ter feito isso e até quer fazer, sério. O apartamento meio caído fornecido pelo time vai ter bem mais cara de casa com as fotos dela nas estantes e tal. Só que sempre tem outras coisas mais interessantes a fazer. Talvez hoje ela coloque a temporada de Bob The Drag Queen no *RuPaul's Drag Race* e comece a tirar as coisas. O pensamento a faz enrugar o nariz. Definitivamente, tem outras coisas que ela preferiria fazer hoje.

Para Phoebe, às vezes, sexo é como futebol. Apesar de geralmente ser mais com uma pessoa só em vez de ter um time todo envolvido, e não é que Phoebe *nunca* tenha feito na frente de espectadores, mas… a questão não é essa.

Sexo é como futebol no sentido de que Phoebe é boa nisso.

Ela gosta. É um jogo, e Phoebe sabe que não necessariamente importa muito no longo prazo, mas, às vezes, parece a coisa mais importante do mundo. Phoebe não *precisa* de sexo, mas, se houver a opção, é improvável que ela negue, assim como quase sempre topa uma partidinha.

Sexo e futebol são os tipos de jogos em que Phoebe é boa, mas, no que diz respeito a estar a fim de alguém, ela nunca entendeu os joguinhos. Não quer deixar Grace desconfortável, mas quer ser sincera. Porque Grace *está* a fim dela, mesmo que não queira estar. Normalmente, Phoebe forçaria a barra — se ela está a fim de alguém que está a fim dela, não devia ter nenhum obstáculo. Mas Grace disse que não estava interessada em sexo casual nem em um relacionamento. Então, o que sobra?

Phoebe poderia voltar a flertar. Ela curte flertar. É divertido. Grace não precisa

querer transar com ela para querer continuar flertando, né? Não estaria ultrapassando limite algum.

De novo, se Grace não tivesse fugido de manhã, elas poderiam ter *falado disso*, mas não.

É idiota deixar uma coisa inflamar sendo que elas podem só conversar. E, por algum motivo, ela não acha que vai ser Grace a quebrar o silêncio entre as duas.

Da próxima vez que vir Grace, elas vão estar cercadas de outras pessoas. O restante do Krewe se apresenta amanhã para a pré-temporada. Se elas vão se acertar, tem que ser hoje. Desfazer as malas pode esperar.

Phoebe destrava o celular e abre as mensagens. O último a enviar alguma coisa foi Teddy — uma atualização sobre a cliente de personal favorita de Phoebe, a sra. Frankenberger —, e sua conversa com Grace está logo abaixo.

Tem tanta coisa que ela poderia dizer. *Por que você foi embora?* E *Eu meio que gostei de ver você com ciúmes.* E *Podemos por favor entender isso antes do resto do time chegar?* Sinceramente — ela com certeza quer ficar com Grace, mas não às custas da amizade delicada que está crescendo entre elas. Phoebe gosta de Grace independentemente de achar que ela é muito gata. Outro dia, na Morning Call, ficou com medo de ter fodido a chance delas de ter uma amizade normal por flertar demais. Ela ainda está… não pisando em ovos, exatamente, mas tentando ir com calma. Grace é capitã e colega de time de Phoebe, e é legal, interessante e divertida. Phoebe não quer estragar nada. Só quer que as duas se acertem, garantir que esteja tudo bem entre elas.

Eu sou tipo um cachorro que precisa correr num parque às vezes, senão fico inquieta. Só que, em vez de um parque, é um campo de futebol. Quer bater uma bola?

Phoebe nunca teve cachorro, mas era a passeadora do bairro antes de ter idade para conseguir um emprego de verdade. Ser babá era responsabilidade demais para ela, mas com cães dava para lidar. Grace provavelmente vai achar a mensagem ridícula, mas dane-se. Tem o benefício de ao mesmo tempo ser verdade e uma bandeira branca, uma forma de superar o que quer que tenha feito Grace fugir de

manhã.

Phoebe sabe que é melhor não ficar olhando os três pontinhos enquanto Grace digita. Mesmo assim, fica. Eles aparecem, desaparecem, reaparecem e desaparecem de novo sem chegar nada por tempo suficiente para Phoebe ter que tocar a tela do telefone para ele não travar. Claro que Grace está pensando demais nisso. Ela pensa demais em tudo.

Finalmente, chega uma resposta.

Te encontro no estádio.

Doze



Matthews disse que seu celular anda morrendo do nada, então Grace não manda uma mensagem ao chegar no estádio. Em vez disso, deixa as coisas no vestiário e vai direto para o campo. Matthews está esparramada de costas no meio, olhando para o céu. Grace morde o lábio inferior, arrastando os pés pela grama enquanto se direciona ao meio de campo.

O que Grace pode dizer? O que *quer* dizer? Ela não tem nada preparado. Quando Matthews mandou mensagem, Grace não se permitiu pensar demais antes de concordar. Um campo de futebol faz sentido para ela, mesmo que a mulher deitada no meio dele não faça.

Tudo na roupa de Matthews é brilhante: shorts verde-néon que mal passam da barra da blusa, uma camiseta roxa do Krewe cujas mangas ela já cortou. Enquanto Grace se aproxima, seus olhos alternam entre o longo trecho das pernas de Matthews e o top amarelo-fluorescente visível pelos furos gigantes que Matthews cortou para os braços na camiseta.

— Você tinha razão — diz Matthews, pousando os olhos em Grace, apesar de continuar deitada de costas.

Grace engole em seco.

— Tinha?

— Treinar depois de o sol se pôr é inteligente, não ridículo.

— Você chama isso aí de treinar?

Matthews ri.

— Eu estava correndo em volta do campo enquanto você não chegava. Só estou fazendo uma pausa.

— Achei que você quisesse bater uma bola, não correr.

— É, mas… — Matthews faz uma pausa, como se não quisesse admitir o que diria a seguir. — Esqueci onde as bolas ficam.

— Levanta — diz Grace. — Eu te mostro.

Matthews fica de pé num salto, de repente perto demais para o gosto de Grace. Ela dá um passo atrás, mas Matthews a segue. Certo. É para seguir mesmo. Ela precisa fazer isso, se Grace vai mostrar onde estão as bolas. Grace gira os ombros para trás.

O silêncio é desconfortável, mas Grace não tem nada a dizer. Da última vez que tentou se explicar, não se saiu exatamente bem. Ela agora consegue admitir que talvez esteja com um pouco de ciúme. Mas isso não muda nada. Ela continua não interessada num relacionamento ou em sexo casual. Matthews é uma colega de time e poderia virar uma amiga; qualquer coisa além disso é querer drama. Grace não gosta de bagunça. Não vai se envergonhar de novo ao abrir a porta para algum sentimento em potencial.

Então, ela não diz nada enquanto Matthews a segue pelos corredores em direção à sala de equipamentos.

— Estão aqui — diz Grace, e abre a porta, mas, quando se vira para Matthews, a ruiva está digitando no telefone, que aparentemente não desligou.

Não é ciúme que explode no peito de Grace; é frustração. Sim, a primeira coisa que lhe vem à mente é que Matthews deve estar mandando mensagem para a mulher do desfile, mas não importa de verdade com quem está falando. Foi ela que pediu para que Grace a encontrasse aqui e, agora, não consegue se dar ao trabalho de prestar atenção.

— Olha, você quer bater bola ou quer ficar brincando no celular?

O rosto de Matthews fica vermelho por baixo das sardinhas. Ela passa o telefone para o bolso minúsculo dos shorts.

— Eu, hum, só estava anotando onde as bolas ficam para poder olhar as minhas notas da próxima vez que esquecer.

— Ah — diz Grace. — É uma boa ideia. Desculpa por ser grossa.

Matthews pisca para ela.

— Não tem problema. De boa.

Sinceramente, funciona melhor quando Grace não fala. Parece ser o único jeito de evitar que as suas emoções levem a melhor. Ela entrega uma bola a Matthews e faz um gesto para a colega ir na frente até o campo.

Enquanto descem o corredor, Matthews fala:

— Você sabia que árvores podem compartilhar nutrientes por meio dos cogumelos?

— Quê?

— É verdade. Não tipo a parte dos cogumelos que realmente cresce acima do solo nem nada assim, mas cogumelos são que nem icebergs, tem bem mais embaixo da superfície do que enxergamos. Parece que eles têm um monte de fiozinhos que conectam florestas inteiras de árvores por meio das raízes. Então, tipo, especialmente para as arvorezinhas que não recebem luz do sol suficiente, as árvores mais velhas mandam nutrientes por meio dos fios de cogumelos.

Grace odeia quando falam em metáforas. Nunca faz sentido para ela.

— Por que você está me contando isso?

— Ah. — Grace dá de ombros. — Eu aprendi recentemente e achei legal. É insano que alguns cogumelos sejam um prato delicioso e que outros podem te matar só de você comer metade do chapéu.

Talvez não seja uma metáfora. Matthews realmente está só compartilhando fatos sobre cogumelos.

— Para ser sincera — diz Matthews enquanto elas empurram as portas duplas que levam ao campo —, sabe como algumas pessoas não gostam de comer carne ou, tipo, especificamente carne suína porque os porcos são muito inteligentes? Com esse critério, não sei não se devíamos comer cogumelos. — Ela joga a bola na grama, dribla a alguns metros, então se vira e passa para Grace.

— Você acha que cogumelos são inteligentes demais para a gente comer? — Grace passa a bola de volta.

— Assim, eu pessoalmente não acho, mas como porco. — Ela dá um passe um pouco à frente de Grace, fazendo-a correr para pegar. — Mas cogumelos compartilham um pouco mais de DNA com as pessoas do que as plantas.

— O que acha das bananas? A gente compartilha cinquenta por cento do nosso DNA com elas. — Grace leu isso em algum lugar e nunca esqueceu.

— Amei — diz Matthews, então sorri e sai pelo campo com a bola.

Sem pensar, Grace corre atrás dela.

Num jogo, Grace tem que pensar. Ela é a capitã do Krewe; é encarregada de falar com os juízes. Tem que prestar atenção em como todo mundo está jogando, saber quando motivar uma jogadora ou dar uma chamada nela. Durante um jogo, Grace

tem responsabilidades. Mas aqui? Só ela, Matthews e uma bola? Grace pode deixar o instinto tomar conta. Jogar futebol é assim: instintivo. Algo que ela não consegue se lembrar de não saber fazer. Ela se esforça, claro, mas é melhor quando vem naturalmente. Os jogos em que faz jogadas incríveis são aqueles que não consegue descrever depois — não consegue explicar o que aconteceu ou como ela fez algo, ela só foi lá e fez.

No campo com Matthews, sem luzes no estádio para se contrapor ao céu que vai escurecendo devagar — Grace não sabe como pega a bola, mas está aos seus pés, com Matthews pressionando às suas costas. Grace dança para mantê-la longe da bola.

Elas vão assim para a frente e para trás, sem parar. Em algum ponto, Grace tira a blusa e ambas jogam longe os sapatos e as meias. São um emaranhado de pés descalços e braços compridos, jogando mais fisicamente do que Grace teria permissão de fazer num jogo oficial. É a primeira vez que Grace teve contato físico com outra pessoa desde a concentração em janeiro. Toda vez que os corpos delas se encontram, o jogo fica um pouco mais truculento.

Em dado momento, Matthews bate em Grace com o quadril forte o bastante para derrubá-la. Em vez de ficar de pé num salto, Grace estende a mão e pega Matthews pelo tornozelo para fazê-la cair também. Matthews ri ao se espraiar na grama, de forma que Grace nem se sente culpada. As duas ficam lá deitadas por um instante, respirando pesado e olhando o céu, onde as primeiras estrelas lutam com as luzes da cidade para aparecer.

— Então, vamos conversar sobre o assunto? — pergunta Matthews após recuperar o fôlego.

Grace considera.

Ela ainda não sabe o que quer dizer.

— Não. Não vamos.

Matthews dá uma risada baixinha.

— Tá bom.

Grace não esperava que fosse ser tão fácil. Matthews vive forçando a barra, desafiando-a de formas que outras pessoas não fazem. Grace é veterana, capitã, profissional, uma superestrela talentosa. É assim que a veem. Ela não sabe o que achar dessa novata que age como se nada disso importasse. *Não* importa, Grace sabe, mas ninguém mais parece saber. Ela é só uma pessoa. Na maior parte do

tempo, deseja que os outros reconheçam isso, em vez de fingir que ela é *especial*. Mas é exatamente o que Matthews faz, e Grace não sabe lidar com isso.

Depois de um tempo, as duas se levantam e voltam ao vestiário. Grace planejava tomar banho em casa, mas Matthews puxa a regata pela cabeça, revelando aquela porcaria de top amarelo-fluorescente. Grace se ocupa arrumando as coisas no armário, apesar de tudo já estar no lugar.

Matthews se senta no banco. Usa a camiseta para secar o suor do corpo.

— Não acredito que o time todo vai estar aqui amanhã — comenta ela. — O primeiro dia da minha primeira temporada como jogadora profissional de futebol.

O primeiro jogo profissional de Grace foi há quase uma década. Ela teve que pedir uma autorização para jogar, já que ainda não tinha dezoito anos. Matthews não é tão mais jovem do que ela, mas parece que elas vêm de mundos diferentes.

— Você acha que apostar que vou chegar na hora amanhã vai me ajudar a ser pontual? — Matthews balança a cabeça para a própria pergunta. — Tá, para ser sincera, sei a resposta porque já tentei antes; não funciona. Mas, mesmo assim, deveríamos tentar. Talvez na décima nona vez dê certo.

Grace fala sem pensar.

— Se você chegar cedo, eu tranço os seus cabelos.

Phoebe praticamente gargalha.

— Tá, sei que você disse que a gente não vai falar do assunto, mas isso é *flertar*. É flertar bem. Hendy, você tem *lábia*. Você nem me mostrou isso antes… bom, acho que mostrou com a coisa toda de me beijar, mas não na boca. Aquilo também foi um belo flerte.

Grace respira pelo nariz e mantém os olhos no armário. Matthews é como o sol, parece que, se Grace olhar de perto demais, vai ficar cega. Aquele sorriso é ainda mais brilhante.

— Mas, sim, tá bom — diz Matthews. — Vai funcionar melhor do que me falar o horário errado, para ser sincera.

Grace aperta os lábios em vez de sorrir. Ela apostaria que Matthews nem lembra o nome da mulher do desfile, mas a ideia das mãos de Grace nos cabelos dela vai fazê-la chegar mais cedo ao treino.

Não que Grace esteja competindo com uma desconhecida. Mas é gostoso.

Essa é a questão com Matthews: passar tempo com ela é diferente de passar tempo com qualquer outra pessoa. Se você tivesse dito a Grace mês passado que

haveria uma novata que interrompeu o treinamento pré-temporada dela, que pediu um tour da cidade, que se infiltrou na vida de Grace desse jeito, ela teria odiado. Na teoria, Matthews parece terrível. Ela é tudo o que Grace não é: espalhafatosa, tagarela e brincalhona. Confia rápido e flerta mais rápido ainda. Em geral, Grace odeia gente que é o palhaço da turma, mas hoje foi divertido. Os *beignets* foram divertidos. Matthews é… surpreendente.

Ela também parece ter esquecido que está tirando a roupa. Ainda está seminua no banco em frente aos armários delas, olhando o celular. A barriga dela é surreal. A escultura perfeita dos músculos de Matthews contrasta com os cabelos bagunçados que ela soltou do rabo de cavalo. O corpo de Grace vibra com o treino delas, ou talvez só com a corporalidade daquilo, o contato, aquele abdome pressionado nas costas de Grace quando Matthews tentou dar um encontrão para ela sair da bola.

Grace deveria dar boa-noite. Deveria ir para casa fazer a sua rotina noturna e dormir o máximo possível para se preparar para amanhã. Ela sabe disso.

Quando Grace tinha nove anos, aprendeu a fazer trança embutida.

Quando Grace tinha onze anos, ela e a mãe se mudaram para o outro lado do país para ela poder jogar futebol.

Quando Grace tinha dezesseis anos, ela ganhou milhares de seguidores depois de jogar pela seleção pela primeira vez e entendeu que o seu desempenho não tinha a ver só com ela.

Grace tinha passado a vida inteira se controlando. Paciência, disciplina, responsabilidade. É a filha mais velha, capitã, veterana de qualquer time em que esteja. Uma líder. Um exemplo. Ela sabe o que deveria fazer.

Em vez disso, deixa as chaves no armário e vai até Matthews.

Matthews não parece notar a chegada de Grace até ela estar bem à sua frente. Grace chega mais perto, e Matthews se inclina para trás, abrindo espaço para Grace colocar os joelhos no banco, um de cada lado do quadril dela. Ela joga o telefone para o lado sem olhar para ver onde caiu. Grace passa os braços pelo pescoço de Matthews.

Matthews sorri, com covinhas profundas como o Grand Canyon.

— Achei que não fôssemos falar do assunto.

— Quem está falando? — pergunta Grace, e a beija.

Matthews não perde um segundo. Suas mãos seguram a cintura de Grace, que inclina a cabeça para ter um ângulo melhor. De algum jeito, Matthews continua

sorrindo, mesmo durante o beijo. Quando a sua boca se abre e as línguas se tocam pela primeira vez, Grace sente nos dedos dos pés. Matthews beija como flerta, como joga, como parece viver: como se nunca tivesse duvidado de si mesma. E por que duvidaria? Pelo menos em relação a como beija, não tem com que se preocupar. Trinta segundos de lábios, e língua, e ocasionalmente dentes, e Grace não pensou direito em como ia ser antes de se sentar no colo de Matthews, mas agora pensou. Elas não vão sair deste banco até ela fazer Matthews perder o controle.

Matthews quebra a conexão entre as bocas para beijar o maxilar de Grace.

— Aposto que consigo fazer você gozar primeiro.

— Você está falando — diz Grace, respondendo à própria pergunta de antes. — Claro que está falando. Cala a boca e usa essa língua de um jeito melhor.

Matthews obedece, sugando o ponto de pulsação no pescoço de Grace, que geme e rebola. Faz muito tempo desde que ela fez isso, e o seu corpo parece desesperado, como se estivesse se mexendo por vontade própria, sem pedir a permissão de Grace antes, colocando as mãos nos cabelos zoneados de Matthews e roçando de novo os quadris, devassa e despreocupada.

Grace fica feliz por ela e Kelsey nunca terem… Matthews desliza a mão para agarrar a bunda de Grace, e ela para de pensar em Kelsey.

Matthews aperta a bunda de Grace enquanto voltam a se beijar. As mãos dela são fortes. Um minuto de beijo e já está enlouquecida. Matthews se afasta para chupar o pescoço dela de novo.

— Matthews — murmura Grace, e era para encorajá-la, mas a outra para em vez disso.

Grace leva um momento para perceber que ela está rindo.

— Você vai mesmo me chamar de Matthews enquanto a gente faz isso?

— Você prefere Fenô?

Matthews solta outra risada antes de pôr a boca de volta na pele de Grace. Suas mãos encontram a barra da regata de Grace e deslizam devagar para cima. Devagar demais — Grace estende o braço e a puxa sozinha.

Ela está sem blusa no colo de uma mulher sem blusa. Talvez possa começar a chamá-la pelo primeiro nome.

Phoebe — o nome parece estranho até na mente de Grace — está sendo delicada demais. Não é que Grace queira que ela deixe marcas — aliás, agradece que ela esteja tomando cuidado, sobretudo porque o restante do time chega amanhã. Usar

maquiagem enquanto treina no calor de Nova Orleans não é a receita do sucesso. Mas Grace quer mais, quer dentes em vez de língua, quer *sentir* isso, porque faz muito tempo que não sente nada assim.

— Quero a minha boca nos seus peitos. — Phoebe parece estar sem ar.

A cabeça de Grace gira. Seu top está apertado; ela provavelmente está parecendo mais maluca do que sexy tentando arrancá-lo. Mas Matthews — Phoebe — quem quer que seja — não tem comentários sarcásticos. Desta vez, não tem comentário nenhum, só olha, faminta, para os peitos de Grace. Grace já ficou nua neste vestiário mais vezes do que consegue contar. Mas isso é diferente. Ninguém nunca a olhou assim no vestiário antes. É possível que ninguém a tenha olhado assim na vida. Grace sente o corpo todo quente.

— Achei que você quisesse pôr a boca neles.

— Caralho, quero muito.

Phoebe fecha os lábios em torno de um dos mamilos de Grace, que leva a mão à nuca de Phoebe, segurando-a no lugar. Ela disse que não estava interessada em sexo casual e sabe dos seus motivos, sabe mesmo, mas, no momento, não consegue se lembrar de absolutamente nenhum deles.

— Como você é gostosa.

— Obrigada, Fenô, mas não decidimos que tem coisa melhor para você fazer com a boca do que falar?

Phoebe dá uma risada, mas não tem uma resposta espertinha. Volta a atenção aos seios de Grace. Enquanto suga o outro mamilo, suas mãos se movem, os dedos traçando o cós dos shorts de Grace, então provocando na parte de baixo, onde caem sobre as coxas. Grace não consegue decidir no que se concentrar. A boca de Phoebe é incrível, mas as mãos dela são como uma promessa que Grace quer que seja cumprida imediatamente.

Grace fica mexendo os quadris, tentando levar as mãos de Phoebe para onde ela quer, mas Matthews não deve estar captando a mensagem, porque, em vez de focar o centro de Grace, sente a necessidade de se afastar e perguntar:

— Posso te tocar?

— Acho bom você fazer isso.

Phoebe dá um sorriso tão largo quando Grace se inclina à frente de novo que o seu beijo cai mais em dentes do que em lábios. Não que tenha importância, porque, quando Phoebe esfrega Grace por cima dos shorts, ela não consegue mais se

concentrar em beijar. Solta um gemidinho, tirando um momento para considerar se vai ter vergonha desse barulho depois, e rebola os quadris para tentar conseguir mais fricção. Phoebe não a faz esperar, esfregando com força e rápido enquanto, no pescoço de Grace, faz coisas indizíveis com a língua.

— Você gosta disso? — pergunta Phoebe. — Ou quer meus dedos na sua boceta?

Grace geme mais alto. A resposta para as duas perguntas é sim. Ela quer que Phoebe nunca pare, mas quer que as suas roupas desapareçam, quer que Phoebe sinta o quanto ela está molhada. Phoebe puxa o lóbulo da orelha de Grace entre os dentes, e, em vez disso, Grace quer essa boca em seu clitóris.

— Vai, meu bem — murmura Matthews bem na orelha de Grace. — Me diz o quanto está bom.

— Bom. — Grace ofega. Os dedos de Phoebe esfregam de um jeito perfeito. — Puta que pariu. Bom. Muito bom.

— É? Quer gozar para mim assim? — Quando ela acha o ponto perfeito, não se afasta dele, dando a Grace a pressão exata de que ela precisa. — Eu quero que você goze. A gente consegue fazer você chegar lá?

Claro que Matthews fala durante o sexo — quando ela não fala? Em geral, isso não funciona para Grace, mas algo na voz macia de Phoebe ou na forma como ela está dando toda sua atenção a Grace ou simplesmente em como a está tocando — Grace gosta desta vez. Ela tenta dizer sim, mas sai como um gemido.

— Isso. — Phoebe parece ter engolido um punhado de cascalho. — Quero te ouvir.

Grace não está focada em fazer o que Phoebe quer. Não consegue nem processar o pedido. Não consegue pensar nada além de *mais* e *por favor*, dizendo isso não com a boca, mas com o corpo, rebolando e empurrando e roçando nos dedos de Phoebe. Phoebe gira a mão para usar os nós dos dedos, o que faz Grace ter um espasmo. Ela solta um sibilo de dor, sua perna deve ter se movido de um jeito que ela não esperava, mas não está nem aí, só quer saber de perseguir a sensação crescendo no seu centro. Phoebe desacelera o movimento da mão.

— Epa — diz ela. — Tudo bem aí?

— Não para.

— Não vou parar. — Ela acelera de novo. — Eu só…

— Não para. Não para. Não para.

Grace mantém os olhos bem fechados. Não quer ver Matthews dando aquele sorrisinho enquanto Grace implora para ela.

Mas, quando Phoebe volta a falar, é suave — doce, até —, não arrogante.

— Vai, meu bem. Estou com você.

Grace vê estrelas. Ela estremece e treme toda, e Phoebe continua esfregando, com a outra mão pressionando forte a lombar de Grace, segurando-a no colo enquanto Grace goza com um gemido baixinho.

Grace sempre leva um momento para voltar a si. Quando o faz, Phoebe está beijando-a.

— Tá, você tem razão — diz a ruiva. — Definitivamente estou obcecada. Preciso fazer isso com você de novo.

— É a minha vez — fala Grace.

Mas, quando ela tenta descer do colo de Phoebe, a outra a segura no lugar.

— Só mais uma — diz Phoebe. — Aí vai ser a sua vez, prometo.

Grace não está acostumada a não estar no controle durante o sexo. Para falar a verdade, não está tão acostumada assim a sexo, para começo de conversa, mas, quando era mais jovem, ficava no controle. Ela sempre está no controle, na cama e fora dela, no campo e fora dele. Grace nem sabe se *consegue* gozar de novo, mas não é exatamente um martírio deixar Matthews tentar. Ela pensa que, desta vez, tudo bem não estar no controle.

Phoebe está olhando para ela, com as mãos apertadas nos quadris de Grace. Só se mexe quando Grace faz que sim. Então, Matthews a beija, devagar e profundamente, e Grace se pergunta se ela vai usar a boca desta vez. Mas Phoebe não faz nenhum movimento para ajustar a posição delas. Grace fica no colo dela, totalmente sem blusa, enquanto Phoebe demora tanto nos beijos que Grace para de se preocupar em não conseguir gozar. Seu primeiro orgasmo parece menos um alívio e mais um aquecimento, como se o seu corpo não estivesse satisfeito, como se ela fosse aceitar absolutamente tudo o que Matthews lhe desse.

Quando a mão direita de Phoebe enfim migra para o topo dos shorts de Grace, ela não consegue impedir o gemidinho que sai. Ela abriu as pernas mais do que era necessário e precisa se endireitar para Phoebe ter espaço suficiente.

— Tudo bem assim?

Grace não sabe o que mais pode fazer para indicar que está tudo absolutamente bem. Ela assente, enterrando a cabeça na curva do pescoço de Phoebe enquanto os

dedos dela se ancoram.

— Meu Deus, como você está molhada — diz Matthews, não como se estivesse falando um fato, e sim como se estivesse impressionada. — Amei.

Grace choraminga, e Phoebe dá um beijo na lateral da cabeça dela.

— Amei pra caralho.

Grace ama também. Ama a forma como os dedos de Phoebe escorregam e deslizam no seu clitóris. Phoebe foca a sua atenção lá de início, sem ser muito direta ou colocando pressão demais, só o suficiente para enlouquecer Grace.

Bem no ouvido de Grace, ela sussurra:

— Posso colocar?

— *Por favor*.

Phoebe desliza um dedo para dentro e para fora, então faz o mesmo com outro antes de enfiar os dois de novo.

— Caralho — falam as duas ao mesmo tempo.

— Sua boceta é tão gostosa.

Grace dá um gemidinho de novo.

Matthews dá estocadas com os dedos, devagar no início, mas Grace está excitada demais para ir devagar. Grace quica no colo dela, tentando controlar o ritmo. Phoebe entende a dica e acelera.

— É isso que você quer?

É. É exatamente isso que Grace quer. Por que raios ela disse que não estava interessada em sexo casual se é tão gostoso?

Phoebe continua falando.

— Você fica tão gostosa quando goza. Os olhos fechados e essa boquinha rosa aberta. Mal posso esperar para te sentir desse jeito, sentir a sua boceta apertada nos meus dedos.

Puta que pariu, como isso é bom. Grace está toda quente.

— Você aguenta mais um?

Grace faz que não. Ela *aguentaria*, mas não quer. Não quer nada além disso, dois dedos sendo enfiados enquanto ela roça o quadril para baixo. Toda vez, o polegar de Phoebe bate no clitóris de Grace.

— É, assim mesmo, você é tão boa — murmura Matthews. — Você é gostosa demais na minha mão, olha só para você.

Grace abre os olhos, embora não tenha uma posição estratégica. Não consegue

ver os dedos de Matthews se movendo dentro dela, mas não precisa, o olhar de Phoebe é suficiente. Quando percebe que Grace está observando, Matthews se levanta para beijá-la. O movimento a faz ir ainda mais fundo, e Grace geme na sua boca.

Ela ficou bem habilidosa em se fazer gozar nos últimos anos. Mas não é assim. Deve ser por ter outra pessoa tocando-a. Por não conseguir prever a forma como os dedos de Phoebe vão girar, a forma como ela vai mordiscar a pele sensível do pescoço de Grace, a forma como a voz dela desliza pela sua espinha e se entranha no centro da sua pelve.

Grace nunca demora tanto quando faz consigo mesma, mas também nunca é tão delicioso. E com certeza ela nunca goza duas vezes. Em geral, é mais para se aliviar do que qualquer outra coisa. Ela não sabe para que é isso. Podia se perder nessa preocupação — no que significa, o que acontecerá depois e como isso vai afetar o time —, mas Phoebe dá um jeito de dobrar a força de cada estocada, e o cérebro distraído de Grace freia com tudo.

— É? — diz Phoebe, em tom de pergunta. — Você vai gozar para mim, bebê?

Se alguém tivesse perguntado de antemão a Grace se ela ia gostar de ser chamada de *bebê*, teria dito que de jeito nenhum. Mas deve gostar, porque fica sem palavras, mas o corpo responde a Matthews mesmo assim. A espiral apertada dentro dela se solta, ou se libera, ou *sei lá* — ela não sabe descrever a forma como o prazer sobe como uma onda, então estoura, caindo, e se agitando, e fluindo em torno dela. Ela reconhece vagamente que Phoebe continua falando, mas não consegue discernir nada do que está dizendo em meio à espuma marítima de satisfação que cobre sua mente.

É sem dúvida o melhor orgasmo que Grace teve em anos, talvez na vida.

Ela respira pesado, obrigando-se a se recuperar rápido, mas está perdidinha. Phoebe fica imóvel, com os dedos ainda na boceta de Grace, sem mexer nada exceto a boca, que dá beijos ocasionais na sua bochecha. Em algum momento, ela puxa os dedos para fora, fazendo um *shhh* baixinho quando Grace solta um choramingo em resposta.

Grace sacode a cabeça para tentar pensar direito. Tem vergonha de ficar assim, jogada no colo dessa novata. Ela tem que se aprumar, tem que devolver o favor, mostrar a Matthews que é tão boa em dar quanto em receber. Leva mais um momento para Grace ter certeza de que consegue se mexer, mas, assim que

consegue, desce do colo de Phoebe. Ignora o tremor nas pernas, como se isso fosse impedir Phoebe de notar. Quando Grace a olha, porém, Matthews não está sorrindo de um jeito arrogante — em vez disso, parece quase arrasada.

— Minha vez — diz Grace, e Matthews já está sorrindo de novo.

Grace levanta as pernas de Phoebe e as usa para girar o corpo todo dela, virando-a de lado, com uma perna de cada lado do banco.

— Sim, senhora — diz Matthews, deitando-se quando Grace empurra os seus ombros.

Mas Grace a puxa de volta quase de imediato. Ela precisa ficar mais pelada. Grace arranca o top esportivo de Phoebe. Finalmente, um lugar em que Phoebe não tem tantas sardas. Elas desbotam nesta pele que nunca vê o sol, cada vez menos concentradas a caminho dos mamilos rosa-claros. Grace deixa Matthews terminar de tirar o top todo, porque, assim que tem chance, põe a boca naqueles mamilos.

— Ah, caralho — geme Phoebe.

Os bicos ficam duros na boca de Grace, primeiro um, depois o outro. Matthews está salgada, e Grace sabe racionalmente que é suor, que talvez devesse ter nojo, mas ela ama. Os peitos de Phoebe são tão pequenos que Grace quase consegue enfiar um inteiro na boca quando a abre o suficiente. Ela suga o máximo que consegue, e os quadris de Phoebe se levantam do banco.

— Caralho. Caralho, caralho, caralho. Meu Deus, que delícia.

Grace pausa.

— Não precisa…

Phoebe pisca para ela como se não tivesse ideia do que Grace vai dizer.

— Não preciso de uma performance.

Grace põe a boca de volta na pele de Phoebe para que elas não precisem falar disso.

— Performance? — Matthews ofega quando Grace fecha os dentes num mamilo. — Puta merda, Grace, meu Deus. Não é uma performance. É que você está fazendo ser gostoso pra caralho.

Isso faz o corpo todo de Grace ficar corado. Ela desliza a mão para dentro da calcinha de Phoebe e nem liga para o jeito como a ruiva sussurra *isso isso isso por favor isso*.

A julgar pelo quanto está molhada, Matthews não mentiu sobre o quanto está gostoso.

Grace mantém a boca nos seios de Phoebe enquanto os seus dedos brincam. Ela ainda não coloca lá dentro — tem muito tempo. Só que, quando põe as pontas dos dedos indicador e do meio de cada lado do clitóris de Phoebe para esfregar, Matthews agarra os ombros dela com força. Grace não percebeu que ela estava tão perto, mas então ela começa a gozar, jogando os quadris para cima, e finalmente não está falando, mas isso não quer dizer que esteja em silêncio, apenas que a sua boca só é capaz de criar vogais. Grace puxa um mamilo entre os dentes, e Matthews grita ainda mais alto.

Depois, Grace suaviza. Ela não *quer*, mas não sabe o quanto Matthews fica sensível depois de um orgasmo, então solta o mamilo e desacelera o movimento dos dedos. A inspiração que Phoebe dá faz seu peito chiar. No fim das contas, Matthews não tirou o top coisa nenhuma; ainda está com ele, formando uma linha horizontal em cima do peito. O sorriso feliz na cara dela faz Grace ter certeza de que ela não se importa.

Grace se sente poderosa fazendo Phoebe ter tanto prazer. Mas não parece justo ela não ter conseguido entrar. Nem um pouco justo, então Grace remedia a situação deslizando os dedos para baixo. No momento em que pausa para checar se está tudo bem, Phoebe assente tão frenética que não há dúvidas do que ela quer. Do que as duas querem. Grace enfia dois dedos nela.

— *Caralho* — choraminga Matthews.

Em geral, Grace não usa a palavra *boceta*, mas o jeito como ela saiu da boca de Phoebe antes foi tudo. E a boceta de Phoebe é tudo também. Um calor úmido e líquido. Tão apertada que Grace não tem espaço para mexer os dedos, mas o gemidinho que Phoebe solta quando Grace os dobra a leva a fazer isso de novo e de novo.

— Puta merda. Que delícia. Grace, você é uma delícia.

Grace nunca transou com ninguém que falasse tanto quanto Phoebe durante o sexo. Ela odeia o quanto gosta. A voz de Phoebe ficou grave e rouca, e, se fosse possível tocar num som, Grace esfregaria o corpo todo nela. Não fica presa pensando se a outra está gostando quando Phoebe fica constantemente dizendo o quanto gosta. E não é só que o que Grace está fazendo que Phoebe elogia — é a própria Grace.

— Você é tão maravilhosa. Você me fode tão gostoso. Ah, *caralho*, bem aí, isso. Caralho, Grace.

Grace *quer* ser boa para ela. Não quer parar nunca de foder Phoebe. Quer dar tudo o que ela quiser. Era para estar mantendo Matthews longe, protegendo-se. Agora, não há distância entra as duas, com Matthews embaixo de Grace no banco, dois dedos ancorados dentro dela. Grace nunca deveria ter se permitido fazer isso. Qualquer coisa que seja tão gostosa quanto Phoebe a elogiando deve ser perigosa.

— Bem aí. Perfeito. Caralho, você é perfeita. Isso, Grace, por favor. Grace. Por favor.

Phoebe abre os olhos para olhar Grace. Está com a testa franzida, as pupilas ocupando a maior parte dos seus olhos verdes. Ela parece tão desesperada que Grace só pode dobrar os dedos mais uma vez e finalmente dizer alguma coisa:

— Goza.

Phoebe obedece à ordem.

Grace estava ocupada demais com o seio de Phoebe para observar o rosto dela da última vez que ela gozou, mas observa agora. Ela vê a forma suave como ele se abre, o rubor sob todas aquelas sardas, o *O* do gemido de boca aberta. A pele de Phoebe brilha, com fios de cabelo grudados pelo suor na testa, o resto se espalhando atrás dela, caindo numa cascata do banco para o chão. Ela é lindíssima, e Grace tinha razão: foi uma péssima ideia.

O mais rápido que consegue sem ser óbvia demais, Grace se desvencilha de Matthews. Ela fica de pé, sem blusa, ao lado do banco, na frente dos armários. Matthews continua lá, deitada, os pés no chão de cada lado do banco, o top esportivo no meio do peito, sorrindo de olhos fechados enquanto recupera o fôlego.

Grace muda o peso de um pé para o outro e quase ofega com o quanto está molhada. *É uma péssima ideia*, diz seu cérebro, mas o seu corpo quer gozar de novo, quer fazer Matthews gozar de novo.

Phoebe abre os olhos. Quando encontram Grace, seu sorriso fica ainda mais largo.

— Posso te chupar no chuveiro? — Então: — A não ser que você queira que eu use *dental dam*, porque eu não trouxe, então, nesse caso, de repente a gente pode voltar para a minha casa e eu te chupo lá?

Claro que ela não trouxe *dental dam*. Quem anda com isso por aí?

— Mas, assim, eu fiz exame mês passado e estou de boa se você estiver também — diz Phoebe, já que Grace aparentemente demorou demais para responder.

— Eu…

— Mas sem pressão. É que eu quero muito pôr a boca na sua boceta.

Grace deveria dizer não. Grace nunca devia ter sentado no colo de Matthews para começo de conversa. Nunca devia ter aparecido no estádio hoje.

— Por favorzinho? — diz Phoebe, piscando.

Grace não diz que não.

Treze



— Meus chuveiros nunca foram tão bacanas — comenta Phoebe ao ligar a água.

Grace muda o peso dos pés para a frente e para trás.

Certo. Falar de instalações de chuveiro que são uma porcaria não é exatamente excitante. Mas é verdade — em Mapleton, Phoebe apostava para conseguir um lugar na fila do banho. Era uma aposta importante, dado que a água quente em geral acabava antes de o time terminar.

A água aqui, por outro lado, esquenta com facilidade, e Phoebe está confiante de que vai durar. Ela pega Grace pelo quadril e a vira embaixo da coluna de água.

Grace Henderson é a mulher mais linda que Phoebe já viu. Os cabelos castanho-escuros dela caem em ondas emaranhadas pelos ombros, as mechas lembrando as tranças em que estavam presas há dez minutos. A pele bronzeada se destaca nos azulejos brancos do chuveiro. Phoebe gosta de onde ela fica pálida, descendo pelo peito de Grace. O peito dela é maior do que o da maioria das jogadoras de futebol — os sutiãs dela devem custar uma fortuna, mas não é bem nisso que Phoebe está pensando agora, porque está traçando as linhas cruzadas do bronzeado de Grace com o indicador, descendo a pele mais clara, passando por cima da montanha dos seios até o mamilo já duro. Phoebe quer estudá-la, quer pesquisar a cor exata das suas aréolas. São algum tom de marrom-rosado, com camadas pêssego, salmão ou talvez até rosa-coral. Phoebe belisca um, que fica ainda mais rosa. Que belo truque. Os braços de Grace se arrepiam todos, apesar de a água que escorre pelo corpo dela estar quente. Phoebe perde facilmente o foco quando algo não é interessante para ela, mas seria capaz de olhar Grace para sempre.

— Você perguntou especificamente se podia me chupar. — Grace quebra o silêncio entre as duas.

Phoebe arrasta os olhos de volta para os de Grace.

— Aham.

— Vai fazer isso ou vamos só ficar aqui paradas?

Phoebe gargalha. Não consegue evitar. Isso faz Grace franzir a testa, o que leva Phoebe a rir ainda mais.

— Grace Henderson — diz ela, quando recupera o fôlego — não tem interesse em preliminares. Anotado.

Grace revira os olhos.

— Eu não falei que…

O resto da frase se perde quando Phoebe a beija. Se Grace quer ser chupada, Phoebe não vai decepcioná-la. Ela gruda o corpo no de Grace, a empurrando de leve para trás até ela interromper o beijo com um arfar no momento em que suas costas tocam a parede.

— Frio — diz.

— Desculpa — fala Phoebe, mas aquele arfar foi tão sexy que ela não se arrepende, não de verdade.

Ela continua a se desculpar abaixando a cabeça e colocando um dos mamilos perfeitos de Grace na boca. O barulho que Grace faz soa como se a perdoasse.

Phoebe ama sexo. Ela ama. Ama sentir outro corpo no dela, ama os níveis diferentes de maciez — chupar a linha dura das clavículas de Grace enquanto a mão aperta o seio dela. Phoebe fica de joelhos — não quer outra crítica — e isso é o que mais ama. Phoebe gosta de gozar — óbvio, tipo, ela tem quase certeza de que a maioria das pessoas que curtem sexo gostam de gozar, porque orgasmo é uma coisa incrível —, mas gosta mais de fazer a outra gozar. Não só *dar* um orgasmo, mas *criá-los*. Ser tão boa em mexer a língua ou estocar os dedos — ou as duas coisas — que a pessoa não tem opção a não ser gozar.

As pernas de Grace ainda estão fechadas, mas, mesmo assim, Phoebe, ajoelhada no azulejo do chuveiro, consegue sentir o cheiro da boceta dela. Meu Deus, como vai ser divertido.

Grace faz uma cara de dor quando Phoebe abre bem a perna dela.

— O que foi? Você está bem?

— Estou ótima — responde Grace.

Mas ela também fez uma careta de dor no colo de Phoebe. Phoebe quer que ela sinta prazer, não quer machucá-la.

— Tem certeza? A posição está confortável?

A mão de Phoebe está na coxa de Grace, segurando a perna dela aberta, para cima.

— Seria bem mais confortável se você colocasse logo a boca em mim.

Ela está desviando do assunto, mas, por enquanto, Phoebe a deixa se safar.

— Assim? — pergunta Phoebe, sugando a pele molhada da lateral do joelho de Grace.

— Matthews. — O sobrenome dela soa como um alerta.

— Não era isso que você queria?

Phoebe sobe a boca devagar pela perna de Grace. Morde logo embaixo da dobra onde a perna encontra o torso, a pele muito macia e pálida. É difícil provocar quando Phoebe só quer enterrar a língua na boceta de Grace. O cheiro é intenso e almiscarado, e ela quer tê-lo em toda a sua cara.

Em vez disso, ela se afasta, porque é a única coisa em que consegue pensar para ajudá-la a durar mais. Ela troca a mão que está segurando a perna de Grace para poder levar a boca até o tornozelo dela. A pele fina na junta parece uma asa de borboleta, como se, caso Phoebe não tome cuidado, os dentes fossem perfurá-la. Ela arrasta a língua pela panturrilha acima e morde, e o contraste é gritante: não cede, o músculo é sólido e forte.

— Como as suas pernas são tão compridas se você é tão baixinha? — pergunta Phoebe ao continuar subindo.

Grace sempre usa shorts mais curtos, então Phoebe não pode deixar marcas como gostaria. Ela quer deixar evidências da sua boca por todo o interior das coxas de Grace, mas, em vez disso, é delicada, cuidadosa. O quadril de Grace está tendo uns espasmos, primeiro para a frente depois para trás, como se ela quisesse mais, mas se recusasse a pedir. Phoebe não a obriga. Em vez disso, fecha a mão no joelho direito de Grace, enfiando os dedos da outra mão nos músculos grossos do quadríceps esquerdo. A água do chuveiro bate na lateral do corpo de Phoebe, mas ela se esqueceu disso — não é nada comparado à mulher aberta e exposta à sua frente. Há uma massa de cachos entre as coxas dela, bagunçados, mas tão macios; Phoebe sabe disso por ter enfiado a mão pelos shorts de Grace mais cedo. Aquilo foi bom, mas isso, ver tudo, é melhor.

— Que boceta linda — murmura Phoebe, mais para si mesma do que qualquer outra coisa.

Na primeira lambida no centro de Grace, Phoebe geme quase tão alto quanto ela.

— Cacete, que gosto bom você tem — diz.

Não tem como não amar transar com mulheres — esfregar os dedos, ou se roçar em coxas, ou balançar os quadris quando está com o cintaralho —, mas talvez esta seja a parte favorita dela. É a mais pessoal, talvez até vulnerável. Phoebe transou com mulheres que alegavam que ela *não precisava*, como se fosse uma provação, e não a sua parte favorita. Ela transou com mulheres que só a deixavam fazer isso depois de tomarem banho, como se tivessem medo de estar sujas. Grace, graças a Deus, não parece ter nenhuma queixa. Elas estão no chuveiro, mas ainda não tomaram banho, não de verdade; ainda tem suor na pele dela de meia hora de jogo, mas isso não a impede de rebolar os quadris para baixo, na direção da boca de Phoebe.

Phoebe está igualmente entusiasmada. Tenta se concentrar, não se perder na satisfação do sexo oral. Só porque é a sua parte favorita, não quer dizer que é *para ela*. Grace está molhada dos dois primeiros orgasmos, e Phoebe a lambe prestando atenção ao que a faz ofegar ou se apertar. Ela chega a fazer cara de dor quando Phoebe dá atenção demais ao clitóris, aparentemente ainda sensível demais para isso, o que não é problema para Phoebe, que vai para baixo e curva a língua na abertura de Grace.

Grace solta o barulho mais alto que fez esse tempo todo, um gemido que reverbera nas paredes. Phoebe quer ouvi-lo de novo na mesma hora. Grace ficou praticamente em silêncio o tempo todo — silêncio o suficiente para imaginar que os barulhos de Phoebe eram uma *performance*, e Phoebe vai ter que lidar melhor com isso depois —, e Phoebe quer fazê-la gritar, desmontá-la por completo. Grace Henderson, sempre composta, sabe exatamente o que quer, fodona total, e Phoebe quer que ela fique bagunçada, perdida, entregue. Fazer com que ela sinta mais prazer do que sentiu na *vida*. Quer que Grace saiba exatamente o quanto é perfeita.

— Isso, meu bem — diz Phoebe, exceto que Grace provavelmente não entende, porque Phoebe se recusa a ir mais devagar com a língua para falar.

Ela continua perseguindo o gosto de Grace onde ela está mais molhada, entrando e saindo até as mãos de Grace enfim descerem para se abrir ainda mais.

Então, Phoebe afasta a cabeça e sopra uma corrente de ar no clitóris de Grace. Grace solta um barulho entre um choramingo e um guincho.

— Seu gosto é *tão bom* — diz Phoebe. — Você é perfeita.

Ela lambe uma linha vertical em Grace, de baixo para cima, com intensidade, circulando o clitóris no fim. Desta vez, Grace não faz careta nem se afasta. Em vez disso, abre ainda mais as pernas, mal tendo apoio suficiente para se segurar de pé.

— Gostou disso? — diz Phoebe, e faz de novo.

Os olhos de Grace estão bem apertados, a cabeça jogada para trás na parede do banheiro. Ela se ajusta para ajudar a se abrir ainda mais, como se não conseguisse ficar aberta o suficiente para Phoebe. Porra, como Phoebe concorda. Ela lambe Grace de novo e de novo enquanto Grace gira os quadris e geme. Por meio segundo, Phoebe considera parar, ir mais devagar, fazer durar mais. Talvez devesse, especialmente se esta for a única vez que vai poder fazer isso, mas não consegue parar de dar prazer a Grace.

— Quer os meus dedos também ou só a boca?

Grace faz que sim desesperadamente, e Phoebe não sabe com o que ela estava concordando. Ela desliza os dedos para perto de onde Grace se abre para ela e pergunta de novo:

— Dedos?

— Sim, Matthews, me fode, cacete.

Ela só precisa de um dedo, na verdade, curvado e deslizando para dentro enquanto a língua de Phoebe desenha cursivos no clitóris de Grace, e Grace solta o próprio corpo para se segurar no de Phoebe, com uma das mãos agarrando o ombro dela enquanto a outra se emaranha nos cabelos. É o orgasmo mais alto de Grace até então. Phoebe quer falar com ela até o fim, mas quer mais ainda manter a língua no clitóris de Grace. Planeja ficar lá até Grace afastá-la, mas então as pernas de Grace cedem, e Phoebe tem que parar de lamber a boceta dela para, em vez disso, segurá-la. Phoebe quer rir — Grace está meio que dobrada ao meio por cima dos seus ombros —, mas acha que não é educado provocar alguém que ainda está recuperando o fôlego.

Phoebe nunca foi muito boa em estimar tempo, mas parece levar pelo menos um minuto inteiro até Grace conseguir se estabilizar. Ela se endireita e passa os dedos pelos cabelos molhados. Phoebe continua de joelhos.

— Tudo bem aí?

Grace faz que sim.

— Tudo. Aham. Estou bem.

Esse tempo todo, elas ficaram basicamente fora da água, com a ducha em cima e

à direita de Grace, mas, quando Phoebe fica de pé, a água vem toda na cara dela. Ela engasga, ri e dá um passo para trás. Bem-feito por prestar mais atenção a Grace do que a seus arredores.

— *Você* está bem? — pergunta Grace.

— Vou tentar não me afogar, mas, sim — responde Phoebe.

Em vez de chegar mais perto para compartilhar a água, Grace abre o chuveiro ao lado. Phoebe dá uma risada baixinha.

Talvez Phoebe devesse se sentir nervosa, ou com vergonha, ou pelo menos preocupada com a forma como Grace fica em silêncio enquanto elas tomam banho, separadas, mas não. Talvez sejam as endorfinas do sexo, mas Phoebe está feliz. Ela nunca fodeu alguém até a pessoa perder o equilíbrio e depois a viu arrependida. E Grace é Grace, retraída e desconfiada a ponto de Phoebe basicamente ter feito bullying com ela até virarem amigas. Claro que ela vai ficar toda esquisita com isso. Talvez não esteja esquisita e só tenha retornado à postura anterior em relação a conversar sobre o assunto. Mas que seja, o sexo foi bom e divertido, então, quando elas voltam ao vestiário, com toalhas embrulhadas embaixo das axilas, e Grace está olhando para todo lado menos para ela, Phoebe só sorri e enfrenta o desconforto.

— É nesse momento que você me diz que se divertiu, mas…

Grace continua sem olhar para ela.

— Eu não mudei a minha posição sobre relacionamentos. Não estou interessada.

— Tá — diz Phoebe, puxando a sacola de mão do armário. Ela enfiou uma muda de roupas limpas lá mais cedo, além de uma escova de dentes, só para o caso de a noite dar *muito* certo e ela acabar na casa de Grace. — Mas mudou a sua posição sobre sexo casual? Porque, quando o sexo é tão bom assim, parece que você deveria mudar, sim.

— Eu não disse que foi tão bom assim. — Grace imediatamente volta atrás, enfim fazendo contato visual. — Não, desculpa, você tem razão. Foi maravilhoso.

— Que bom que você retirou o que disse. — Phoebe dá um sorrisinho. — Senão eu talvez tivesse que te lembrar que fiz você gozar três vezes e que você não conseguiu nem ficar de pé depois da última.

Grace revira os olhos.

— E, mesmo assim, você está me lembrando.

— É, desculpa — fala Phoebe, sem se arrepender de nada. — Estou orgulhosa de fazer as suas pernas pararem de funcionar.

As bochechas de Grace ficam do tom mais fofo de rosa.

— Por sinal, falando das suas pernas — Phoebe coloca as mãos às costas para fechar os ganchos do sutiã —, o que está rolando com o seu quadril esquerdo?

O rubor fofo dá lugar a um olhar fuzilante:

— Como assim? Não tem nada de errado comigo.

— Hum, você com certeza fez careta várias vezes. Deve estar com alguma dor.

— Não é nada. Estou ótima. — Grace se vira para o armário para começar a se vestir. — Enfim, você tem razão. Seria uma pena dizer não a um sexo tão bom.

— Seria uma puta tragédia, uma afronta à própria Safo, mas não vai achando que você pode me distrair do fato de que obviamente está lesionada só por concordar em transar comigo de novo.

Ela *sem dúvidas* poderia distrair Phoebe, mas não precisa saber disso.

— Eu não estou lesionada — responde Grace. — Só estou envelhecendo. É natural ter umas dores.

— Grace, sério. Você tem vinte e seis anos. Não é uma idosa.

— Tá bom, se você não quer transar comigo de novo, é só falar.

— Ah, meu Deus. — Phoebe ri. — Eu nunca cheguei nem perto de dizer isso. Mas você está sendo ridícula sobre essa questão, o que me faz pensar que você sabe que é um problema sério. O que a treinadora falou?

Grace continua focada no armário.

— Você não contou para a treinadora?

— Eu já falei que não é nada.

Agora, Phoebe está totalmente vestida, e Grace continua de sutiã e calcinha. A forma como Phoebe leva um segundo para curtir toda a pele à mostra deixa incrivelmente claro o quanto seria fácil para Grace distraí-la se realmente quisesse.

— Tá bom, olha — diz Phoebe. — Eu com certeza quero transar com você de novo. Mas não vou fazer isso até você falar com a treinadora.

— Ah, você acha mesmo que quero tanto te foder que me negar sexo vai me controlar?

A afronta na voz dela faz Phoebe lembrar daquele momento que compartilharam no hotel durante a concentração de janeiro, Grace tentando sair por cima com aquele não beijo.

— Acho que vamos ver.

Phoebe diz isso dando de ombros e sorrindo com arrogância, e Grace faz um

barulho de desdém como se ela fosse muitíssimo irritante, mas isso não quer dizer que esteja errada.

Catorze



— Você sabe que não precisa chegar tão cedo, né? — diz Scott, técnico-assistente, ao entregar um copo de café a Grace.

— E mesmo assim você me trouxe café — responde Grace. — Sinais confusos.

— Eu sabia que você estaria aqui e sou legal. Não quer dizer que você *tenha* que estar aqui.

É verdade. A maioria do time só chega daqui a uma hora, mas as novas jogadoras vêm mais cedo para resolver algumas questões — receber um armário, cartões de identificação para entrar no prédio, uniformes de treino do Krewe e tirar medidas para as camisas. Grace não *precisa* estar aqui, mas ela é a capitã. As novas jogadoras precisam ver que podem contar com ela. A orientação também é sempre tranquila; é um bom jeito de retomar os deveres de capitã aos poucos.

— Alguém tem que dar o tour dos bastidores às novatas — diz Grace.

— O Krewe contrata pessoas para fazer isso — murmura Scott antes de tomar um gole de café.

Ele sabe que é uma causa perdida; os dois têm essa conversa todo ano.

— Rodriguez! — Grace abre um sorriso. — Que bom te ver de novo.

A nova atacante quase pula ao perceber que Grace está falando com ela.

— Ah! Oi!

Grace não é alta, e mesmo assim Gabby Rodriguez só bate na altura do nariz dela.

— Vai lá fazer o seu check-in, e, depois que tirar a foto, eu te levo para fazer o tour.

— Tá bom! Valeu!

É com esse tipo de atitude das novas jogadoras que Grace está acostumada.

Apesar de terem passado a concentração inteira juntas, Rodriguez obviamente está querendo agradar. Ela não é nada parecida com Matthews.

Não que Grace esteja pensando em Matthews.

Para Scott, ela diz:

— Obrigada pelo café. Te vejo no campo.

Ele a saúda com o seu copo, e ela se manda para os deveres de capitã.



Grace está mostrando a Rodriguez onde fica o armário dela quando alguém dá um gritinho:

— G-Rod!

Rodriguez dá outro gritinho em resposta:

— Matty!

Grace não reconheceu a primeira voz, mas reconhece os membros esguios e os cabelos ruivos insanos quando Matthews e Rodriguez se abraçam forte.

— Pelo jeito, Phoebe Matthews não precisa de apresentação.

As novatas dão risadinhas.

— A gente se conheceu na seleção — explica Gabby.

Verdade. Claro. Grace sabe disso. Depois da aposta delas, Grace evitou Matthews, mas não conseguiu deixar de observá-la. Phoebe faz amizades com facilidade. Foi sua primeira concentração, e ela conquistou Madeeha e até Fish sem muito esforço. Mas, em geral, era ao lado de Rodriguez que ela ficava nas refeições, rindo alto a ponto de chamar a atenção de Grace mesmo quando ela já não estava olhando.

— Vocês duas vão me dar problema este ano, né?

— Não prometo nada — diz Phoebe com uma piscadela.

Rodriguez tenta dar uma batidinha de quadril em Phoebe, mas é tão baixa que só bate no meio da coxa dela.

— Estou animadíssima para esta temporada — diz ela.

Matthews dá um sorrisão.

— Aposto que vou te vencer na votação de Novata do Ano.

— Meu Deus do céu. — Rodriguez ri. — Vou lá tirar as minhas medidas para a camisa e pensar num bom prêmio para isso, já que com certeza vou ganhar.

— Eu te levo lá — oferece Grace.

— Não precisa! Vi a placa quando estava vindo para cá. Consigo achar sozinha. — Ela sacode os dedos num aceno. — Vejo vocês já, já!

E, assim, Grace e Phoebe ficam sozinhas no vestiário.

Da última vez que ficaram a sós aqui, Phoebe estava no banco, a menos de um metro de distância. Grace pigarreia.

— Cheguei cedo o suficiente para você trançar os meus cabelos? — pergunta Phoebe.

Merda. Grace se esqueceu desse acordo, por causa de todos os orgasmos que teve depois.

— Estou ajudando as novatas a se orientarem — diz Grace. — Eu deveria ir falar com o Scott.

— Isso não conta como ajudar uma novata a se orientar?

Ela estende uma escova e um elástico de cabelo como uma oferenda.

Tudo bem. Grace já fez os cabelos de praticamente todo mundo no time. Não tem motivo para esta vez ser estranha só porque Phoebe e ela transaram.

Phoebe se senta no banco onde elas se desmontaram ontem e passa a mão nos cabelos. Tem mais volume do que qualquer um que Grace já tenha visto. É grosso e pesado. Ela poderia fazer arte com a quantidade de cabelo de Matthews, mas não tem motivo para isso. Duas tranças, decide. Simples. Rápido.

— Quando eu tinha nove anos, minha técnica disse ao time que, se perdêssemos uma jogada porque estávamos tirando os cabelos da cara, ficaríamos na reserva no jogo seguinte — conta Grace.

— Meu Deus — diz Matthews.

— Foi aí que comecei a aprender a fazer tranças.

É uma história que Matthews já deve ter ouvido — Grace conta sempre que alguém pergunta. Ela praticou trança embutida nas bonecas da irmã, depois na própria irmã, antes de descobrir como ajustar a técnica para fazer em si mesma. Ainda era mais fácil fazer em outras pessoas, mesmo mais de uma década e meia depois.

Grace tem uma coleção de histórias similares: anedotas que todo mundo adora e que não revelam mais sobre si mesma do que ela está disposta a compartilhar.

— Quando eu tinha nove anos, meu time tinha sorte se todo mundo soubesse em que direção era para chutar a bola — diz Phoebe.

— Não acredito em você — fala Grace, separando os cabelos de Phoebe ao meio. — Está tentando me dizer que não era um fenômeno quando criança também?

Matthews se endireita um pouco, como se estivesse se aprumando.

— Não falei que *eu* não sabia em que direção era para chutar. Só que o time como um todo não tinha exatamente a qualidade do Desenvolvimento Olímpico.

— O DO só começou quando eu fiz onze anos.

— Ah, perdão por errar os fatos da sua vida. Seria de imaginar que alguém obcecada por você soubesse disso.

Grace puxa a escova pelos cabelos de Phoebe com mais força do que o necessário.

Como se estivesse retaliando, Matthews pergunta:

— Você já se reuniu com a treinadora?

— Já falei que não preciso. Estou bem.

— É claro que não está.

A escova fica presa no emaranhado de cabelos, e Grace se força a desembaraçar em vez de puxar para fora.

— Andei ocupada, Fenô. Nem sei se a Dawn já chegou.

— Mas vai falar com ela?

Não tem ninguém no vestiário além delas, mas Grace abaixa a voz a quase um sussurro enquanto prende metade dos cabelos de Phoebe com um elástico para tirá-los do caminho.

— Por quê? Já quer me comer de novo?

Aquilo devia atordoar Matthews, mas isso não acontece.

— Bom, sim, claro que quero — diz Phoebe. — Eu queria te comer de novo imediatamente depois de a gente parar.

Ela fala alto, como sempre. Grace não sabe por que ela mesma falou mais baixo sobre as duas transarem do que sobre ir conversar com Dawn — ela se preocupa mais que alguém descubra o segundo fato. Não, ela não quer que a sua vida sexual seja anunciada, mas pelo menos isso não afetaria o seu tempo de jogo.

— Quantas vezes eu ganhei de você ontem? — Grace muda de assunto. A terapia de exposição foi um pouco longe demais; o corpo dela parece relutante a esquecer que Matthews é ótima na cama. Hoje de manhã, Grace acordou sobressaltada de um sonho com ela. Três orgasmos, e o seu subconsciente ainda queria mais. — Claramente não está me afetando em campo.

Phoebe faz um barulho de desdém.

— Como assim? Porque você conseguiu me vencer num jogo de futebol? Você sabe que isso não é uma partida de verdade.

— Bom, eu fui bem no fim da última temporada, né?

— Sua perna está lesionada desde a última temporada?

Merda. Grace não devia ter dito isso, mas Matthews a abala.

— Eu já falei que não estou lesionada. — O montinho nos cabelos de Phoebe é tão amador que Grace desfaz o trabalho e recomeça a trança. — Só estou ficando mais velha. E ninguém precisa saber, porque não me deixa mais lenta em campo.

Isso é basicamente verdade. E, de todo modo, é natural que as jogadoras fiquem mais lentas conforme envelhecem. Grace não precisa chamar atenção para o fato de que não é mais uma jovem estrela.

— Não acredito em você — diz Matthews. — E você não sabe se isso te deixa mais lenta em campo se não fez nenhum esforço para se curar.

— Bom, ainda ganhamos o campeonato ano passado, né?

— Como você pode agir como se não se importasse? É ano de Copa do Mundo. Você quer mesmo não estar no seu auge durante a Copa?

Grace não responde.

— Pelo amor de Deus, Henderson. — Phoebe praticamente rosna. — Se você não vai fazer por você mesma, faça pelas suas companheiras de time. Acha que é justo com elas que você não esteja no seu auge? Como vai defendê-las?

Pela primeira vez, Grace considera procurar a treinadora. Não porque Matthews usou um bom argumento — ela, na verdade, provou o argumento de Grace por ela. *Lógico* que Grace defende as suas jogadoras. Elas não têm motivo para duvidar dela, e não vai dar um motivo ao reclamar de dorezinhas normais. Mas Phoebe está tão estressada com isso que fica claro que não vai largar o assunto. Pode valer a pena ela mesma ir conversar com Dawn, mesmo que só para impedir que Matthews a dedure.

Pensar em choramingar dá ranço em Grace, apesar de que ela provavelmente ganharia pontos com Dawn. Treinadoras sempre querem saber absolutamente *tudo* sobre você. Da primeira vez que Grace menstruou, ela contou a Ilse, treinadora da seleção, antes de contar à mãe. Mas isso não é nada de mais. Dawn contaria à equipe técnica, e Grace teria que ou contar ela mesma a Amanda, ou contar ao seu empresário e deixá-lo lidar com isso. Se ela for para o banco — o que muito provavelmente vai acontecer, em nome do *descanso* —, as pessoas vão notar, os

repórteres vão começar a fazer perguntas, e de repente todo o mundo do futebol feminino estará debatendo se ela vai ou não estar bem o suficiente para ser convocada para a Copa do Mundo.

Ainda que seja uma situação falsa na cabeça dela, a possibilidade é irritante o suficiente para Grace acidentalmente apertar demais as seções da segunda trança, e Phoebe arfa. Memórias da noite passada envolvem Grace. Ela consegue ouvir os outros barulhos que Phoebe fez: sua risadinha de prazer com o quanto Grace estava molhada no colo dela; seu gemidinho quando Grace mordeu os seus mamilos, sua voz toda vez que dizia o quanto Grace era boa, perfeita.

Foder no vestiário foi a pior ideia possível.

— Ah, cara, que saudade disso — comenta uma voz, arrancando Grace do seu devaneio safado.

Olhando por cima do ombro, Grace vê Ash, goleire titular do Krewe. Sorrell está ao lado delu. Ter tantos olhos sobre ela faz Grace querer se afastar de Matthews, mas ainda não terminou com as tranças. Não que seja estranho que ela esteja fazendo os cabelos de alguém — mas ela sente que fica muito na cara estando tão perto de Phoebe. Como se as pessoas fossem dar uma olhada nas duas e saber o que aconteceu ontem à noite.

— A única coisa ruim de ter cabelos curtos é que Grace Henderson não pode fazer tranças em mim. — Ash passa a mão pelos cabelos loiros platinados raspados.

Viu? É totalmente normal Grace estar trançando o cabelo de Phoebe.

— A única coisa ruim? — pergunta Sorrell. — E quando você raspou pela primeira vez e não passou protetor solar?

— Eu passei protetor solar, sim — diz Ash. — Eu sempre passo protetor solar. Só não percebi que precisava passar no couro cabeludo.

Grace lembra. Ash é do País de Gales, e, de todas as pessoas no time, a pele delu é a mais pálida, exceto naquele dia, com o topo da cabeça queimado até ficar vermelho-vivo. Ash começou a manter o corte um pouco mais comprido depois disso.

— Já chega de falar de mim — diz Ash, alto, já que Sorrell continua a provocação. — Quem é a novata?

Matthews vira a cabeça para dar oi, e Grace tem que se virar com ela.

— Oi. Phoebe Matthews. Nova no seu meio de campo.

— Uma novata que já convenceu Henderson a fazer os cabelos? Você deve

aprender rápido.

— Com uma líder que nem a Grace, fica fácil — diz Matthews.

Sorrell solta uma risadinha pelo nariz, e Ash joga as mãos para o alto.

— Ah, meu Deus, que puxa-saco. Retiro o meu elogio anterior.

Phoebe ri com elas, como se nunca tivesse achado um grupo em que não se encaixasse, então inclina a cabeça para trás para olhar Grace, o que não ajuda por uma série de motivos. Primeiro, o sorriso dela é uma distração frustrante, e, segundo, as mãos de Grace continuam no cabelo dela.

— Para de se mexer — diz Grace. — Não terminei.

— Sim, senhora — responde Matthews.

Grace ignora a forma como outres dão risadinhas de desdém.

— Ash, como está aquele dedo?

— Esse? — pergunta Ash, e mostra o dedo do meio para ela.

Mas *é* o dedo certo — elu o quebrou na semifinal do ano passado e passou o segundo tempo inteiro à beira de lágrimas.

— Está bem. Faz quatro meses.

— Eu sei, mas tem lesão que dura — diz Grace.

Com uma tosse, Matthews disfarça mal um resmungo.

Quantas vezes Grace tem que falar que não está lesionada? Há uma diferença entre lesão e envelhecimento. Ela já se machucou antes, rompeu um ligamento do joelho aos dezenove anos. Ainda se lembra do som de algo estourando quando o seu pé ficou plantado em vez de girar junto com a perna. Isso, sim, é uma lesão — repentina e chocante. Envelhecer, por outro lado, é uma fervura lenta, como um sapo numa panela de água, sem perceber que está queimando até ser tarde demais.

Há barulho fora do vestiário, vozes ininteligíveis em tudo exceto na animação. O restante do time deve ter começado a chegar. Grace não consegue evitar um sorriso; ela ama o time.

Ela termina a segunda trança em tempo recorde. É bem mais fácil sem Matthews perturbando-a.

— Agora, se manda daqui antes que alguém veja e eu seja obrigada a trançar os cabelos de todo mundo.

— Valeu, capitã — diz Phoebe, e sai saltitando.

Grace não fica irritada com a facilidade com que ela vai embora. Grace *quer* que ela vá embora; quer se afastar de Matthews, evitar que alguém note alguma coisa. É

bom que Phoebe aja como se não tivesse nada rolando entre as duas. Porque não tem. Não importa que elas tenham transado. Não importa o que Phoebe acha que sabe. Ela é igualzinha a qualquer outra jogadora do time. E, depois que Grace faz o cabelo de qualquer outra jogadora do time, elas agradecem e seguem com a vida.

E, de todo modo, Grace não tem tempo para pensar em Matthews. Ela tem um treino para comandar.

Quinze



Phoebe passa a maior parte do treino tentando falar com qualquer um menos Grace. Ela riu da ideia de que era obcecada por Grace, mas, quando era criança, com certeza era, sim. Queria ser Grace. Quando ficaram sozinhas semana passada, foi mais fácil vê-la como uma pessoa qualquer. Vê-la agora comandando um exercício, liderando pelo exemplo, sendo capitã — Grace recupera um pouco daquele brilho distante de celebridade. Faz com que Phoebe se sinta uma criança, naquele sentido bom de maravilhamento infantil, mas também naquele sentido vergonhoso de ser jovem e inexperiente. Ela não quer que vejam que ela tem uma paixonite pela veterana.

Não ajuda que outro motivo para que Phoebe evite Grace seja se impedir de pular em cima dela. As mãos de Grace nos seus cabelos enlouqueceram Phoebe. Ela não pode estar *com tesão* no primeiro treino do time.

Mas está. Assistir à Grace é pornô de competência. Ou, tipo, pornô de liderança, algo assim. A questão central é que Phoebe curte. Não que ela vá fazer nada sobre isso. Não até Grace ir examinar a perna.

Pelo menos tem várias coisas em que prestar atenção. Phoebe só conheceu dois técnicos quando foi contratada — o principal, Eric Givhan, e o assistente dele, Scott Kramer. Tem outro assistente e o técnico do gol, além de múltiplos treinadores e um assistente médico e alguém com título de especialista em desempenho. Phoebe esquece a maioria dos nomes quase imediatamente após o aperto de mãos, mas se lembra de Dawn, a treinadora-chefe. A que Grace está evitando. Phoebe se sai um pouco melhor com os nomes das companheiras de time, se bem que ajuda ela ter visto a maioria delas jogar na AAFF. Além do mais, tem Kayla e Gabby, que ela conhece da concentração. Aparentemente, Gabby mora no mesmo andar de Phoebe

no prédio. E tem Ash, no gol, e Phoebe também tem que tomar cuidado para não parecer obcecada por elu, porque foi uma das primeiras pessoas não binárias a jogar na liga, então Phoebe está meio obcecada por elu, sim. Ser queer é ser legal, na opinião dela.

E, aliás — falando nisso —, Phoebe nem consegue saber se Grace saiu do armário. Tá, sim, talvez o treino não seja o lugar em que Grace sinta vontade de compartilhar a sua identidade, mas Phoebe e Ash têm uma discussão acalorada sobre qual é a Pantera mais gostosa — das originais às refilmagens às mais recentes, passando também por aquelas do início dos anos 2000 —, e Kayla e outras jogadoras também palpitam, então algumas pessoas não se importam de mostrar o quanto são queer. (A resposta correta é Lucy Liu, óbvio.)

Não que tenha importância. Grace não precisa sair do armário. Phoebe está bem mais interessada em por que ela se recusa a admitir que está lesionada. Qual é o motivo? Por que alguém iria querer jogar machucada? Bom, tá, não é exatamente a pergunta certa. Phoebe com certeza já jogou machucada quando não queria sair de um jogo. Tipo quando a chuteira de alguém abriu a pele do joelho dela, e ela cobriu com gaze no intervalo para poder entrar de novo. E teve aquela vez memorável — ou, no fim das contas, não tão memorável — que ela jogou com uma concussão, jurando que estava ótima depois da sua cabeça bater contra a da goleira num escanteio. Aparentemente, ela acabou marcando o gol da vitória, mas ficou sem conseguir ler, ou olhar para o celular, ou fazer qualquer coisa sem óculos escuros por dois dias inteiros depois.

Mas não é como se elas estivessem no meio de um jogo. Não estavam nem em pré-temporada até hoje. E, se fosse qualquer outra jogadora, Grace a mandaria procurar a treinadora. Phoebe sabe daquilo porque, além de indagar sobre o dedo de Ash, Grace perguntou a Colleen sobre uma lesão chata de tornozelo. Ela escolhe ignorar apenas os próprios problemas, mesmo.

Quanto a Phoebe, não é exatamente *ela* que Grace está ignorando. Ela não consegue saber se Grace realmente se esforça para evitá-la ou se a própria Phoebe está só prestando tanta atenção em Grace que fica parecendo isso.

Pelo menos durante os exercícios, Phoebe fica suficientemente distraída. A cada momento de folga, porém, seus olhos encontram o caminho até Grace. Ela simplesmente exige atenção. É quase como se tivesse virado uma pessoa diferente com a chegada do restante do time — não é mais Grace, é a Capitã. Parece mais

alta, de algum modo, apesar de Phoebe ainda ter dezoito centímetros a mais que ela. É como se, em campo, a presença dela fosse tão grande que você esquece que ela não chega a ter 1,63m. Ou… bom, é o que a internet diz, pelo menos. Não que Phoebe tenha pesquisado depois do não beijo ou coisa do tipo.

Seus cabelos, presos numa trança embutida que termina num rabo de cavalo trançado, estão lindos. Perfeitos. Apropriados. Phoebe quer estragar aquele penteado. Quer as mãos de Grace nos seus cabelos como ontem à noite, não como hoje de manhã. Tem algo atraente na ideia de bagunçar completamente uma mulher tão composta.

É, Phoebe não pode estar pensando essas coisas no seu primeiro treino da AAFF. Ela consegue terminar o dia sem demonstrações abertas de tesão. Engasgar quando Grace joga um pouco d'água da própria garrafa na cabeça não conta.

Em todo time de futebol em que Phoebe já esteve, as jogadoras se alongam juntas após o treino. O alongamento coletivo sempre é a parte favorita de Phoebe. É quando você pode conhecer as suas companheiras, quando alguém inevitavelmente começa a tirar a chuteira e as meias e quem está do lado reclama do cheiro, quando, após treinos árduos, todo mundo está cansado demais até para se abaixar e alongar, quando líderes — e, às vezes, até novatas — dão discursos inspiradores sobre o que vocês passaram juntas e o que têm à frente, quando você não se preocupa em ganhar ou perder, porque tem o seu time ao lado. Phoebe sempre disse que futebol é sua coisa favorita no mundo, mas, lá no fundo, o jogo em si sempre esteve em segundo lugar em relação ao time.

Não é diferente com o Krewe — nem o alongamento, nem o apego de Phoebe às suas companheiras. Até agora, mesmo mal conhecendo a maioria delas, é matar ou morrer por todas. O treino pareceu normal, porque treino é normal, exercícios e palestras similares e o mesmo tipo de chuteira nos pés dela desde os treze anos, mas, ao alongar-se depois, embora seja o que sempre acontece no fim de uma sessão, Phoebe nem consegue acreditar que esta é a sua vida. Durante toda a temporada, vai poder treinar, e jogar, e vencer, e perder, e se alongar com esse time.

A não ser que entre para a seleção, mas, dessa vez, não é nisso que está focada.

Está focada em tentar levar a mão mais além do ponto no pé em que Gabby está conseguindo tocar ao seu lado.

— Caramba, você é flexível pra cacete — murmura Phoebe.

— Para ser justa, suas pernas são bem mais compridas que as minhas.

Tem trinta centímetros de diferença na altura delas.

Ao passarem para o alongamento-borboleta, Gabby pergunta:

— Quer fazer alguma coisa mais tarde?

— Lógico — responde Phoebe. — Tenho que te contar da minha semana de aventuras em Nova Orleans.

Ela não vai contar *tudo* a Gabby, claro. Não vai contar tudo a ninguém, nem a Teddy. Vai manter a sua boca grande fechada, para variar. Mas Grace não é a única coisa boa em Nova Orleans.

— Espera, você já está aqui há uma semana? — pergunta Gabby.

— Estou — confirma Phoebe. — Vim mais cedo para achar um emprego de meio período e consegui. Arrumei um trabalho de garçonete numa lanchonete.

Gabby geme.

— Por favor, não me lembra que eu provavelmente preciso de um segundo emprego.

— Tá, tá, desculpa. Coisas menos exaustivas estão acontecendo! Tipo, andei explorando um pouco a cidade. Com ajuda da Grace.

— Sério?

— Sim, ela tem um gosto excelente para restaurantes. Fomos num lugar de *beignet*, não aquele do French Quarter, o outro, e outro dia comemos uns tacos de café da manhã maravilhosos. Esqueci o nome do lugar, mas a gente devia ir um dia, é uma delícia. — Phoebe saliva só de pensar. Ela sempre fica morta de fome depois do treino. Grace está do outro lado do círculo, alongando-se na frente delas, então Phoebe levanta a voz para perguntar: — Ei, Grace, como se chama aquele lugar em que você me levou para comer tacos de café da manhã?

Ela não grita de propósito, mas a conversa em torno delas dá uma pausa quando ela fala, e sai mais alto do que queria. Mais de uma das novas companheiras de time se vira para olhá-la. Tudo bem. Só é constrangedor se ela agir como se fosse. Ela finge não notar, só espera Grace responder.

Grace a faz ficar mais desconfortável quando olha para ela com uma expressão vazia por uns bons cinco segundos antes de enfim responder:

— Pagoda Café.

— Isso, é, Pagoda — repete Phoebe, virando-se para Gabby. — Eram bons pra cacete.

— A Grace te levou para tomar café da manhã? — Kayla se junta à conversa,

soando quase incrédula.

— Sim. — Phoebe dá de ombros como se não fosse nada de mais, mas está tendo a sensação de que talvez seja. — Ela está me ajudando a explorar a cidade.

Grace aparentemente decide ser menos esquisitona sobre a coisa toda.

— Levei ela no desfile do Krewe du Vieux no sábado. Já que ela é virgem de Mardi Gras e tal.

Foi tão difícil assim?, Phoebe quer perguntar.

— Perdeu a virgindade de desfile, foi? — Ash sorri. — O que achou?

— Não sabia que dava para ganhar colares de contas sem mostrar os peitos.

Ash ri.

— Você ficou sabendo disso antes ou depois de mostrar?

— Eu não gosto de ser indiscreta com as minhas indiscrições — diz Phoebe com uma piscadela.

É uma piada, não uma afirmação com segundas intenções, mas ela pega Grace observando-a, e o contato visual parece pesado. Não que Grace precise se preocupar. Phoebe não vai expô-la — nem a sua sexualidade, nem a sua lesão. Se bem que, se deixá-la nervosa sobre esta última questão significar que ela tem mais probabilidade de falar com Dawn sozinha, bom, com certeza não seria a pior coisa do mundo.

— Então, para onde você vai levar ela agora, Henderson? — pergunta Ash.

Phoebe tenta não parecer interessada demais.

— Onde você levaria? — devolve Grace.

— É — diz Phoebe. — Só para deixar claro, fico feliz de qualquer uma me levar para ver a cidade, não só a Grace.

É verdade, se bem que ela é muito fã de ser levada para passear por Grace.

— Mas é bom saberem que ela vai fazer vocês pagarem pela comida — fala Grace.

— Com licença — diz Phoebe, fingindo afronta. — Você perdeu aquela aposta de forma justa.

Elas não mencionam que Grace também pagou os *beignets*.

— Leva ela na balsa — sugere Ash. — Pelo menos é barato.

— E tem uma bela vista da cidade — diz Kayla.

Grace concorda com a cabeça.

— É verdade.

— Quer dizer que você vai me levar? — pergunta Phoebe.

— Pode ser, Fenô. A gente vai na balsa.

— Hoje?

Ash dá uma risadinha silenciosa. Talvez Phoebe não devesse se entusiasmar tanto. É que ela gosta de sair com Grace, e, toda vez que Phoebe diz que vai fazer alguma coisa "um dia desses", acaba nunca fazendo. É sempre melhor ter um plano.

— Na quinta — diz Grace, de um jeito que não parece que está oferecendo o dia como possibilidade, e sim como se estivesse decidido.

— Beleza.

— Posso ir também, Capitã? Ou é um encontro particular? — pergunta Ash.

Phoebe consegue ver Grace revirando os olhos do outro lado do círculo.

— Não é um encontro, mas você não pode ir por causa da sua pentelhice.

— É, faz sentido — responde Kayla, e Ash joga o protetor de canela na companheira.



— E aí, como é ser *amiga* da *Grace Henderson*?

Graças a Deus, Gabby está focada em destrancar a porta do apartamento — Phoebe não precisa que ela note o quanto o seu rosto fica corado em resposta. É uma pergunta normal. Uma pergunta que Phoebe faria a Gabby se os papéis estivessem invertidos. E, enfim, ela e Grace *são* amigas. Gabby não precisa saber que é uma amizade colorida.

— É… surpreendentemente normal, na verdade, sabe? — diz Phoebe. — Quer dizer, se eu pensar demais, sim, é uma coisa doida pra caralho, mas também é que nem na concentração. Ela é uma das minhas companheiras de time. E eu enchi o saco dela até ela sair comigo.

— Então, você está dizendo que ela é igualzinha a mim? — pergunta Gabby quando consegue abrir a porta.

— Não, você é tão tosca que *quer* sair comigo. Bem pior.

— Aah, sim, é muito constrangedor mesmo.

O apartamento de Gabby é um espelho do de Phoebe — mas, enquanto a sala de Phoebe está vazia exceto pelos móveis que já estavam lá e uma mala pela metade, a de Gabby está decorada. Há prateleiras extras cheias de livros, plantas e fotos em porta-retratos. Uma enorme bandeira bi ocupa metade da parede acima da TV.

— Como eu não sabia que você era bi? — pergunta Phoebe.

— Ah, eu não sou, só apoio a causa.

— Ah. — É bem estranho, mas tá bom. — Tudo bem. Legal.

Gabby gargalha.

— Meu Deus, Matty, é brincadeira. Claro que eu sou bi! Não tenho uma bandeira enorme de orgulho bissexual na minha parede só porque sou uma superaliada. O que é isso, o ensino fundamental, antes de eu me entender?

— Nunca se sabe!

— *Por favor*, não vai me dizer que você achou que eu fosse hétero!

— Não, eu…

— Que constrangedor — diz Gabby. — É bem pior do que sair com você voluntariamente. Eu *pareço* hétero?

— Meu Deus, para com isso.

— Quer dizer, eu bem que ando pensando em raspar a parte de baixo dos cabelos.

— Tá, espera, não desiste, com certeza raspa a parte de baixo dos cabelos.

— É?

— Com certeza — repete Phoebe. — Mas, sério, como eu não sabia que você era bi? Eu falo de ser lésbica sem parar. Por que você não comentou nada na conversa sobre quem é a Pantera mais gata?

— Hum, porque você já estava prestes a brigar com a Kayla por responder Kristen Stewart, então eu não ia me meter para falar Naomi Scott.

Naomi Scott é gatíssima, mas Phoebe sacode a cabeça.

— Como você pode dizer isso sendo que a Lucy Liu existe?

Gabby dá de ombros.

— Eu nem vi essas versões. Não saíram antes de a gente nascer?

— A primeira sim, mas, como uma boa lésbica, imediatamente fiquei obcecada pela franquia e assisti a todos, até à versão da Farrah Fawcett.

— Uau, você é muito nerd.

Phoebe se apruma toda.

— Muito mesmo, obrigada por notar.

— Espera, você pode ser nerd, mas também é alta — diz Gabby, como se isso tivesse alguma coisa a ver.

— Hein? — pergunta Phoebe, enquanto a amiga desaparece na cozinha.

— Vem cá, preciso da sua ajuda com uma coisa.

A coisa com que ela precisa de ajuda é colocar uma jarra e quatro taças enormes de margarita na prateleira mais alta da cozinha.

— Tá, mas agora você não vai conseguir pegar quando precisar — diz Phoebe ao guardá-las.

— Eu só vou precisar se receber amigos, aí você pode pegar.

— Eu sou a sua única amiga? Que deprimente.

Gabby revira os olhos.

— É, vamos ser só você, a Grace Henderson e eu, curtindo.

— Você precisa parar de chamar ela pelo nome e sobrenome se quiser ser amiga dela — diz Phoebe.

Se Phoebe não tivesse ficado com Grace, talvez flertasse com Gabby. Aliás, se Grace fosse qualquer outra, Phoebe provavelmente ainda flertaria com Gabby. Phoebe e Grace são amigas e podem se pegar de novo se Grace falar com a treinadora. Mas mesmo assim — não tem compromisso nem exclusividade. Phoebe já pegou mais de uma mulher ao mesmo tempo várias vezes. Mas é diferente com Grace. Phoebe não acha que vai poder transar com Grace de novo se transar com outra pessoa. E Gabby é gata e só vai ficar mais gata se raspar a parte de baixo do cabelo, mas Phoebe não vai abrir mão da chance de ficar com Grace outra vez — depois de ela ir falar com a treinadora, lógico.

Phoebe nunca teve muita dificuldade de combinar amizade e sexo, mas ela sabe que algumas pessoas têm. Então, não custa nada manter Gabby segura como amiga.

Na real, seria bom ter uma amiga com quem conversar sobre tudo o que está rolando com Grace. Conversa de mulher, ou contar vantagem, ou as duas coisas, talvez. *Dá para acreditar que ela sentou no meu colo?*, e *Ela não conseguiu ficar de pé depois daquele ultimo orgasmo*, e *Ela é tão frustrante, não se cuida*. Mas, de novo, Phoebe nem sabe se Grace saiu do armário para alguém fora da família. Além do mais, Grace é a pessoa mais discreta que Phoebe já conheceu. No que diz respeito às coisas com Grace, Phoebe não vai contar nem a *Teddy*, que ela sabe que levaria para o túmulo se pedisse.

Ela em geral não beija e sai contando por aí, mas é diferente quando é uma *celebridade*. Phoebe não estava mentindo para Gabby sobre como é normal ser amiga de Grace — ela nunca pensa na fama de Grace quando estão juntas. É só pensar nisso agora que parece estranho. Ela *ficou* com *Grace Henderson*. Sabe como

Grace é na cama, os barulhos que faz e o gosto dela, sabe como é ter os dedos de Grace dentro dela.

— Agora esta é… a nossa vida — diz Phoebe, para parar de pensar em Grace comendo ela.

— Você acha mesmo que um dia vamos nos acostumar? — pergunta Gabby.

— Porra, espero que sim.

Dezesseis



Grace concorda em levar Phoebe na balsa porque não sabe como dizer não. A ruiva pediu na frente de toda a equipe. Mesmo que não tivesse pedido, Grace não tem um bom motivo para recusar. O que ela vai fazer, negar-se a levar Matthews para qualquer lugar a menos que prometa não contar a Dawn sobre a suposta lesão na sua perna? É um confronto desnecessário. Se Matthews não falar sobre a perna de Grace, Grace também não vai falar. Não é nada de mais. Ela não quer que Phoebe saiba que está pensando nisso.

Mas está. A cada treino, pensa em não demonstrar fraqueza, em não dar muita atenção a Matthews, mas também não ignorá-la por completo. Grace teme os exercícios em dupla, esperando que Matthews faça par com ela, mas, mesmo quando isso acontece, Phoebe permanece concentrada, profissional. Ela não diz nada sobre o corpo envelhecido de Grace. Não dá dicas nem olha para Grace como as pessoas fazem às vezes, como se ela devesse saber o que estão pensando só pelo olhar. Ela trabalha e brinca, rindo tanto no Krewe quanto riu na concentração em janeiro.

Talvez Grace não precise se preocupar com o que Phoebe acha que sabe.

Esse não é o único problema dela com relação a Matthews. A questão maior é que a terapia de exposição funcionou bem demais. O corpo de Grace gostaria de continuar a ser exposto ao de Phoebe, sim, muito obrigada. Sua libido está fora de controle. No treino, ela consegue se controlar, porque precisa se concentrar, trabalhar, liderar. Mas depois…

Na quinta-feira, antes de irem para a balsa, a boca de Grace fica seca ao ver a curva do bíceps de Phoebe enquanto ela torce os cabelos ainda úmidos num coque incomumente baixo para ela. Ela havia usado as tranças que Grace lhe fez por dois

dias seguidos, com os cabelos soltos e cheios de frizz como uma auréola, antes de aparecer na quarta-feira com o longo rabo de cavalo que Grace vira em todos aqueles vídeos do YouTube. Grace queria domar o cabelo dela de novo. Guardou o pensamento para si. Agora, os cabelos molhados de Phoebe fazem Grace pensar nos chuveiros, no banco em frente aos armários, nos lugares em que elas se tocaram.

Afastar-se do local da lembrança deve ajudar, mas ter Matthews no seu carro faz Grace se lembrar do Mardi Gras, da faixa de barriga pálida, mas ainda sardenta, que aparecia por baixo do moletom cropped de Phoebe.

Ela está mais coberta esta noite — calça de moletom preta larga e uma jaqueta *bomber* com capuz por cima de uma camiseta branca. Seu coque está baixo para dar espaço a um boné preto no alto da cabeça, com SÓ AMIGAS bordado em linha branca na frente.

Durante todo o caminho até a Canal, Phoebe fala. Ela não precisa de muito de Grace, é mais um comentário contínuo do que uma conversa. Nem completou uma semana de treinamento e Matthews já está traçando estratégias de escalação como se tivesse algum poder de decisão nisso. Grace a deixa tagarelar.

É claro que Matthews quer conversar com Grace sobre futebol. Elas não vão transar de novo, já deixaram isso claro — então por que mais ela iria querer sair com Grace? É uma pena que Matthews não saiba que Grace não fofoca sobre as suas companheiras de time. No entanto, à medida que o debate unilateral continua, Grace percebe que Phoebe também não está exatamente fofocando. Ela tem algo de bom a dizer sobre todas. *A Gabby é muito rápida*, e *A Colleen não precisa dar show porque é confiável*, e *Alguém já estudou a Sorrell? Porque a precisão dos passes dela é lendária.*

Mais irritante do que o quanto Phoebe fala é o quanto ela *não* é irritante. Grace sabe como deveria se sentir, como em geral se sentiria nessa situação, mas as emoções simplesmente não estão lá. Atuar como guia turística de Phoebe não tem sido um grande fardo. Há muito que Grace não passa tanto tempo na cidade. Ela adora Nova Orleans. Não é difícil ir aos seus restaurantes favoritos, mesmo que tenha que levar Matthews. Grace odeia a *ideia* de passar tanto tempo com essa novata, mas percebe que fazer isso não é tão ruim.

Hoje à noite é a mesma coisa. Grace não queria ir na balsa — é para turistas e pessoas voltando do trabalho, e ela não é nenhuma das duas coisas —, mas, agora que elas compraram as passagens e estão subindo os degraus para o segundo andar,

ela está um pouco animada. Ninguém mais parece ter vindo conhecer a cidade, mas, com o pôr do sol antes das seis, há muitos passageiros voltando do trabalho para casa.

Grace não olha para a bunda de Phoebe enquanto a segue até dois assentos na parte de trás do barco, o mais próximo possível da lateral. Nada obstrui a visão delas.

— Para jantar em Algiers, podemos ir de comida típica de Nova Orleans ou um pub inglês legítimo — diz Grace. — Não vou a nenhum dos dois há bastante tempo, mas me lembro de amar.

— Espera, a gente vai jantar?

— Lógico. Já que vamos lá, imaginei que você devia ver o bairro um pouco em vez de virar e voltar direto na próxima balsa.

Phoebe tira o boné e o reajusta.

— A gente não falou nada de jantar. Eu ia fazer *mac and cheese* em casa.

Grace não entende.

— Você não quer jantar?

— Eu, hum… não, enfim, tudo bem.

A balsa se afasta do cais, e Phoebe fica em silêncio.

Grace não vai ao rio há muito tempo. Ela conta na memória — três anos. Quando os seus pais e a sua irmã vieram para o jogo de abertura daquele ano. Geralmente é a eles que ela mostra a cidade, embora o seu pai sempre tenha mais conhecimento do que ela, tendo folheado livros sobre Nova Orleans assim que Grace assinou o contrato. Ele recita fatos sobre a história da cidade, enquanto Grace evita as perguntas da mãe sobre a sua vida amorosa e as perguntas da irmã sobre qualquer coisa que Harmony ache que a irritará.

Com Phoebe é diferente. Mais tranquilo, o que Grace nunca teria esperado. Há menos pressão para entretê-la, já que Matthews convidou a si mesma, basicamente. A maior diferença, porém, é que Grace vê a cidade estendida diante delas com outros olhos. Não é bem como se estivesse a vendo pela primeira vez, porque reconhece a Catedral de St. Louis e a ponte Crescent City Connection atrás delas e, embora não tenha estado no rio recentemente, percebe que a maré está alta, a luz dourada do sol poente faz com que a água pareça quase perolada — mas ela está imaginando como deve ser para Matthews. Tentando se lembrar de como era para ela na primeira vez em que fez essa viagem.

Elas passam por um rebocador empurrando uma barcaça no rio e, em seguida, pelo *Natchez*, ainda atracado na margem, com a sua enorme roda traseira vermelha brilhante à luz da noite.

— Esse barco faz basicamente a mesma coisa que a balsa — diz Grace a Phoebe. — Só que por muito mais dinheiro.

Phoebe faz *hummm* em resposta. É tão fora da personalidade dela que Grace quase pergunta o que aconteceu, mas, afinal, o que ela sabe sobre a personalidade de Phoebe? Talvez a garota esteja enjoada. Grace deveria estar agradecida pelo alívio, em vez de ficar inquieta com a falta de conversa.

É claro que, no momento em que Grace pensa isso, Phoebe se manifesta:

— Grace — diz, então pausa, tateando.

Talvez seja a primeira vez que Grace a vê em qualquer estado que não completamente confiante.

— Sim?

Matthews provavelmente toma uma decisão, porque a sua voz está mais forte quando ela continua:

— Você precisa entender que nem todo mundo é que nem você.

Grace quase ri. Só pode ser piada. Na maior parte do tempo, parece que *ninguém* é como ela.

— Nem todo mundo tem dinheiro extra por estar na seleção, ou patrocínios, ou, sinceramente, algo que não seja um salário mínimo da liga — diz Phoebe. — Algumas de nós têm um orçamento que gostaríamos de seguir. Você não pode só decidir um jantar do nada.

Grace não tinha pensado nisso.

— Desculpa. Eu pago.

Matthews revira os olhos.

— Eu não estou te pedindo para pagar. Estou dizendo…

— Eu pago, sim — repete Grace. — Eu insisto.

Lógico que ela deveria pagar. Se estiver saindo com Matthews, ela sempre deveria pagar. Não só se perder uma aposta, mas porque tem mais dinheiro. Grace pagar não quer dizer que aquilo seja um encontro. Não quer dizer que elas sejam nada mais que amigas.

— Grace — diz Phoebe.

Ela fala muito o nome de Grace.

— Não, você tem razão. Eu devia ter pensado nisso. Eu pago.

— Assim, não vou discutir com você — fala Phoebe. — Mas é que estou falando sério. Você entende que eu tenho um segundo emprego, né? Não sou garçonete por diversão. Tipo, sim, eu provavelmente podia sobreviver com o meu salário porque o apartamento é de graça e estou acostumada a economizar, então sou bem boa nisso, mas o Teddy precisa fazer mamoplastia masculinizadora e óbvio que o convênio dos meus pais não cobre. Além do mais, estou tentando ter uma reserva de emergência, caso aconteça alguma coisa, comigo, ou meus pais, ou o Teddy, ou a Alice, tipo, eles já fizeram aqueles empréstimos de curto prazo de merda antes e não quero que precisem fazer isso nunca mais. Então estou só… tentando economizar. Mas, sim, você pode pagar. Só reconhece também que a maioria das suas companheiras de time não estão no mesmo barco que você.

— Desculpa — diz Grace de novo. — Eu não estava pensando.

Ela pensa em muitas coisas quando se trata de Phoebe — seus cabelos, e as suas covinhas, e a forma como as suas sardas se desvanecem no peito. A maneira como ela a beijou. Sua voz quando Grace a tocou. Phoebe é uma *distração*. É por isso que Grace não pensou no jantar. Isso e o fato de que Grace não sabe de verdade como fazer amizade. Pelo jeito, tem sorte por Matthews ser excelente nisso.

Phoebe parece ser excelente em perdoar também, se o sorriso no seu rosto for alguma indicação. Obviamente, ela não guarda rancor de Grace.

— Sabe — diz Phoebe, as covinhas se aprofundando —, pegar essa balsa ao pôr do sol é muito romântico. Se eu não soubesse, diria que você está tentando me seduzir.

— Uh — diz Grace.

Não é isso que ela está fazendo. Pensou que tivesse sido clara.

Antes que o seu cérebro descubra como dar um fora em Matthews de forma gentil, a ruiva começa a rir. Gargalhar, na verdade.

— Meu Deus, você tinha que ver a sua cara — diz ela. — Eu estava brincando, e valeu muito a pena pela sua cara de apavorada.

Grace solta um suspiro de alívio. A última coisa de que ela precisa é que essa novata tenha ideias românticas.

— Alguém já te disse que você tem um senso de humor idiota?

— O tempo todo. — Matthews sorri. — Mas não deixo isso me impedir.

O passeio de balsa em si leva menos tempo do que levou para comprar as

passagens. Cinco minutos no rio lamacento e elas estão em Algiers. Grace não se lembra muito da palestra do seu pai sobre a vizinhança há três anos, mas ela faz um caminho cheio de voltas até o restaurante mesmo assim, deixando Matthews ver os pontos turísticos.

Phoebe certamente parece gostar disso, com o seu sorriso largo e a maneira como cumprimenta todos os estranhos por quem passa. No restaurante, ela fica conversando com a garçonete, uma mulher de pele morena. Ela provavelmente não está tentando flertar, nem mesmo quando pisca para agradecer quando as bebidas chegam. É apenas o estado padrão de Phoebe. Não que Grace se importe com quem ela flerta.

— Como eu vou escolher? — pergunta Phoebe, passando os olhos pelo cardápio. — Qual é a melhor coisa daqui?

Grace segura a sugestão de perguntar à garçonete.

— Já faz um tempo que não venho. Mas me lembro de tudo ser bom.

Matthews reduz as suas opções para feijão-vermelho e arroz, um prato de bagre ou um dos três *po'boys* diferentes. Ela escolhe o *po'boy* de camarão e fica radiante quando a garçonete elogia a sua escolha.

Em seguida, Grace pede um *po'boy* de ostra, mais um acompanhamento de feijão-vermelho, arroz e bagre. Ela não vai comer mais do que o *po'boy* de ostra — provavelmente, nem mais da metade; *po'boys* são deliciosos, mas sempre têm pão demais para ela —, mas Phoebe pode ficar com as sobras. Talvez isso compense o fato de ela não ter pensado na sua situação financeira.

— Grace Nome do Meio Henderson — diz Phoebe.

Grace não revela o seu nome do meio. Phoebe não se deixa dissuadir.

— Você tentou ser tão durona naquele primeiro dia de campo na concentração, mas, na verdade, é muito fofa.

Grace não sabe o que fazer com esse comentário, então fica em silêncio. Phoebe deixa de lado, mudando de assunto em vez de insistir.

— Morar em Nova Orleans é tão doido para mim — diz ela. — Quer dizer, acho que não é especificamente Nova Orleans, mas qualquer cidade. Tem muita coisa para fazer. Se você quisesse fazer um tour pelos melhores lugares da minha cidade natal, eu te levaria ao único cinema de cinco salas, onde consegui o meu primeiro trabalho de merda quando tinha catorze anos. E tem uma cafeteria também, eu acho. E uma rua sem saída onde os jovens vão se pegar. Mas é

basicamente isso. — Ela toma um gole da sua garrafa d'água e depois dá uma risada. — Deve parecer ridículo para você, porque você já foi, tipo, para todo lugar.

— Eu fui para todo lugar?

— Jogando no Krewe, e no Lyon, na França, além da seleção? Você foi para mais países do que eu fui para estados, provavelmente. Até o Mapleton entrar no torneio, eu não tinha saído do Meio-Oeste. Tive uma vida muito tediosa em comparação com a sua.

— Você fez bastante coisa que eu não fiz — diz Grace. — Eu nunca tive um emprego de merda quando adolescente. Nunca me formei no ensino médio nem fui no baile de formatura. — Ela dá de ombros. — Pessoas diferentes têm experiências diferentes. Isso não te faz ser estranha.

— Tá, para ser sincera, você realmente não perdeu nada por não ir ao baile — diz Phoebe, se encolhendo. — Se bem que talvez seja só a experiência de uma adolescente lésbica no Meio do Nada, Indiana.

Se Grace não tivesse se mudado para jogar, teria sido uma adolescente lésbica no Meio do Nada, norte de Nova York. Talvez não tivesse sido muito melhor.

— Me concentrar no futebol provavelmente me poupou de muitas conversas sobre meninos quando eu estava crescendo — diz ela.

— Certo. Mas, tipo — Phoebe olha ao redor como se estivesse garantindo que ninguém conseguiria ouvir, e Grace agradece por isso —, sua família sabe que você é queer, né?

Grace decide mexer com a cabeça dela, só um pouco.

— Quem disse que eu sou queer?

— Ah, meu Deus. Você não pode ser uma daquelas pessoas que acha que queer é xingamento. Tipo, se você me falar isso agora, vou sair deste restaurante e me jogar no rio.

Grace ri.

— Não. Mas eu precisava me vingar de você pela piada da balsa ser romântica.

Phoebe pisca para Grace, com o rosto confuso. Grace se pergunta se tem algo no dente dela.

— Tudo bem aí, Fenô?

Phoebe balança a cabeça rápido.

— Tudo. Desculpa. Fiquei muito abalada com a possibilidade de você ter acreditado na retórica TERF sobre essa palavra. É muito importante para mim

como uma palavra que inclui as pessoas trans da minha comunidade.

— Claro — diz Grace, imediatamente envergonhada de ter feito piada com isso. — Eu também gosto, porque não diz demais sobre sua vida a ninguém. Obviamente, sendo — Grace faz uma careta, desejando que houvesse uma palavra melhor — meio que uma celebridade, tem partes da minha identidade que guardo para mim. Muito pouca gente precisa saber qual rótulo específico me cabe melhor.

— Me identificar como lésbica é importante para mim — fala Phoebe. — O mundo gosta de fingir que é uma categoria de pornô, não uma identidade. Levei um tempo para perceber que não era. Quero que outras garotas como eu saibam que é uma palavra linda.

Isso ressoa no peito de Grace. Ela nunca pensou assim antes, mas Phoebe tem razão. Grace tem uma memória clara de ver duas mulheres de mãos dadas e pensar: *Tomara que eu não seja lésbica*. Ela odeia a memória; parece uma traição a quem ela é, apesar de ela ter talvez sete anos na época. Não foi culpa dela. Ela sabe disso, mas mesmo assim.

— Eu saí do armário basicamente desde que descobri o que era gostar de alguém — diz Phoebe. — No ensino fundamental, declarei que nunca ia gostar de um menino. Alguns adultos na minha vida fizeram aquela coisa heteronormativa de falar, tipo: "Ah, espera até você ficar mais velha." Mas agora sou mais velha, e ainda não aconteceu, então…

Ela consegue, de algum jeito, dar de ombros com violência, como se ainda quisesse brigar com esses adultos. Grace não tem esse espírito lutador — ela prefere ignorar babacas a se dar ao trabalho de brigar com eles —, mas gosta disso.

A comida chega, e Phoebe arregala os olhos.

— Puta merda, parece uma delícia.

Ela nem sorri para a garçonete ao agradecer, embasbacada demais com o banquete na frente delas. Juntos, os pratos mal cabem na mesa alta e redonda. Antes de Grace chegar a estender a mão para o sanduíche, Phoebe segura o braço dela.

— Posso só… posso tirar uma foto antes?

Grace faz que sim. E, enquanto Phoebe dispõe os pratos na mesa e tira foto de ângulos diferentes, Grace pensa.

Ela poderia deixar para lá. Poderia focar na comida e deixar a conversa seguir. Não tem nada que ela precise dividir. Mas existe um puxão no seu estômago que a ajudou na maior parte da vida. Ela tem dois troféus da AAFF, um bronze olímpico e

duas Copas do Mundo. Em campo, ela obedece ao instinto, até mais do que ao técnico ou até ao seu cérebro. No momento, o instinto de Grace está lhe dizendo para compartilhar a sua história de como saiu do armário.

— Tá bom, vamos comer — diz Phoebe, e não perde tempo em dar a primeira mordida no *po'boy* de camarão. Ela talvez diga *Meu Deus do céu* depois, mas está com a boca cheia demais para que Grace tenha certeza.

Grace ouve o seu instinto.

— Eu saí do armário no Natal, quando tinha dezoito anos — conta. — Minha irmã mais nova, Harmony, tinha vindo me pedir um conselho sobre como contar aos nossos pais que era pansexual. Eu tinha zero conselhos. Sabia que era lésbica já há alguns anos e não tinha descoberto como ia fazer para contar para eles. Mas não ia deixar Harmony fazer isso sozinha. Sem ninguém? Sem saber como eles iam reagir? Não. Eu disse para ela que iria primeiro, se ela quisesse, porque ela ainda ia ter que morar na casa deles por mais uns anos. Quer dizer, não que a gente achasse que eles fossem expulsar ela, mas nunca se sabe, melhor prevenir do que remediar. Então, saí do armário. E, enquanto os meus pais estavam me dizendo que me amavam, Harmony berrou que era pan. Foi um Natal cheio de acontecimentos.

— É a história de sair do armário mais fofa que já ouvi.

Grace pisca.

— Quê?

O *po'boy* de Phoebe está parado entre o prato e a boca, que se abre num sorriso.

— Sério. Tipo, nobre e tal. Que irmã mais velha bacana.

Grace dá de ombros. Ela tinha feito o que qualquer irmã mais velha faria. Além disso, ajudou a si própria. Resolveu o próprio problema de como sair do armário. Não foi nada nobre.

Phoebe é que é nobre. A maneira como ela fala sobre a sua identidade, a maneira como se preocupa com as meninas queer. Grace tem muito a fazer para ser um modelo a ser seguido dessa forma. No entanto, parece errado fugir dessa responsabilidade, parece que deve haver outra coisa da qual ela possa abrir mão para poder assumir essa responsabilidade.

Em vez de pensar nisso, Grace volta a se concentrar em Matthews.

— Então, você sempre foi publicamente assumida?

Phoebe dá de ombros.

— Nunca pensei em ser publicamente assumida. Até pouco tempo atrás, eu

nunca havia pensado em termos de "público". — Ela usa aspas ao redor da palavra público. — Mesmo na faculdade, até o meu último ano, não recebíamos atenção da mídia. Não de verdade. Mas acho que eu teria feito isso de qualquer forma, mesmo que fosse uma escolha consciente. Porque é o que eu sou. E não é que eu ache que não se assumir seja se esconder. Para quem e quando você se assume é sempre uma decisão sua, mas sei lá. Sou espalhafatosa, pentelha e gay. É tipo a minha marca.

Grace odeia isso. As marcas delas como jogadoras são uma coisa, mas, em geral, elas não são marcas; são *pessoas*. São tratadas como marcas, mas são muito mais do que isso.

— Minha marca é quem eu sou como jogadora de futebol, não como pessoa — diz Grace. — Não gosto que estranhos pensem que me conhecem.

— Faz sentido — responde Phoebe. — Eu gosto de compartilhar uma parte de mim com os fãs. Então, minha marca como jogadora e como pessoa é mais ou menos a mesma.

No trajeto da balsa, Grace disse a si mesma que não conhecia a personalidade de Phoebe, mas não é verdade. E a marca de Phoebe, como jogadora ou como pessoa, não é espalhafatosa, pentelha e gay. Phoebe é divertida. Ela é a palhaça da turma até você perceber o quanto ela se dedica. Ela flerta sem pudor algum e, de alguma forma, também é absurdamente respeitosa, recuando no momento em que Grace diz que não está interessada. É evidente que Phoebe adora ser o centro das atenções, e, no entanto, por tudo o que Grace viu, é mais provável que ela passe a bola do que dê um chute a gol.

Chamar Phoebe de espalhafatosa, pentelha e gay ignora todas as suas camadas e contradições. Este é o problema de Grace com a fama — as pessoas julgam você pelo que veem. Ninguém se preocupa em procurar a pessoa por trás da marca. Para a maioria do público, Grace não é uma pessoa; ela é uma jogadora de futebol. Até mesmo para a sua família — eles vêm visitá-la no primeiro jogo da temporada. Seu pai liga depois de cada jogo. Ela já está acostumada, mas não significa que não seja frustrante. É absurdo para ela que Matthews esteja falando de si mesma como uma marca, como se fosse uma coisa boa. Mas ela é novata; ainda não conhece a fama.

Grace percebe que a conversa está estagnada. Porque era isso que estava acontecendo: uma conversa, não apenas Phoebe falando sem parar no ouvido de Grace. Mas Grace havia se perdido nos próprios pensamentos em vez de responder. Será que já passou tempo demais para ela retomar a conversa?

Normalmente, quando se perde em pensamentos, o silêncio ao qual retorna é constrangedor, mas não parece ser assim com Phoebe, que está comendo feijão-vermelho e arroz com um pedaço de torrada grossa com manteiga numa das mãos, enquanto a outra enfia a última mordida de um bolinho frito na boca.

Phoebe não lhe lança um olhar estranho nem pergunta para onde ela foi ou algo do gênero. Ela apenas continua a conversa, falando de boca cheia.

— Além disso, tipo, a Briana Scurry era um pouco velha para mim, mas eu me lembro de como foi quando eu era adolescente e a Abby Wambach saiu do armário. Minha família nunca me fez sentir que ser lésbica fosse me impedir ou algo assim, mas foi diferente ver alguém que nem eu fazendo o que eu queria fazer. Desde então, parece que o futebol feminino ficou mais gay, e sou mais que a favor disso. Quase queria não ter saído do armário só para poder fazer algo mais radical, tipo anunciar o meu noivado.

Isso foi impressionante, duas ex-companheiras de time de Grace anunciando o seu noivado numa sessão de fotos na revista *People*. Ela nunca faria isso. Não que esteja perto de ficar noiva, mas há algumas coisas que simplesmente não devem ser vistas por estranhos.

Dezessete



O sol já havia se posto há muito tempo quando elas embarcaram na balsa para a viagem de volta. Mesmo assim, Phoebe se dirige ao convés superior, e Grace a segue, embora esteja frio o suficiente agora para que Phoebe feche o casaco até o queixo.

Elas ocupam os mesmos assentos, mas tudo parece diferente no escuro. As luzes da cidade piscam para elas. A visão faz Phoebe prender a respiração. Realmente parece romântico, sobretudo levando a noite toda em consideração.

— Obrigada por pagar o jantar — diz Phoebe.

— Sem problemas — diz Grace. — Desculpa de novo por eu…

— Para de se desculpar.

— Certo — fala Grace. — Descu… merda, espera.

Phoebe ri dela.

Ela não consegue evitar. Grace é engraçada, mesmo quando não está tentando ser. Para ser sincera, esta noite talvez tenha sido a primeira vez que Phoebe a viu tentar — com aquela piada sobre não ser queer. Phoebe nem tem certeza de ter visto Grace rir antes daquele momento. Ela ficou boquiaberta com a maneira como o rosto dela se iluminou como… Phoebe ainda não consegue encontrar a palavra certa para isso. Inexplicavelmente, fez com que ela pensasse na primeira flor de açafrão-verdadeiro da primavera depois de um inverno em Indiana.

Outra novidade da noite: Grace realmente, tipo, oferecendo informações pessoais sobre si mesma. Sim, ela contou a Phoebe sobre como começou a fazer tranças, mas isso ela já sabia. Inúmeros artigos sobre Grace incluíam essa história, ou aquela sobre quando ela jogava pelo Lyon e ainda estava aprendendo francês, e disse que estava grávida em vez de cheia. Grace parece ter selecionado cuidadosamente o que as pessoas podem saber sobre ela.

Sua sexualidade não está incluída nessa lista. Mesmo que Grace fosse falar com a treinadora, se houver algo entre ela e Phoebe, não vai dar para ser às claras. Não que Phoebe precise falar em público sobre com quem está transando, é claro. Às vezes, a dissimulação faz parte da atração. É verdade que, com Grace, a atração é mais aquela pele, e aqueles músculos, e o rosto, e as coisas que Phoebe sabe que ela pode fazer com os dedos.

Phoebe entende por que Grace não se assumiu publicamente, embora não seja algo que ela mesma conseguisse fazer. Ela pode invejar a fama de Grace no que diz respeito ao futebol, mas não tudo o mais que vem junto. A ideia de ter fóruns do L Chat sobre a sua vida particular é meio que sufocante — o suficiente para Phoebe se sentir mal por ter sido uma das pessoas que postou neles.

Ao se aproximarem do cais, Phoebe desvia o olhar das luzes da cidade e vê Grace olhando para a sua boca.

Seria fácil deixá-la se aproximar. Seria muito fácil beijá-la nessa viagem romântica de balsa, depois que ela pagou o jantar. Agir como se fosse um encontro. Mas nenhuma das duas quer um relacionamento, e, pela primeira vez, Phoebe tem mais autocontrole do que imagina. Antes que as suas bocas se aproximem demais ou a tensão fique muito alta, Phoebe pigarreia.

— Parece que você ainda não foi ver a Dawn.

Isso é que é estragar o clima.

— Parece que não é da sua conta.

Grace se levanta de súbito e se dirige para as escadas na frente, como se pudesse ir a qualquer lugar. Phoebe a segue. Como previsto, elas têm de parar no pé da escada — o barco ainda não está atracado.

Mas *é* da conta de Phoebe. Ela é companheira de time de Grace. O fato de Grace não estar na sua melhor forma afeta Phoebe totalmente. Mesmo que não fosse assim, Grace é amiga dela. Phoebe não quer que Grace jogue machucada porque não quer que ela se machuque. É motivo suficiente para que seja da conta dela.

Sem se deixar abater, Phoebe continua:

— Por que a lesão só conta como fraqueza quando é você quem se machuca?

— Eu não disse que era fraqueza. Disse que estava bem.

— Certo, mas é mentira. Só estou tentando entender por que você não quer falar com a treinadora. Ainda mais quando isso significa… — Ela deixa os seus olhos se arrastarem devagar pelo corpo de Grace. — Que a gente poderia se divertir muito

mais se você desse uma olhada nisso.

A parte superior das orelhas de Grace fica rosada. Ela demora um pouco antes de responder.

— A balsa não é divertida o suficiente para você?

— Não é desse tipo de diversão que estou falando — murmura Phoebe.

A balsa é divertida. A noite inteira foi divertida. Mas seria muito mais divertido se Phoebe pudesse empurrar Grace no carro quando elas voltassem para ele. O que, claro, ela *poderia* fazer, e Grace provavelmente deixaria, mas com certeza precisa de algum tipo de incentivo para que a sua perna seja examinada.

Se flertar com ela não funciona, irritá-la talvez seja a segunda melhor opção.

— Você vai acabar cedendo, mesmo sendo teimosa pra caramba.

— O que te faz pensar assim?

Phoebe sorri.

— Bom, da última vez que parei de flertar com você, a coisa toda não durou muito tempo.

Ela dá uma piscadela para irritar Grace. E, como previsto, ganha uma daquelas carrancas de Henderson.

— Não vou levar você para casa — diz Grace.

— Mentirosa. — Phoebe ri. — Como se a minha *capitã* fosse me deixar largada aqui. Mas, de qualquer forma, você não vai me levar para casa. Vai me levar para o trabalho.

— Quê?

— É. Tenho um turno da noite.

— A que horas você vai dormir?

Phoebe dá de ombros.

— Depois do treino de amanhã?

— Matthews. — A voz de Grace está cheia de advertência.

— Vamos fazer o seguinte. Você pode me dar uma bronca por causa da hora em que vou dormir quando for falar com a treinadora sobre a sua perna.



Em geral, os turnos da noite não são de todo mau. A lanchonete nunca está lotada, e até trabalhar às duas da manhã não é tão ruim quanto alguns turnos de almoço.

Phoebe é uma boa garçonete — desde que possa ter um bloco de notas para anotar os pedidos e não precise se lembrar deles. Ela gosta de conhecer gente nova e consegue conversar com qualquer um, de uma família de cinco pessoas até um homem solitário que parece ser um tarado até o momento em que começa a falar do seu pastor-alemão. Ela também consegue lidar com os clientes realmente tarados — nem sempre da maneira que a gerência prefere, mas funciona.

Phoebe trabalhava numa lanchonete que funcionava vinte e quatro horas por dia, perto do campus em Mapleton, mas, mesmo nos fins de semana, com universitários bêbados entrando toda hora, não era assim. Ela nunca esteve em Nova York, então vai saber como é a cidade que nunca dorme, mas Nova Orleans parece dar um pouco mais de trabalho a ela.

— Fique feliz por não estarmos no Quarter — diz Dallas. — Tem um monte de bêbado arruaceiro por lá.

O restaurante não está lotado, de forma alguma, mas, quando Phoebe assumiu um turno da noite entre dois treinos, esperava um bom tempo de inatividade. Em vez disso, é preciso esperar até as três da manhã para o serviço diminuir. A essa altura, ela já está se arrastando. No início do turno, Dallas colocou um álbum cheio de músicas suaves e tranquilas. Disse que era para acalmar os clientes bêbados, mas também acalmou Phoebe, como uma canção de ninar murmurada.

— É isso que você escuta o tempo todo? — pergunta Phoebe quando, enfim, a lanchonete está vazia, felizmente. Ela boceja muito e esquece de cobrir a boca. — Como consegue ficar acordade? Como está acordade agora?

— Tirei um cochilo de três horas hoje à tarde — explica Dallas. — E ouço muitas coisas diferentes.

Phoebe faz *hummm* e cai numa banqueta no balcão. O que ela não daria para ficar na horizontal agora. Seus pés estão doendo. Talvez Dallas lhe prepare o café da manhã antes do fim do turno.



Phoebe se sobressalta quando a campainha toca na porta.

— Oi! — Sua voz está animada demais para… que horas são mesmo?

Ela pisca algumas vezes, mas não consegue ler o relógio na parede, os olhos ainda embaçados de sono. Espera, por que ela estava dormindo?

Por sorte, o casal que entrou está envolvido demais um com o outro para perceber que Phoebe está tendo uma crise existencial no balcão. Eles se sentam do mesmo lado de uma mesa, e Phoebe tenta despertar o cérebro enquanto vai buscar água para eles.

Depois de fazerem o pedido — embora pareça que eles prefeririam comer um ao outro a qualquer coisa do cardápio —, Phoebe fica perto de Dallas na cozinha.

— Quando foi que eu caí no sono?

Dallas quebra um ovo numa tigela e inclina a cabeça, pensando.

— Tipo um álbum atrás?

— Quê? — Phoebe não havia notado que a música estava diferente. Ainda é mais tranquila do que qualquer coisa que ela ouve. — E você simplesmente me deixou dormir?

— Por que não deixaria? — pergunta Dallas enquanto mexe os ovos com um batedor. — Não tinha nenhum cliente.

— Eu não posso dormir no trabalho!

— Por quê? — As sobrancelhas escuras de Dallas estão franzidas. — Você é capitalista ou algo assim? Que porra é essa?

Durante toda a sua vida, Phoebe tomou bronca no trabalho por tudo, desde falar demais até ser desorganizada. Ela nunca teve um colega de trabalho como Dallas antes — elu é incrível. Especialmente porque, duas horas depois, elu a manda para casa com uma caixa de batatas crocantes recheadas para viagem.

Mesmo com um cochilo de um álbum, tudo o que Phoebe quer fazer quando chega ao seu apartamento é dormir. Mas o treino começa em trinta minutos, e ela demora metade desse tempo caminhando até o estádio. Não tem tempo para dormir. Não tem tempo nem para tirar o cheiro de gordura do cabelo.

Vinte e sete minutos depois, Phoebe entra no vestiário. Está basicamente vazio a esta altura do treino, já que quase todo mundo já está no campo. Ela não chega a *desabar* no banco em frente ao armário, mas está cansada demais para pensar num verbo mais preciso.

— Ei, tudo bem? — É Kayla quem pergunta. Phoebe nem viu quando ela entrou.

— Tudo — Phoebe oferece um sorriso que sabe que não parece verdadeiro. — Ótima. Só um pouco lenta esta manhã.

— Tem certeza?

— Cempor — diz Phoebe, depois se encolhe. A expressão é uma piada interna de seu time da faculdade, mas ela sabe que provavelmente parece maluca para Kayla. — Cem por cento. Sério.

— Certo. Vejo você lá fora.

Phoebe não pode fechar os olhos porque talvez não consiga abri-los novamente. Ela apoia as mãos em cada lado do banco e só então pensa em como Grace a deitou de costas nele. Como pode estar tão cansada a ponto de não ter pensado nisso imediatamente?

A lembrança a acorda um pouco, pelo menos. Ela coloca uma orelha no ombro, alongando o pescoço, depois muda de lado e puxa o elástico de cabelos do rabo de cavalo.

Ele rompe nos seus dedos.

— Merda!

É claro que ela só trouxe um. E o time já está em campo, então vai ter que ir até lá, na frente de todo mundo, para perguntar se pode pegar um elástico de cabelos emprestado. Está atrasada, exausta e, agora, despreparada, e todos vão saber.

Phoebe dá um pulo quando a porta que leva ao campo se abre. Grace aparece, e os seus olhos encontram os de Phoebe na mesma hora.

— Como foi o trabalho, Fenô?

Phoebe aperta os dentes.

— Ótimo. Obrigada por perguntar.

Grace deve ter um elástico de cabelo para emprestar. Ou Phoebe poderia só amarrar de volta o que arrebentou. Então, pelo menos, não teria que pedir nada a Grace. Ela sabe que Grace provavelmente pensa nela como novata e palhaça, e em geral Phoebe não se importa — ela gosta de fazer palhaçada, na verdade —, mas no momento está cansada demais para lidar com qualquer coisa.

— Já vou sair — diz Phoebe, levantando-se para… ela não sabe o quê. Levantando-se para parecer que está acordada e no meio de alguma coisa e realmente prestes a sair para Grace deixá-la em paz logo.

— Não — retruca Grace, e aponta para o banco. — Senta.

— Você não manda em mim — diz Phoebe, mas se senta.

Grace pega uma escova e um anel de elásticos do armário.

— O treino já vai começar — fala Phoebe.

— E você não pode treinar com os cabelos assim.

Em geral, Phoebe a enfrentaria, mesmo que só para irritá-la, mas está cansada e precisa prender os cabelos. Vai discutir com Grace quando tiver energia suficiente para que seja um flerte.

Phoebe não consegue conter um ruído — não foi bem um gemido, mas não um *não* gemido — à primeira puxada da escova nos cabelos. Ela ficou a noite toda com um rabo de cavalo, e Grace está sendo delicada. Quem vai culpá-la por gostar, né?

É gostoso até demais, na verdade, estar sentada com alguém que brinca com os seus cabelos — não que Grace esteja *brincando* com os cabelos de Phoebe, está *arrumando* os cabelos dela, mas mesmo assim. Phoebe não se lembra de fechar os olhos, mas não vê nada. Poderia pegar no sono bem ali. Sua respiração começa a estabilizar, e ela belisca a própria coxa para ficar acordada.

Grace termina a primeira trança em silêncio e de forma eficiente.

— Eu sei, eu sei — diz Phoebe. — Não precisa falar nada.

— Não estou falando nada.

— Sim, não está falando muito alto.

— Isso não faz sentido — murmura Grace.

Se ela realmente disser alguma coisa, Phoebe está pronta. Qualquer sermão que Grace pudesse lhe dar, a capitã deveria na verdade dar a si mesma. *Futebol devia ser a sua prioridade*, e *Aparecer exausta não é profissional*, e *Como as suas companheiras podem confiar em você?* Phoebe vai jogar qualquer uma dessas coisas de volta na cara de Grace.

Mas Grace fica quieta até amarrar a ponta da segunda trança com um elástico.

— Vamos lá, Fenô.

Phoebe dá o melhor que pode. As duas agora estão atrasadas, mas Givhan não faz mais do que gritar:

— Obrigado por se juntarem a nós!

E continua.

O treino hoje vai ser uma porcaria.



Na faculdade, elas tinham um treinador. No singular. Uma pessoa que trabalhava para os dois times de futebol, feminino e masculino, além de alguns estudantes voluntários que queriam seguir algum tipo de carreira médica. De vez em quando,

davam jantares para o time, na noite anterior ao jogo, mas, na maioria das vezes, as equipes eram deixadas por conta própria.

A equipe do New Orleans tem mais pessoas do que Phoebe consegue discernir. Há pelo menos três treinadores, além de um quiroprata, um massagista e uma nutricionista. Isso significa que, durante todo o treino, tem muita gente comentando sobre as olheiras debaixo dos seus olhos. Mas tudo bem. Ela sobrevive. O treino termina, e tudo o que ela precisa fazer é sair deste prédio e caminhar o tanto de quadras até a sua casa. Então vai poder dormir.

Então, é claro que ela passa pela treinadora-chefe, que para completamente no corredor quando olha para Phoebe.

— Sim, eu sei, pareço cansada. Estou bem — diz Phoebe.

Ela está caminhando na direção oposta à de Dawn, mas a treinadora se vira e entra no mesmo passo que ela.

— Está dormindo o suficiente? — pergunta Dawn.

— Não se preocupa. Grace já me deu um sermão por causa disso.

Na verdade, ela não deu, mas tentou ontem à noite, e o silêncio dela esta manhã foi muito eloquente. Phoebe sabe que Grace a julga por ter passado a noite em claro, mas seria ótimo se Grace tivesse algo em que se apoiar. Tipo uma perna *não lesionada*.

— Bom, Grace tem razão — diz Dawn. — E tenho certeza de que não foi um sermão, mas, sim, uma preocupação com o seu bem-estar.

— Ela deveria se preocupar com o próprio bem-estar e cuidar da porcaria do quadril dela — resmunga Phoebe.

— Oi?

Os olhos de Phoebe saem do padrão do azulejo à sua frente e se fixam nos de Dawn.

— Hein? Nada. Ela deveria cuidar da vida dela, foi o que eu disse.

— Não foi, não. O que tem o quadril da Grace?

A porta da frente está a quinze metros de distância. Phoebe estava tão perto da liberdade, da segurança e do sono, e tinha que estragar tudo.

— Nada — diz ela. — Sério. Eu não disse nada. Você não pode saber disso.

— Eu sou responsável pela saúde deste time, Matthews.

As pessoas a chamaram pelo sobrenome a vida inteira, mas, depois de uma semana tendo Grace como única companhia, de alguma forma, parece um segredo

delas. Phoebe faz uma careta quando o ouve de outras pessoas. Não que esse seja o único motivo pelo qual está fazendo careta agora.

— Me fala do quadril da Grace — diz Dawn.

— Eu não sei — responde Phoebe. — Sinceramente, não sei. Só sei que o quadril esquerdo dela está doendo às vezes. É algo que notei quando treinamos juntas na semana passada. Tenho tentado convencer a Grace a ir falar com você. Por favor, por favor, *por favor*, não diz para ela que eu disse alguma coisa.

— Você tem outras coisas com que se preocupar. Promete que vai dormir um pouco?

— Prometo — fala Phoebe, não se preocupando nem um pouco com o seu tempo de sono.

A adrenalina que corre nas suas veias a faz esquecer que está exausta. Lá fora, ela corre por um quarteirão e meio como se pudesse fugir da sua boca grande.

Não. Ela não fez isso. Não não não não não não. Não. De jeito nenhum.

Só que, na verdade, está tudo bem, decide Phoebe ao diminuir a velocidade para uma caminhada. Totalmente bem.

Não é ruim que ela tenha dito algo. Alguém tinha que falar, e certamente não seria Grace. Ela estava tão preocupada com Phoebe dormir o suficiente, ou com o dedo de Ash, ou com o tornozelo de Colleen, e ainda assim não estava cuidando de si mesma. Que *bom* que Phoebe falou alguma coisa. Mesmo que tenha sido sem querer.

Dezoito



Grace não se lembra de sair do estádio.

Não se lembra de dirigir até em casa.

Lilly a encontra na porta como sempre, com rosnadinhos que viram miados quando Grace leva mais tempo que o normal para enfiar a chave na fechadura. Uma vez lá dentro, ela pendura a chave no gancho ao lado da porta, tira os sapatos com a ponta dos pés e vai até a despensa, Lilly se entrelaçando entre as pernas dela a cada passo. É culpa da própria Grace que o seu gato seja tão chato — foi ela quem o condicionou a esperar petiscos toda vez que ela chega do treino.

Ela deixa um petisco para Lilly e depois joga mais alguns para que ele encontre sozinho. Enquanto caça, o gato fica quieto. A mente de Grace está tudo menos quieta.

De três a seis semanas.

Ela está fora de três a seis semanas. Dawn parece achar que está mais para seis.

Grace não se machuca desde que rompeu um ligamento do joelho antes dos dezenove anos. Os treinadores a deixavam no banco se a vissem fazer uma careta de dor durante o aquecimento, como se uma aterrissagem desajeitada significasse que ela não poderia jogar uma partida. Mas sempre era uma medida de precaução, nunca de longo prazo. Com certeza não de três a seis semanas.

Ela está no sofá da sala de estar, olhando para a TV, mesmo que esteja desligada, quando Lilly a encontra novamente. O gato encosta a cabeça na mão de Grace, pedindo carinho. Ele nunca foi sutil sobre o que quer, e sempre consegue. Ela passa a mão no seu pelo longo e cor de creme, e ele fecha os olhos azuis.

Grace não acredita que deixou Dawn perceber. Obviamente, o quadril dela não é um grande problema — desde o último outono, ela tem jogado com ele machucado

e ficou tudo bem. Mas Dawn, como qualquer técnico que já viu Grace fazer cara de dor, imediatamente a suspendeu.

Ela não consegue entender a situação. Entende, racionalmente; sabe o que é uma distensão muscular, sabe quanto tempo são três semanas. Mas a ideia de ficar sem jogar futebol por tanto tempo não faz sentido. Pior ainda, Dawn disse que ela não poderia treinar de jeito nenhum. Nada de musculação. Nada de corrida. Nada de exercícios de agilidade. O que deve fazer? Assistir a filmes por um mês? Como vai poder ajudar o time?

Se Grace não puder fazer nada por três semanas, vai perder o torneio sHeroes com a seleção. O torneio não vale nada, só o direito de se vangloriar, mas, mesmo assim, não quer perder. O objetivo é passar algum tempo juntas, tempo para se unirem como uma equipe. É a última concentração antes do anúncio da lista de convocadas para a Copa do Mundo, e ela nem sequer estará lá. Se ficar fora por muito mais tempo, vai perder o início da temporada da AAFF. A equipe que ela deveria liderar abrirá a temporada sem ela. Matthews provavelmente a substituirá, tanto no Krewe quanto na seleção.

Não que seja importante quem joga no seu lugar, só importa que não vai ser ela. Nas próximas três a seis semanas, Grace Henderson não importa.

Seu estômago dói com algo que ela não consegue nomear. São muitos sentimentos que não quer admitir, com que não quer lidar. A única coisa que quer é a única coisa que não lhe é permitida: jogar futebol. É tudo o que sempre quis. Ela aguenta tanta coisa — deveres de capitã, responsabilidades com a mídia, planos alimentares, estar sempre se comportando bem, ser sempre um exemplo — para poder jogar futebol.

Ela deveria pedir um delivery. Algo gorduroso e nada saudável. Afogar as suas mágoas em bebida ou chocolate.

Mas sexta à noite é noite de pizza.

Então, Grace faz o que faz todas as sextas-feiras: tira da geladeira, para descansar, a massa de pizza que fez ontem enquanto corta pimentões vermelhos e amarelos em fatias finas e faz fitas de manjericão. Grace gosta de cozinhar receitas que conhece. Há uma cadência, um ritmo — a faca na tábua de corte, o esticar da massa enquanto ela a desenrola. Esta noite, ela faz uma pizza menor do que o normal; não tem paciência para deixar a massa tão fina quanto gostaria.

Ela fica na cozinha depois de colocar a pizza no forno, observando os próprios

dedos tamborilando na bancada. Sua mente está em branco ou muito cheia; ela não consegue decidir. Seu celular acende com uma mensagem, e Grace passa o dedo para desbloqueá-lo.

> A Gabby me disse que viu você conversando com a Dawn. Como foi???

É claro que Matthews quer saber. Quanto mais tempo Grace ficar fora, melhor para ela. A lesão de Grace abre uma vaga no meio de campo.

Uma segunda mensagem chega quase imediatamente.

> Pelo menos isso significa que podemos nos divertir de verdade, né? ;)

Grace não consegue lidar com Matthews agora, não importa o quanto a sua libido se anime com a ideia. Ela bloqueia o celular sem responder.

Quando Matthews souber quanto tempo Grace vai ficar fora, vai parar de mandar mensagens. Vai parar de se esforçar tanto para ser amiga dela. Grace está velha, machucada e afastada. Tudo o que tem a oferecer a Matthews são recomendações de bolo de reis.

O timer toca. Grace queima o polegar ao tirar a pizza do forno e nem se dá ao trabalho de colocar o dedo sob água fria.

A noite da pizza é sempre um alívio depois de uma longa semana de trabalho.

Hoje, Grace mal sente o gosto.

A massa está grossa demais.



Grace nunca quis ser famosa. A própria fama a deixa desconfortável, mas ela lida com isso porque pelo menos significa que é boa o suficiente no futebol para que estranhos saibam quem ela é. Mas há uma diferença entre saber quem ela é e *conhecê-la*. Muitas outras jogadoras cultivam esse relacionamento parassocial, por

algum motivo. Colleen vive constantemente atraindo pessoas para os seus TikToks. Um casal que jogava na seleção publicou um vídeo inteiro do dia do casamento delas. Grace não consegue imaginar.

Quando tinha dezessete anos, viajou para Los Angeles para filmar o seu primeiro comercial, um anúncio para uma plataforma de streaming de música há muito extinta. Seu agente estava com ela no set, assim como o seu pai. Mesmo naquela época, parecia estranho que alguém pensasse que o apoio dela venderia um produto. Mas ser celebridade é assim; Grace quer que as pessoas a conheçam pela sua habilidade e pelo seu sucesso nos gramados, nada mais, mas o seu apoio *vende* produtos. Alguém tirou uma foto dela comendo a sua barra de proteína favorita na lateral de campo durante um jogo, e, desde então, Grace tem um contrato fixo com a empresa.

Ela tem que filmar um comercial no sábado de manhã. Dessa vez, a equipe de filmagem vem até ela. Alugaram um campo de futebol nos arredores de Nova Orleans, e está no contrato de Grace que não tomarão mais do que três horas do seu dia. Ninguém se junta a ela no set, o que é bom, já que ainda não contou ao agente sobre a lesão. Vai contar, mas não tem motivo para cancelar as filmagens. Menos de três horas num campo antes que o ar fique abafado demais. Ela vai correr um pouco, chutar algumas bolas e contar ao agente amanhã. Dawn não sabe do comercial, e o agente de Grace não sabe do quadril dela, e o que eles não sabem não pode fazer mal. Supostamente, pode fazer mal para Grace, mas ela está jogando com a lesão desde a última temporada.

Claro, a suposta lesão teria sido a desculpa perfeita para cancelar tudo, mas Grace mantém a sua palavra. Além disso, a equipe de produção provavelmente já estava em Nova Orleans quando Dawn colocou Grace no banco. Teria sido muito inconveniente cancelar, mesmo que ela desejasse poder. Às vezes, ela pensa nisso, pensa em cancelar tudo, desistir de tudo — comerciais, responsabilidades de capitã, jogar profissionalmente. Ela poderia se aposentar, talvez mudar o cabelo num esforço para não ser reconhecida e então jogar em alguma liga recreativa. Mas essa ideia parece ingrata. Sua família abriu mão de tanta coisa para que ela chegasse até aqui — a quantidade de dinheiro gasto em equipamentos e treinos, o fato de ela e a mãe terem morado no outro lado do país, longe da irmã e do pai, por seis anos —, ela não pode simplesmente desistir. E também nunca abandonaria as suas companheiras de time dessa maneira.

É por isso que ela nunca disse nada sobre o quadril. E agora aqui está, abandonando o time por três a seis semanas, logo antes do início da temporada.

Não que ela possa pensar nisso naquele momento; o atendente do estacionamento a está conduzindo a uma vaga em meio a três trailers e inúmeras pessoas correndo de um lado para o outro, parecendo bem ocupadas e importantes, o que aparentemente é um pré-requisito para todos os sets em que ela esteve.

Grace estaciona o carro e respira fundo. Abaixa a viseira para se olhar no espelho. Eles vão maquiá-la, claro, mas ela mesma fez o cabelo, duas tranças perfeitas. Pratica o seu sorriso de *estou muito feliz por estar aqui* enquanto ninguém presta atenção e, em seguida, levanta o visor novamente.

Hora de acabar logo com isso.

Dezenove



Tudo bem Grace não ter respondido às mensagens dela. Lógico que tudo bem. Provavelmente ela estava ocupada ou talvez só triste e não quisesse conversar. Ela não deve nada a Phoebe. Na verdade, é até bom que Grace afirme os seus limites.

Assim como é bom que Phoebe tenha falado com Dawn.

Pelo menos foi o que ela disse a si mesma o fim de semana todo. É o que continua dizendo enquanto Gabby e ela caminham juntas para o treino na segunda de manhã.

Quando Grace não está no vestiário, Gabby cutuca Phoebe com o cotovelo.

— Sabe, a Dawn não parecia muito feliz quando elas estavam conversando na sexta.

— Pode ser que a gente esteja adiantada — diz Phoebe, sabendo que não estão.

— É, acho que realmente a gente saiu antes do seu alarme que diz *bora, você vai se atrasar* — responde Gabby.

Ela não fala mais nada sobre Grace, felizmente, porque Phoebe não tem certeza de que conseguiria conversar sobre ela sem deixar óbvio que está dando uma surtadinha.

Não é nem estranho que Grace não tenha respondido às mensagens dela. Não é como se elas se falassem com tanta frequência, só quando têm planos. Mas Phoebe não quer estragar as coisas. Não quer estragar as coisas com ninguém do time, mas sobretudo com a capitã, e sobretudo com a capitã com quem ela fez um sexo maravilhoso há uma semana. Ela tinha tentado distrair Grace com isso na mensagem. Sabe que é uma merda. Ninguém nunca gosta de se lesionar. Mas Phoebe falou que, depois que Grace contasse para a treinadora, elas poderiam ficar de novo. Parece um lado bom óbvio.

Claro que Grace não achou engraçado ou talvez nem queira transar de novo com Phoebe. Talvez, de alguma forma, ela saiba que foi Phoebe quem contou para Dawn. Ou talvez Phoebe só esteja pirando e precise segurar a onda.

Exceto que então Grace chega e qualquer esperança de Phoebe evapora.

O restante do time está no campo, aquecendo, quando Grace chega de calça de moletom e uma polo do Krewe. O técnico Givhan reúne todas, e Phoebe tenta chamar a atenção de Grace com o olhar. Grace olha para todos os lados, menos para ela. Está claro que o que quer que estivesse crescendo entre elas acabou. O estômago de Phoebe se revira.

Eric anuncia que Grace vai ficar de três a seis semanas fora, para consternação do time. Grace não aceita um pingo de compaixão. Continua sem olhar para Phoebe.

Phoebe vai mal o treino todo — é lenta demais, ou não está no lugar certo, ou as duas coisas. Fica sem fôlego com muita facilidade, o peito apertado. Piora toda vez que os olhos de Grace passam por ela como se ela nem estivesse lá.

Se não fosse tão constrangedor, Phoebe talvez alegasse que estivesse passando mal demais para continuar o treino. Mas ela não tem nada sério, só não está bem. Foi rejeitada.

Perto do fim do treino, enquanto fazem um exercício de bola parada, com Gabby mandando a bola do canto, Grace parece enfim notar que Phoebe existe.

— Matthews! — grita da lateral. — Paciência!

Talvez seja melhor Grace ignorá-la do que criticá-la na frente de todos. Uma dor começa a surgir atrás dos olhos de Phoebe.

Da próxima vez que Gabby manda a bola e Phoebe tenta correr para pegá-la, consegue escutar Grace gemendo.

— Você está saindo cedo demais, Matthews!

Phoebe é a mais alta do time — fora Ash, que está no gol —, e é por isso que estão treinando o cabeceio em escanteios. Mas sente como se tivesse uns sessenta centímetros de altura.

— Dá licença — diz o técnico Givhan, e Phoebe está pronta para mais críticas. Mas ele fala com Grace. — É você quem está liderando o treino ou sou eu?

— Bom, alguém tinha que falar para a Matthews que ela estava saindo cedo demais.

Será que Phoebe está sendo punida? Ela nem sabe se realmente está errando no exercício. Ninguém vai dizer nada para contrariar Grace. E, se Grace estiver puta

por ela ter falado com Dawn, ou por causa da mensagem, ou sabe-se lá por quê, talvez seja este o jeito dela de se vingar. Ninguém vai contradizê-la. É a segunda semana de Phoebe no treino, e ela já estragou as coisas de tal maneira que está prestes a chorar na frente do time inteiro.

— De novo! — grita Givhan. — E desta vez, Matthews, seja um pouco mais paciente.

Phoebe tenta. Mesmo. Ela quer sair, mas espera um, dois segundos a mais antes de se mover. Mesmo assim não consegue cabecear. Não olha para a lateral depois, não quer ver a reação de Grace, nem a do técnico. Só quer acertar isso. Assim pode parar de se sentir uma idiota, uma presença tão indesejada no treino.

— Foi melhor — diz Sorrell baixinho, mas o comentário gentil é sobrepujado pela voz de Grace.

— Eu não vou fazer nada — diz Grace. — Só vou mostrar para ela como fazer. Juro que não vou usar a perna.

Aparentemente, enquanto Phoebe não estava olhando, Grace entrava no campo. Os pés de Phoebe continuam plantados no chão enquanto as jogadoras ao redor se afastam para Grace passar. Grace marcha até ela e para tão perto que Phoebe quer dar um passo para trás.

— Entra na posição — diz Grace. — E só se mexe quando eu mandar.

Se Grace tivesse respondido à mensagem dela na sexta ou olhado para ela uma única vez hoje, talvez Phoebe fizesse uma piada. Se não estivesse se sentindo idiota e inútil, poderia fazer alguma alusão a ser amarrada na cama só para ver Grace corar. Do jeito que as coisas estão, ela abaixa a cabeça e entra na posição de início.

Grace vai bem para trás dela. Phoebe aperta brevemente os olhos, engole a náusea e espera Gabby mandar outro escanteio. Desta vez, é ela quem evita o olhar de Grace, sem querer ver a rejeição neles.

Mas, então, enquanto Gabby está posicionando a bola na grama, Grace para atrás de Phoebe e coloca as duas mãos no quadril dela.

— Quero que você fique bem aqui. — Grace está perto o suficiente para só precisar murmurar. Phoebe sente o corpo inteiro soltando fumaça. Está toda quente, mas especialmente no lugar em que as mãos de Grace a seguram. — Você só vai se mexer quando eu soltar.

— Sim, senhora.

Grace aperta mais, e Phoebe tenta não estremecer.

Isso… não é rejeição. Outras pessoas devem notar, né? O ar em torno delas ficou pesado. As companheiras de time estão se movendo por perto, lutando por posição, mas as duas ficam imóveis. Phoebe é um elástico de borracha esticado demais. Cada músculo do seu corpo está tenso. Ela solta uma respiração trêmula.

Gabby chuta a bola.

— Paciência. — A voz de Grace é veludo, ou calda quente de chocolate, ou uma jacuzzi, algo suave, e quente, e doce, e Phoebe quer se banhar nela. — Espera chegar. Agora.

Ela pontua a última palavra apertando o quadril de Phoebe antes de soltar. Phoebe mal lembra que deveria estar correndo. Mas, quando corre, é como se o tempo desacelerasse. Seus pés a levam exatamente para onde deveria estar. Dois minutos antes, ela se sentia pequena, mas agora paira acima da zagueira, pula ainda mais alto e cabeceia a bola no fundo da rede.

— Isso, caralho! — diz Kayla, apesar de, no exercício, estar na defesa.

As companheiras de Phoebe dão tapinhas nas costas dela, e Gabby vem correndo do escanteio e pula nos braços de Phoebe como se estivessem comemorando um gol de verdade.

Mas Phoebe só liga para o que uma pessoa acha.

Grace não está exatamente sorrindo, mas parece mais feliz do que esteve o dia inteiro.

— É assim que se faz, Fenô.

Phoebe se ilumina.

— Nesse ponto alto, vamos terminar o dia — diz Givhan. — Muito bem, Matthews, Rodriguez.



Phoebe corre atrás de Grace no estacionamento depois de tomar o banho mais rápido da sua vida. Seus cabelos estão pingando em tudo — ela mal tentou secá-los —, mas a pele da cintura ainda está vibrando, como se Grace tivesse deixado digitais elétricas. Ela não está nem aí se parecer empolgada demais. Vale a pena para alcançar Grace antes de ela entrar no carro.

— Oi.

— Oi — diz Grace, o rosto impassível.

— Obrigada pela ajuda hoje — fala Phoebe. Ela arrasta o chinelo gasto no chão. — Claramente eu precisava.

— Pega leve com você mesma, Fenô — diz Grace. Phoebe se pergunta se ela deveria aceitar o próprio conselho. — Sua atitude de dar tudo o tempo todo é ótima em várias situações, mas você tem que aprender a ter paciência.

Phoebe solta uma risada sem achar graça.

— Se eu ganhasse um dólar toda vez que me disseram isso na vida…

— A gente vai chegar lá juntas. — Independentemente de quantas vezes Phoebe fracassou até então, a voz de Grace não abre espaço para dúvidas.

— É — diz Phoebe. — Hoje pareceu que você tem um método bem bom de me ensinar.

Os olhos de Grace brilham.

Phoebe abaixa a voz.

— Posso te pagar o jantar? Você pode me contar o que a Dawn disse.

— Matthews — fala Grace, baixinho. Ela dá uma olhada em torno do estacionamento, apesar de até agora ninguém ter saído do vestiário.

— Diz que sim — pede Phoebe. — Se alguém perguntar, você estava só me dando uma carona até em casa.

Ninguém vai perguntar, mas Phoebe percebe que Grace precisa da desculpa. Deus a livre de alguém ver as duas juntas.

— O que vamos comer? — Antes mesmo de Phoebe conseguir dar um sorrisinho, Grace bufa. — No jantar, estou falando.

— É você quem conhece os restaurantes por aqui — diz Phoebe. — Mas, hum, eu posso pagar desta vez.

É começo de semana; ela consegue colocar um jantar no orçamento. Por algum motivo, aquilo parece ser importante. Como se fosse mudar o relacionamento delas, como se não fosse só Grace sendo mais velha, e mais sábia, e mais rica, e mais entendida, tanto de futebol quanto de Nova Orleans, e Phoebe indo atrás. Como se ela também tivesse algo a oferecer.

— Eu vou pagar — diz Grace. — Você gosta de comida chinesa?

Tá, então Phoebe vai ter que oferecer algo que não seja dinheiro.

Elas fazem o pedido no carro antes de irem para a casa de Grace. Phoebe fica balançando a perna no banco do passageiro. Olha de soslaio para Grace, que está concentrada na rua. Phoebe se sente muito tensa.

Não é hora de estar tão a postos — Grace está triste, provavelmente, e frustrada, e Phoebe sabe disso, sabe mesmo. Ela entende. É que Grace também *pôs as mãos* em Phoebe *na frente das pessoas*. Phoebe deu uma surtada, no fim de semana e no jogo, pensando que Grace a odiava agora. Por que ela tinha achado que era uma boa ideia mandar mensagem na sexta para dar um alô? Por que ela não conseguia fazer nada direito? Mas aqui estão as duas, no carro de Grace, a caminho da casa dela, o ar entre elas carregado com uma tensão silenciosa.

Phoebe quer se certificar de que Grace esteja bem. Quer se certificar de que *elas* estejam bem. Também só quer que Grace pare numa rua tranquila e sente no colo dela. Quer beijá-la assim que entrarem na casa de Grace. Disse que não iam transar até ela procurar a treinadora, e Grace… bom, ela não exatamente procurou a treinadora, mas *falou* com a treinadora. Enfim vai tratar a lesão, que era o motivo dos termos de Phoebe, então conta. Não foi difícil não transar com Grace — mal se passou uma semana, para começo de conversa, e uma semana bem cheia, e Phoebe é ótima em se manter firme quando importa —, mas agora que ela *pode*? É, ela está pronta pra caralho.

Mas, quando elas chegam, Phoebe se distrai com o gato cor de creme lindo e peludo que as recebe na porta.

— Como se chama este *anjo*? — A voz de Phoebe fica aguda que nem quando as pessoas falam com bebês. — Quem é o gatinho mais lindo do mundo inteiro? É você, bebezinho, é, sim.

— Lilly — responde Grace.

— Lilly! — exclama Phoebe. — Que bebezinha perfeita e fofa.

— Bebezinho — diz Grace. O gato a segue quando ela entra na casa. — Ele só liga para petiscos. Não fica ofendida.

— Você tem um gato macho chamado Lilly?

— Quando encontrei ele, achei que fosse fêmea — explica Grace. Ela sacode o saco de petiscos, e Lilly mia mais alto. — Dei o nome em homenagem a Kristine Lilly, recordista de jogos pela seleção.

Phoebe solta um barulhinho de desdém.

— Eu sei quem é Kristine Lilly.

— Achei que talvez fosse meio jovem para conhecer ela.

— Eu só tenho quatro anos a menos que você, Henderson.

Grace sempre age como se fosse *tão velha*. Sim, ela faz parte da seleção há uma

década, mas ainda está na casa dos vinte anos.

— Você vai ultrapassar ela, não vai? — pergunta Phoebe.

Grace fica paralisada, com o saco de petiscos na mão. O gato se entrelaça entre as pernas da tutora, miando, mas Grace só olha para Phoebe.

— A Kristine Lilly fez 354 jogos — diz Grace.

— Sim, mas, tipo, você está a caminho. — Phoebe dá de ombros. Ela não sabe por que Grace está reagindo de um jeito estranho. — Obviamente, ainda falta muito. Mas vocês duas estrearam aos dezesseis, então, pode rolar.

Grace se vira de costas.

— Talvez.

Phoebe finalmente presta atenção na casa de Grace em vez de no gato.

A casa é muito diferente do que esperava. Bom, Phoebe não sabe o que esperava, na verdade — ela não é boa com decoração nem organização em geral. Mas Grace parece composta. Adulta. Se Grace não está vestindo roupas do time, está de branco ou preto.

Grace está bonita o tempo todo, e não é que a casa dela não seja — é só que ela claramente optou mais pelo conforto do que pelo estilo na decoração. Os móveis são enormes e ocupados — não por gente, mas por almofadas. Grace tem mais almofadas do que qualquer pessoa que Phoebe já tenha conhecido. Tem um sofá com pelo menos uma dezena e mais empilhadas nas duas poltronas ao lado. Até na mesa de centro tem duas almofadas.

Depois de alimentar o gato, Grace vai até o sofá e eficientemente remove algumas almofadas até ter espaço para Phoebe se sentar.

— Desculpa pela bagunça — diz Grace, enfiando as almofadas numa cesta que ela desliza para debaixo da mesa de centro. — Eu não estava preparada para receber ninguém.

Na mesa de centro, há um único copo de água quase vazio. Nas costas da poltrona reclinável, está a jaqueta de couro de Grace — ou uma delas, pelo menos. Phoebe só viu uma, mas não ficaria surpresa se ela tivesse mais. O restante da sala está impecável. O restante da *casa* está impecável, pelo que Phoebe consegue ver, e, como é uma planta aberta, ela consegue ver muito. Tem uma sala de jantar com uma mesa de só quatro lugares, e ao lado está a cozinha, com bancadas de granito basicamente vazias. Phoebe não vê nem louça na pia. Com metade das almofadas escondidas na cesta sob a mesa de centro, não tem nada que nem se aproxime de

bagunça.

— Se isso é uma bagunça, você nunca vai poder ir no meu apartamento. — Phoebe estende os braços e se recosta no sofá, com três almofadas de firmeza variável atrás dela. — Que aconchegante.

— É — diz Grace. Ela está empoleirada na ponta do lado oposto do sofá. Tem uma almofada no colo dela, com algumas franjas saindo de cada canto. Grace esfrega a pontinha entre o indicador e o polegar das duas mãos. — Era isso que eu queria, mesmo.

O gato de Grace entra trotando na sala e pula no sofá entre elas. Ignora Phoebe, preferindo empurrar a cabeça na palma de Grace enquanto ela faz carinho nele. Phoebe observa por trinta segundos inteiros sem falar uma palavra. Como é que o gato de Grace tem menos energia arisca do que a própria Grace?

Quando Lilly parece se cansar, ele sai do sofá para uma poltrona reclinável, que ainda tem uma pilha de almofadas em cima. Ele se enrola numa delas, que é tão fofa que parece uma nuvem.

Então, a comida delas chega, e Phoebe fica assistindo a Grace meticulosamente colocando-a nos pratos. Phoebe teria comido direto da embalagem de delivery, mas não diz nada. Nem sobre os pratos, nem sobre todas as perguntas que tem. *Você está bem?*, e *Por que não respondeu às minhas mensagens?*, e *Você não me odeia, né?* Ela tem bastante certeza de que sabe a resposta da última. Grace não teria tocado nela se a odiasse. Grace não teria deixado que ela viesse à sua casa se a odiasse.

Mesmo assim, Phoebe sabe que é melhor não perguntar. No vestiário, no domingo, Grace não quis conversar. E ações falam mais do que palavras, certo? Phoebe não precisa dizer *Estou preocupada com você. Fico feliz por estar se cuidando*. Isso, estar aqui — ela está demonstrando. Fora que ela sempre fala demais, de todo jeito. Pode aprender uma ou duas coisinhas com o silêncio de Grace.

Só para garantir, porém, para ter certeza, depois de terminarem de comer, Phoebe pergunta:

— Quer conversar?

Grace suspira.

— A gente vai mesmo fazer isso?

— Fazer o quê?

— Falar dos meus sentimentos.

— Por que não? Quero saber se você está bem.

— Nós não estamos namorando — solta Grace. Phoebe levanta as sobrancelhas. — Você não é minha namorada. Nem minha capitã. Nem minha mãe.

— Essas são as únicas pessoas que podem ver se você está bem?

Grace bufa.

— Eu não preciso falar disso com você.

— Tá bom. — Phoebe dá de ombros. — Eu não me importo de ir direto para a parte boa.

Ela desliza para mais perto de Grace no sofá, com um sorriso lupino dominando o rosto. Mas Grace só pisca para ela.

— O que foi? — as duas falam em uníssono.

Phoebe tenta não se encolher.

— Você não quer me beijar?

— Foi para isso que veio aqui?

— Bom… — Phoebe tenta disfarçar. — Não exatamente, mas também meio que um pouco?

Ela veio para estar com Grace, da forma como Grace precisasse dela. Mas esta também é uma maneira de estar com ela. Grace *não* se coloca em primeiro lugar. Phoebe pode ajudar com isso.

— É, você disse mesmo que, quando eu falasse com a treinadora…

— Disse, né? — Phoebe empurra a mão no tecido macio do sofá. — Além do mais, este sofá é bem mais confortável do que qualquer coisa no vestiário.

— Tem uma cama também — diz Grace.

— Ah, a gente chega lá. Mas vamos começar por aqui.

— É?

— É.

Desta vez, quando Phoebe entra no espaço dela, Grace está quase sorrindo. Phoebe finge mirar os lábios, então dá um beijo no ponto de pulsação do pescoço dela, o ponto exato em que Grace a beijou pela primeira vez. Isso faz Grace dar uma risadinha, e Phoebe sente as vibrações sob a sua boca. Ela chupa a pele ali, muito delicada, hiperconsciente de que não vai ter a chance de fazer isso de novo se deixar marca. Tem que ser segredo. Ninguém pode saber, só elas duas.

Phoebe sobe dando beijos pelo pescoço e maxilar de Grace até as suas bocas enfim se encontrarem. De início, ela se mantém suave, muito lábio molhado, mas sem língua. Ela quer se demorar com Grace, como se fossem adolescentes

explorando o corpo de alguém pela primeira vez. É disso que Phoebe gosta no sofá também — ela se sente jovem ao pressionar Grace no braço do móvel, como se estivesse no porão da casa da melhor amiga, sabendo que ninguém chegaria em breve e como se elas estivessem quietas, incertas, aprendendo.

Grace não parece assim tão tímida — desliza as pernas sofá acima, ajustando-se para poder se deitar embaixo de Phoebe. Seus dedos já estão entrando embaixo da regata dela.

Phoebe segura a mão de Grace.

— Só… deixa eu cuidar de você?

— Está dizendo que eu não posso te tocar?

Ela parece quase indignada, e Phoebe não consegue deixar de sorrir.

— Não estou falando nada disso. Só quero que você seja o centro das atenções agora. Não quero que se preocupe com nada.

— Não estou *preocupada* — diz Grace. — Eu quero ver os seus peitos.

Phoebe dá uma risada alta e viva.

— Vai ver. Prometo. Pode confiar em mim?

As narinas de Grace se abrem. Phoebe não percebeu que seria uma coisa difícil de se pedir.

Grace se recosta no sofá e entrelaça os dedos atrás da cabeça.

— Tá bom, Fenô. Faz o seu melhor.

— Estou tentada a fazer você se arrepender de me desafiar — diz Phoebe, antes de mergulhar para um beijo. Alguns minutos depois, após morder o lóbulo da orelha de Grace, ela murmura: — Mas eu vou dar o meu melhor *mesmo*. Vou te tratar tão bem, bebê.

Grace engole, e a saliva faz um "clique" na garganta.

O melhor de Phoebe? Descer devagar pelo corpo de Grace. Deslizar os dedos por baixo da blusa dela enquanto a sua língua ainda traça a clavícula da morena. Devagar, devagar. Suave. Delicada. Quente. Pontuada só por uma ocasional mordidinha. Por um momento, apenas fica olhando depois de enfim tirar a blusa de Grace, que está com um sutiã claro simples, sem renda, nada chique. Seus mamilos já estão duros o suficiente para esticar o tecido. O melhor de Phoebe significa que ela perde a noção do tempo quando beija o peito de Grace, primeiro por cima do sutiã e, depois de tirá-lo, com mais delicadeza. Ela chupa, e lambe, e usa os dedos no mamilo que não está na sua boca no momento. Grace se contorce, a respiração

irregular.

— É? — diz Phoebe. Ela rola os dois mamilos entre os polegares e indicadores. — Você gosta assim?

— Meu Deus.

— Estou falando sério. Você gosta assim? — repete Phoebe.

Ela só vê o branco dos olhos de Grace, que os revira.

— Sim, Deus do céu, óbvio.

— Não é óbvio — fala Phoebe. — Eu não sei o melhor jeito de te dar prazer se você não me disser.

Grace se mexe embaixo dela, franzindo o cenho.

— Você não consegue ver se eu não falar?

Phoebe se permite um sorrisinho arrogante, só um pouco.

— Bom, eu consigo ver que é bom. Mas quero saber exatamente como você quer. Você não teve dificuldade de me dizer o que fazer naquele exercício hoje. Faça a mesma coisa aqui. Se eu não estiver acertando, não hesita em pôr as mãos em mim.

Grace desce as mãos para os dedos de Phoebe, que continuam brincando com os mamilos dela. Ela aperta.

— Mais forte.

Phoebe belisca os mamilos de Grace, que fecha os olhos e engole uma respiração trêmula.

— Isso, pronto — murmura Phoebe. — Você está tão linda.

Um rubor se instala na pele bronzeada de Grace, espalhando-se das bochechas para o peito. Phoebe o segue com a boca. Quando ela alcança de novo os mamilos de Grace, deixa a delicadeza para trás, mordendo até Grace rebolar o quadril e apertá-lo no corpo de Phoebe.

— Eu quero te chupar — diz Phoebe.

Grace faz que sim, ainda de olhos fechados.

— Tá bom.

— É? — As mãos de Phoebe já estão empurrando a calça de moletom de Grace. — Só fica aí deitada e me deixa lamber a sua boceta, meu bem.

— Sinceramente, você nunca cala a boca? — fala Grace, como se isso fosse esconder a forma como todo o seu corpo treme com as palavras de Phoebe.

— Você não quer ouvir como eu vou te chupar? — Phoebe traça a borda da

calcinha de Grace sem deixar os dedos irem para nenhum lugar muito interessante.
— Não quer saber como vou lamber seu clitóris até você gozar na minha cara toda?

Grace estremece de novo. Seu quadril fica perseguindo as mãos de Phoebe, que se arrastam pela pele dela. Ela não fala nada.

Phoebe dá um sorrisinho.

— Foi o que pensei, bebê.

Ela desliza mais pelo sofá. Grace é baixa, mas mesmo assim não tem espaço suficiente para as duas deitadas assim. Os joelhos de Phoebe descansam no braço do sofá, os pés para cima, para que as pernas dela não fiquem penduradas para fora. O modo como estão dispostas não é particularmente importante para ela, desde que consiga alcançar o centro de Grace.

Como o sutiã, a calcinha de Grace é simples. Algodão cinza-mescla, e entre as pernas há um ponto mais escuro. Pensar que ela já deixou Grace tão molhada assim faz Phoebe se apertar. Ela inala, lambendo os lábios com o cheiro intenso e almiscarado. Um dia, Phoebe jura que vai devagar, mas hoje é para Grace ter prazer, não ter que implorar. Então, quando Grace se ajusta e abre mais as pernas, Phoebe se debruça e coloca a boca naquele ponto molhado da calcinha.

As pernas de Grace se abrem tanto que uma sai completamente do sofá e o pé se apoia no chão.

Ela gosta de carícias um tanto violentas nos seios, mas Phoebe não sabe se o mesmo vale aqui embaixo. A calcinha, porém, dá proteção suficiente para ela não hesitar em encontrar o clitóris de Grace e dar uma mordidinha.

— Ah, caralho.

— Seu gosto é tão bom. — As palavras de Phoebe saem abafadas enquanto ela suga o gosto da camada fina de algodão.

Grace geme, e Phoebe acompanha, gemendo encostada nela.

Phoebe não vai conseguir fazer isso por muito tempo. Ela não quer a sensação abafada, protegida. Quer a sua língua se arrastando direto pelas dobras molhadas de Grace. Quer se enterrar no cheiro e no gosto de Grace, nos barulhos que ela faz. Ela prende os dedos nas laterais da calcinha e a puxa para baixo.

Vinte



Grace dá um pulo quando Phoebe volta a colocar a boca nela, desta vez sem barreiras. Seu joelho bate na mesa de centro quando ela tenta abrir mais as pernas. Não dói. E o quadril também não, não que Grace esteja pensando nisso. Phoebe passa a mão pela coxa de Grace e a fecha no joelho como se estivesse protegendo a articulação, tudo sem tirar a boca do centro de Grace. Grace rebola o quadril.

Era para elas já terem resolvido essa questão e deixado para lá. Grace não faz sexo casual e certamente não está interessada num relacionamento, então o que isso deveria ser? Ela não faz ideia, mas está se permitindo. É gostoso demais para não se permitir. Antes de Phoebe, Grace não transava há anos, e nunca o sexo foi tão bom assim. Phoebe está focada unicamente no centro de Grace. Grace agarra um punhado dos próprios cabelos e puxa.

A língua de Phoebe é tão incansável quanto ela própria quando está jogando ou quando decidiu virar sua amiga. Até onde Grace viu, Matthews é sempre incansável. Quando aprender a equilibrar isso com paciência, ninguém vai conseguir impedi-la. Talvez descubra isso quando Grace estiver na reserva. Talvez fique tão boa que Grace não vai ter mais lugar como titular.

Mesmo enquanto Phoebe lambe o seu clitóris, Grace está pensando em futebol. No vestiário, ela se soltou. A jogadora ruiva conseguiu fazê-la parar de pensar. Ela quer parar de pensar de novo. Os dedos de Phoebe traçam as formas mais leves na pele do joelho dela. Grace puxa de novo os próprios cabelos, tenta focar. Cada músculo do seu corpo está tenso, pronto para estourar.

Phoebe usa os dentes, e Grace geme.

— Assim é gostoso?

Grace faz que sim.

— Eu quero…

Ela não termina a frase.

— Me fala — diz Phoebe. — O que você quer, Grace?

— Quero gozar.

Phoebe dá uma risadinha.

— Sim, eu também quero que você goze.

— Phoebe. — Grace arrasta a última sílaba do nome dela. — Eu quero gozar. Estou tentando. Estou quase lá.

Phoebe se afasta por completo, e Grace ofega, abrindo os olhos de repente.

— Matthews. — Ela se irrita.

Phoebe fica com um sorriso tonto na cara e, porra, provavelmente vai zoar Grace por usar o sobrenome dela. Mas, não.

— Não quero que você tente — diz, em vez disso. — Não é para você estar tentando nada. É para você estar só curtindo.

— Eu estou curtindo — protesta Grace.

Não é mentira. Phoebe é excelente com a boca, e Grace ama. E ela gostaria mesmo de gozar. Phoebe mergulha de volta, e, apesar de não ser de propósito, Grace se tensiona toda.

Phoebe não põe a boca onde Grace quer.

— Você merece isso — diz, então dá um chupão na coxa interna de Grace. — Você trabalha tanto, o tempo todo. — Ela muda para a outra coxa. — Você merece descansar, bebê. Sempre cuidando de todo mundo. Deixa eu cuidar de você. — Finalmente, ela lambe bem a fenda de Grace e termina circulando a língua pelo clitóris. Phoebe mantém a boca perto ao dizer: — Relaxa, Grace. Se permite sentir um pouco de prazer. Eu vou fazer você chegar lá, prometo.

Quando ela coloca a língua de volta na boceta, Grace respira fundo, reverberante, e tenta relaxar. Deixar o corpo se soltar. Parece mais fácil do que realmente é.

Ela não está acostumada a se recostar e deixar as coisas acontecerem, mesmo quando são coisas boas, tipo ser chupada por uma mulher linda. Está acostumada a ficar no controle, a fazer as coisas *deliberadamente*. O objetivo do sexo é gozar, então é isso que quer fazer. Matthews disse que não era para ela estar tentando, não era para estar fazendo nada exceto sentir prazer.

E ela *está* sentindo prazer. Matthews sabe o que está fazendo. Grace nunca

acreditou muito na frase *Variedade é o tempero da vida*, mas Phoebe fica mudando o que faz com a boca, de lamber o clitóris de Grace a sugar os lábios a plantar beijos no interior da coxa, e a variedade é *gostosa*. Faz com que Grace fique mais molhada, mesmo que não a deixe necessariamente mais perto de gozar. Phoebe continua falando com ela também, toda vez que a sua boca não está ocupada com outra coisa, dizendo como o gosto dela é bom, como ela é boa. Grace se permite gostar. Permite-se gostar de tudo, não tenta perseguir o que parece melhor. No fim, porém, não consegue evitar um choramingo quando a língua de Phoebe para de circular o seu clitóris.

— É? — diz Phoebe. — Você gosta?

Grace não admite verbalmente, apesar de o seu corpo já ter feito isso.

— Me fala, Grace. — Phoebe pontua a ordem com uma mordidinha na pele macia do interior da coxa de Grace.

O peito de Grace arfa quando ela olha para Phoebe no meio das suas pernas.

— Achei que era só para eu estar curtindo.

Phoebe dá um sorriso satisfeito.

— Quero saber do que você gosta mais.

— De tudo — responde Grace, porque é verdade. Ela achou que deveria gozar rápido, mas isso é melhor. Phoebe apertou devagar a tensão que se enrolava no centro de Grace de tal forma que é difícil falar, respirar. — Você é tão boa com a boca. Em todo lugar. Mas…

— Mas o quê?

— Já posso estar pronta para gozar? — pergunta Grace. — Não estou tentando. Só estou pronta.

O sorriso de Phoebe fica feroz, como se Grace não pudesse ter dito nada melhor.

— É? Quer gozar com a minha língua no seu clitóris?

Grace faz que sim, e Phoebe não hesita antes de voltar.

— Ah, caralho.

É tão bom, mais focado agora. Phoebe não pausa, nem se afasta, nem dá a Grace um único momento para respirar. Grace joga a cabeça para trás, batendo o topo no braço do sofá, mas não está nem aí. Mal nota, na verdade, porque não existe nada exceto a língua de Phoebe, forte e molhada, e Grace não está tentando gozar; ela simplesmente não consegue evitar.

Phoebe não suaviza, continua por tanto tempo que Grace precisa apertar as coxas

uma na outra para ela parar.

— E-ei — diz.

Em vez disso, Phoebe morde o músculo da coxa. Grace dá um gemidinho e jura que consegue sentir Phoebe sorrir, apoiada nela.

Leva um momento para que Grace se recomponha a ponto de formar palavras.

— Hora de ir para a cama?

Phoebe ri.

— Ainda não. Não estou nem perto de terminar aqui.

— Matthews — diz Grace. — É a minha vez de fazer você gozar.

— Quem falou nisso de vez? E se a gente esquecer essa história de reciprocidade? Não pensa que devia ser a minha vez nem que, depois desse orgasmo, você vai me tocar.

Mas é assim que o sexo funciona. Cada uma deve fazer a outra ter prazer. Sempre foi esse o entendimento de Grace, pelo menos. Sexo deve ser recíproco. Não é preciso exatamente contar os orgasmos para garantir igualdade, mas tem um toma lá, dá cá. Isso — a atenção completa e focada de Phoebe — parece demais, como se ela estivesse tentando cuidar de Grace, e não é o que elas fazem.

— Quem disse que eu vou gozar de novo? — pergunta Grace.

— Bom, você teve três orgasmos da última vez.

— Não tinha tanta coisa na minha cabeça da última vez.

Ela não deveria ter falado isso. Matthews não precisa saber disso. É constrangedor como o sorrisinho de Matthews desaparece e a sua expressão fica suave. Grace não quer ouvir o que ela tem a responder.

— Por que você não deixa eu te tocar? — questiona Grace.

— Eu vou deixar. Eu vou. — Phoebe dá de ombros. — Mas gosto de tocar você. E você merece mais porque não teve o melhor dos dias.

— Foi você que foi supermal naquele exercício.

— Aff — diz Matthews, mas está rindo. — Falar que você não teve o melhor dos dias é meu jeito de ser legal, não de te julgar. Não precisa me atacar por isso.

Grace não está atacando. Mas não precisa que Matthews seja legal com ela porque o seu corpo velho e idiota a meteu na lista de lesionadas. Ela se apoia nos cotovelos e abaixa os olhos para Phoebe.

— Isso é por você, Grace. Eu quero te dar prazer.

— E eu quero *te* dar prazer — rosna Grace.

— Então relaxa — diz Phoebe. Ela acaricia as coxas de Grace com as pontas dos dedos. — Nada é mais gostoso do que te dar prazer.

Grace arqueia uma sobrancelha.

— Nada?

Ela espera que Phoebe ria, mas a ruiva fica séria.

— Nada. Não para mim.

Ah.

Nesse caso, Grace acha que pode deixar Phoebe pôr a boca de volta nela. É por Phoebe. Grace está retribuindo sem retribuir — ou não fazendo isso por enquanto, pelo menos. Porque ela ainda quer tocar em Phoebe. Não é que não vá fazer isso, mas vai esperar. Pode ser paciente enquanto Phoebe suga, e lambe, e beija. Pode deixar Phoebe lhe dar prazer.

— Tá bom — diz Grace, deitando-se de novo no sofá. — Mas, é sério, pode ser que eu não goze de novo.

— Eu realmente não ligo, desde que você sinta prazer.

Ela sente. *Cacete*, como sente. Phoebe é *tão* delicada, e precisa ser, porque Grace está sensível. Tudo está quente, e molhado, e tão, tão bom. Grace nem tenta acompanhar exatamente o que Phoebe está fazendo. Não faz nada exceto se permitir ter prazer.

Por fim, e Grace não sabe quanto tempo leva, só… por fim, ela enfia a mão no cabelo de Phoebe e a puxa para longe.

— Tá bom — diz Grace, e está ciente de estar ofegante. — Foi ótimo. Você se saiu bem. Agora *por favor* posso te tocar?

— Não sei.

Phoebe arrasta a última palavra. Grace sabe que ela está zoando, mas, mesmo assim, está funcionando.

— Não tem a ver com ser a minha vez. — Grace ofega quando Phoebe suga forte a sua coxa interna. — Não tem a ver com reciprocidade. Eu só quero muito te tocar.

— Bom, colocando desse jeito…

Enfim, Phoebe solta o ponto entre as pernas de Grace.

— Quarto — fala Grace antes que Phoebe consiga subir em cima dela de novo. — Você é alta demais para esse sofá.

Phoebe fica de pé e oferece a mão para ajudar Grace a se levantar. Grace sente

que deveria se vestir. Obviamente, não precisa, porque ela não ia ficar de roupa por muito tempo, mas é estranho andar pela casa nua, sendo que Phoebe está totalmente vestida. Ou talvez não seja estranho, mas ela sente que é. Grace leva Phoebe ao seu quarto nos fundos da casa, e Phoebe não solta a sua mão em nenhum momento. Grace se preocupa que a palma da mão esteja suada. Phoebe parece perfeitamente confortável, mas isso não é incomum para ela. Assim como o desconforto não é incomum para Grace.

Ela espera que piore quando chegam ao quarto. Nunca levou ninguém ali antes. Mas, quando entram, Phoebe nem toma um tempo para olhar ao redor. Finalmente solta a mão de Grace, então puxa a camiseta pela cabeça e tira os shorts. A velocidade com que ela se despe é impressionante, na real, e com certeza Grace não está reclamando quando Phoebe a pega pelo quadril e pressiona a pele delas uma na outra. Grace tenta estabilizar a respiração. Sente que perdeu o controle de tanto que deseja Phoebe, que foi tão boa para ela, e quer devolver o favor. Não porque precisa. Não porque é assim que o sexo funciona. Porque ela *quer*.

Grace não consegue escolher uma parte favorita, mas não conseguiria ficar sem isso. Não é pela reciprocidade; é por como Phoebe está molhada quando Grace arrasta dois dedos no meio das pernas dela. É pelo desespero imediato na voz de Phoebe.

— *Caralho*, Grace.

Phoebe desequilibra Grace. Ela a confunde. É diferente de qualquer uma que Grace já tenha conhecido. Tocá-la lhe devolve algum controle, faz com que ela se sinta poderosa.

Phoebe faz a mesma coisa de quando estavam no vestiário, não para de falar sobre como é gostoso, como Grace é boa em comer ela. Dessa vez, é menos desconcertante. Grace não se pergunta se é uma performance. Aliás, quase quer falar alguma coisa de volta. Mas ela não é Phoebe; tudo em que pensa lhe dá vergonha.

Ela não é Phoebe, e Phoebe não é ela. Phoebe não está pensando demais para gozar, não tem coisa demais na cabeça para ter orgasmos múltiplos. Phoebe goza no segundo em que os dedos de Grace entram nela, depois de novo quando Grace desliza pelo corpo dela para lamber o clitóris. O gosto é forte na língua de Grace quando Phoebe estremece, e ela persegue mais fundo. Será que Phoebe ama que lhe digam que a sua boceta é uma delícia tanto quanto gosta de dizer que a de Grace é? Talvez, na próxima, Grace se sinta confortável o suficiente para descobrir.

Grace abriu mão completamente de tudo, o que quer que seja esse *tudo*. Controle. Sanidade. Ou talvez só do compromisso de não fazer sexo casual. Já está pensando em repetir isso enquanto Phoebe goza pela terceira vez, o corpo dela pulsando na sua boca.

Depois, Phoebe puxa Grace de volta para a cama para beijá-la. O rosto de Grace está molhado, e Phoebe geme. Ela beija de boca aberta, pegando os lábios dela, mas também o queixo, as bochechas, chupando o próprio gosto da pele de Grace.

Deveria acabar aí, mas Grace se lembra de quantas vezes Phoebe sorriu por ter lhe dado três orgasmos, então, em vez de terminar, ela roça os dedos sobre o clitóris de Phoebe até a ruiva gozar pela quarta vez.

Enquanto Phoebe recupera o fôlego, Grace se deita de costas e olha para o teto. Estava tão concentrada em fazer Phoebe gozar que não pensou no que fariam depois. O depois chegou, e ela não sabe o que vai acontecer a seguir. Phoebe ainda está de olhos fechados, com um sorriso no rosto. Grace quer lavar as mãos.

Ela se força a esperar, conta sessenta segundos completos na cabeça. Mas Phoebe ainda está deitada, então Grace se levanta.

— Mmm — diz Phoebe, mais um ruído do que uma palavra. — Aonde você está indo?

— Ao banheiro — diz Grace.

— Ah, sim. Boa ideia. — Phoebe ainda não abriu os olhos.

Grace entra no banheiro da suíte e fecha a porta. Ela respira fundo e abre a água morna.

O que elas deveriam fazer agora? Já comeram — o jantar e outras coisas. São nove horas. Normalmente, Grace estaria seguindo a sua rotina noturna: já teria terminado as palavras cruzadas, deitada na espreguiçadeira na varanda da frente enquanto Lilly observava os pássaros. É pior na sua própria casa do que no vestiário. Pelo menos lá os próximos passos eram óbvios; elas tinham que tomar banho, vestir-se e sair. O que ela deveria fazer com Phoebe na sua casa, na sua cama?

Grace não está acostumada a ter alguém em casa. O lugar é grande o suficiente para que ela possa receber visitas, mas em geral isso não acontece. Seus pais e a sua irmã ficam com ela — os pais no quarto de hóspedes e Harmony num colchão de ar na sala de estar — quando vêm visitá-la, mas é só isso. Madeeha e H costumavam passar a noite quando as Belles jogavam contra o Krewe, mas, agora que elas têm a Khadijah, não ficam mais.

Grace gosta de ter o próprio espaço. Fazer o que quiser com ele. Ela pode ter vinte e cinco almofadas diferentes nas três peças de mobília da sua sala de estar sem ter que explicar como, dependendo do humor, precisa de diferentes texturas e níveis de maciez e cores. Pode comer as mesmas refeições toda semana sem que ninguém pergunte se ela fica entediada. Sua casa é o único lugar que é só dela. Certa vez, a revista *Homes & Gardens* quis fazer uma reportagem sobre o espaço. Eles iam entrar e tirar fotos e queriam que Grace fizesse pequenos comentários sobre o motivo pelo qual decorava o apartamento daquela maneira. Foi uma das poucas oportunidades de mídia que ela negou.

As roupas de Grace ainda estão na sala de estar, mas ela não quer voltar para o quarto nua. A camiseta grande que ela usa para dormir está pendurada no porta-toalhas. Grace seca as mãos na toalha de mão antes de vestir a camiseta. Cobre o suficiente, mesmo que preferisse ficar de roupa íntima.

Abre a porta do quarto, mas não faz nenhuma menção de entrar.

Matthews olha para ela da cama e sorri.

— Você sabia que os elefantes podem ouvir com os pés?

Phoebe está deitada de lado e apoiada no cotovelo, a bochecha encostada na palma da mão. O lençol está puxado apenas até a cintura. Grace não se deixa distrair pelos seios pequenos e mamilos rosados de Phoebe.

Por outro lado, se elas continuarem transando, ela nunca vai ter de descobrir o que fazer depois.

— É mesmo?

— Bom, pode ser que tecnicamente não estejam ouvindo. Mas, tipo, eles conseguem sentir vibrações e saber o que elas significam. Podem ouvir outra manada de elefantes a mais de quinze quilômetros de distância, através das vibrações do solo.

— Como a gente sabe disso?

— Eles foram observados, por exemplo, mudando de direção.

Grace estreita os olhos.

— Mudar de direção prova que os elefantes conseguem ouvir com os pés?

— Não, tipo, mudando de direção especificamente para se encontrar com outra manada — explica Phoebe. — E, quer dizer, não sou a cientista envolvida. Não me lembro de todo o documentário que vi. Só que eles conseguem ouvir com os pés. Ah! E que a parte inferior dos pés deles é tão macia que eles podem pisar num galho

e não quebrá-lo. — Grace ainda está parada na porta do banheiro. — Enfim, vem cá.

Ela já está apenas num lado da cama, mas desliza mais para o lado, empurra o lençol e dá um tapinha no colchão. Grace sobe na cama. Ela se deita de costas, com os braços bem dobrados ao lado do corpo.

— Vira — diz Phoebe.

— Quê?

— Tipo, de lado? Quero deitar de conchinha.

Grace faz o que lhe foi pedido, embora nunca tenha sido muito de dormir agarradinha. Phoebe se encosta nas suas costas na mesma hora. A cabeça de Grace se vira quando Phoebe desliza um braço desajeitado por baixo dela.

— Desculpa — diz Phoebe enquanto Grace se ajeita. — Tá bom assim?

— Mmhmm.

O que Grace deveria dizer — não? Parece uma grosseria. Ela pode simplesmente lidar com isso pelo tempo que Matthews quiser. Tomara que não seja muito. É estranho. Quente demais. Grace não sabe o que fazer com os braços. Como as pessoas conseguem dormir assim? Será que Phoebe quer ficar desse jeito a noite toda? Não que ela vá dormir lá. Isso não é algo que se faça quando se trata de sexo casual, Grace tem certeza.

Ela conta em silêncio até cento e oitenta. Três minutos parecem ser um tempo razoável. Ela pigarreia, e Phoebe, cuja respiração começou a ficar profunda e uniforme, agita-se atrás dela.

— Então, o que acontece agora?

— Quê? — A voz de Phoebe está cheia de sono.

Grace rola para o lado, porque não pode ter essa conversa enquanto está suando e deitada. Não sabe o que vem a seguir e precisa saber. Phoebe pisca para ela, puxando o braço de volta para o seu lado da cama.

— Como eu disse, não estou procurando um relacionamento.

— Ah, sim, eu também não — diz Phoebe. Ela imediatamente emenda: — Ou, tipo, não estou *não* procurando, mas também nunca estou procurando de verdade. Tenho outras coisas em que me concentrar e, para ser sincera, nunca fui muito boa em me relacionar. Não estou querendo namorar com você e te decepcionar ou algo assim. — Phoebe balança a cabeça. — O que estou tentando dizer é que vim aqui para ver como você está e continuar a nossa situação de amizade colorida. É só isso.

— Tudo bem — fala Grace, embora isso não responda realmente à sua pergunta.

— Mas a gente pode relaxar um pouco? Sua cama é uma delícia.

— Hum — diz Grace. — Claro.

— Legal.

Phoebe se deita de costas e suspira, feliz. Antes que Grace tenha que pensar no que fazer em seguida, Lilly mia atrás da porta fechada do quarto.

— É melhor eu ir pegar ele. — Ela gesticula em direção à porta. — Senão, Lilly vira um pentelho.

— Ah, sim, deixa ele entrar. Vou fazer um montão de carinho nele.

— Você precisa de alguma coisa? — pergunta Grace ao sair da cama. — Água ou…

— Água seria *ótimo*.

Grace abre a porta para deixar Lilly entrar, mas depois segue para a cozinha. Ela se sente como uma estranha na própria casa. Não que Phoebe seja qualquer coisa além de perfeitamente agradável. Grace só não tem experiência com isso.

Ela pega copos de água para as duas e encontra as suas roupas na sala de estar. A calcinha é uma causa perdida, encharcada pela boca de Phoebe — e, reconhecidamente, por ela própria. Grace preferiria não usar shorts sem calcinha, mas é melhor do que nada. Sobretudo porque ela tem que ir até a varanda da frente para pegar o jornal. Ninguém mais recebe jornal, mas Grace gosta. Fazer palavras cruzadas no celular não é a mesma coisa. Tem um relógio no canto na versão digital, e isso a deixa estressada.

De volta ao quarto, ela descobre que ter alguém na sua cama enquanto ela faz as palavras cruzadas no jornal também a estressa. Phoebe ainda não vestiu as roupas, mas deve ter se levantado enquanto Grace pegava água, porque agora está no celular, assistindo a vídeos com Lilly enrolado ao seu lado.

— Não trouxe os meus fones de ouvido — diz quando Grace volta para a cama. — Tudo bem?

— Tudo — concorda Grace.

Phoebe mantém o volume o mais baixo possível, mas, mesmo assim, Grace leva muito tempo para terminar as palavras cruzadas de segunda-feira.

Phoebe ri de um vídeo e depois se volta para Grace.

— Então, sabe aquela *trend* do TikTok em que as pessoas beijam sapos ao som de “Rainbow Connection”?

Grace balança a cabeça.

— Eu não tenho TikTok.

As jogadoras mais jovens em geral tiram sarro dela por isso. Grace sempre se refere às "jogadoras mais jovens" como se fosse uma veterana velha e sábia, quando, na verdade, algumas delas são poucos anos mais novas do que ela. Se não a estão chamando de velha, ela é esquisita, tecnologicamente deficiente ou muito reservada, mas Phoebe não parece se importar. Simplesmente começa a explicar a *trend* do TikTok, dando a Grace o contexto necessário para curtir o vídeo antes de mostrá-lo.

Ainda não parece tão engraçado para Grace, mas ela valoriza o esforço de Phoebe.

— Eu provavelmente deveria ir para casa em algum momento — diz Phoebe. — Ou, tipo, agora, já que está ficando tarde. Não posso ir para o treino amanhã com a mesma roupa com que saí hoje, né?

— É.

Faz sentido, supondo que elas não queiram que ninguém saiba. Grace acumulou tantos uniformes do Krewe ao longo dos anos que não tem certeza de que alguém notaria se ela usasse as mesmas roupas ou não, mas Phoebe é nova.

— Quer dizer, eu amaria ficar. — Phoebe sorri. — Mas com certeza ia querer transar de manhã, e seria cedo *demais* para eu poder chegar em casa e trocar de roupa antes do treino. Não quero fazer você acordar cedo quando não precisa.

Grace não quer pensar em dormir até mais tarde. Seria outra coisa se fosse um fim de semana ou feriado, mas ficar na cama enquanto o restante da equipe está treinando — ela já sabe que não vai ser bom para ela.

— Ok. — É só o que diz.

O que vem depois? *Vejo você mais tarde?* Ela não sabe quando voltarão a se ver, agora que Eric proibiu Grace de treinar, embora ela tenha *ajudado* hoje. Será que Phoebe e ela são amigas fora do futebol? Grace tem alguma amiga fora do futebol?

Phoebe faz um último carinho em Lilly antes de sair da cama e procurar as suas roupas.

— Vou dar um tempo para você se acostumar com o fato de estar lesionada, tá? — diz ela enquanto puxa os shorts pelas pernas longas e sardentas. — Mas na amizade colorida a gente faz isso de novo.

Grace não pode negar que gostaria. Phoebe é quase assustadoramente boa em sexo. Até a parte em que Grace não gozou foi tão boa que ela quer repetir.

— Então, tipo, não some. Me manda uma mensagem quando estiver entediada ou algo assim.

— Para pedir uma foda?

Phoebe sorri e dá de ombros.

— Para o que você quiser. Amizade colorida inclui a parte da amizade, não só a parte colorida. Além disso, você não deixa de ser a minha guia turística só porque não está jogando.

— Eu nunca tive uma amizade colorida antes — admite Grace.

— Sério?

Grace faz uma careta em vez de corar. A confiança de Phoebe sempre faz com que ela se sinta vergonhosamente insegura.

— Por que isso é tão surpreendente?

— Porque você é gostosa, sarada e não está procurando um relacionamento? Você é, tipo, a amizade colorida perfeita. — Phoebe diz tudo isso de forma tão despreocupada, como se fosse óbvio. — Mas tranquilo. Tenho experiência suficiente para nós duas.

Ela enfim está vestida. É mais fácil respirar agora que Grace não consegue ver tanta pele, embora os braços de Phoebe ainda estejam nus.

— Você vai voltar para casa a pé? — pergunta Grace, embora já saiba a resposta. Matthews não tem carro. — Eu posso te levar.

Ela não pode deixar a garota ir a pé. São dez minutos de carro até o apartamento de Phoebe.

— Não precisa — diz Phoebe. — Sinceramente, prefiro ir a pé.

— Matthews, devem ser mais de três quilômetros — fala Grace, saindo da cama. — Você vai ficar com frio.

Phoebe dá de ombros.

— Eu estou bem. De verdade.

Meu Deus, como ela é frustrante.

— Se você não vai me deixar te dar uma carona, pelo menos leva um moletom.

Grace tira um da cômoda e o estende para Phoebe, que, por um momento, fica ali, sorrindo para ela, em vez de pegar a blusa. É um sorriso absurdamente largo para a oferta de um moletom velho do Krewe.

— Obrigada — diz Matthews, pegando o moletom e vestindo-o.

É um pouco curto para ela, mas ela sorri para si mesma como se não se

importasse. O tecido roxo e o texto amarelo estão desbotados de tantas lavagens.

— Eu lavo antes de trazer de volta — diz ela.

— Claro.

Grace vai lavá-lo ela mesma, de qualquer forma. Ela é exigente com o cheiro das suas roupas, mas Phoebe não precisa saber disso.

Grace a acompanha até a porta da frente porque parece ser a coisa certa a fazer.

— Que cavalheira — comenta Phoebe.

Grace não sabe se ela está falando sério ou provocando, mas Phoebe se inclina para beijá-la, então ela supõe que não importa.

Vinte e um



Os relatórios de lesões são divulgados na quarta-feira à tarde, então, na quarta de manhã, Grace pega o telefone. Sinceramente, preferiria não contar à família sobre o quadril, mas é sempre pior se eles souberem de algo pela mídia. Portanto, por mais que não queira falar de si mesma e da sua suposta lesão e lidar com as perguntas bem-intencionadas, mas intrusivas, da família, ela liga para a casa dos pais.

Seu pai atende.

— Gracie! Por que está ligando no meio do dia? Não deveria estar correndo num campo de futebol?

Grace sabe exatamente o que deveria estar fazendo. Givhan conduziu os treinos da mesma forma durante todos os anos em que ela esteve na equipe. Na quarta-feira, pouco antes do almoço, a equipe joga algum tipo de jogo, futetênis ou bobinho. Givhan gosta de algo divertido antes do intervalo para o almoço, como se as jogadoras não quisessem voltar depois, ainda mais numa quarta-feira, já que é o meio da semana.

O pai dela não precisa saber de nada disso.

— Na verdade, é mais ou menos por isso que estou ligando — diz Grace. Ela sempre foi de arrancar o band-aid sem delongas. — Estou bem, mas o meu quadril está com um problema e vou ficar de fora por algumas semanas.

— Quê? Querida, você está bem? — Então, abafado, ela o ouve gritar: — Maggie! Atenda ao telefone! É a sua filha mais velha!

Sua mãe atende na mesma hora.

— Oi, linda. Você nunca liga durante o dia. Como está?

— Ela está *machucada* — diz o pai, ainda na linha.

— Estou *bem* — insiste Grace. É claro que a primeira coisa que os pais notam é

que ela não está no treino. Como se Grace fosse uma jogadora de futebol antes de ser filha deles. — É uma pequena distensão. Vou estar de volta ao campo antes de perceberem.

— Você está bem? — pergunta a mãe, como se Grace não tivesse adiantado o fato de estar bem.

— Sinceramente, não é nada de mais. Não estou limitada em nenhuma atividade diária além do futebol e dos exercícios.

— Parece a maioria das suas atividades diárias, querida — comenta o pai.

Ele não está errado, mas Grace gostaria que ele a visse como algo mais do que uma jogadora de futebol. Talvez ela possa passar o seu tempo fora do campo descobrindo um jeito de ver a si mesma como mais do que uma jogadora de futebol.

— Suponho que, como atleta profissional, você esteja fadada a se lesionar, mas, caramba, não gosto disso — diz a mãe. — Você não se machuca desde que rompeu o LCA.

Grace está ciente disso, obrigada. Ela se lembra de como foi difícil se recuperar, e era mais jovem na época.

— Também não estou muito animada com isso — admite Grace. — Mas vou ficar bem.

— Quanto tempo vai levar? — pergunta a mãe. — Ainda vamos poder ver você jogar na estreia em casa?

Faltam cinco semanas para o primeiro jogo do Krewe em casa.

— Não sei — diz Grace. — Prefiro que a gente não planeje nada até eu voltar.

— Mas nós sempre vamos ao jogo de abertura em casa — diz a mãe dela.

— Maggie, está tudo bem. O descanso vai ser bom para você, Gracie. — Seu pai diz isso como se tivesse decidido e, por isso, é assim que vai ser. — Você vai estar de volta aos gramados num piscar de olhos.

E se eu não voltar?, ela quer perguntar.

Em vez disso, deixa que eles fiquem se preocupando com ela por um tempo antes de insistir que precisa desligar. Não que realmente tenha algum compromisso agora que está na reserva, mas os dois parecem acreditar.

Depois de desligar, Grace tira a louça da máquina. Dependendo do quanto sua mãe falar, calcula que tem entre dez e vinte minutos antes de a irmã ligar. No final das contas, leva apenas sete minutos para o número de Harmony aparecer no telefone.

— Oi, Harm — diz Grace.

Sua irmã, como era de se esperar, logo começa a falar.

— Então, de acordo com a mamãe, você está morrendo. O quanto ela está exagerando?

— Bem, estou com uma distensão leve no flexor do quadril, então diria que muito.

Dawn não disse que era leve, mas Grace, sim. Ela consegue jogar — sabe que consegue, porque vem jogando desde a temporada passada —, portanto, não deve ser nada de mais. Ela ainda não acredita que seja algo além do fato de seu corpo estar envelhecendo.

— Então, por que você não quer deixar a gente passar o fim de semana em NOLA? — pergunta Harmony.

Grace suspira.

— Não vou ter todo o trabalho de planejar o fim de semana inteiro quando talvez eu nem consiga jogar ainda. Podemos fazer isso em outro jogo.

— Não estou nem aí para o jogo — diz Harmony. — Quero comer comidas maravilhosas e talvez ir àquele bar de jazz em que você levou a gente da última vez, e acho que ver você também vai ser legal.

— Bom, preciso me concentrar na minha recuperação, não em planejar um fim de semana divertido para vocês.

— Então eu planejo — fala Harmony. — Vai, por favor, esse fim de semana é a única vez que vejo você sem ser nos feriados de fim de ano. Sinceramente, é melhor se não estiver jogando, porque…

— A gente faz isso em outro jogo — diz Grace.

Ela não precisa ouvir sobre como a irmã gosta de invadir sua casa e tê-la como guia turística por um fim de semana. E, claro, Harmony pode se oferecer para planejar, mas ela sempre foi mais propensa a improvisar do que organizar. Grace não quer perder tempo discutindo sobre onde comer. Para ela, é mais fácil programar as atividades deles, não minuto a minuto, mas de forma rígida o suficiente para que não tenham tempo livre para se irritar uns com os outros.

Ela nem finge uma desculpa para tirar Harmony do telefone — ficar irritada é o suficiente para irritar a sua irmã, e Harmony oferece melhoras antes de desligar.

Naquela tarde, o celular de Grace toca. Ela ignora, concentrada no jogo de palavras cruzadas, que está pela metade. Um minuto depois, outro toque. Depois, outro. Seu telefone vibra até cair da mesa.

O relatório de lesões deve ter sido publicado.

Grace só recebe notificações de redes sociais de pessoas que ela segue, mas mesmo assim são tantas que ela não consegue acompanhar. Sem falar nas mensagens e nos e-mails. Pelo menos ninguém tenta ligar para ela — não que ela atenda a maioria das pessoas. Ela ignora os e-mails e só responde às mensagens, achando que, se alguém tem o seu número de telefone, provavelmente merece uma resposta.

Até que chega um e-mail que ela não pode ignorar.

Uma jogadora responsável teria contado à técnica da seleção, mas Grace delegou essa tarefa ao seu agente. De qualquer forma, foi feito, porque aparece uma notificação de e-mail de Amanda Greene. Grace abre o e-mail, sem saber se está agradecida por evitar uma conversa de verdade ou magoada por não merecer um telefonema.

> Grace,
>
> Sinto muito por saber da sua lesão. Você nunca foi do tipo que pega leve, mas, por favor, pega leve. Não tem pressa para retornar. Vamos sentir sua falta no sHeroes, mas isso não deve nem passar pela sua cabeça durante a recuperação. Leve o tempo que for necessário, e a gente se vê nos jogos de despedida.
>
> Um abraço,
>
> Amanda

Grace já sabia que ia perder o torneio sHeroes, mas, por algum motivo, é pior ler isso no e-mail. Ainda há uma pressão apertada no seu peito. Não precisam dela. Todo o trabalho que ela teve durante a vida, e Amanda não quer que ela pense no sHeroes. É por isso que Grace nunca disse nada sobre a perna. Os treinadores e técnicos sempre têm certeza de que sabem o que é melhor, tomando decisões unilaterais como se fossem boas para Grace. Quem garante que Amanda também não vai decidir que a equipe não precisa dela para a Copa do Mundo? Que ela é um risco grande demais agora que o seu corpo está caindo aos pedaços?

Grace quer desligar o celular ou talvez jogá-lo no rio Mississippi. Ele está quente

na sua mão de tanto vibrar. Ela não respondeu nem a uma fração das mensagens e já está cansada de se mostrar otimista, ou alegre, ou de fazer qualquer coisa que não seja se entregar ao sofrimento.

Pelo menos, quando Fish liga, Grace não precisa fingir que está animada.

— Oi.

— Bom, que merda, hein? — diz Fish, em vez de cumprimentá-la.

Grace não ri, mas quase sorri.

— Pois é.

— Como você está?

Ela suspira.

— Vou ficar fora de três a seis semanas, e Dawn parece achar que vai chegar a seis. Definitivamente estou fora do sHeroes e talvez do dia da abertura também.

— Eu não perguntei sobre o prognóstico — diz Fish. — Perguntei como você está.

— Bem.

— Henderson, sei que você não gosta de falar, mas me diz como diabos você está.

Grace bufa. O telefone vibra na sua mão, e ela o afasta para ativar o Não Perturbe antes de voltar a Fish.

— É assim que eu sou como capitã? — pergunta ela. — É irritante pra caramba.

— Pensei em te dar um tempo para se conformar, mas achei que, em vez disso, você só ficaria chateada e se lamentando. É bom saber que estou sempre certa.

Pelo jeito, Grace é previsível. Em geral, ela se orgulha disso. É outra maneira de dizer que ela é confiável. Responsável. Que está presente quando as pessoas precisam dela, em vez de ficar de fora por três a seis semanas no início da temporada.

— Estou bem — diz a Fish. — As coisas são assim. Me pergunta em três semanas.

— Você realmente vai pegar leve, não é?

— Vou. — Grace está ciente de que parece petulante. — Eles nem me deixam mais assistir aos treinos. Mesmo que eu tenha *ajudado* da última vez.

— Acho que todos nós sabemos que você poderia dirigir o time melhor do que o Givhan, mas, falando sério, descansa. Faz alguma coisa que não tenha nada a ver com futebol. Pô, tira umas férias.

Ela não precisa de férias. Passou o Ano-Novo em Belize. Com o início da

temporada, as férias deveriam ter acabado. Nos últimos cinco anos, desde que Grace se mudou de Lyon para Nova Orleans, todo ano a programação dela é a mesma. Mesmo antes disso, seu calendário girava em torno dos períodos de treinamento da seleção. Ela não deveria ter tempo livre em fevereiro e março. De qualquer forma, não quer tirar férias. A primavera é a melhor época em Nova Orleans, quando as azaleias florescem e a umidade ainda não é obscena.

— Sei lá — diz Grace. — Não precisa se preocupar. Estou fazendo o que deveria estar fazendo, e você está livre de mim pelo menos até depois do sHeroes.

— Não estou livre de você até o sHeroes porque não estou ligando só como a sua capitã, idiota — diz Fish. — Não vou te obrigar a falar dos seus sentimentos todos os dias nem nada do tipo, mas ainda assim vou ver como você está, fora o futebol.

Fora o futebol, Grace está bem. Fora o futebol, não importa se o corpo dela está caindo aos pedaços. Mas, fora o futebol, não há nada. Grace nunca esteve fora do futebol e nunca quis estar. Também não quer agora — esse é o problema. Mas, mesmo assim, agradece a intenção.

— Acho que é justo, mas só se você estiver falando sério sobre não me fazer falar dos meus sentimentos.

— Combinado — diz Fish. — Como foi a primeira semana do seu time, hein? Acha que elas vão conseguir um tri?

Elas passam a meia hora seguinte falando de novas jogadoras e das rivalidades da AAFF. Grace se sente normal pela primeira vez na semana.



No dia seguinte, Grace fica na cama o máximo de tempo possível, mas não parece um luxo, apenas preguiça. Ela vai ao supermercado e prepara uma salada para o almoço, depois finalmente tira o telefone do Não Perturbe. A espreguiçadeira da varanda da frente é um lugar tão bom quanto qualquer outro para responder aos votos de melhoras enviados por todos, desde as colegas de time até o vizinho dos seus pais. A atividade só é possível de ser realizada porque ela copia e cola um genérico *Obrigada. Estou bem. Mal posso esperar para voltar aos gramados!*

Ela ainda está na varanda, no final da tarde, quando chega a correspondência. Há um envelope grosso de papel pardo com *H&M* rabiscado no canto superior esquerdo, acima de um endereço na Filadélfia que Grace memorizou anos atrás,

quando Sarah e Madeeha se mudaram para lá. Grace abre o envelope. Está recheado. Há um livro de palavras cruzadas, um livro de sudoku, uma foto de Grace segurando Khadijah e um cartão de melhoras, que Madeeha assinou com *Se cuida!* e H assinou *Sinto muito, que merda!* Elas devem ter pagado o envio expresso.

Por que nem todo mundo pode ser tão bom quanto H e Madeeha?

Lilly se enrola no envelope vazio descartado para tirar um cochilo, e Grace começa a fazer o livro de sudoku. Em geral, ela começaria pela primeira página, mas normalmente estaria se alongando no final do treino agora, então se permite abrir no meio do livro para trabalhar em um quebra-cabeça mais desafiador.

Ela está no terceiro quando o telefone apita mais uma vez. Considera a possibilidade de arranjar um novo número enquanto estiver fora de campo. Certamente tem tempo, e quanto menos pessoas conseguirem entrar em contato com ela, melhor.

No entanto, não é alguém do seu passado desejando-lhe uma pronta recuperação; é Matthews, perguntando o que ela está fazendo. Outra mensagem chega enquanto Grace lê a primeira.

> Se você não estiver ocupada, poderia vir até aqui? Ou eu poderia ir aí, se quiser

> Tenho planos para o jantar, mas tenho tempo para comer primeiro 😊

Às vezes, Grace não percebe as segundas intenções, mas Phoebe deixa bem óbvio.

Grace não vai para o apartamento de Phoebe, que é pago pelo time. De jeito nenhum. Outras jogadoras moram no prédio, e, a menos que tenham feito um upgrade significativo desde a última vez que visitou o lugar, a mobília não é nada confortável. Além disso, Grace nunca aceita uma oportunidade para sair do seu próprio espaço se não for necessário.

Mas Matthews parece uma boa distração, mesmo. Sem pensar muito, Grace manda uma mensagem dizendo vem pra cá.

Matthews é uma *excelente* distração — toda cabelos ruivos bagunçados e beijando

Grace assim que chega. Transar com Phoebe é muito mais divertido do que responder a mensagens. É mais divertido do que fazer palavras cruzadas. Grace até se acostumou com o quanto ela fala durante o sexo.

Depois, Phoebe sorri para Grace por entre as suas pernas.

— Odeio comer e sair correndo — diz ela —, mas marquei um compromisso com a Gabby.

— Certo — diz Grace, enquanto Matthews se levanta da cama. — Claro.

Grace não está acostumada com a brusquidão da amizade colorida. Não é que ela queira que Phoebe fique; ela simplesmente está entediada. Nem sempre gosta de todas as suas responsabilidades, mas não ter nenhuma, ao que parece, é pior. Depois dos primeiros dias de notificações constantes, seu telefone ficou em silêncio. Sua casa está em silêncio. Sua agenda está vazia.

A noite da pizza na sexta-feira é quase tão ruim quanto a da semana anterior — não pode ser um alívio de uma longa semana de trabalho quando, para começar, não houve semana de trabalho. Grace não consegue curtir dormir até tarde no sábado de manhã se não teve um motivo para colocar despertador nos últimos quatro dias.

Mudanças deixam Grace aflita mesmo quando são objetivamente boas. Mas isso? Algo que poderia ser a sentença de morte da sua carreira? Ela quer lutar com unhas e dentes, embora não haja nada com que lutar. Não há nada a fazer a não ser ficar entediada e aflita.

Quando, no sábado de manhã, recebe uma mensagem de Matthews dizendo já acordou?, Grace não tem tempo para pensar antes de enviar a sua reação automática.

Ainda não são nem 9 da manhã. Não estou a fim de transar

Grace observa os três pontinhos aparecerem e depois desaparecerem duas vezes antes de Phoebe enviar outra mensagem.

Ok… isso quer dizer que não podemos nem nos ver? Porque eu tenho dois bolos de reis da Dong Phuong que não vão se comer

sozinhos

Ah.

Desculpa, escreve Grace. Sim. Estou acordada. E podemos nos ver.

A resposta chega muito mais rápido desta vez.

Que bom, porque estou na frente da sua casa, mas não posso bater por estar segurando um bolo de reis em cada mão

Grace vai abrir a porta da frente em vez de perguntar como é que Phoebe está mandando mensagem.

— Oi, oi, oi — diz Phoebe dos degraus da varanda.

Grace abre a porta da varanda para ela.

— Oi.

Phoebe entra, com covinhas profundas o suficiente para que alguém mergulhe nelas.

— Não acredito que você pensou que eu estava te usando só para transar. Obviamente, também estou te usando pelo seu conhecimento de futebol. — Ela ri, batendo o quadril no de Grace ao passar. — Mas, falando sério, tenho uma pergunta sobre futebol.

Phoebe vai direto para a cozinha, então não percebe a careta de Grace.

É claro que se trata de futebol. Sempre se trata de futebol. Para a sua família, para os seus amigos, até para si mesma — Grace não conseguiu funcionar esta semana inteira porque não tem o futebol. E, apesar de não gostar particularmente da ideia de Phoebe usá-la por seu conhecimento de futebol, falar do esporte que não pode mais jogar talvez seja melhor do que tentar fingir que ele não existe.

Vinte e dois



Phoebe pensa em perguntar onde estão os pratos, mas abrir todos os armários da cozinha de Grace parece ser a maneira perfeita de irritá-la.

— O Stuart levou comida da Randazzo's ontem — diz ela ao começar a abrir os armários. — E estava delicioso pra caramba, então acho bom este estar à altura das suas expectativas, Henderson.

— Mau gosto é uma tristeza mesmo.

Phoebe sorri.

— Não é justo você ser gostosa, talentosa *e* engraçada. Sabe, deixa algo para o resto de nós, tá bom?

— É, porque você não tem tanto talento nem é gostosa — murmura Grace.

— Você me acha gostosa? — Phoebe dá uma piscadela para ela.

Grace revira os olhos.

Phoebe abre um armário e encontra cinco pratos e cinco tigelas numa prateleira, com cinco copos e cinco canecas alinhados na prateleira seguinte. Os pratos de Phoebe são uma mistura coletada ao longo dos anos — pratos lascados, algumas tigelas que ela fez na aula de cerâmica que teve na faculdade e mais potes de geleia vazios reaproveitados como xícaras do que copos de verdade. Os pratos de Grace são todos iguais, de um azul-cerúleo suave.

Phoebe pega os pratos e depois olha para as duas caixas que colocou na bancada de Grace.

— Senti que tinha que comprar o original, para ter a experiência completa, sabe? — diz ela a Grace, que está de pé ao lado da ilha da cozinha, observando-a. — Mas tinha de *coco*, que parece superchique, então comprei também. Além disso, quero dizer que este já está ganhando do bolo do Randazzo's porque não é uma coisa

enorme, estranha e com aparência de donut.

— O formato de anel é tradicional para bolos de reis — diz Grace.

— Bom, isso é *burrice*, porque assim tem muito mais bolo.

Em vez de um anel, o centro dos bolos da Dong Phuong é preenchido, de modo que eles se assemelham mais a rolinhos de canela gigantes, cobertos de glacê e decorados com açúcar de confeiteiro verde, amarelo e roxo.

Grace tem um daqueles blocos de facas sofisticados no balcão da cozinha. São necessárias três tentativas para Phoebe encontrar a faca de pão longa e serrilhada. Ela corta fatias pequenas, duas de cada bolo. O interior parece um bolo de café misturado às camadas aeradas de um croissant. Ela já está com água na boca.

Grace pega os garfos antes que Phoebe consiga abrir todas as gavetas da cozinha. Phoebe ergue o dela, e Grace leva um momento para perceber que ela está tentando bater os talheres como se estivessem fazendo um brinde.

— Ao suposto melhor bolo de reis de Nova Orleans — diz Phoebe antes de dar uma grande garfada no sabor original.

Suave e amanteigado com um toque de canela — ela quase geme de tão delicioso. Dá uma mordida no bolo de reis de coco. Puta merda, é ainda melhor.

— Por mais que odeie admitir — diz Phoebe —, este é melhor do que o da Randazzo's.

Phoebe espera que Grace fique satisfeita por ter provado que estava certa, mas o seu sorriso está tenso.

— Você não tinha uma pergunta sobre futebol?

— Sim — diz Phoebe.

Mas ela dá outra garfada em vez de perguntar. Deus, como é bom. Mas, enquanto saboreia o bolo, percebe que Grace olha fixamente para ela. É claro que Grace está mais concentrada no futebol do que na comida.

— Quem você acha que é a jogadora mais fraca da seleção?

Grace pisca para ela.

— Quê?

— Se eu quiser entrar na lista de convocadas para a Copa do Mundo, tenho que provar que sou melhor do que as que a Amanda já tem — diz Phoebe. — Quero descobrir qual vaga seria mais fácil ocupar.

Phoebe continua devorando o seu bolo de reis enquanto Grace pensa na pergunta. Mas a veterana não dá uma resposta de fato.

Em vez disso, ela diz:

— Não vou falar mal das minhas companheiras de time para você, Matthews.

Phoebe revira os olhos.

— Para de ser tão dramática. Você não precisa falar mal delas. Obviamente, ninguém é *ruim*; elas estão na seleção. Só quero saber onde acha que o time poderia ser mais forte.

Sério, o bolo é *muito* bom. Por que ela cortou pedaços tão pequenos? Será que vai ser estranho pegar um segundo pedaço? Com o garfo, sem dar uma mordida, Grace cutuca as fatias no próprio prato.

— Olha, eu provavelmente vou entrar para o sHeroes só porque você está machucada, mas obviamente você vai estar de volta até a Copa do Mundo. — Phoebe está tentando explicar isso para que Grace fique menos descontente por dizer coisas maldosas sobre as companheiras, mas as sobrancelhas da veterana se franzem ainda mais. Phoebe continua: — Tenho que descobrir onde o time é mais fraco e demonstrar como eu o deixaria mais forte.

— Você é uma jogadora de futebol profissional. Descobre sozinha.

Grace põe uma garfada na boca como se já tivesse terminado de falar sobre o assunto.

Tudo bem, é justo. Phoebe pode resolver isso sozinha. Não é como se Teddy e ela já não tivessem discutido as escalações quatrocentas vezes antes. Ela só queria um pouco da experiência de Grace — mas, ao cortar uma segunda fatia do bolo de coco, ela se lembra do que Grace falou no dia em que as duas comeram tacos juntas. Ser amiga dela não vai ajudar Phoebe em nada quando se trata de futebol.

E não tem problema. De qualquer forma, ela não precisa da ajuda de Grace para ser convocada.



Phoebe e Teddy mandam mensagens um para o outro todos os dias, mas é diferente de vê-lo pessoalmente. É diferente até mesmo de vê-lo na tela do computador, mas é melhor do que nada. Algo dentro dela relaxa ao ver o sorriso de Teddy. Os cabelos dele apontam para todas as direções.

— Oi, oi, oi — diz Phoebe.

— Oi. — Teddy arrasta o final da palavra.

— Você já ouviu falar em pentear o cabelo?

— Quem falou que não penteei desse jeito?

— Você está me dizendo que quer que pareça que enfiou o dedo numa tomada?

— Tenho que dar um jeito de chamar a atenção de todos, todas e todes.

— Por falar nisso, Alice disse que você não cala a boca sobre uma garota da sua aula de estatística.

Teddy geme. A melhor parte de ter um irmão é irritá-lo. Depois de conversarem um pouco — e de Phoebe provocar ainda mais o irmão mais novo —, ela menciona a convocação.

— Então — diz Phoebe, com o restante da frase suspenso para criar alguma expectativa —, você sabe que daqui a duas semanas vai ter o sHeroes, né?

— Para tudo! — grita Teddy antes mesmo que Phoebe diga mais alguma coisa. — Para tudo, para tudo, para tudo. Você foi convocada?

Phoebe não conseguiria impedir que o sorriso tomasse conta do seu rosto nem se quisesse — e ela não quer.

— Ainda não sei, oficialmente, mas tenho muita esperança, principalmente com a saída da Grace.

— Mulher, você vai para a Copa do Mundo.

— Tá, bom, é sobre isso que quero falar com você — diz Phoebe. — Perguntei à Grace hoje de manhã qual vaga eu deveria tentar conquistar no elenco, porque, obviamente, tenho que substituir alguém para entrar no time, então, por mais que adore dizer: "Ah, o time é uma família, essas garotas são minhas irmãs", essas garotas são, na verdade, minhas concorrentes. E Grace basicamente me disse para eu me virar sozinha, o que é justo. Então, quem você acha que é a mais fraca? Ou não apenas a mais fraca, mas a mais fraca nas coisas em que sou forte? Quem você acha que eu posso substituir?

Teddy estala o pescoço e estica os dois braços na frente do corpo, com os dedos entrelaçados e as palmas das mãos para fora.

— Vamos lá.

Eles passam a próxima uma hora e meia analisando todas as integrantes da lista de janeiro — Phoebe não sabe quem fará parte do sHeroes, então esse é o conjunto de dados mais recente que eles têm. (É Teddy quem chama disso — um conjunto de dados —, porque ele, o nerd dos musicais, está de alguma forma arrasando nas aulas de estatística na faculdade. Provavelmente para impressionar aquela garota

bonita de que Alice diz que ele não para de falar.) Eles analisam cada jogadora, cada posição, vantagens e desvantagens, estilo e histórico. Quando pernas jovens superam a presença das veteranas? Onde o time é mais fraco?

Enquanto conversam, Phoebe coloca o computador na cama, num ângulo em que Teddy ainda consiga vê-la. Ela tem que empurrar as roupas para o lado para liberar uma área no chão — ela as colocaria no cesto, mas está cheio de roupas limpas que ainda não foram dobradas —, apenas um retângulo de um por um e meio onde ela pode driblar para a frente e para trás. Uma bola nos pés a ajuda a pensar.

É uma ciência imprecisa, isso que Phoebe e Teddy estão tentando fazer. Phoebe pesquisa no Google todas as escalações que consegue encontrar. Havia sete meio-campistas na concentração em janeiro. Pode ter mais na Copa do Mundo, pode ter menos. Sempre se leva três goleiras para a Copa do Mundo.

— Mas você já jogou como goleira — comenta Teddy.

— Sim, no *ensino médio*, *num só jogo*. A única maneira de eu jogar como goleira na seleção é numa situação de cartão vermelho tipo Mia Hamm/Briana Scurry.

A atacante havia entrado em campo quando Scurry tomou um cartão vermelho na Copa do Mundo de 1995, bem antes de Phoebe nascer, mas ela conhecia a história do time. Os Estados Unidos perderam nas semifinais naquele ano, mas venceram quatro anos depois. No oitavo aniversário de Phoebe, seus pais lhe deram um DVD com todos os jogos do torneio de 1999. Ela assistiu até o DVD começar a pular pelo uso.

Depois de tanta análise, Phoebe ficou com algumas possibilidades e, em seguida, uma variedade de opções cada vez menos prováveis.

— Basicamente, você tem que decidir no que quer focar — diz Teddy. — Mostrar as suas habilidades de ataque, ser uma parede de tijolos na defesa ou ser pau pra toda obra.

— Eu sempre posso ser pau pra toda obra — responde Phoebe. — Foi você quem disse que eu poderia jogar como goleira.

— Certeza — fala Teddy, e Phoebe revira os olhos. — Então, ataque ou defesa?

Dada essa escolha, a resposta é fácil.

Vinte e três



A sineta acima da porta é o único som na lanchonete quando Grace chega no fim do domingo. Deve ser um dia lento.

Phoebe sai correndo da cozinha, seu sorriso de atendimento ao cliente se transformando num sorriso real ao ver Grace.

— Que ótimo que você está aqui — diz ela. — Preciso da sua opinião numa coisa.

Ela faz Grace se lembrar da irmã. Desde que começou a tomar remédio de TDAH, algumas das tendências mais impulsivas de Harmony foram amenizadas, mas ela ainda ama começar uma conversa sem cumprimentar, sem jogar conversa fora, só indo direto ao assunto. Sinceramente, Grace gosta mais disso do que de jogar conversa fora.

— Você acha que o D.B. Cooper ainda está vivo?

Grace franze as sobrancelhas.

— D.B. quem?

— D.B. Cooper. Único pirata do ar bem-sucedido.

— Não conta como bem-sucedido se ele não sobreviveu — grita Dallas da cozinha.

— É por isso que precisamos de uma terceira opinião. Para eu poder provar que você está errade — grita Phoebe de volta. Para Grace, ela explica: — Ele sequestrou um avião em 1971. Saltou com duzentos mil dólares. Você acha que ele está vivo?

— Acho que depende — diz Grace. — Quantos anos ele tinha em 1971?

— Sei lá. Por quê? Você acha que é mais provável que ele tenha sobrevivido ao salto se tivesse uma certa idade?

— Não necessariamente. Mas só porque ele talvez tenha sobrevivido ao salto não

quer dizer que esteja vivo hoje.

— Entendi o seu argumento. Mas o cerne da questão é: você acha que ele sobreviveu?

— Eu não disse isso. Preciso de mais informações.

Phoebe suspira.

— Tá, vamos, onde você quer sentar?

— Onde for mais fácil.

Phoebe a põe no balcão, numa das banquetas giratórias cobertas de couro turquesa provavelmente falso.

— Café?

— Sim, por favor — diz Grace.

Phoebe serve uma xícara para ela em silêncio.

— Então, me fala mais do D.B. Cooper. — Grace não esperava ter que cutucá-la para que ela continuasse.

— Ele está morto — diz Dallas pela janela da cozinha.

— *Não está* — garante Phoebe. — Mas, conhecendo Grace, ela vai ter que saber *tudo* antes de tomar uma decisão, então preciso pesquisar um pouco para poder apresentar o meu melhor argumento.

Grace não pode negar. Aparentemente, Phoebe de fato a conhece.

— Tá, mas pelo menos conta para ela as suas teorias trans ridículas — diz Dallas.

Grace mistura creme e um sachê de açúcar no café e levanta as sobrancelhas para Phoebe, que suspira outra vez.

— Não são ridículas — murmura ela, com a testa franzida.

— Não, tem razão — fala Dallas. — Sinceramente, eu meio que amo. Apesar de ele definitivamente não ter sobrevivido.

Um sorriso brinca nos lábios de Phoebe. Grace percebe que está fascinada ao vê-la interagir com alguém que não as colegas de time.

— Só estou falando que tem *opções* — diz Phoebe. — Ele podia ser um homem trans, e aquela era uma das primeiras aparições dele em público, então claro que não tem registro de um homem chamado D.B. Cooper em lugar algum. Ou *ela* podia ser uma mulher trans e então, depois, viveu como ela mesma e ninguém nunca achou que pudesse ser a sequestradora, porque era mulher!

Grace tem certeza de que *ridícula* é a palavra certa para essas teorias, mas *são* divertidas. Descrevem Phoebe bem de uma maneira geral: ridícula e divertida.

Certamente é o que Grace achou dela quando se conheceram — Matthews chegando com tudo na sala de musculação, cinco minutos atrasada e descabelada. Então, ela se matou de trabalhar, ganhou de Grace nos exercícios mais vezes do que qualquer outra. Não é que Grace espere que todo mundo se encaixe num arquétipo, mas Phoebe é diferente de qualquer pessoa que ela já tenha conhecido.

— Enfim — diz Phoebe. — Estou supondo que você enfim vai aceitar a minha recomendação e pedir as batatas crocantes recheadas de Dallas?

Grace faz que sim. Dallas se retira para fazer a comida, e Phoebe se inclina do outro lado do balcão na direção de Grace.

— Ah! — fala, como se tivesse tido uma epifania. — Fiquei distraída com o D.B. Cooper, mas queria te dizer: Kelsey Cleary.

Grace quase cospe o café.

— Quê?

— É dela a vaga que eu vou pegar.

Grace dá outro gole. O café não está tão quente, mas, mesmo assim, sua garganta queima quando ela engole.

— Kelsey é zagueira.

— Uma zagueira que Amanda põe para a frente — retruca Phoebe. — Se eu me estabelecer como volante, posso ficar com a vaga dela. — Grace não quer falar de Kelsey. — Além do mais, joguei na lateral direita durante o meu primeiro ano inteiro depois que a nossa titular rompeu o LCA.

— Tem um pouquinho de diferença entre futebol universitário da NAIA e a Copa do Mundo.

— Hum, sim, porra, eu sei — diz Phoebe, suavizando o palavrão com uma risada. — Mas tenho experiência e sou mais versátil do que a Cleary. Eu me lembro do desastre que foi quando tentaram colocar três zagueiras, e ela teve que jogar como primeira volante. Eu posso fazer isso.

Grace acredita nela.

Tenta não ter opinião sobre escalações ou formações. Não são decisões dela. Independente de gostar ou não, ela tem que jogar, tem que ter sucesso com elas. Se Grace se importasse com a formação do time, teria que ficar triste por Eric colocá-la como segunda volante em todos os jogos. Ela preferiria jogar como meia-armadora, mas não é escolha dela, então não adianta perder tempo ficando decepcionada. Da última vez que pôde palpitar numa escalação, o New Orleans contratou a Kelsey, e

isso obviamente deu errado.

Se Grace se permitisse ter opinião, ia amar a ideia de Phoebe ficar com a vaga de Kelsey. Tem outras jogadoras em quem Grace confia mais na defesa, e ninguém em quem confia menos em geral. Ela não conhece Phoebe o suficiente para confiar cem por cento nela — no campo ou fora dele —, mas é difícil não confiar. A garota é simplesmente… sincera. Obviamente, tem suas motivações; quer entrar para a seleção. Mas nunca escondeu isso. E, quando Grace se recusou a ajudá-la em apontar onde o time era mais fraco, Phoebe foi lá e descobriu sozinha. Claro que Phoebe *ia* usar Grace e o seu conhecimento para entrar no time se ela permitisse, mas nunca tentou fazer isso com falsidade. Isso tem que valer alguma coisa.

Como se estivesse provando o argumento de Grace, Phoebe diz:

— Enfim, não precisa falar nada. Sei que não quer *falar mal* das suas companheiras de time ou sei lá de que jeito absurdo colocou, mas, é. Vou pegar a vaga da Kelsey.

— Boa sorte — diz Grace, com sinceridade.

Uma sineta toca — o café da manhã de Grace está pronto, e Dallas coloca o prato na janelinha. Phoebe o transfere animada para o balcão à frente de Grace.

— Você vai amar isso.

Grace ama. Talvez Phoebe realmente seja confiável.



Grace ainda está se acostumando a ter alguém em casa.

Phoebe não parece precisar se acostumar a nada.

Segunda à noite, depois do treino, só de cueca boxer e um sutiã *bralette*, Phoebe arranca almofadas do sofá de Grace.

— Cadê a azul felpuda? Eu amo essa. — Ela a vê guardada embaixo da mesa de centro. — Arrá!

Da poltrona, Grace fica olhando Phoebe socar a almofada algumas vezes e, então, se jogar no sofá. Ela nem coloca a almofada atrás de si — abraça-a ao peito.

— É tão macia — diz Phoebe, talvez para si mesma. Grace nunca tem cem por cento de certeza de quando ela espera uma resposta e quando está só tagarelando.

Grace imagina que seja normal Phoebe tender a estar quase nua quando fica lá, dadas as atividades típicas das duas. Hoje, ela mandou mensagem depois do treino,

perguntando se podia testar o chuveiro de alta pressão de Grace. Então, depois de chegar, convenceu Grace a entrar com ela. Não foi um replay exato da primeira vez delas no chuveiro do vestiário, mas foi próximo.

— Se eu ficar no TikTok, vai te irritar? — pergunta Phoebe. — Deixei o volume baixo, mas meus AirPods falsos e velhos quebraram, então estou sem fone.

Ela ficou assistindo na cama da primeira vez que veio, e Grace sobreviveu.

— Tudo bem — diz Grace.

E é verdade. Ela pode ficar confortável com Phoebe na sua casa. Talvez não tão confortável quanto a própria Phoebe, sentada de pernas cruzadas no sofá e ainda agarrando aquela almofada azul felpuda, mas, mesmo assim, confortável. Grace consegue fazer as palavras cruzadas e não se irritar com as risadinhas de Phoebe quando ela gosta de um dos vídeos. Não fica *incomodada*, mas fica um pouco distraída. É que a risada de Phoebe é gostosa, só isso.

O celular de Grace vibra no braço da poltrona. Ela olha para baixo, sem planejar pegá-lo até ver a notificação. Um e-mail do seu agente com o assunto: FWD: Pedido de entrevista com Grace Henderson. Ela desliza a notificação, brava. Quando disse ao agente que estava lesionada, falou especificamente que não apareceria na mídia.

Ela o perdoa um pouco quando o e-mail começa: Eu sei, eu sei, mas é a Megan Thrace.

Grace não sabe se outros atletas profissionais têm os seus profissionais favoritos, mas o pool de imprensa do futebol feminino não é muito grande. Ao longo dos anos, ela aprendeu quem é justo, quem consegue ser condescendente mesmo ao elogiar e quem procura *boas* reportagens, e não só grandes reportagens. Megan Thrace conhece os bastidores de toda a liga. E, apesar de torcer pelo Boston, nunca deixa que isso influencie uma reportagem — às vezes para o desalento de outros torcedores do time.

Grace não quer que o seu agente mande pedidos de entrevista porque ela sempre tem dificuldade de negar. Parece ainda pior com Megan, que, a essa altura, ela quase categorizaria como amiga. Mas, por mais que saiba que Megan não vai pegar pesado demais com ela, pensar em falar com *qualquer* repórter — ou qualquer pessoa, na verdade — sobre a sua lesão é como ser esfaqueada por minúsculas agulhas.

Ela chega a um meio-termo.

Diz a Megan que eu dou uma exclusiva a ela quando voltar.

Isso ajuda Grace de várias formas: ela não precisa tecnicamente dizer não a Megan; e, agora que ofereceu uma *exclusiva*, não tem escolha a não ser negar

qualquer outro pedido de entrevista quando estiver de volta ao campo.

O fato de ainda sentir que *nunca* vai voltar ao campo é um problema em que ela não está pensando no momento. Em vez disso, olha o jornal na sua mão, tentando descobrir uma palavra de seis letras para *mesmo que barro*.

— Ah, meu Deus — diz Phoebe do sofá.

— Que foi?

Ah, óbvio. É *argila*.

— A Amanda está me ligando.

Grace não termina de preencher a palavra. Seus olhos vão para Phoebe, que está sentada, totalmente ereta e olhando o telefone, que vibra.

— O que você está fazendo? — pergunta Grace. — Atende.

Phoebe atende.

Amanda está obviamente ligando para dizer que Phoebe entrou na convocação do sHeroes, mas, pelo lado de Phoebe da conversa, não daria para saber. Ela parece uma pessoa bem diferente. Coluna reta e tensa, e o sorriso fácil não está lá. Só responde com *aham* e *sim, senhora*.

Claro que Phoebe foi convocada para o sHeroes. Amanda não ia chamar Grace, então tinha uma vaga aberta no meio de campo. Não quer dizer que Grace esteja sendo substituída, apesar de parecer isso. Não importa. O que quer que estejam falando uma para a outra no telefone não tem nada a ver com Grace. Ela tenta voltar a focar nas palavras cruzadas, mas esqueceu a resposta que estava preenchendo.

— Sim, senhora — diz Phoebe, ainda sem traço de sorriso na voz. — Mal posso esperar.

Elas se despedem, e Phoebe desliga.

E imediatamente se joga em Grace.

— Eu fui convocada para o sHeroes! — guincha.

Grace mal tem tempo de abrir os braços antes de Phoebe estar, de algum jeito, dobrando-se no seu colo, passando os próprios braços pelo pescoço dela. Grace dá tapinhas desajeitados nas costas de Phoebe com a mão que ainda segura o jornal.

— Eu fui convocada, e a Amanda disse que quer que eu tenha tempo de jogo! Tipo, ela quer dar uma olhada em mim, uma olhada real, uma olhada em mim jogando, e disse que a convocação da Copa do Mundo ainda não estava decidida e, sim, talvez ela tenha dito isso porque não quer que eu fique cheia de esperança, tipo,

só porque ela quer dar uma olhada em mim jogando não quer dizer que eu vou entrar, mas, se ela soubesse que não me quer para a Copa do Mundo, por que não diria isso? Ela podia ter dito que eu vou para esse torneio porque você está lesionada, mas que vai estar bem na Copa do Mundo, mas não foi isso que ela disse. — Grace tenta não se encolher. Se Phoebe nota, deve achar que é por causa do volume da sua voz, porque fala mais baixo enquanto termina o surto. — Não foi assim que ela colocou. Talvez ela esteja pensando mesmo em me convocar para a Copa do Mundo!

Em que momento Phoebe vai perceber que a vaga que ela deveria pegar é a de Grace? Grace imaginaria que ela já sabe, mas Phoebe parece dividir tudo o que lhe passa pela cabeça, e nem única vez sequer deu a entender que Grace não vai ser convocada.

Talvez Grace devesse encorajar Phoebe a tentar aquela posição de volante. Pelo menos, não estariam competindo por uma vaga. A posição natural de Grace, a sua favorita, independentemente de onde ela jogue no Krewe, sempre foi mais de meio de campo, que ataca mais. Amanda sabe disso, apesar de Eric aparentemente não saber.

A convocação do sHeroes não é a convocação da Copa. Ainda tem três meses antes de essa sair. Grace precisa parar de ter pena de si mesma. Isso nunca levou ninguém a nada. Ela só pode ficar sentada, esperando. *Descansando*. E tentar não deixar a sua imaginação convencê-la de que nunca mais vai jogar, tentar não se perguntar se seria melhor do que o inevitável declínio da idade.

Não ajuda o fato de o primeiro jogo de pré-temporada do Krewe ser na quarta. Grace se senta no banco, nem coloca o uniforme. Kayla usa a faixa de capitã. Phoebe joga como se estivesse na liga há anos. O que é bom. Grace quer boas coisas para o time. É ótimo ter uma novata tão talentosa.

Mesmo assim, parece que tem uma pedra no seu estômago.

Vinte e quatro



Ao longo do fim de semana, enquanto Phoebe faz as malas para ir para a concentração, seu coração dispara. Tem menos animação para balancear o nervoso, menos *Ah, meu Deus, eu fui chamada* e mais *Preciso muito me provar*. Estar no mesmo voo de Sorrell acalma a sua pulsação, ao menos um pouco. Ela conhece as pessoas daqui, até fez amizade com algumas. No entanto, Gabby não foi convocada desta vez, então, apesar de Phoebe não ser cem por cento nova, é a mais nova. E tem mais pressão agora. Ao ser chamada para a concentração de janeiro, tinha torcido para que fosse convocada para a Copa do Mundo, mas não acreditava nisso de verdade. Agora, tem uma possibilidade real.

Phoebe sabe o que precisa fazer, e esta é a sua última chance de fazê-lo. Elas têm três jogos — na Califórnia, no Texas e depois na final, em Nova Orleans. Se vai entrar na convocação da Copa, tem que merecer tempo de jogo, provar o seu valor.

É bom que Grace não esteja aqui, ainda que Phoebe sinta saudade. Ela não pode gastar tempo suspirando por uma colega de time. Tem trabalho a fazer.

A perna de Phoebe balança na van a caminho do hotel. Normalmente, deixaria tudo na mala, mas a desfaz para dar alguma atividade às mãos exceto tremer. Receber Pants como colega de quarto é perfeito, porque a mulher é silenciosa e focada. Ela dorme cedo, o que significa que Phoebe faz o mesmo, ou pelo menos se deita com as luzes apagadas para olhar o celular. Nove é cedo demais para Phoebe dormir, apesar de tecnicamente ser onze no fuso horário em que acordou. Ela põe o volume o mais baixo possível e abre o TikTok.

No meio de um vídeo em que alguém fez um gato dançar uma música da Lizzo, o celular de Phoebe vibra na sua mão.

É uma mensagem de Grace.

Que horas é o treino amanhã?

Phoebe dá um sorrisinho e devolve: Por que você é tão obcecada por mim? Então completa com: Brincadeira, só acho fofo você já estar com saudade.

Que horas o ônibus sai amanhã pra te levar ao estádio? 8h30?

9

Ok.

Por que quer saber?

Só fiquei pensando se tinha mudado algo no jeito como eles costumam fazer as coisas. Para garantir que você durma num horário decente.

Tá bom, mãe, responde Phoebe, com um emoji revirando os olhos.

Ela passa a próxima hora debatendo o que poderia enviar para manter a conversa, mas Grace não manda mais nada. Por fim, Phoebe liga o Não Perturbe, coloca a sua máscara de dormir e tenta pegar no sono. Pants está roncando de leve desde mais ou menos dois minutos depois de apagar as luzes. Phoebe mantém os olhos totalmente fechados e tenta não pensar em Grace, no treino de amanhã ou na lista de convocadas para a Copa.

Em vez disso, imagina a sua primeira partida pela seleção. Uma aparição na seleção americana pareceu um sonho impossível durante a maior parte da sua vida, mas vai acontecer ainda esta semana. Amanda havia dito que queria dar uma olhada

em Phoebe. Pensamentos sobre isso, sobre como ela se sentirá, como jogará e como a sua família ficará orgulhosa embalam Phoebe até ela pegar no sono.



Na manhã seguinte, Phoebe acorda com o celular tocando.

Não faz sentido. Seus alarmes são barulhentos, uma melodia pré-programada criada para ser irritante a ponto de a pessoa não apertar o botão de soneca. Phoebe *sempre* aperta o botão de soneca, mas essa não é a questão. A questão é que o celular dela deveria tê-la acordado com um som desagradável, e não com o zumbido duplo que indica uma mensagem de texto.

Hora de levantar.

Talvez seja a coisa mais Grace que se pode imaginar. Uma mensagem séria e sem rodeios em que ela se responsabiliza pelas ações de outra pessoa. Seria desagradável se não fosse tão ridiculamente fofo. Phoebe consegue imaginar como o rosto de Grace se enrugaria em confusão se ela de fato a chamasse de fofa por isso, mas é o que é.

Você não manda em mim, responde Phoebe, só para ser atrevida.

Jogadoras que se atrasam não são convocadas.

Phoebe sai da cama.

Pants já deve ter ido tomar café da manhã, porque a cama dela está vazia. Phoebe, que sempre tem dificuldade para adormecer, consegue, de alguma forma, dormir até durante uma avalanche depois de apagar. Ela vai ao banheiro, joga paciência no celular enquanto faz xixi e se pergunta se pode usar pijama no café da manhã. Ela dormiu com uma cueca boxer xadrez fina e uma regata. Após o terceiro jogo de paciência, enfim se levanta para lavar as mãos. Seus mamilos estão visíveis no espelho. Definitivamente, não é apropriado para o café. Mas ela não vai colocar

um sutiã tão cedo pela manhã. Em vez disso, veste um moletom do New Orleans.

A porta do quarto do hotel já está quase totalmente fechada quando ela se vira e a segura. Ela volta correndo para pegar a chave do quarto. Ao sair pela segunda vez, o celular apita novamente.

Já foi tomar o café?

É por isso que ela gosta de cuidar de Grace na cama. Para pessoas normais, a dinâmica sexual delas provavelmente parece não ter relação com café da manhã, e definitivamente é cedo demais para Phoebe pensar nisso, mas é verdade. Grace cuida de todos. Ela se comunica com todos, em todos os treinos. E com certeza não precisa fazer isso por Phoebe. Ela faz por Phoebe muitas coisas que não precisa: mostra a cidade a ela, paga jantares mesmo quando não tem uma aposta envolvida, diz a hora errada do treino para que ela não se atrase.

Isso faz com que Phoebe queira cuidar de Grace também.

A mulher merece relaxar. E é claro que ela nunca vai se encarregar de fazer isso por si mesma. Portanto, mesmo que não pareça algo relacionado a café da manhã, Phoebe entra no salão de refeições do hotel pensando em como quer amarrar Grace e fazê-la gozar várias e várias vezes.



O torneio sHeroes é composto por quatro equipes, todas jogando entre si uma única vez. A equipe que terminar com o melhor histórico vence o torneio. Embora a Federação de Futebol dos Estados Unidos use o torneio para arrecadar dinheiro para mulheres e meninas nos esportes, ganhar não vale tecnicamente nada além do direito de se gabar. É mais do que isso — essa é a competição mais forte que elas terão antes da Copa do Mundo. É uma espécie de ajuste final. Da próxima vez que a lista de convocadas for divulgada, será a equipe que vai para a Copa.

Phoebe não fica exatamente na dela, porque nunca fez isso na vida, mas tenta trabalhar ainda mais arduamente para mostrar que aquilo não é um joguinho para ela. Ou… bom, é um jogo, mas um jogo sério, não uma brincadeira.

Grace continua enviando mensagens durante toda a concentração. Ela manda

mensagem para Phoebe acordar todas as manhãs, manda mensagem para ela ir tomar café da manhã, manda mensagem à tarde para garantir que ela não se distraia durante o almoço e perca o ônibus de volta ao campo. Phoebe nunca agradece. Reconhecer isso parece sério demais. Em vez disso, reclama — sempre com um emoji de piscadela — e se lamenta por estar perdendo o seu primeiro Mardi Gras em Nova Orleans.

Phoebe não escreve para Grace sobre Kelsey, mas observa a zagueira. Ela não quer dar na cara e já assistiu a muitos vídeos dela no YouTube, mas quer ver os seus pontos fortes. Quer ver onde Kelsey se encaixa no treino, como ela interage com o restante do time.

É Grace quem menciona Kelsey.

Achei que o plano fosse pegar a vaga da Cleary no time, escreve ela depois do primeiro jogo.

E é, responde Phoebe. Felizmente, ela tem um assento só para si no ônibus, então não há chance de alguém ler por cima do seu ombro.

Bom, vocês duas pareciam bem amiguinhas.

Mantenha os amigos perto e os inimigos mais perto ainda ;)

Não que elas sejam realmente inimigas. Rivais, talvez. Ficaram juntas no banco. Kelsey inclusive perguntou de Grace, da lesão dela. Phoebe não sabia dizer se ela estava atrás de informações ou apenas querendo saber dela — só porque Phoebe tem segundas intenções não quer dizer que Kelsey também tenha. Então, Kelsey perguntou se Grace tinha pagado a aposta na última concentração, e Phoebe decidiu que, com ou sem segundas intenções, não era muito fã da zagueira. Era uma aposta meio cuzona, mesmo que Phoebe tenha aceitado na hora. Ela fica feliz por Grace não tê-la beijado na boca daquela vez, feliz pelo primeiro beijo delas ter sido *real*, não por causa de uma aposta qualquer.

Elas pegam um avião para o Texas no dia seguinte. Phoebe fica com um grupo de veteranas na recuperação da tarde, depois brinca na piscina com Jess, Michi e Pants depois do jantar. É um bom dia — mesmo quando não tem futebol, Phoebe sente que se encaixa com essa galera.

Ela sai da piscina quando Pants, a Pants que em geral é tão reservadinha, começa a desafiá-las a segurar a respiração embaixo d'água. Aparentemente, ela fica bem mais bagunceira perto das outras duas.

Phoebe toma um banho demorado, como sempre faz quando não está no box minúsculo do seu apartamento. Depois, passa a mão pela névoa no espelho do banheiro. Suas bochechas estão coradas do calor do chuveiro, e ela enruga o nariz para o reflexo. Ela é gatinha pra cacete. No ensino fundamental, tinha uma panelinha que tentava fazer com que ela se sentisse estranha por ter sardas, e ela não sabe por que nunca deu certo, mas não deu. Phoebe esfrega a condensação de novo e faz caretas para o espelho.

Seu celular está na bancada do banheiro. Faz sentido tirar uma selfie quando você está tão gata assim. Além do mais, Grace não mandou tantas mensagens hoje, talvez por ser um dia de folga. Phoebe pode muito bem começar a conversa com um nude de bom gosto.

Não, na verdade, não — elas não discutiram ainda se é ok fazer sexo pelo telefone, então Phoebe não vai mandar um nude de fato. Só algo um pouco provocativo. Talvez não *exatamente* seguro para se ver no trabalho, mas também nada que fosse fazer alguém ser demitido. Ela prende a toalha baixa no peito — só uma curva sugestiva onde as sardinhas começam a desvanecer. Ela opta pelo sorrisinho mais safado que consegue dar — nunca foi capaz de levantar uma sobrancelha só, e tentar contorcer o rosto de um jeito todo esquisito, mas levantar as duas dá uma expressão boa de *Gostou do que viu?*

É preciso tirar seis fotos diferentes antes que Phoebe goste de uma. (Ela é gostosa, sim, mas isso não quer dizer que selfies sejam fáceis.) No final, escolhe uma do seu reflexo no espelho embaçado, com fiozinhos de cabelo enrolados emoldurando o rosto. Não põe legenda, porque sempre foi melhor com sugestões do que com palavras.

O ar frio no quarto arrepia a pele de Phoebe quando ela sai do banheiro. Como Pants não está, Phoebe não se dá ao trabalho de se vestir, só pega o controle e se joga na cama ainda envolta na toalha.

Encontra a ESPN bem quando começa o quadro das dez jogadas do dia no *SportsCenter*. Eles nunca põem futebol suficiente nesse treco, e, pior, esta versão não tem uma única atleta mulher.

Ela revira os olhos e troca de canal. Seu celular vibra na cama ao lado. Ah, verdade! A mensagem!

Banho frio é melhor pra pele.

Phoebe gargalha. É a melhor reação que ela já recebeu a uma foto sexy.

O que é eu faria sem o seu conhecimento, ó grande sábia — não, não está certo. Ela deleta a coisa toda. Provocações nem sempre se traduzem bem em mensagem. Antes de conseguir achar a forma certa de responder, chega outra.

Mas é uma bela foto.

Phoebe dá uma risadinha para si mesma. Levanta o celular para mais uma selfie. A toalha mal cobre a sua bunda quando ela coloca a câmera por cima do ombro. Ela bota os pés para cima e deixa o sorriso ser alegre, em vez de paquerador. Inclui uma legenda desta vez também.

Valeu, Hendy. O que você está fazendo?

Mas, antes de Grace responder, ela de repente está na frente de Phoebe.

Grace está na TV, chutando uma bola enquanto uma narração diz algo sobre uma barrinha de proteína. Ela nem se parece direito com Grace — provavelmente é *obrigatório* usar maquiagem para fazer um comercial, mas é bizarro ver os cílios de Grace pintados e os lábios mais escuros que o normal. Ela usa uma regata pink com decote nadador nas costas que Phoebe tem certeza absoluta de que não pertence a ela. A única coisa normal é o cabelo, em duas tranças embutidas perfeitas caindo pelas costas. Phoebe quer puxá-las.

O que você está fazendo na minha TV?

A Grace da TV segura a barra de proteína para a câmera e sorri, e Phoebe não consegue deixar de rir. Ela não tem problema com o sorriso educado e forçado de Grace — a vasta maioria das pessoas que está assistindo ao comercial não a conhece, e, se você não a conhece, o sorriso funciona bem. Mas Phoebe já viu o verdadeiro sorriso dela. É raro, tende a ser travesso e faz aqueles olhos castanhos brilharem. Para qualquer um que a conhece, a Grace na TV parece que preferiria estar em qualquer outro lugar.

???

É um comercial de barrinha de proteína. Quando é que você filmou?

Ah, isso. Um dia depois de Dawn me pôr no banco por um mês

Phoebe lê a mensagem três vezes para garantir que entendeu antes de responder.

Você filmou um comercial *depois* de te dizerem que estava lesionada e que precisava descansar

Já estava marcado. Só chutei a bola algumas vezes. Não foi nada de mais.

Você está de brincadeira

Não, ué.

Falei algo engraçado?

Phoebe apoia o celular no peito e pressiona os dedos na testa como se isso fosse fazer o seu cérebro compreender melhor.

O que mais andou fazendo quando devia estar descansando?

Você vem aqui quase todo dia. Sabe que não estou fazendo nada.

Phoebe fica vermelha, apesar de não ter ninguém por perto para ver o seu desconforto. *Você vem aqui quase todo dia*. Como se ela fosse irritante. Como se não fosse bem-vinda. Ela *sempre* pergunta primeiro. Se Grace não a quiser lá, pode dizer não.

Enfim, a questão aqui não é Phoebe. É Grace, sua mentira idiota e as suas decisões ainda mais idiotas depois de ser pega.

Grace manda outra mensagem antes que Phoebe consiga chegar ao sermão apropriado.

Sinceramente, Matthews, não foi nada de mais.

Os polegares de Phoebe voam pela tela.

Como ainda pode estar tentando usar esse argumento sendo que está afastada faz semanas? Sendo que pode ficar por ainda

mais tempo? Você está perdendo um campeonato por causa dessa lesão e fingindo que ter gravado o comercial não é nada de mais quando te disseram especificamente para descansar?

Bom, não é nada de mais, né? Não importa que eu perca jogos, porque agora tem você.

Ah, sim. Porque uma novata que não teve um minuto de tempo de jogo é o mesmo que a porra da Grace Henderson, que está no time há literalmente uma década. Lógico que Phoebe jamais poderia substituir Grace. Ela nem está tentando. Mas odeia a insinuação de que Grace ache que essa é a única razão para ela ter sido convocada. Será que acha que foi por isso que Phoebe foi contratada pelo Krewe também?

Quer saber? Que bom que contei pra Dawn sobre o seu quadril

Assim que envia a mensagem, Phoebe se arrepende. Está agravando a briga e tem a sensação de que Grace não vai recuar. Mas Phoebe também não deveria ter que recuar. É ela quem está certa.

Você fez o quê?

Não foi de propósito, digita Phoebe, porque, mesmo que não recue, quer, sim, que Grace saiba que foi sem querer. Mas, é, fico feliz de ter contado, porque é óbvio que você nunca ia falar nada pra ela, independente do incentivo

Ah é, Matthews, sinto informar que transar com você não foi incentivo suficiente

Se Grace usasse emojis, teria um ali revirando os olhos.

É uma puta imbecilidade que você precise ser forçada a se cuidar, ainda mais da parte física! Você é atleta profissional, pelamor. Como pode fingir que cuidar do seu corpo não é importante?

Phoebe nunca entendeu por que Grace escondeu a lesão. Parece que tudo o que ela faz é pelo time, mas isso — jogar lesionada, com a chance de se machucar ainda mais, não estar na sua melhor forma — não é problema algum, pelo jeito. Ninguém gosta de se lesionar. Ninguém gosta de ficar de fora. Mas ignorar uma lesão só piora tudo. Se fosse qualquer outra pessoa, Grace entenderia isso.

Como falei, agora tem você. No Krewe e na seleção. Daria bem menos trabalho só ceder a minha vaga graciosamente em vez de tentar lutar até o resto do meu corpo se desfazer. Não é como se fossem sentir a minha falta.

Phoebe está mais chateada do que deveria, talvez, mas quer agarrar Grace pelos ombros e sacudi-la. Em vez disso, atinge onde sabe que vai doer.

Você não devia ter permissão de se chamar de capitã se nem se dá ao trabalho de ficar saudável

É verdade. Grace sempre finge que é idosa, em vez de só admitir que, às vezes, as pessoas se machucam. É como se ela tivesse decidido isso e se recusasse a mudar de ideia, não importa o que digam Phoebe, Dawn ou qualquer outra pessoa.

Como Grace não respondeu mesmo depois de Pants não apenas ter voltado, mas

tomado banho, arrumado-se para dormir e apagado a luz, Phoebe se pergunta se foi longe demais.

Ela manda outra mensagem antes de pôr o telefone no Não Perturbe.

Desculpa. É que fico puta de você agir como se estar machucada não fosse importante. Você é importante.

Vinte e cinco



Phoebe acorda com o despertador na manhã seguinte.

O alarme, não uma mensagem. Não há notificações no telefone. O que é bom. Ela não precisa das mensagens de Grace para chegar a tempo ao café da manhã. Na verdade, é condescendente que Grace tenha sentido a necessidade de fazer isso. Como se Phoebe não fosse uma adulta capaz de se virar sozinha. É Grace que não sabe cuidar de si mesma, obviamente. Phoebe pode não ter tido a intenção de dizer nada a Dawn, mas está feliz por tê-lo feito. Prefere que Grace esteja saudável a que elas estejam se falando.

Ela chega vinte minutos antes do que o normal para o café da manhã. Está até de sutiã. A equipe preparou uma sala de reuniões com um bufê particular e uma mesa de preparação de omeletes, muito melhor do que os ovos mexidos secos com os quais o restante do hotel tem que lidar, exceto que não há máquina de waffle. Phoebe gostaria de cobrir um waffle belga com morangos e chantilly, mas ela é *adulta*.

Elas têm meio dia de treino e, depois, uma tarde para assistir a filmes e se preparar para o jogo de amanhã. Entre os treinos, Phoebe mastiga a parte interna do lábio.

Ela se senta sozinha no ônibus de volta ao hotel depois do treino, com a testa pressionada na janela. Grace provavelmente nem se sentaria ao lado dela se estivesse aqui. Deus as livre de alguém saber que elas são amigas.

Madeeha se acomoda no assento ao lado de Phoebe, interrompendo a sua autopiedade.

— Tudo bem aí, Matty? — pergunta.

— Tudo — diz Phoebe.

— Sem piadinhas hoje? — Ela esbarra o ombro no de Phoebe. — Cadê aquela energia de novata?

Phoebe sabe que deveria sorrir. Em qualquer outro dia, provavelmente sorriria. Em qualquer outro dia, Madeeha não teria notado que alguma coisa estava errada.

— Só estou concentrada.

Madeeha não lhe pergunta mais nada pelo restante do trajeto.



Amanda quer vê-la depois do almoço.

Isso é bom, certo? Não é como se ela fosse ser cortada no meio de um campeonato. A menos que, como Madeeha, Amanda tenha notado a falta de carisma de Phoebe hoje. Como ela pôde deixar que isso a afetasse tanto? Esta é *a chance dela*, e ela a desperdiça se preocupando com o fato de a amiguinha de foda não estar falando com ela? Phoebe precisa colocar a cabeça no lugar.

Este hotel é insano. Phoebe está mais acostumada a hotéis de beira de estrada, do tipo em que os quartos se abrem diretamente para o exterior, mas este lugar tem estacionamento com manobrista, um átrio com um restaurante e tantos quartos que ela poderia se perder se Yoni não a levasse até a sala de reuniões onde Amanda montou um escritório.

Yoni bate duas vezes numa porta fechada, depois a abre e faz um gesto para que Phoebe entre. Ele fecha a porta atrás dela, permanecendo no corredor. Só estão Amanda e ela. A técnica está em pé a uma mesa de reuniões, olhando para os papéis espalhados em cima. Seus cabelos castanhos perfeitamente lisos estão meio puxados para trás, como de costume, e os olhos são nítidos por trás de óculos retangulares. Durante os jogos, ela se veste de forma elegante, de calça e blazer — e fica incrivelmente bem, se Phoebe for ser sincera. Phoebe não está mais no L Chat, mas provavelmente tem fóruns dedicados a Amanda e às roupas dela também. Hoje, no entanto, ela está de jeans e uma polo azul-marinho, com quatro estrelas bordadas no lado esquerdo do peito.

Ela olha para cima e sorri.

— Matthews — diz ela. — Phoebe. Pode entrar. Senta.

Amanda se senta à mesa, e Phoebe se acomoda à frente dela. O clima é bom, mas ela ainda tem um pouco de medo de ser cortada.

Em vez disso, Amanda diz:

— Você vai começar jogando amanhã.

Phoebe pisca. Engole. Pergunta:

— Você poderia repetir?

— Vou te colocar como primeira volante titular amanhã.

— Sim, hum. Foi o que pensei que você tivesse dito.

Esse era o plano dela. Era exatamente o que havia planejado — jogar como primeira volante e ganhar uma vaga. Ela tem treinado — sozinha, já que o técnico Givhan não quer que ela jogue nessa posição — e feito pesquisas. Esta é exatamente a chance para a qual tem se preparado.

Amanda fala devagar, como se soubesse que o cérebro de Phoebe não está funcionando a todo vapor.

— Sei que não é onde você jogou na faculdade nem onde treina com o Krewe, então entendo que vai ter uma curva de aprendizado.

— Eu dou conta — diz Phoebe.

Amanda assente.

— Sei que você dá conta. Mas o time da França está entre os cinco melhores, Matthews. É muita coisa para uma primeira partida. Tem um jogo mental, além do físico, e quero que esteja pronta para isso também.

Phoebe morde o ponto da parte interna do lábio que já está em carne viva. Mesmo só treinando com o New Orleans, o padrão de jogo é obviamente mais alto do que o padrão com o qual está acostumada. A seleção é mais um degrau acima disso. Este é um nível totalmente novo.

Mas ela consegue.

Ao longo da vida, Phoebe teve tendência de desistir. Ela sabe. É que só torna as coisas muito menos frustrantes. Ela tentou se formar em biologia quando começou a estudar, mas tirou um C menos na primeira aula. Mudar para medicina esportiva fazia muito mais sentido do que se esforçar por quatro anos, sendo que ela já sabia, desde o ensino médio, que não tinha vocação para a vida acadêmica. Até nos relacionamentos — depois do quinto término por Phoebe ter perdido um aniversário de namoro, ou se atrasado para conhecer os pais de uma garota, ou porque ela sempre arranjava tempo para o futebol, mas não para a namorada —, ela parou de tentar. Ela quer ter um relacionamento em algum momento, claro, mas não precisava disso na faculdade. E não precisa agora, tendo que se concentrar na

seleção.

Porque esta é a questão: no futebol, Phoebe nunca desiste. No futebol, Phoebe sempre esteve disposta a fazer tudo que fosse necessário. Ela é capaz disso. Pode jogar nesse nível. E essa é a sua chance de provar.

— Sim, senhora — diz ela, e Amanda assente.

— Você tem alguma pergunta?

Parte de Phoebe quer dizer não. *Sem perguntas, eu consigo. Sei exatamente o que estou fazendo*. Mas ela não está disposta a perder essa oportunidade.

— O que posso fazer para aumentar as minhas chances de entrar na lista de convocadas para a Copa?

Amanda lhe dá um leve sorriso. "Apaziguador" talvez seja uma palavra melhor.

— Vamos rever o plano de jogo amanhã no vestiário, como time. Mas, por enquanto, se concentra apenas nesse jogo, não se preocupa com o que pode acontecer no futuro.

Falar é fácil.

— Mas é isso que a gente deve fazer, né? — pergunta Phoebe. — Quando os nossos sonhos se tornam realidade, precisamos sonhar mais alto.

O sorriso da técnica aumenta.

— Desde que você reserve um tempo para comemorar primeiro. E, de qualquer forma, se a sua meta era só jogar, vamos aumentar um pouco mais e dizer: jogar bem.

— Ah, caramba, sim — diz Phoebe. — Eu não vou fazer merda. — Ela faz uma pausa. — Senhora.

Deus do céu, ela tem que parar de falar palavrões para essa mulher quando ela compartilha notícias emocionantes.

Quando Phoebe sai da sala, Yoni não está em lugar algum. Ela nem sabe ao certo que direção tomar, mas vê uma placa indicando uma escada e vai para lá. Está com energia demais para o elevador.

Ela tem que ligar para Grace.

Phoebe tem esse pensamento completo antes de se lembrar. Grace não quer saber dela. Bem… ela não havia dito exatamente isso, mas Phoebe tem certeza. Porque Grace quer ter a liberdade de fazer o que quiser, sem se importar com as consequências para ela e o seu corpo. É uma visão tão imatura que Phoebe não entende como Grace a justifica.

Mas não importa. O dia de hoje *não* vai ser centrado em Grace Henderson.

Phoebe abre o grupo da família e tenta descobrir como contar a eles de uma forma que não seja apenas gritando. São necessários dois lances inteiros de escada para redigir a mensagem.

Não é de surpreender que Teddy tente fazer uma chamada de vídeo logo de cara. Phoebe aperta o botão de ignorar. Ele *com certeza* vai gritar, e ela ainda não voltou para o quarto de hotel.

Chega uma mensagem.

> ah meu DEUS não acredito que você me disse isso e aí não atendeu vou te matar

Phoebe abre um sorrisão.

Seus sonhos estão se tornando realidade.

Desde que ela ignore o buraco no fundo do estômago.



Phoebe nunca ficou particularmente nervosa antes de jogos. Mesmo agora, com uma camisa da Seleção Americana de Futebol Feminino que tem o nome dela nas costas, no vestiário de um estádio lotado, com quarenta e quatro mil pessoas nos seus assentos, ou caminhando pelo saguão, ou ainda passando pela fila dos ingressos, seu estômago permanece tranquilo. A energia é de expectativa, não de ansiedade, com uma perna balançando. Ela quer jogar. Quer entrar em campo e esquecer todo o resto.

Todo o resto sendo principalmente Grace Henderson e o fato de que ela não manda mensagem há um dia e meio. Phoebe nem esperava trocar muitas mensagens com ela durante a concentração — foi Grace quem começou isso. Foi ela quem estabeleceu isso como algo que as duas faziam, quem acostumou Phoebe a sorrir para o celular, imaginando a exasperação na voz dela. E então desapareceu.

Não que isso importe. Phoebe está prestes a fazer a sua primeira aparição pela Seleção Americana de Futebol Feminino. É isso que importa.

Mesmo assim, olha para o celular uma última vez. Trinta e sete novas

mensagens. As pessoas estão surgindo de todos os buracos: gente que ela não vê desde a formatura do ensino médio; o sr. Peters, de cujos cachorros ela cuidava; toda a sua família — mãe, pai, Alice e Teddy, sim, mas também tias, tios e primos de ambos os lados; algumas mulheres que estão nos seus contatos com o nome mais o bar em que as conheceu.

Não há nada novo de Grace.

Phoebe joga o celular no armário e gira o dedo indicador no rabo de cavalo, pegando alguns fios e puxando. Kelsey fez o cabelo dela hoje, uma trança embutida num rabo de cavalo. Fish olhou para ela enquanto fazia o penteado, como se fosse óbvio o quanto Phoebe desejava que fosse Grace quem estivesse com as mãos nos seus cabelos. A trança também não é tão boa quanto a que Grace teria feito, mas vai manter os cabelos longe do rosto.

Ela precisa se concentrar. Esta é a sua chance. Não pode desperdiçá-la se distraindo com uma garota qualquer. (Uma voz no fundo da mente de Phoebe protesta contra chamar Grace de *uma garota qualquer*.)

Phoebe se inquieta durante os rituais pré-jogo — o discurso de encorajamento de Amanda no vestiário, a caminhada até o campo, ficar com as mãos atrás das costas durante o hino, já que a Federação de Futebol dos Estados Unidos vai puni-las se elas se ajoelharem em protesto. É o estádio mais barulhento em que já esteve, os torcedores são um borrão de vermelho, branco e azul. As onze titulares se reúnem em círculo antes do pontapé inicial, e Fish faz o próprio discurso de incentivo.

E então chega a hora. A primeira aparição de Phoebe na equipe nacional. O árbitro apita para começar o jogo, e tudo desaparece. Não há Grace, não há convocação para a Copa do Mundo, não há a torcida gritando, não há câmeras. Só há este campo, e estas jogadoras, e esta bola. Como Phoebe ama futebol.



Em Mapleton, Phoebe era a estrela. Era a melhor jogadora em campo e adorava isso. Sempre gostou de ser o centro das atenções. É uma coisa de filho do meio — ou você aceita ser ignorado ou se torna tão pentelho que *não pode* ser ignorado. Phoebe sempre escolheu a segunda opção.

Na seleção, Phoebe está cercada de estrelas. E primeira volante não é uma posição chamativa nem com a qual ela esteja acostumada.

É melhor do que imaginava.

Quando o apito final soa, ela jogou noventa minutos inteiros, perseguiu uma jogadora num contra-ataque e deu um passe para um gol. Nova posição, nível de jogo mais alto — nada disso a impediu. Talvez seja sorte de principiante ou talvez seja destino.

É a melhor estreia que ela poderia ter pedido — exceto pelo fato de que Grace não está aqui para compartilhar isso com ela. Sua ausência volta a existir agora que o jogo acabou. O que Grace diria se estivesse aqui? Elogiaria Phoebe? A contragosto, talvez. Chamando-a de Fenô como se fosse ofensivo em vez de carinhoso.

O restante da equipe a parabeniza. Fish, a única jogadora mais alta do que Phoebe, prende-a com uma chave de braço e lhe dá um cascudo que bagunça os seus cabelos. Sorrell a abraça com força suficiente para machucar um pouco.

Madeeha sorri.

— Bom jogo, novata.

Phoebe queria que Grace estivesse aqui. Queria que a sua família estivesse aqui. Eles vão para o seu primeiro jogo com o Krewe, mas Phoebe queria que estivessem aqui agora. Por alguma razão, quer a mãe, como uma criança que dorme fora de casa pela primeira vez.



Ela consegue a família, pelo menos virtualmente. Seus pais fazem uma videochamada enquanto o time está no ônibus a caminho do aeroporto, os dois espremidos juntos no quadro, radiantes. O peito de Phoebe relaxa ao vê-los. Quando passam o telefone para Alice e depois para Teddy, Phoebe não está pensando em nada, exceto em como está feliz.

— Ah, meu Deus, estou falando com *a* Phoebe Matthews? Estrela do futebol mundialmente famosa? — Teddy fala tão alto que Phoebe abaixa o volume do celular.

— Ave Maria, para, não sou isso, não.

— Mas está no caminho!

— Até parece. — Uma estreia na seleção não é estar a caminho de se tornar mundialmente famosa. Não que Phoebe ligue para isso. — De qualquer forma, a fama não importa para mim.

— Disse a pessoa que mais gosta de chamar atenção que eu conheço. — Phoebe ri e não nega o fato. — Além disso, vou dizer: Grace?! Que Grace?!

Phoebe se ajeita no assento como um motivo para tirar a câmera do rosto por um segundo. Ela engole em seco e pensa em fingir que o celular desligou, o que tem acontecido aleatoriamente nos últimos tempos.

— Não estou de fone de ouvido. — É tudo o que diz.

— Ah, sim, sim, você provavelmente está, tipo, perto de todo mundo ou algo assim — diz Teddy. — Não vamos falar sobre você tomar o lugar delas na convocação.

Phoebe não quer mais falar sobre nada. Ela deveria estar feliz — sua estreia na seleção, sua primeira partida como titular, sua pessoa favorita na tela do telefone. Ela *estava* feliz, trinta segundos atrás. Mas a ausência de Grace ofusca tudo.

Teddy fica mais um pouco com ela, mas, quando isso não ajuda a melhorar o humor de Phoebe, ela finge que chegaram ao aeroporto e encerra a ligação. Ter jogado bem deveria ser o suficiente. Comemorar com as pessoas que mais a amam no mundo. É tão irritante que não seja o suficiente.

Uma hora depois, enquanto fazem fila para embarcar no voo, Fish a analisa.

— Se anima, gatinha — diz a capitã. — Essa cara é triste demais para alguém que estreou na seleção hoje.

Phoebe finge um sorriso. Ela passou a última hora lendo o seu histórico de mensagens com Grace.

A última frase que Grace enviou é como uma pedra no peito de Phoebe.

> Não é como se fossem sentir a minha falta.

Grace disse isso em relação ao time, o que foi idiota, mas, agora, menos de quarenta e oito horas depois, Phoebe está percebendo todas as outras maneiras em que Grace está errada. *Phoebe* sente falta dela. Chegou para treinar na hora certa só por despeito, mas as mensagens de Grace não eram apenas por causa dos atrasos. Phoebe gosta de falar com ela assim que acorda. Gosta de enviar fotos e ver Grace responder falando sobre o que é melhor para a pele dela. Gosta de jogar com ela; elas não tiveram um minuto sequer de tempo de jogo juntas, mas Phoebe gosta de fazer exercícios com ela e gostou do mano a mano das duas antes da chegada das

companheiras de time. Gosta de transar com Grace e quer fazer isso de novo, mas gosta ainda mais de fazê-la rir.

Phoebe está acostumada a desistir quando as coisas estão difíceis. Já se passaram quase quatro anos desde a última vez que ela tentou ser namorada de alguém. Ela provavelmente não sabe como fazer isso. De qualquer forma, Grace nem sequer está a fim de um relacionamento. Mas, pela primeira vez em muito tempo, Phoebe quer tentar.

Vinte e seis



Grace assiste ao jogo.

Claro que ela assiste ao jogo. Ainda não está acostumada a ver pela TV e não da sua posição como lateral, mas precisa assistir. Dos últimos cem jogos do time, Grace jogou em noventa e cinco, assistiu a quatro da lateral e a um da sua sala. Outras jogadoras perderam jogos durante esse tempo, ou por jogar fora do país, ou por compromissos familiares, ou por lesões. Mas Grace, não. Até agora.

Então, apesar de estar furiosa com Matthews, ela ainda assiste ao jogo.

Furiosa não é a palavra certa. Ou talvez seja, mas a pessoa com quem ela está furiosa é ela mesma. Desde o momento em que conheceu Phoebe, sabia que não deveria confiar nela. Mas deixou a mulher seduzi-la. Claro que Matthews contou à treinadora que Grace está lesionada. Ela não tem nada a perder e tem tudo a ganhar. Grace não acredita que baixou a guarda tão fácil.

Então *está* furiosa, e com vergonha, e sinceramente um pouco magoada, o que a faz sentir ainda mais vergonha. Ela tinha tentado encaixotar esses sentimentos e colocá-los num canto da mente, mas, com Phoebe estreando, a caixa se recusa a ficar fechada. Os locutores falam da escalação da Copa quase tanto quanto Phoebe. Fazem um segmento inteiro sobre Grace e a sua lesão, que basicamente se resume a "não sabemos quando ela vai voltar". Grace também não sabe. Dawn nem marcou a avaliação de retorno, apesar de as três semanas tecnicamente terminarem na sexta.

Os locutores também falam de Matthews, e as câmeras parecem seguir todos os seus movimentos. Mesmo numa tomada ampla, Grace imediatamente encontra aquele cabelo ruivo. Hoje é uma trança embutida simples com um rabo de cavalo. Sem Grace, elas não têm ninguém no vestiário que seja capaz de fazer estilos mais complexos.

Matthews parece confortável, não uma novata que está estreando. Grace jura que ela sorri toda vez que a câmera a pega, até no meio do jogo. Ela sorri fazendo lançamentos laterais, depois de arrancar a bola de uma atacante que tinha passado por todo mundo. Fica absolutamente radiante quando Kelsey marca um gol e depois dá em Phoebe o que o time chama de abraço de coala para comemorar.

Essas duas com certeza parecem bem amiguinhas. Primeiro rindo no banco no último jogo, agora isso. Grace não sabe o que é pior — se Phoebe não vai tentar a vaga de Kelsey, quer dizer que está mentindo para Grace; se vai, só prova o quanto é hábil em manipular as pessoas. Se consegue convencer Kelsey de que são amigas, do que conseguirá convencer Grace?



Grace odeia coletivas de imprensa pós-jogo. Sempre participa delas — porque é o que se espera dela, seja como capitã do Krewe ou como estrela da seleção. A este ponto, são rotina; ela sabe o que dizer e quando, tem algumas frases prontas que pode usar. Mas sempre preferiria estar em outro lugar. Às vezes, não impressionar tanto no jogo não parece tão ruim se significar que a mídia prefere falar com outra pessoa que jogou melhor.

Claro, depois da estreia na seleção, Phoebe faz a coletiva.

Claro, ela parece perfeitamente à vontade, feliz de ser o centro das atenções, como sempre.

Os cabelos dela parecem ter sido lavados recentemente, presos num rabo de cavalo apertado. Ela está com uma camisa azul-marinho com o brasão normal da Federação, com quatro estrelas acima do lado superior esquerdo do peito, mas, de alguma forma, parece estilosa, em vez de entediante. Talvez seja a forma como ela dobra as mangas. Grace não quer pensar que ela está bonita. Não quer pensar em Matthews de jeito nenhum.

Mas, então, Phoebe sorri na tela da TV, e Grace morde o interior da bochecha para se impedir de sorrir. Não é justo que alguém tão pouco confiável seja tão encantadora.



Grace tenta ir dormir cedo. Faz toda a sua rotina: checa se as portas da frente e dos fundos estão trancadas, põe o pijama, e então vêm fio dental, pasta de dente, enxaguante bucal, sabonete facial, tônico, creme para os olhos, hidratante. O blecaute está fechado, e a sua máquina de ruído branco, programada para tocar ondas do mar. Ela trocou os lençóis há um dia, mas, ao se deitar na cama, parecem estar cheios de migalhas. Ela dá chutes com as duas pernas. A contagem de fios é alta demais para os lençóis a arranharem, mas é o que parece. Ela se vira de barriga para baixo, mas a fronha também parece arranhar o seu rosto. Ela se vira para cima de novo. Aumenta o som da máquina de ruído branco.

O dia foi exaustivo. Antes de ir para a cama, seus membros estavam pesados, como se ela estivesse exausta, apesar de não se exercitar há três semanas. Agora, tudo está tenso, dando pequenos espasmos.

Isso acontece às vezes. Nem sempre à noite, mas, em geral, sim. Nunca vale a pena tentar sofrer até passar; ela sabe por experiência própria que não pode se forçar a pegar no sono. Então, apesar de ter completado a sua rotina noturna, Grace se levanta e coloca a roupa mais macia que tem, uma calça de moletom fina e uma camiseta sem etiqueta.

É o horário mais escuro do ocaso, com as luzes da rua brilhando a intervalos fixos. Grace segue o caminho delas na direção do parque, a uma quadra. Ele é encoberto por mais escuridão — convidativo a Grace, em vez de sinistro. Tecnicamente, o parque está fechado, mas não tem portão. Ela se deixa envolver. Bem lá dentro, a vegetação bloqueia quase toda a luz. Tem um banco ao qual Grace gosta de ir quando se sente assim. É um nada, mas não é. Ela não precisa de silêncio, só de tranquilidade. Talvez, se tivesse feito aula de biologia no ensino médio, saberia quais animais produzem os sons que a cercam.

Isso é o mais próximo que Grace já chegou de acampar. Talvez ela devesse tentar. Poderia tentar qualquer coisa agora, não tem motivo para estar na cidade, nenhuma obrigação para ter que programar um alarme de manhã.

Em algum ponto desta semana, Dawn pode dizer que ela está liberada para se exercitar, mas é mais fácil imaginar não ter permissão de voltar. É mais fácil imaginar que nunca vai melhorar. Que vai ficar assim para sempre. Um pequeno músculo que se estirou, e a vida como ela conhecia se foi. Um músculo que se estirou, e ela foi substituída por Phoebe Matthews.

Grace sacode os braços e as pernas.

Ela vem ao parque para clarear a cabeça. Para o lugar acalmá-la. Pensar sobre a sua perna faz tudo menos isso, e pensar em Matthews é ainda pior. Então, Grace simplesmente não vai pensar. Ela inspira, cheirando um arbusto de azaleia que sabe que fica a poucos metros atrás do banco, apesar de não conseguir vê-lo à noite, e escuta o vento fazendo as folhas farfalharem. A pele exposta dos antebraços se arrepia com a brisa. Ela não pensa em fazer exercícios após o pôr do sol.

Fica sentada, imóvel, por tanto tempo que a sua bunda dói, mas o restante do corpo finalmente está como a noite ao redor — escuro e calmo, em paz, até. Por fim, começa a ir para casa.

As luzes da cidade chegam sorrateiras conforme Grace sai do parque e tem que se lembrar do mundo ao redor. No momento que volta à calçada, não está sozinha. A meio quarteirão, tem uma mulher arrastando uma mala. O rabo de cavalo dela é comprido, e as pernas, mais compridas ainda. Apesar de estar longe demais para ver as sardinhas e do brilho amarelado dos postes estar distorcendo a cor do cabelo, Grace a reconheceria em qualquer lugar.

Os últimos sabe-se lá quantos minutos que Grace passou aquietando o cérebro aparentemente foram em vão. Uma olhada em Phoebe Matthews e o seu coração está batendo forte no peito. A camiseta coça como se tivesse etiqueta.

— Matthews — diz Grace, reforçando a distância com o sobrenome. — O que está fazendo na rua com uma mala às — ela checa o celular — dez da noite?

Phoebe sobe o quarteirão batendo os pés e arrastando a mala atrás de si.

— Eu não lembrava em que rua você morava! — grita ela, como se fosse culpa de Grace.

Não é. E Matthews nem respondeu à pergunta.

— Tá…? — diz Grace.

Phoebe enfim para, perto o suficiente para Grace poder tocá-la, se quisesse. Coisa que não quer.

— Você não pode parar de me mandar mensagens e pronto. Vamos conversar.

— Você ainda não respondeu à minha pergunta — fala Grace. — Por que está aqui?

— Porque eu gosto de você! — berra Phoebe, depois geme. — Eu vim do aeroporto porque queria falar com você, já que você decidiu parar de mandar mensagem, o que é simplesmente… aff! Eu estava tentando chamar um Lyft, mas o meu telefone morreu, lembra que te falei semanas atrás que estava rolando isso,

antes de a gente… antes de o restante do time chegar. Então, meu telefone morreu, e eu tive que pegar um táxi normal e não sabia o seu endereço, só tenho no celular, que, de novo, não estava funcionando, mas eu lembrava o nome do parque e tinha quase certeza de que conseguiria achar a sua casa de lá, mas é tudo diferente no escuro, então ainda não achei, tá? É por isso que estou aqui. É isso que estou fazendo na rua, com uma mala, às dez da noite. Estou tentando achar a porcaria da sua casa pra gente poder conversar.

Não é fofo que Phoebe tenha ido até o bairro de Grace apesar de não conseguir lembrar onde ela morava. Talvez algumas pessoas fossem gostar disso, mas Grace, não. É tudo que Matthews é: ridículo, exagerado e, sim, talvez meio obsessivo. Grace está a ponto de marchar de volta para a escuridão do parque e largar Phoebe perdida na calçada. Ela coça a nuca.

— Você não pensou que talvez eu tenha parado de mandar mensagens porque não quero falar com você?

— Sim, Grace! Obviamente eu sei que você não quer falar comigo! Eu não sou idiota! — Phoebe respira fundo e abaixa a voz. — Mas você não tem direito de decidir isso. Não pode só *parar de falar comigo* porque contei para a Dawn sobre o seu quadril. Foi *sem querer*, mas, mesmo que não fosse, não pode parar de falar comigo por causa disso. Porque alguém precisava contar para ela. Alguém precisava se preocupar com você, já que você se preocupa com futebol acima de tudo.

Grace a encara, boquiaberta. É tão fora da realidade. Bem que Grace *queria* se preocupar com futebol acima de tudo. Ela *sente saudade* de se preocupar com futebol acima de tudo. De quando ainda era criança e jogava porque amava. Phoebe ainda tem essa mentalidade, pôde ficar nela por mais tempo do que Grace. Phoebe não tem que lidar com deveres de capitã, e patrocínios, e desconhecidos achando que sabem tudo sobre ela. Grace não pode se preocupar com futebol acima de tudo desde os onze anos. Matthews não sabe do que está falando.

Grace nem se dá ao trabalho de falar nada antes de sair andando. Phoebe a segue, é lógico. Grace provavelmente não deveria liderar o caminho até a própria casa, mas, mesmo se voltasse ao parque, Matthews a seguiria, e ela não quer que o seu santuário seja arruinado. Pensar na garota toda vez que Grace se senta no banco em frente ao seu armário já é ruim o suficiente.

Pelo menos na casa dela Phoebe já foi.

As duas mal estão a um quarteirão da casa, e, no caminho, Grace revive toda a

comemoração do gol. A forma como Kelsey pulou em Phoebe. Como fechou as pernas na cintura dela. Como Phoebe jogou a cabeça para trás e riu. Grace sente o rosto ruborizando da mesma forma de quando assistiu ao vivo. Perder a concentração e o campeonato foi ruim o bastante. Saber que Kelsey se aproveitou da ausência dela para se aproximar de Phoebe piora tudo.

Ou talvez seja melhor, na verdade. Grace preferiria saber que Phoebe é amiga de Kelsey o mais cedo possível.

Por mais que Grace não queira que Matthews entre, quer ainda menos ter essa conversa na calçada. Então, faz um solavanco com a cabeça, o convite mais entusiasmado que consegue, e, batendo os pés, sobe os degraus da varanda.

Lilly não as recebe na porta. Ele provavelmente ainda está na cama de Grace — *ele* não tem dificuldade de dormir.

— Ainda não sei por que você está aqui — diz Grace, parando com espaço suficiente apenas para fechar a porta, em vez de ir para a sala.

Phoebe solta a mala no chão de Grace como se fosse ficar lá por um tempo.

— Você não pode simplesmente parar de me mandar mensagens. A gente vai conversar.

— Não temos nada sobre o que conversar.

Grace cruza os braços, e Phoebe balança a cabeça.

— Estou muito puta com você!

Grace bufa, meio em desdém, meio rindo.

— *Você* está puta *comigo?* Sendo que foi você quem ficou fofocando de mim para conseguir uma vaga na convocação?

— Eu *não* fiz isso — responde Phoebe. — Eu contei para alguém que precisava saber, e nem foi de propósito, para começo de conversa. Foi sem querer. Eu não falei nada para mais ninguém, mesmo quando a Kelsey claramente estava caçando informação sobre a sua lesão.

— Ah, que surpresa. — As palavras de Grace pingam veneno. — Você e a Kelsey são amiguinhas agora, né?

— Quê? Não. Eu acabei de falar que não…

— Vocês com certeza pareciam bem próximas no gramado.

Grace aperta os olhos para Phoebe, que a encara de volta como se não fizesse ideia do que Grace está falando.

— Isso é sobre quando comemoramos o gol dela? — pergunta Phoebe. —

Porque eu também comemorei com a Kayla quando ela marcou.

— Tá bom. — Grace sai andando para a cozinha. — Diga-me com quem andas e te direi quem és.

Matthews segue que nem um cachorrinho que caiu do caminhão da mudança.

— Juro, a gente nem é próxima. Isso é porque ela não ajoelhou para o hino quando ainda deixavam fazer isso? Porque eu sei. Na melhor das hipóteses foi uma questão de ignorância, e na pior…

— Senhor. Não. Não é por causa do hino. É por causa de como ela me usou para…

Grace para. Ela nunca contou a ninguém o que Kelsey fez. O negócio do hino rolou logo depois e foi o suficiente para impedir que qualquer um de quem Grace gostava se aproximasse demais da sua ex. Ela não tem certeza de que Kelsey conta como ex, mas é mais fácil pensar nela assim do que como uma mulher que a enganou até conseguir o que queria.

— Te usou para quê? — pergunta Phoebe.

— Não tem importância.

— Para mim, tem.

A voz de Phoebe é tão feroz que Grace se vira para olhá-la. Suas sobrancelhas estão afiadas, e a boca, retorcida. Ela já viu Phoebe brincalhona e rindo. Viu-a séria e concentrada. Nunca a viu irada antes.

O cúmulo da ousadia. Matthews não tem direito de ficar *puta* por alguém ter usado Grace sendo que é exatamente o que ela está fazendo.

— Não finge que você não está cagando — fala Grace. — Ela me usou para entrar no New Orleans igual você me usou para entrar na seleção.

— Quê? Grace, não é isso que…

— É exatamente isso que está acontecendo. Você contando "sem querer" para a Dawn sobre a minha perna é igualzinho à Kelsey decidindo que "não é você, sou eu" logo depois de eu fazer ela ser contratada pelo Krewe.

— Você fez ela ser contratada pelo Krewe?

Caramba, essa garota não escuta, não?

— *Sim.* Eu estava jogando na W-League, na Austrália, e ela ainda estava na faculdade, mas a gente se conheceu na primeira concentração dela e a gente ficou, e aí começou a trocar mensagens. E, é, talvez nunca tenhamos falado nada oficial, mas era… alguma coisa. — E *era*, apesar de hoje Kelsey fingir que elas não têm um

passado. Os beijos contaram, e as mensagens contaram mais. Grace esfrega os dedos indicadores nos polegares. — E ela falava sobre como ia ser incrível nós podermos jogar juntas na AAFF, e eu conversei com o Eric, e, é, eles contrataram ela. Então ela terminou comigo ou sei lá o quê.

As sobrancelhas de Phoebe continuam franzidas de raiva.

— Não — diz Grace. — Você não tem direito de fingir que está brava com isso. Sendo que você é igual. Sendo que eu devia ter sabido desde o início que você era igual. Eu *sabia*, só… não devia ter ligado para você ser gata ou boa de cama. Não devia ter deixado isso me distrair.

A boca de Phoebe se abre. O rosto dela muda, mas Grace desvia o olhar. Ela não vai tentar descobrir o que a jornada facial de Phoebe quer dizer. Não está nem aí.

— Então, que se dane — diz ela. — Pronto. Agora você sabe o que ela fez, já que supostamente era tão importante para você. Pode ir embora?

— Grace — diz Phoebe, com a voz gentil.

Grace não quer gentileza. Não quer mais nem brigar. Quer ficar em paz.

— Eu não estou te usando para entrar na seleção.

Grace não quer nem saber o que Matthews tem a dizer. Ela pega um copo para encher de água.

— Eu nunca faria isso. Quero ser convocada, sim, mas quero *merecer* a minha vaga. Trapacear para entrar não significa nada. — É um belo sentimento, mas Grace sabe que não deve confiar em Matthews. — Mas, além disso, eu nunca faria isso *com você*. Você merece muito mais, Grace. É horrível que Kelsey tenha feito isso com você. — Phoebe Matthews, que em geral fala demais, que em geral se interrompe no meio da frase porque pensa em outra coisa que quer dizer, cujo cérebro sempre parece funcionar mais rápido do que a boca, está calma e claramente afirmando coisas como se fossem fatos. — O que Kelsey fez foi errado e escroto. Sinceramente, eu queria que você tivesse me contado antes, porque teria tratado ela bem pior. Mas é a vaga dela que eu queria pegar antes de saber disso, e quero mais ainda agora. Ninguém devia te tratar assim. Não é à toa que você ficou tão desconfiada quando eu tentei ser sua amiga.

Grace continua parada na frente da pia, segurando o copo vazio. Phoebe tira o copo da mão dela e o segura embaixo da água já aberta. Ela desliga a água e estende o copo para Grace.

Quando Grace estica o braço para pegá-lo, Phoebe não solta até ela fazer contato

visual.

— Se eu quisesse te tirar do time para abrir espaço para mim — fala Phoebe —, teria contado a alguém bem mais perto da Copa.

Grace não pode discutir com essa lógica.

Phoebe, então, vira de costas para Grace e anda até o outro lado da ilha da cozinha. Ela puxa a ponta do próprio rabo de cavalo. Grace dá um gole de água.

— Na faculdade, aprendi que não sou uma boa namorada — diz Phoebe. Grace não faz ideia do que isso tem a ver com o assunto. — Podia ter aprendido antes, mas não tinha exatamente um monte de garotas queer na minha escola. — Ela inclina a cabeça para trás e para a frente, batucando com os dedos na bancada. — Bom, também não tinha muitas na minha faculdade, mas… enfim, não sou boa em namorar. Esqueço aniversários de namoro, priorizo o futebol e flerto com outras mulheres, mesmo quando não é de propósito. Algumas vezes, transei com outras, porque não sabia que não devia. Fiz muitas coisas péssimas com garotas com quem eu, bom, não *estava* oficialmente, mas também não *deixava de estar*.

Enfim, Grace entende por que Phoebe está falando disso. Ela pode ser uma má namorada, aparentemente, mas não seria tão ruim quanto Kelsey.

— Eu *nunca* faria isso com você — fala Phoebe. — Eu nunca faria nada do tipo. Nem com você nem com ninguém. Ninguém devia ser usado assim. Isso não diz nada sobre você e diz tudo sobre ela.

Grace sabe disso, lógico. Mas, só porque diz mais sobre Kelsey do que sobre ela, não quer dizer que não a afeta. Não quer dizer que Grace esteja errada de tomar mais cuidado, de confiar menos nas pessoas.

— Não sou amiga de Kelsey, prometo — diz Phoebe. Ela olha para baixo e muda o peso dos pés. — E, quanto a dizer alguma coisa oficialmente, eu gosto de você e quero que saiba que também não estou transando com mais ninguém.

Outra afirmação que não tem nada a ver com o que elas estão falando. Não é que Kelsey tenha transado com alguém pelas costas dela. A traição teve mais a ver com vulnerabilidade emocional do que com qualquer intimidade sexual. Por outro lado, Grace provavelmente não teria mandado aquelas fotos se soubesse o que Kelsey realmente queria. Mesmo assim, Phoebe pode transar com quem quiser. Grace e ela não estão namorando. De todo modo, Grace não faz ideia de quando Phoebe teria tempo para equilibrar parceiras sexuais.

Ela mencionou *dental dams* da primeira vez que transaram. Talvez seja isso que

ela quer dizer. E sinceridade e comunicação obviamente não eram pilares do que quer que tivesse acontecido entre Grace e Kelsey. Então, faz sentido que Phoebe queira que Grace saiba.

A ruiva continua falando:

— Sinceramente, nem estou flertando com outras. Tipo, nem quero, a não ser que seja para te fazer ciúme, porque, tipo, isso é divertido, sinceramente. Tá, comecei e terminei com *sinceramente*, mas acho que estou só tentando deixar claro que sou diferente de Kelsey.

— Certo — diz Grace.

Ela quer acreditar em Phoebe. E acredita, pelo menos um pouco. Esta coisa toda na verdade a faz confiar um tiquinho mais em Phoebe — não por completo, claro, mas Phoebe tem razão: se realmente quisesse sabotar Grace, teria esperado até logo antes da Copa para revelar a lesão. Os fatos da situação demonstram que ela é diferente de Kelsey.

— E você? — pergunta Phoebe, traçando formas na bancada com o dedo e olhando Grace de soslaio. — Quer transar com mais alguém? Ou flertar com alguém, ou algo assim?

— Não. — Grace não tem nem que pensar.

Ela nunca foi muito de flertar, para começo de conversa. Mesmo com Phoebe, Grace não queria tanto flertar quanto superá-la — foi por isso que Grace virou a aposta de ponta-cabeça. Quando tinha sugerido que Phoebe chegasse cedo no treino para trançar o cabelo, não tinha a ver com flerte, na real, mas com fazer Matthews estar no treino. Não que não queira flertar agora — ela não sabe muito bem como, mas gosta de fazer Phoebe rir, ou corar, ou as duas coisas. Faz o seu peito ficar quente.

Como agora, é como se tivesse tomado uma dose de uísque, sentindo o calor descendo até a sua barriga por causa de como Phoebe está sorrindo para ela.

— Sério? — Grace faz que sim. — E toda aquela história de "não quero um relacionamento"?

Grace não quer, mas não precisa insistir nesse fato. Ela dá de ombros.

— O que tem?

Phoebe dá uma risadinha.

— Então, a gente vai mesmo, tipo… — Ela cobre o rosto com as mãos por um momento. Grace não entende por que ela ficou tão vermelha, mas é fofo. —

Desculpa, eu só… sei lá, meio que entendi o quanto gosto de você e, quando você parou de mandar mensagens, tive medo de ter ferrado tudo. — Ela puxa a ponta do rabo de cavalo. — Eu estou muito feliz que não fiz isso.

— Que bom que você veio para cá — diz Grace.

De início, ela não achou bom, mas agora acha. Foi mais fácil corrigir o mal-entendido entre as duas. Além do mais, ela não tem certeza de que teria conseguido dormir sem desanuviar a situação. Agora, porém, perde a batalha para um bocejo. Definitivamente poderia dormir.

Phoebe se aproxima, desliza as mãos pela cintura de Grace.

— Você está cansada demais para fazer as pazes com sexo ou…?

Grace poderia dormir um pouco mais tarde.

Phoebe a beija de forma profunda e lenta, e toda a raiva, todo o ressentimento, toda a vergonha, todo aquele *tudo* de Grace parece se esvair de seu corpo. Ela vive presa na própria mente, pensando demais no passado, no futuro, num sem-número de pequenas ansiedades, mas Phoebe a beija, e, de uma hora para a outra, ela está *presente*.

As mãos de Phoebe deslizam para a parte de trás das coxas de Grace e — ah. Ela a pega no colo. Tira Grace totalmente do chão. Grace fecha pernas em torno da cintura de Phoebe — por instinto, talvez, mas, de algum jeito, também de forma desesperada. Ela rebola o quadril, e os dedos de Phoebe se apertam.

— Você é sexy pra cacete — murmura Phoebe, como se fosse uma observação. Um fato. Como se ela nem estivesse tentando excitar Grace falando isso, mas excita mesmo assim.

Grace sempre foi baixa, mas nunca se sentiu particularmente pequena. Ela é mais roliça que a maioria das jogadoras de futebol, em especial meio-campistas. Isso a deixava insegura quando adolescente, mas, agora, ela gosta. É mais difícil derrubá-la, ela consegue fincar pé e ganhar uma bola no ar. Consegue ferrar outra jogadora se precisar, mas, em geral, é capaz de vencê-las de alguma outra forma.

Nos braços de Phoebe, Grace se sente pequena. Ela se sente miúda, suave e delicada. Phoebe a segura como se ela não pesasse nada. Mantém a boca no pescoço de Grace enquanto as leva pelo corredor até o quarto. Grace se contorce, mas Phoebe não erra um passo. Ela a carrega até a cama, e Grace está pronta. Ela quer que Phoebe a jogue no colchão, a arraste até a ponta e arranque a roupa dela.

Em vez disso, Phoebe se abaixa devagar para pôr Grace na cama. Com cuidado.

Delicadamente. Como se ela fosse preciosa. Phoebe abaixa os olhos para ela. Grace ainda está de calça de moletom e camiseta, mas Phoebe a olha como se ela fosse sexy. Como se fosse perfeita.

Sexo sempre pareceu algo cheio de significado para Grace. Talvez por nunca ter tido uma amizade colorida com ninguém antes, mas o sexo sempre pareceu algo pesado. *Importante.* Formal, quase. Ela nunca esteve com ninguém como Phoebe, que deixa o sexo ser o que é no momento. Na maior parte da vida, Grace segue as regras — não só regras do tipo *não desobedecer a autoridades*, mas regras de interação, de conversas. Tanta coisa no mundo parece ter que acontecer de certa forma. E tem Phoebe, que joga tudo isso pela janela.

Embora o sexo com Phoebe possa parecer pesado, também pode ser bobo, ou preguiçoso, ou apressado. Hoje, é diferente de qualquer outra vez que tenham transado. Mais suave. Ainda é só sexo, claro. Foi com isso que concordaram. Então, não é como se tivesse sentimentos, não assim. Elas só estão ficando mais amigas, só isso. Porque Grace não pode ficar tendo sentimentos por sua amiga colorida. De jeito nenhum.

E, apesar de ser diferente, muita coisa é igual. Phoebe ainda é tão sexy que Grace é reduzida a uma coisa que deseja. Phoebe ainda está no comando; a esta altura, Grace cede aquele controle com mais facilidade. Ela sabe que Phoebe vai lhe dar prazer. Ela *confia* nisso. Talvez seja esta a diferença — que agora há mais confiança entre as duas. Phoebe a convenceu, deu-lhe lógica, *fatos*. Grace nem consegue se arrepender de compartilhar a história de Kelsey. Fazer isso acalmou a sua ansiedade. Se compartilhar significa que o sexo fica ainda melhor, que problema tem se Phoebe souber um pouco mais dela?

É um pensamento tão pouco característico que Grace questiona a própria mente. Antes de conseguir se preocupar demais, é distraída por Phoebe levantando seu gato do edredom emaranhado.

— Lilly, meu querido, desculpa — murmura Phoebe. — Mas quero acabar com a sua mãe, e você vai atrapalhar.

Grace solta uma risada pelo nariz. Phoebe carrega Lilly para fora do quarto e fecha a porta para mantê-lo longe. Então, ela se joga de volta em cima de Grace, que solta um *uuunf*.

— Voltando à programação normal — diz Phoebe, e a beija.

Elas agora já conhecem o corpo uma da outra, sabem do que a outra gosta. Grace

já arrancou o apoio das mãos de Phoebe o bastante para a ruiva saber que não importa se ela tem força mais do que suficiente para se segurar, Grace quer sentir o peso dela. Grace respira fundo, amassada pelo corpo de Phoebe, e ama a sensação.

Phoebe sabe exatamente que botões apertar no corpo de Grace. E Grace sabe que deve deixá-la fazer isso. Porque, mesmo quando Phoebe está provocando, mesmo quando se afasta logo antes de Grace gozar, o orgasmo só acaba sendo melhor. Então, Grace beija Phoebe da mesma forma suave como ela está beijando. Não acelera nem fica gananciosa. Apesar de Phoebe parecer estar passando uma quantidade de tempo absurda nos beijos. E ela não para de sorrir; quando suas bocas se conectam, Grace sente a forma como os lábios de Phoebe estão virados para cima.

— Por que está sorrindo tanto?

Phoebe se afasta para olhá-la. Ainda está sorrindo — aquelas covinhas se afundando na bochecha.

— É tão chocante que eu esteja feliz?

Quando Grace pensa bem — é isso mesmo, será? Um peso saiu dos ombros dela por ter contado a alguém sobre Kelsey e ter sido apoiada. Isso conta como felicidade?

Ela oferece um sorrisinho para Phoebe, que abre um largo em resposta, então estende a mão para puxar o elástico de cabelo. Grossas ondas ruivas caem como uma cascata, um véu entre as duas e o resto do mundo. O cheiro de nectarina enche o nariz de Grace, que inala fundo. Seus dentes se enfiam no lábio inferior. A felicidade sempre pareceu um conceito abstrato para ela. Se for isso, é bem mais fácil do que ela imaginava.

Phoebe se abaixa e pega o lábio que Grace estava mastigando. Ela morde com mais força, e Grace não consegue segurar um gemidinho. É só isso que precisa para Phoebe ir além do beijo. Ela puxa a camiseta de Grace por cima da cabeça.

Grace sente falta do peso de Phoebe, ainda que nunca fosse impedi-la de mover aquela boca maliciosa pelo corpo dela. Tem algum tipo de piada na sua cabeça sobre como a língua de Phoebe é boa assim por causa de o quanto ela a usa para falar, mas não está cem por cento formada, e, então, aquela língua traça os contornos do osso do quadril dela, e Grace para de pensar em piadas.

Vinte e sete



Quando Phoebe acorda na manhã seguinte, esconde o sorriso nos lençóis de Grace. É um sorriso muito grande e animado; percebe pela maneira como ele estica as suas bochechas. Não consegue evitar.

Grace Henderson é a sua *namorada*.

Ela jogou sua primeira partida pela Seleção Americana de Futebol Feminino, e Grace Henderson é a sua namorada. Nenhuma das duas coisas parece real. Seus sonhos estão se tornando realidade. Quem consegue namorar alguém cujo pôster colou na parede do quarto quando adolescente? Meu Deus, ela tem que encontrar uma maneira de tirá-lo de lá antes que Grace vá visitar os seus pais.

Ela está se adiantando. Não é como se Grace fosse embarcar no próximo avião para conhecer os pais de Phoebe — faz menos de dez horas desde que elas concordaram em ter exclusividade. Phoebe não sabe o que esperava quando falou a Grace que não estava saindo e não queria sair com mais ninguém, mas com certeza não era a maneira casual com que Grace confirmou que isso também era verdade para ela.

Ela só queria ser sincera com Grace, sobretudo depois do que Kelsey tinha feito. Queria ser aberta e honesta e se comunicar para que elas estivessem em sintonia.

Não esperava a maneira descontraída com que Grace concordara.

Ontem à noite, Phoebe quis fazer muitas perguntas. Em vez de falar demais, como sempre, limitou-se às mais importantes: "*Sério?*" e "*E aquela história de não querer um relacionamento?*"

"O que tem?", dissera Grace, toda displicente.

Phoebe sempre foi melhor com ações do que com palavras. Ela se derramou em Grace ontem à noite. *Idolatrou* parece um pouco intenso e meio coisa de crente, mas

Phoebe meio que a idolatrou. Grace foi magoada, muito magoada. Mas gosta de Phoebe o suficiente para tentar. Confia nela o suficiente. Phoebe não quer ferrar com tudo. Tentou dizer tudo isso ontem à noite, com a boca, os dedos e, sim, algumas palavras também. Quer dizer de novo esta manhã, mas Grace não está ao lado dela na cama.

É claro que Grace se levanta antes de Phoebe. É a coisa menos surpreendente do mundo. Lilly, por outro lado, ainda dorme ao seu lado, deitado de costas na bagunça do edredom. Phoebe o move, com muita delicadeza, para desembaraçar o lençol de cima e poder se enrolar nele. Ela não vai entrar nua na sala de Grace na manhã seguinte a dormir lá pela primeira vez.

Grace está na cozinha, toda vestida, fazendo ovos mexidos.

— Ah, meu Deus, você está preparando o café da manhã para mim? — diz Phoebe. — Que romântico.

Grace engole em seco com tanta força que Phoebe consegue ver.

— Bom… Eu estava com fome.

Credo, ela é tão fofa e estranha, e Phoebe quer beijá-la. E beijaria mesmo, só que não escovou os dentes. Então deixa Grace no fogão e encontra a mala onde a deixou ontem à noite, logo atrás da porta. Parece que foi há muito tempo que ela encontrou Grace na calçada, frustrada e nervosa, mas certa dos seus sentimentos. Era isso que ela queria que acontecesse, mas é uma doideira que realmente tenha acontecido. Ela está namorando Grace Henderson. Grace Henderson é a namorada dela. Grace Henderson está fazendo ovos mexidos enquanto ela se veste no quarto de Grace Henderson.

É possível que Phoebe precise dar uma segurada na onda.

Ela tenta. Escova os dentes e depois dá um beijo na boca de Grace quando volta para a cozinha, com um *bom dia* e *obrigada pelo café da manhã*.

— Tenho que comer rápido — diz Phoebe enquanto se senta em frente a ovos mexidos e uma torrada com manteiga num prato azul. — Vou fazer meio turno esta manhã.

— Você marcou de trabalhar no dia seguinte à sua estreia?

— Bom, eu não sabia que seria a minha estreia, né? — Ela dá uma garfada no ovo, e mal se lembra que deveria mastigar e engolir antes de continuar. — Mas, sim, quando recebemos a programação e vi que só teríamos que ir de tarde hoje, avisei ao meu gerente que estava disponível. Tenho que ganhar dinheiro extra onde puder,

sabe?

Phoebe está acostumada a brincar com a falta de dinheiro, mas é óbvio que Grace *não* sabe.

— Eu te levo — oferece Grace, com força, como se esperasse que Phoebe dissesse não.

— Tá bom. — Phoebe sorri. — Obrigada.

A namorada dela quer levá-la para o trabalho. A namorada dela preparou o café da manhã. Grace Henderson é a namorada dela. Phoebe definitivamente não segurou a onda.

Grace está quieta, e, a princípio, Phoebe presume que é só porque ela está processando tudo. Muita coisa mudou nas últimas doze horas. Mas, depois que Grace fica em silêncio durante todo o trajeto até o restaurante, a perna de Phoebe começa a tremer de nervosismo. Ela não pode sair sem entender as coisas. Precisa ter certeza de que as duas estão bem, que Grace não se arrependeu de nada do que disse ou com que concordou.

— A noite passada foi…

Como ela deveria descrever? Coisa demais? Sensacional? Surreal a ponto de hoje de manhã ela ainda não ter certeza se pode acreditar? Ela pode realmente estar namorando Grace Henderson?

— Gostosa. — Grace termina por ela.

Uma risada explode antes que Phoebe seja capaz de se controlar.

— Sim. Foi. Gostosa. Eu só queria ver como você está se sentindo hoje.

— Bem — diz Grace, como se não tivesse que pensar sobre o assunto.

— É?

Grace leva um segundo, e então acena com a cabeça.

— Nada disso é típico para mim, mas estou bem.

— Que bom — diz Phoebe. — Incrível. Sim. Eu também.

E daí que ela está gritando mentalmente? Phoebe consegue manter a calma. Grace está bem. Grace é a namorada dela, Grace compartilha coisas vulneráveis com ela, Grace a deixa dormir na casa dela e Grace está bem. Phoebe está ótima pra caralho.

Não tem ninguém na rua, e provavelmente ninguém da lanchonete consegue vê-las no carro, então Phoebe estende a mão pelo console central e puxa Grace pela camisa. Ela dá um beijo de despedida na namorada e depois vai trabalhar.



Só porque elas retornaram a Nova Orleans não quer dizer que a vida de Phoebe volta ao normal. (Em vários sentidos, não só em relação à coisa toda de Grace-Henderson-é-a-namorada-dela.) Ela está ocupada pra cacete, o que não é incomum, mas não liga. Claro, a vida pode ser exaustiva e avassaladora, e ela definitivamente não dorme o suficiente, mas não confia no próprio cérebro quando tem tempo de pensar nas coisas. Ele sempre escolhe o pior cenário, olhando as situações à pior luz possível. Com tempo de folga suficiente, o cérebro de Phoebe consegue convencê-la de que nenhum dos seus amigos gosta dela, de que ela só aprendeu a ser charmosa e engraçada para compensar o fato de que é irritante, e isso nem contrabalanceia as coisas — ela não é charmosa nem engraçada o suficiente para compensar o tanto que é irritante. Seu cérebro lhe diz que as suas piores características são as mais inatas. Em dias especialmente ruins, pode convencê-la de que ela é ruim de bola. Na realidade, ela aprendeu a ser engraçada porque era melhor fazer graça de ter passado raspando no nono ano do que chorar por todos os C do boletim que a lembravam de como ela era a mais burra entre seus amigos. Apesar de não parecer lá muito melhor do que o que ela pensa quando está surtando.

Seus surtos nunca fazem sentido quando ela sai deles. Claro que os amigos gostam dela. E ela é hilária pra caralho, muito obrigada, não importa por que aprendeu a ser a palhaça da turma.

Enfim, Phoebe não liga de ficar ocupada. Depois do seu meio turno, tem recuperação, então vai ver um filme com o time. É insano se ver numa camisa da seleção, com *Matthews* e o número dezessete nas costas. Então ela nota o seu rabo de cavalo desgrenhado e, meu Deus, não acredita que deixou Kelsey fazer os seus cabelos. Phoebe a evitou a tarde inteira — fez a recuperação numa bicicleta ergométrica em vez de na piscina, depois se sentou na ponta da primeira fila para ver o filme. Ela nunca mais vai deixar Kelsey fazer os seus cabelos. Nunca mais vai deixar que ela a toque. Foi por isso que Fish a olhou de um jeito estranho? Ela sabe tudo que Kelsey fez?

Por outro lado, Phoebe ainda não sabe se Grace saiu do armário para alguém de fora da família. Phoebe é um livro tão aberto que tende a esquecer que nem todo mundo gosta de compartilhar tudo sobre si. Toda vez que Grace revela um novo fato pessoal, parece uma pepita de ouro.

Não quer perguntar a ela para quem pode contar. Não que fosse ser… ela não está, tipo, *com medo* ou algo assim — é que Grace é Grace. Ela gosta de privacidade. Nunca quer ser marcada nas redes sociais. Parece não querer que ninguém saiba do seu histórico amoroso — Phoebe certamente não sabia nada de Kelsey até Grace falar.

Então, no dia seguinte, Phoebe não menciona nada sobre Grace quando vai comer comida tailandesa com Gabby depois dos seus respectivos treinos.

Nem mesmo quando Gabby morde uma bolinha de sagu do seu *boba* e diz:

— Eu, hum, meio que estou a fim da Kayla.

— Sorrell? — Phoebe só percebe que gritou porque Gabby se encolhe ao lado dela. — Desculpa — diz, mais baixo. — Isso é, tipo… bom, tipo, o que você está sentindo?

O sorriso que aparece sorrateiro no rosto de Gabby responde antes dela.

— Ela é tão *lindinha*, e apaixonada por, tipo, tanta coisa. Os Eagles, e sanduíche de filé com queijo, e, na real, tudo que tem a ver com a Filadélfia, e também qualquer time em que ela esteja… a seleção, ou o Krewe, ou até só a noite de quiz do bar em que ela vai toda segunda há, tipo, três anos. Ela me faz sorrir, tipo, o tempo todo.

— O que você acha que ela sente?

Gabby dá de ombros.

— A gente saiu juntas algumas vezes, e ela parece… não sei. Talvez?

— Ela parece o quê?

— Tipo, muito, sei lá, cavalheira? Meio que fico sem saber se ela vai tentar alguma coisa ou não?

— Ah, meu Deus, o cavalheirismo não morreu.

Gabby fala mais de Kayla. Suas bochechas ficam coradas, e ela dá risadinhas, e Phoebe continua sem falar nada de Grace, apesar de entender exatamente como Gabby se sente.

No fim, Phoebe pergunta:

— É uma boa ideia sair com alguém do time?

Sendo ou não, Phoebe já está fazendo isso, mas quer saber a opinião de Gabby.

Gabby solta uma risada pelo nariz.

— Literalmente todas as mulheres queer desta liga já saíram com alguém do próprio time em algum momento.

Está bem, provavelmente isso é verdade. Mesmo assim, Phoebe se preocupa. Seus relacionamentos nunca deram muito certo, então era mais fácil não ter relacionamentos. Mas Grace a leva a querer fazer coisas difíceis.

Namorar Grace é como bater um pênalti.

Um pênalti é uma ótima oportunidade. As chances estão a seu favor. É o mais próximo que você vai chegar de um gol fácil. A mecânica do pênalti é simples: chutar a bola no gol. É só isso que você tem que fazer. De vez em quando, pode cometer um erro, mas, noventa e nove por cento das vezes, um jogador de futebol profissional acerta a mecânica de um pênalti.

É o aspecto mental que atrapalha as pessoas.

Tem a goleira, parada com o máximo de altura e de largura que consegue formar na linha — talvez até saia um pouco enquanto você se prepara, ela vai *pairar* como uma fera imponente, enorme e ameaçadora. Tem o seu time atrás, contando com você, de dedos cruzados e fazendo desejos silenciosos. Tem o fato de saber que você devia acertar. É o mais perto que dá para chegar de um gol fácil, certo? Então, é bom não foder com tudo. Vai ser constrangedor se você foder com tudo. Você vai decepcionar todo mundo.

Pênaltis fazem Phoebe querer vomitar.

Óbvio que namorar Grace não dá vontade de vomitar, e não é como se tivesse alguém parecida com uma goleira, tentando forçá-la a errar, mas enfim. Dá o mesmo nervoso, a mesma agitação no estômago por todas as maneiras como ela pode estragar as coisas. Namorar Grace é maravilhoso — bom, é novo, mas, se for parecido com ter uma amizade colorida com Grace, vai ser incrível —, mas estragar tudo arrasaria Phoebe.

Ela tenta fazer o que faz para bater um pênalti: não pensar muito. Não precisa ser nada de mais. Claro, foi inesperado. Surpreendente. Se alguém dissesse a Phoebe três meses atrás que Grace Henderson seria a namorada dela, ela teria rido na cara da pessoa. Mas muita coisa pode mudar em três meses. Muita coisa mudou. E Phoebe está feliz por isso. Pode ser suficiente. Ela não precisa pirar.

É mais fácil falar do que fazer, lógico.

Vinte e oito



Em geral, uma jogadora lesionada é avaliada para o retorno pela treinadora do time. A pessoa pode falar com Ilse, treinadora da seleção, se for uma lesão de longo prazo ou alguma outra situação única. Porém, como o último jogo do sHeroes da seleção é no estádio do Krewe, o procedimento padrão muda. Então, em vez de ver Dawn na segunda depois de acordar com Phoebe na sua cama, Grace tem que esperar até quarta, três semanas *e meia* depois de ir para o banco, quando Dawn e Ilse podem avaliá-la juntas.

Grace chega meia hora adiantada. Fica sentada no carro no estacionamento por vinte minutos, mexendo com os dedos.

Claro que a perna dela ainda vai doer. O único motivo para não estar doendo é que ela não está fazendo nada. Não que isso importe — Phoebe contou para Dawn; a treinadora nunca nem notou por si só. E não vai notar hoje também. Ilse também não. Grace vai fingir como fingiu na última temporada. Vai mentir para acabar com essa avaliação e começar a voltar ao trabalho.

— Vamos ver como você está — diz Dawn depois da conversa fiada de sempre.

— Estou bem.

É reflexo, mas também é verdade. Aliás, Grace estava bem *antes* de ficar fora por três semanas.

Racionalmente, ela entende que descanso é necessário em caso de lesão, mas isso nem conta como lesão. É um problema de juntas, causado por jogar futebol por mais de duas décadas. O corpo tem garantia limitada. O dela está chegando perto do prazo de validade.

As treinadoras não sabem de nada disso. E não precisam saber. Ninguém precisa. Grace respira fundo e faz o que Dawn manda.

Elas começam com exercícios padrão — corridinha, e pé na bunda, e joelho alto. Grace se prepara para o último.

— Puxa.

Seu quadril não dá nem uma pontada enquanto ela corre, puxando os joelhos até o nível da cintura a cada passo.

— Puxa que bom ou puxa que ruim? — pergunta Ilse.

— Neutro — responde Grace.

Ela não está olhando a treinadora, mas, pela voz, adivinha que Ilse revirou os olhos.

— Quero dizer, como está a sensação?

— Tudo bem — responde Grace. Desta vez, continua: — Sem dor.

— Nada? Você não está só dizendo isso para poder voltar mais rápido ao gramado?

Grace faz que não com a cabeça.

— Eu achei que…

— Achou o quê?

Grace não quer admitir. Ela não gosta de estar errada.

— Não dói — diz, em vez disso. — Nada.

— Uau, você deve ter descansado mesmo — brinca Dawn. — Vamos tentar mais alguns movimentos.

Grace segue as instruções de Dawn e Ilse em silêncio. Nada faz o seu quadril doer, nem de leve. Depois de as treinadoras a fazerem passar por todos os exercícios, elas se consultam, com a cabeça abaixada na direção uma da outra, as vozes murmuradas. Grace não tenta ouvir; seu cérebro está ocupado demais girando que nem um helicóptero com o fato aparente de que a sua perna se curou.

— Vamos te liberar para treinar a partir de amanhã — anuncia Dawn. — Com muitas restrições. Vamos aos poucos, para não exagerar e se lesionar de novo.

Grace assente.

— Tá.

— Achei que você fosse ficar um pouco mais animada — diz Ilse.

— Eu estou — responde Grace. — Claro que estou. Ótima notícia.

Pelo olhar que Dawn e Ilse compartilham, Grace não está fingindo emoção do jeito certo. Mas não tem energia no momento para fazer melhor que isso.

E, de todo modo, ela não está fingindo por completo — ela *está* animada. A

única coisa que queria esse tempo todo era voltar, e vai fazer isso. Mas era o que esperava mesmo. Sua expectativa, depois dessa avaliação, era ser liberada para jogar. Sua expectativa não era de que a perna não doesse. Sua expectativa não era que Dawn estivesse certa. Grace *estava* lesionada. Não era o seu corpo falhando.

Ilse a leva para contar a Amanda, apesar de que, quase com certeza, a técnica não precise saber hoje à noite. Ela precisa focar no jogo. Mas, quando Ilse dá a notícia, Amanda sorri e até parece, por um momento, prestes a abraçar Grace. Felizmente, não abraça.

— Mal posso esperar para ter você de volta — diz Amanda.

— Ainda preciso me preparar para jogar — responde Grace.

Ilse suspira.

— Ser liberada para treinar é só o primeiro passo, mas, mesmo assim, é um passo, Henderson.

— Eu sei — fala Grace. — Eu sei.

Ainda tem bastante tempo antes do jogo — os portões nem abriram ainda —, mas estão passando anúncios no telão, e os times começam os aquecimentos. Grace tenta não olhar para ninguém. É estranho não estar no gramado.

Tão estranho que ela quer ir embora assim que termina de falar com Amanda. Não ir *embora* embora — ela vai ficar para o jogo, óbvio —, mas ir para o camarote onde vai assistir com algumas companheiras do Krewe.

Fish a vê e vai correndo antes que Grace consiga fugir.

— Como foi, Baby Spice?

— Liberada para treinar.

Fish solta um *uhuuuul* que chama a atenção das outras jogadoras. A exuberância faz Grace revirar os olhos.

— Boas notícias? — Vem um grito do meio de campo.

Grace reconhece a voz. Saberia exatamente onde Phoebe está, mesmo que ela não tivesse dito nada. Os olhos de Grace sempre gravitam para aqueles cabelos ruivos.

— A Hendy pode treinar! — berra Fish.

— Aê, porra! — grita Phoebe. Depois: — Olha a bola!

Ela lança uma bola pelo campo.

Grace nem pensa antes de levantar a perna, subindo-a para trás só o suficiente para que o impacto faça a bola cair aos seus pés. Instintivamente, ela a tira do alcance de Fish e coloca o corpo entre a zagueira e a bola.

Mas Fish não está defendendo; só está lá, parada, com um sorrisão.

— É assim que eu gosto — diz. — Baby Spice de volta ao seu habitat natural.

Ah. É.

Tem uma bola de futebol nos pés de Grace pela primeira vez em quase um mês. Parece uma extensão do seu corpo, mais natural do que ela se sente há semanas. Ela bate para a frente e para trás entre os pés, dança um pouco com um jogo de pés elaborado. Nada dói.

Quando Grace levanta os olhos, o sorriso de Phoebe está tão largo que Grace jura que consegue ver as covinhas do outro lado do campo.

— Mas, sério — fala Fish. — Que bom que está se recuperando.

— Aham. — Grace desvia a atenção. — Volta ao trabalho. A capitã não deveria liderar pelo exemplo?

— Lógico. Não vou querer te deixar desconfortável falando de sentimentos — diz Fish, e volta ao gramado.

Com a seleção ocupando o seu estádio, o Krewe tem um dia de folga do treinamento. O primeiro treino oficial de retorno de Grace será amanhã, mas, agora que tem uma bola aos seus pés, ela não consegue se forçar a ir embora. Esta é a reação que Dawn e Ilse provavelmente estavam esperando dela. Sua boca está desesperada para se abrir num sorriso, a ponto de ela morder o interior do lábio. Três noites atrás, Phoebe a fez pensar em felicidade. Talvez seja mesmo tão fácil. Um gramado e uma bola de futebol.

Ela não está de chuteira, mas, mesmo assim, dribla um pouco, gira a bola no topo do pé e a manda para o ar, fazendo embaixadinhas. Não parece mais estranho estar na lateral. Grace nem nota que tem gente no campo; simplesmente, não nota o campo.

Ela só nota alguma coisa fora a bola e a forma como o seu corpo se move sem dor quando alguém diz:

— Com licença.

Grace coloca a bola no chão, fica parada com um pé em cima. A pessoa que a interrompeu está usando um conjunto de shorts e blazer vermelhos.

— Oi, meu nome é Clarissa Fields, nova diretora de mídia da seleção, pronomes ela/dela — diz. — Sei que tecnicamente você não está com o time, mas tem alguns jornalistas perguntando se poderia dar uma declaração.

Grace olha para o lugar de onde Clarissa veio, mas não reconhece as duas pessoas

que pairam com câmeras.

— Puxa, que pena — diz Grace, sem pena nenhuma. — Minha próxima aparição de mídia é uma exclusiva com a Megan Thrace.

— Sem problema — responde Clarissa. — Tenha um bom dia. Prazer em te conhecer.

Essa é a interação inteira delas. Nada grande, nada especial, mas, mesmo assim, piora o humor de Grace. Foi tão gostoso ter uma bola nos pés que ela esqueceu que a sua volta ao futebol também significa uma volta a outras responsabilidades. Ela se pergunta por quanto tempo consegue adiar a exclusiva.



O jogo é melhor ao vivo do que visto da sala de estar — talvez não estar furiosa com Phoebe também ajude. Grace ainda preferiria estar em campo ou ao menos no banco.

Phoebe entra para substituir Kelsey no minuto sessenta. Elas se cumprimentam com um *high-five* ao passarem, mas Grace vê no telão que Phoebe nem olha para a zagueira. É imaturo, mas o peito de Grace se enche de calor. A torcida de Nova Orleans ainda não viu Phoebe jogar, mas ela recebe aplausos por ser do Krewe.

Então, recebe mais aplausos por jogar até gastar a chuteira.

É isso que faz Phoebe ser diferente de todos os outros palhaços da turma que Grace já encontrou. Ela pôs como objetivo provar a Amanda que tem valor e está conseguindo. Grace tem a sensação de que, se Phoebe decidisse que queria jogar como atacante, ou até goleira, provaria isso a Amanda também. A garota está em todo lugar que precisa estar, roubando a bola de oponentes e cruzando na frente de zagueiras com alguns dos melhores movimentos de pé que Grace já viu. O restante do Krewe no camarote berra, comemora e conversa animadamente entre si sobre a companheira de clube. Grace mal pode esperar para jogar com ela.



Grace encontra o seu time no gramado depois do apito final. Seu time. Desta vez, ela sente que vai de fato voltar a ser parte delas em breve. Como disse a Ilse e

Amanda, ainda precisa de muito para ficar pronta para jogar, mas não parece impossível como parecia de manhã.

Ela tem medo de envelhecer, mas talvez Phoebe tenha razão e ela não esteja envelhecendo ainda. Se o seu corpo não a decepcionar, ela é capaz disso. Ficar pronta para jogar não é o que a preocupa no seu retorno; são as outras responsabilidades que vêm junto.

O time tem desaquecimento, imprensa e interações com torcedores, mas Grace não liga. Ela pega uma bola da lateral e a leva longe o suficiente no gramado para não conseguir ouvir ninguém pedindo o seu autógrafo. Fãs são maravilhosos, mas, no momento, ela não está aqui por eles. Está aqui para lembrar como é a sensação de driblar num campo de futebol. O estádio continua cheio, mas é como se estivesse vazio, de tanto que o foco de Grace se estreita.

Aliás, ela não percebe que a maioria da multidão já saiu até Fish interromper a sua partida solitária tentando roubar a bola. Grace a mantém no seu pé e não consegue evitar um sorriso.

— Se eu não tivesse acabado de jogar noventa minutos, conseguiria tirar isso de você.

— Ah, conseguiria, sim — diz Grace.

— Eu amo que vocês duas estão se divertindo, mas vem, vamos — diz H. — Grace levanta a cabeça e vê que H, Madeeha, Sorrell e Phoebe também foram até lá. Diante da distração, Fish rouba a bola dela. — É hora de comemorar o primeiro campeonato da novata, né?

Tem um coro de concordância, mas Phoebe tenta se livrar.

— Ah, não sei — diz. — Vocês não querem ir ver a sua filha?

— Ela vai passar a noite com a Nani — responde Madeeha.

Grace lembra a noite delas em Algiers Point, o sermão de Phoebe sobre ter consciência da situação financeira dos outros. Claro, Phoebe vai receber um bônus por ter sido convocada para o campeonato e um extra por duas vitórias, mas Grace não presume que saiba para onde esse dinheiro pode ir. E, independentemente disso, não vai cair na conta dela na mesma hora.

— Você vai — diz Grace. — Eu pago os drinques.

— Pagar drinques para nós é um jeito excelente de comemorar a sua volta da lesão, Baby Spice — comenta Fish.

— De repente a gente pode comemorar com você parando de me chamar de

Baby Spice para sempre.

A risada de Fish é estrondosa.

— Posso garantir no máximo esta noite.

Grace aceita.

Elas se separam para se preparar — as que jogaram precisam tomar banho e falar com a imprensa, o que Grace não inveja. Isso significa que ela chega ao bar primeiro. Mas não vai entrar sozinha, então fica esperando na esquina, com as mãos nos bolsos da jaqueta de couro. Todo mundo chega em alguns minutos, pelo menos. Phoebe, sem surpresa, vem por último. Está substancialmente menos arrumadinha do que todas — Madeeha gosta de argolas douradas grandes, e Fish faz um delineado gatinho quase tão bem quanto joga na zaga —, mas, de algum jeito, encaixa-se perfeitamente bem.

Ela está usando a mesma calça camuflada do desfile de Mardi Gras, além de uma camiseta de futebol laranja da Mapleton College cujas mangas cortou, com os buracos dos braços abertos passando da cintura e o top preto que ela está usando à mostra. Na cabeça, um boné jeans com o logo da Federação de Futebol dos Estados Unidos.

Por algum motivo, o look funciona, apesar de nenhuma das cores combinar entre si, mas Grace não consegue parar de olhar para os cabelos dela.

Os cabelos de Phoebe estão soltos. Ela nunca deixa os cabelos soltos, vive prendendo com um elástico. Nas únicas vezes que Grace vê os cabelos de Phoebe em toda a sua glória por qualquer período de tempo, Phoebe tende a estar nua. Ela solta os cabelos para tomar banho e, às vezes, mas não sempre, para transar. Às vezes, solta para transar e então prende de novo porque atrapalha.

Os cabelos soltos de Phoebe parecem ativar alguma reação instintiva em Grace — ela não quer mais sair; quer ir direto para casa com Phoebe e enfiar as mãos naqueles cabelos.

Pelo jeito como Phoebe a olha, Grace tem quase certeza de que ela está pensando algo na mesma linha.

— Então… vamos entrar ou só ficar aqui paradas? — H quebra o feitiço entre as duas.

— Certo — diz Grace, ignorando a forma como o seu rosto esquenta. — É. Vamos.

Depois de todas se apertarem numa cabine, elas falam, como sempre, sobre

futebol.

Grace gosta disso nas amigas. Quando era mais jovem, algumas pessoas ficavam irritadas por ela só querer falar de futebol. Isso não acontece mais.

Todo mundo está mais animado do que é estritamente necessário, curtindo a onda da vitória e o drinque e meio que já tomaram. Grace já passou para água tônica com *bitter*.

— O Givhan coloca vocês duas como oito, mas não acho que seja ideal para nenhuma das duas — comenta Fish.

— Ah, meu Deus, os números de novo não — resmunga Phoebe. — Eu nunca lembro os números nem quando estou sóbria. Como diabos vou lembrar agora que vocês todas pagaram drinques para mim?

Grace aprendeu o sistema de numeração usado pela Federação para descrever cada posição há tanto tempo que esquece que não é algo universal. Com o New Orleans, ela sempre joga como oito, atuando como meia, indo de uma área a outra tanto na zaga quanto no ataque. Nunca foi a sua posição favorita, mas é o que o time dela precisa, e ela é a capitã. Sempre vai fazer o que precisa ser feito.

— Qual delas é para alguém que gosta de ver tudo o que está acontecendo, mas também ser parte de várias jogadas diferentes? — pergunta Phoebe.

— É disso que estou falando! — diz Fish. — Você é um seis. Primeira volante.

— É ruim que eu não saiba os números? — Phoebe faz beicinho. — Juro que estou tentando, mas a minha memória nunca foi muito boa.

Grace mexe o canudo na bebida só para parar de olhar Phoebe — aqueles cabelos e aquelas sardas já eram demais para ela mesmo sem o beicinho.

— Não precisa saber todos — fala Fish. — Mas aprende o seis. É onde você devia jogar.

— É onde Amanda colocou você para jogar porque ela sabe mais de uma estratégia — murmura Sorrell.

Os olhos de Grace vão para a loira.

— Você acha que devíamos mudar no Krewe?

— Meu Deus, sim. Talvez nem sempre, mas, caramba, a gente precisa de um pouco de variedade, porra. E Fish tem razão. Nenhuma de vocês duas é oito. É ridículo Givhan não te colocar como dez.

— Eu não sou boa como meia? — Grace não consegue deixar de perguntar.

Fish se intromete para responder.

— Vocês duas são boas jogando pelo meio, mas a questão não é essa. O Givhan tem uma das melhores jogadoras do mundo e está te limitando por te colocar fora da sua posição natural.

— Pior, ele também está limitando a forma como as outras pessoas veem você. Tipo, a Amanda está só começando a entender onde você devia estar, sendo que você devia sempre ter estado lá. — Grace nunca viu Sorrell tão revoltada. — Claro que você vai bem em outra posição. Você é uma atleta de primeira. Mas tem um motivo para termos ganhado o escudo duas vezes consecutivas e ele nunca ter ganhado como técnico do ano.

— A Kayla sabe do que está falando, caramba — diz Fish, inclinando o seu copo para bater no de Sorrell.

— Quem sabe, quando Grace voltar da lesão e for capitã de novo, você possa assumir o emprego de técnica principal — sugere Madeeha.

A conversa muda de assunto, mas Grace não para de pensar nisso. Sorrell fala bem, e fica bem falando, sobre o que é melhor para o time. Ela era a escolha óbvia para substituí-la como capitã, mas talvez não devesse ser temporário. Grace é capitã porque é veterana. Ela foi a responsável em todo time em que já esteve. Jogou com o Krewe durante toda a sua carreira na AAFF. Sabe como executar o plano de jogo de Givhan. Mas nunca o enfrentou em relação a isso. Sim, ela preferiria jogar como dez, preferiria ser uma meia-atacante que pode marcar gols, mas não é isso que ele lhe pede para fazer, então ela não faz.

Ela ainda está se perguntando sobre isso quando H arrasta todo mundo para a pista de dança. Grace permanece no lugar. Ela ama as suas companheiras de time, mas não o suficiente para dançar em público. Elas precisam de alguém para guardar a mesa e os pertences, de qualquer forma, e, afinal, Grace é a responsável.

Mas, depois que uma música toca, a *irresponsável* se joga do mesmo lado da cabine de Grace, com o joelho bambo batendo no dela, sentando-se perto o suficiente para a lateral do corpo das duas estar pressionada uma na outra. O pé dela descansa no topo do de Grace, e ela não pede desculpas nem o tira de lá.

— Oi — fala Phoebe.

Ela está tão encurvada que, desta vez, é Grace quem tem que baixar a cabeça para olhar para ela.

— Oi.

— Obrigada por vir. E por pagar os drinques. Mas acho que você não devia me

dar mais, senão posso começar a fazer coisas que não devia. — Ela olha a boca de Grace enquanto fala, então Grace não precisa perguntar o que ela quer dizer. — Estou tentando me comportar. Mas… — Ela olha ao redor. O restante do grupo ainda está na pista, e a música é alta o suficiente para Grace ter que se esforçar para ouvir as palavras seguintes: — Você é ridiculamente gostosa.

Uma risada explode no peito de Grace. É que é um jeito de elogiar que é a cara de Phoebe. Os olhos dela cintilam, e as covinhas surgem. Ela ainda está olhando para a boca de Grace, que está curvada num sorriso próprio.

— Você está bêbada — diz Grace, tentando fazer com que pareça uma bronca.

— Estou, mas ainda tenho razão.

Ela parece querer meter um beijo em Grace bem ali, mas Grace torce para que não faça isso. Se Phoebe tentar beijá-la, ela talvez faça algo absurdo, tipo deixar.

— Ei.

A voz faz Grace ter um sobressalto. Sorrell voltou da pista. Phoebe ainda está sentada com o quadril grudado no de Grace.

— Vou embora — diz Sorrell. — Tem um limite para o quanto de festa consigo aguentar depois de um jogo.

Grace entende bem. Phoebe, por outro lado, vaia. Sorrell responde dando um tapa de baixo para cima no boné da novata, arrancando-o da cabeça dela.

— Fico surpresa de você ter durado tanto, na real — diz Sorrell para Grace enquanto Phoebe dá uma risadinha e tenta colocar o boné de volta. — Não passou da sua hora de dormir?

Phoebe levanta a cabeça com tudo. Claramente, está interessada na resposta de Grace. Sorrell nota, se é que o sorrisinho dela significa algo, mas Grace finge que não.

— Eu que vou pagar a conta — responde, dando de ombros. Os ombros de Phoebe relaxam.

É verdade. Grace não está ficando por causa de Phoebe. Só não pagou ainda. Talvez, quando as outras voltarem da pista, ela diga que agora são responsáveis pelos seus próprios drinques, mas, por enquanto, vai continuar ali.

— Curtam — diz Sorrell. Para Phoebe, adiciona: — Toma um pouco de água antes de ir dormir, tá?

— Pode deixar, *mãe* — resmunga Phoebe, mas completa com uma risada.

Assim que Sorrell sai andando, Phoebe volta a invadir o espaço de Grace. Ela

deseja não ter tirado a jaqueta; as pontas do cabelo de Phoebe fazem cócegas nos seus braços nus.

— Sabe — fala Phoebe —, talvez Kayla é que esteja certa. Será que a gente não devia se mandar daqui?

Antes de Grace conseguir falar *sim*, as amigas voltam e lotam a cabine. Phoebe é empurrada ainda mais para perto de Grace, e uma das suas mãos pousa na coxa dela. Ela não a tira.

Conversas fluem e se sobrepõem — sobre a seleção de drinques, a música que está tocando e de novo sobre futebol, parabenizando Phoebe pelo bom jogo e lamentando o chute dela que por pouco foi para fora — até Grace tomar uma decisão.

— Vou embora — anuncia.

— Eu também — diz Phoebe, pouco mais de um segundo depois. — Você pode me ajudar a pegar o bonde na direção certa? Eu sou ruim com direções.

Grace observa se alguma das companheiras de time desconfia de algo, mas, em vez de darem olhares de quem sabe alguma coisa, elas só reclamam.

H resmunga:

— Ah, vai, a noite está só começando!

— Matthews, você não precisa ir embora só porque a chata vai! — diz Fish.

— Dá licença? Eu estava pagando pelos seus drinques — responde Grace.

Há um murmúrio de reconhecimento.

— Voltem em segurança, vocês duas — fala Madeeha, sempre a amiga-mãe.

— Quer pagar mais uma rodada antes de ir? — pergunta H.

Grace faz isso, para se impedir de pensar demais nela e Phoebe indo embora juntas.



— Grace. — Matthews arrasta alto a primeira vogal.

Elas estão sentadas no corredor, uma na frente da outra, no bonde. Grace não confiava em si mesma para ficar mais perto.

— Grace, eu quero *beignet*.

— Claro que quer — murmura Grace bem baixinho. — A Morning Call está fechada, Fenô.

— Grace. — Ela agora finge cochichar, o que, por algum motivo, chama mais atenção do que quando estava falando em voz alta. — Talvez seja hora da minha *experiência* no Café du Monde.

A pessoa sentada na frente dela dá uma risadinha. Grace se permite pensar também que é engraçado, e não irritante ou constrangedor. E *é* engraçado, talvez até fofo. Além do mais, o Café du Monde depois da meia-noite não é tão ruim. Elas estão indo na direção completamente oposta, mas dá para corrigir isso.



Elas pedem uma porção de *beignets* e dois cafés com leite. Phoebe pede o dela gelado, apesar de o ar estar frio o suficiente para Grace fechar a jaqueta de couro enquanto elas esperam os donuts.

Desta vez, Phoebe não tira fotos. Nem chega perto de tomar o mesmo cuidado, dando uma primeira mordida que faz voar uma nuvem de açúcar para todo lado. Ela geme, falando como está gostoso, e Grace se sente um clichê, mas a sua pele fica quente com o som.

Phoebe não nota. Não parece notar muitas coisas em Grace. Não de um jeito ruim — pelo contrário, aliás. Grace em geral sente que precisa se comportar de determinada maneira, *ser* um certo tipo de pessoa. Sente que tem que fazer uma performance, como se todo mundo estivesse esperando algo dela, mas ninguém diz o quê, então ela tem que chutar e torcer para acertar. Mas, com Phoebe, pode ser ela mesma, e Phoebe nunca age como se não fosse suficiente.

— Todo mundo falou sobre como eu quase fiz um gol, mas, sinceramente, nem liguei tanto assim — tagarela Phoebe. — Fazer gol é divertido e tal, e, tipo, sim, é óbvio que seria muito importante marcar para a seleção, mas a zaga é melhor.

— Mas você ama ser o centro das atenções.

Só depois de falar isso Grace percebe que pode soar grosseiro. Mas, felizmente, Phoebe só cai na gargalhada.

— Desculpa — diz Grace mesmo assim, só para garantir.

Claro que jogadoras diferentes precisam gostar de partes diferentes do jogo, mas ela não entende como justo Phoebe prefere defender a marcar gols.

— Não, tem razão — fala Phoebe. — Eu gosto. Mas sei lá… quando passei com Teddy pela lista de convocadas para ver qual vaga eu devia pegar, tinha opções,

sabe? Tipo, claro que tinha opções. Se resumia a se eu queria estar no ataque ou na defesa, e a resposta foi fácil. A defesa sempre foi melhor.

A posição de Grace deveria ter sido uma opção. Segunda volante, que, pela sua pesquisa durante a concentração de janeiro, parece ter sido onde Phoebe jogou durante a maior parte da carreira universitária.

— E, tipo, hoje foi tão perfeito, Grace — diz Phoebe. — Obviamente, jogar pela seleção sempre foi o meu sonho. Mas, sei lá, é ainda melhor do que eu imaginei. É… emocionante. Só de pensar nisso agora, meu coração fica todo felpudinho.

— Felpudinho?

— Macio — esclarece Phoebe.

Não tem muitas coisas que deixam o coração de Grace macio. Suas amigas, às vezes. A família, desde que Harmony não esteja pegando no pé dela. Khadijah. Esta noite, antes do jogo, chutando uma bola sozinha na lateral do campo. Mandar a bola para o fundo da rede, suas companheiras correndo na direção dela para comemorar, a galera pirando.

— Eu gosto de fazer gol.

Ela não queria admitir, mas agora está aí. E é verdade, apesar de Grace não saber por que falou isso, mesmo sem Phoebe perguntar.

— Talvez Kayla tenha razão: eu sou um seis, você é um dez e nosso técnico devia colocar a gente assim. — Phoebe abre um sorriso largo. — Aí a gente podia inclusive jogar juntas. Tipo, sei que fui contratada para preencher a sua vaga quando você for para a Copa, mas e se, em vez disso, nós duas fôssemos? Poderíamos ser, tipo, uma dupla dinâmica.

Durante o jogo, Grace imaginou jogar com Phoebe. Ela sabe que funcionariam bem juntas. Sabe que se divertiriam.

Também sabe que Givhan não vai fazer isso. Como disse Sorrell no bar, tem um motivo para elas terem ganhado o escudo de melhor equipe, mas ele nunca ter sido indicado como técnico do ano. Ele não muda de estratégia desde que Grace entrou no time.

No entanto, ela não quer acabar com o ânimo de Phoebe quando a voz dela está tão sonhadora.

— Talvez — diz Grace.

Então, Phoebe fica quieta. Ela termina o *beignet* e dá um gole no café com leite gelado.

Quando finalmente quebra o silêncio, é para perguntar:

— Então, tipo, tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar na sua recuperação?

O primeiro pensamento de Grace é sabotagem. Phoebe só está oferecendo ajuda para poder ver a evolução de Grace, o quanto ela está perto de estar cem por cento. Talvez vá forçar Grace demais para tentar atrasar a sua recuperação.

Grace respira fundo pelo nariz. Por que a cabeça dela faz isso? Elas estão tendo uma noite gostosa. Phoebe não é assim. Quando Grace lhe contou o que tinha acontecido com Kelsey, Phoebe ficou furiosa — com Kelsey. Ficou puta pela forma como Grace foi tratada. Grace está só tentando confiar nisso, tentando acreditar que Phoebe se importa com *Grace*, não só com futebol.

— Como? — pergunta Grace, em vez de descartar a ideia.

— Sei lá, tipo, se você precisar de uma dupla para fazer alguns exercícios ou algo assim. Ou só como motivação. Me disseram que dou bons discursos motivacionais.

— Você quer me motivar com um discurso?

Phoebe dá um sorrisinho malicioso.

— Eu te motivo do jeito que você quiser, bebê.

Grace revira os olhos, porque é menos constrangedor do que corar.

Então diz:

— Este seria um ótimo primeiro encontro.

Grace pisca.

— Quê?

— Quer dizer, tipo, se alguma de nós quisesse um relacionamento.

Então, Phoebe dá uma risadinha e se apoia completamente em Grace. Grace não percebeu que Phoebe estava bêbada a ponto de quase cair da cadeira, mas… ah. Ela não está caindo da cadeira. Está se inclinando para pegar os lábios de Grace nos seus.

O beijo é suave. Doce. Diferente. Grace não entende por que parece diferente, mas parece.

Ela não estava contando o número de vezes que Phoebe e ela se beijaram, mas é alto. Alto o suficiente para não se diferenciarem — não que não sejam *memoráveis*, mas alguns viram um borrão. Toda vez que Phoebe foi à casa dela depois de um treino do qual Grace estava banida, ela deu um beijo de saudação em Grace. Durante o sexo, pressiona a testa delas uma na outra e beija Grace com a respiração

entrecortada. Quando as duas estão totalmente vestidas, consegue beijar de um jeito que faz Grace desejar estar nua.

Este beijo não é nenhum desses. Não é de rotina, nem sedutor, nem desesperado.

Grace se força a não ficar tensa. Isso, às vezes, acontece — as coisas mudam, mas ela não sabe o quê, exatamente. Em geral, parece que fez algo errado — perdeu alguma deixa social ou decepcionou alguém de alguma forma —, mas não é isso agora.

É gostoso, na verdade. Grace tenta aproveitar, em vez de pensar demais.

Se quisessem um relacionamento, este nem seria o primeiro encontro delas. Elas foram comer tacos de café da manhã há mais de um mês. Apesar de talvez isso não contar, já que ainda não tinham transado até então. Mas com certeza a balsa teria sido o primeiro encontro. Mas, bom, Phoebe realmente dissera que foi romântico também.

Grace imagina que talvez fosse uma boa namorada, se fosse algo que ela quisesse ser.

Vinte e nove



Phoebe não faz ideia de como, com todos os relacionamentos que estragou na vida, namorar a sua ídolo de infância é fácil.

Tipo, claro, elas provavelmente poderiam se comunicar um pouco melhor sobre, tipo, o que estão fazendo, mas Grace nunca foi muito de falar. Além do mais, estabeleceram que, depois da briga por causa de Kelsey — ou, na verdade, por Grace não mandar mensagens, mas tangencialmente por causa de Kelsey —, as duas queriam exclusividade, independente do que tinham dito no começo da coisa toda.

Ainda assim, Phoebe se surpreende com o quanto é fácil. Elas só… se dão bem. Grace, que tinha tanto cuidado no começo, deixa Phoebe se aproximar cada vez mais. Phoebe sabe que pode ser muito entrona, mas Grace nunca reclama do quanto ela vai lá, só destranca a porta e pergunta o que elas vão jantar.

No primeiro treino juntas, Phoebe se planta ao lado de Grace quando Givhan ordena que elas achem uma dupla. Ela não pode flertar muito, não na frente do time, sobretudo com Dawn ainda de olho em Grace e no quadril dela. Mas ela quer fazer dupla com a namorada. Pensar nisso é como uma pequena chama no seu coração, o calor faiscando dentro do peito.

Claro que Grace não pode só deixar que elas façam isso em paz.

— Desta vez, você não pode alegar que está fazendo isso porque eu sou tão boa que quer aprender comigo — diz ela, baixinho.

— Talvez eu só goste de ser a sua parceira.

— Obcecada — murmura Grace, mas está sorrindo.

Phoebe dá uma risadinha.

Viu? Fácil.

Mesmo assim, Phoebe fica um pouco nervosa de perguntar qualquer coisa. Não

quer atrapalhar o ritmo que haviam estabelecido nas últimas semanas.

E isso é outra questão. Só faz duas semanas — menos, na verdade. Ninguém nunca apresentaria uma garota à família depois de só menos de duas semanas, mas está chegando o dia da abertura, e a família de Phoebe vem assistir.

Com o bônus que ela recebeu pelo sHeroes, ela comprou passagens de avião. Nenhum deles andou de avião antes. Nas últimas férias da família, eles se amontoaram no carro velho e acabado do pai dela para ir a Baltimore, onde acontecem os campeonatos nacionais. Phoebe queria poder engarrafar a memória do fim daquele jogo. Marcar o gol da vitória aos quarenta e quatro do segundo tempo, o verde do gramado sob as suas chuteiras, suas companheiras de time se jogando nela para comemorar, a família toda gritando da lateral. Foi ainda melhor quando ela interceptou o passe do outro time e levou para escanteio para desperdiçar os últimos segundos dos acréscimos. Ela prefere ter a bola nos pés do que em qualquer outro lugar, inclusive o fundo da rede.

A abertura em casa parece ainda maior do que o seu primeiro jogo com a seleção. Esta é a sua carreira. Obviamente, a seleção traz mais dinheiro, mais reconhecimento, mas não é o que ela vai fazer dia sim, dia também. E ter a família lá — ela está animada pra caramba.

O nervoso só existe em relação a apresentar Grace aos seus pais. No fim, ela espera até um dia antes da chegada deles para enfim trazer o assunto à tona enquanto Grace e ela estão recolhendo a louça da pizza que acabaram de jantar. Sexta à noite sempre é dia de pizza na casa de Grace, mesmo na véspera de um jogo.

— Eu sei que a gente, tipo, não anunciou isso, mas será que tudo bem se eu contar para a minha família enquanto eles estão aqui, ou não?

Grace se vira da pia onde estava lavando os pratos para olhá-la.

— Quê?

— Sei lá. — Phoebe cutuca uns pedaços de manjericão cortado na tábua. — Eu só pensei, tipo, em contar para a minha mãe.

— Você quer que a sua mãe saiba com quem você está transando?

Grace não faz piada com frequência, mas sabe ser engraçada quando quer — conseguindo parecer tão perplexa com a ideia que Phoebe não consegue deixar de dar risada.

— Tá, tudo bem. — Ela arrasta a última palavra como se estivesse fazendo biquinho, apesar de não estar. — Não vou falar nada. Não precisa ser babaca.

Ela suaviza o xingamento indo até lá dar um beijo na bochecha de Grace.



Phoebe deveria estar concentrada no jogo que está prestes a começar. Uma das suas coisas favoritas no futebol é como o esporte a deixa focada, como, quando ela está jogando, não existe mais nada fora a bola e o campo, suas companheiras de time e as oponentes. Seus pensamentos que voam de um canto para o outro, como se alguém estivesse brincando de pula-pula dentro da cabeça dela, enfim se acomodam quando ela joga. Mas elas estão se aquecendo para o primeiro jogo profissional de Phoebe, e ela não está nada concentrada.

Não é uma coisa única — é tudo junto. Saber que a sua família está na arquibancada. Os torcedores, um estádio inteiro deles, comprando comida, ocupando os seus assentos e gritando para chamar atenção das jogadoras. Muito tem a ver com Grace, que ainda não está liberada para jogar, então ela não está de uniforme, mas em vez disso está de terno cinza-carvão. A língua de Phoebe quase cai da boca só de ver.

Para piorar tudo, elas vão jogar contra o Phoenix Chix. O time de Kelsey. Kelsey, que talvez não tenha partido o coração de Grace, mas pelo menos quebrou a sua confiança. Kelsey, que se ofereceu para fazer trança nos cabelos de Phoebe antes do último jogo do sHeroes e não pareceu notar a mordacidade na rejeição dela.

Phoebe não está acostumada a sentir animosidade pela ex de uma namorada. Bom, não está acostumada a ter uma namorada, ponto, mas, em geral, os términos em que ela esteve envolvida tenderam a ser amigáveis — não tinha muita escolha, dado o tamanho da comunidade queer na faculdade dela. Você ia acabar namorando com a ex de uma amiga ou a amiga de uma ex ou as duas coisas. Claro, algumas garotas alegavam que a ex era horrível — que era possessiva, que fazia gaslighting ou qualquer coisa assim — e talvez até fosse. Mas Phoebe nunca sentiu isso antes, essa raiva queimando sob a pele, como se o sangue estivesse fervendo. Ela não pode pensar nisso. Não pode pensar na forma como as sobrancelhas, a boca e os ombros de Grace viraram para baixo quando ela falou de Kelsey. Não pode pensar na forma como, enquanto o time se aquece, Grace está na lateral, virada de lado, como se não conseguisse nem olhar para a ex.

Quando elas se alinham antes do pontapé inicial, Kelsey dá um sorriso arrogante

do outro lado da linha central.

— Boa sorte, Matty — diz.

Phoebe quer amassá-la no chão.

Não pode, óbvio. Não pode deixar Kelsey afetá-la. Elas têm noventa minutos para jogar. Há um jogo a ganhar. Não qualquer jogo: o primeiro jogo profissional de Phoebe. Isso é mais importante que a filha da puta da ex da namorada dela.

E Phoebe pode ser profissional. Se por acaso levar um cartão amarelo no primeiro jogo, bom, provavelmente a galera da torcida vai gostar dela por isso. Quando o jogo começar, ela vai conseguir tirar isso da cabeça.

Só que não.

Toda vez que chega perto, toda vez que o barulho da multidão de alguma forma fica mudo e o seu foco se estreita, toda vez que ela quase se perde no lindo jogo, a voz de Givhan perfura a bolha ao seu redor.

— Para a *frente*, Matthews! *Avança!*

Ela *tentou*. Sabe como ele quer que ela jogue — é como ela jogou durante a maior parte da sua carreira universitária —, estando em todo lugar, o tempo todo. Ter chances de gol, e vencer disputas de meio de campo no ar, e arrancar a bola de outras jogadoras na corrida. Ela consegue jogar assim. Sabe como fazer. É boa nisso — ótima, até. É o estilo de jogo que a fez ser contratada. É o que deveria fazer.

Mas não está funcionando no jogo.

Suas companheiras não precisam que ela avance e deixe a linha traseira vulnerável — ou, pior, Colleen já vai estar avançada e elas ficam só com três pessoas na zaga. Phoebe desliza para cobrir, oferece uma saída para o recuo, preenche o espaço para prevenir um contra-ataque — e Givhan grita com ela.

Perto do fim do primeiro tempo, ainda empatadas em zero a zero, Phoebe se força a ir mais à frente do que deseja no campo. Precisa que o técnico goste dela. Precisa continuar ganhando tempo de jogo, mesmo depois de Grace voltar. E, afinal, ele é o técnico; talvez esteja vendo algo que ela não vê. Ela não se permite desaparecer no foco que ama — *Para a frente*, lembra a si mesma sempre que o Krewe empurra a bola. *Ataque. Pressão.*

— Isso, Phoebe, bom!

Mesmo sendo finalmente elogiada, não parece bom. Ela está muito na frente para ver o campo como um todo. Como é aquele ditado — as árvores não deixam ver a floresta? Ela faz parte do ataque, mas não sabe o que está rolando atrás.

Não é o seu trabalho. Ela ouve o pensamento na voz de Givhan.

Kayla passa a bola para Phoebe, e há espaço na frente dela. *Avançar. Atacar.* Phoebe dribla. Faz finta numa zagueira antes de encontrar Gabby aberta na lateral.

— Deem opções para ela na área — grita Givhan, e as jogadoras escutam.

Elas lotam a área, jogando quase como num escanteio. O cruzamento de Gabby é baixo demais para Phoebe cabecear, e o pé esticado de Kayla perde por pouco. Uma das Chix pega a bola em vez disso.

Phoebe se vira e sai correndo.

Ela devia ter prestado atenção. Devia ter percebido que Colleen estava longe demais — Givhan sempre gosta que ela tenha um papel no ataque —, mas agora o Phoenix tem quatro contra três. As pernas de Phoebe não a estão carregando com rapidez suficiente. Ela não vai chegar lá. Deixou o time vulnerável. A zaga delas é forte, mas está em menor número.

Quando Phoebe chega no seu terço defensivo do campo, a bola está no fundo da rede. Ela não pode fazer nada exceto oferecer a mão para Ash se levantar de onde mergulhou para tentar pegar a bola.

— Desculpa — diz Phoebe. — Eu devia ter voltado.

— Não foi culpa sua, Matthews — fala Ash.

— Não foi culpa sua também — insiste Phoebe.

Ash dá um sorriso para ela.

— A primeira coisa que a gente aprende como goleire é que tem dez pessoas que precisaram foder tudo na sua frente primeiro. Estou de boa. Volta lá.

Givhan não grita nos cinco minutos entre o gol e o apito do intervalo. Phoebe acha que isso é bom, até chegarem no vestiário.

— Não dá para a gente ser pego num contra-ataque desse jeito — diz, finalmente. — Matthews, o que você estava fazendo tão na frente?

Phoebe pisca.

— Quê?

— Você é *segunda volante*, não uma volante *que entra na área delas e fica fora de posição*.

Ela *sabia* que estava avançada demais. Mesmo assim. Ouvi-lo falar isso, dar bronca nela na frente do vestiário inteiro? O peito dela se aperta como se os seus pulmões não tivessem se recuperado da corrida. Seu primeiro jogo profissional e não só ela não consegue se concentrar porque a ex de Grace está em campo como

colocou o time atrás.

— Desculpa, senhor — murmura ela. — Não vai se repetir.

— Se acontecer de novo, vou te tirar na hora.

Phoebe engole a pedra na garganta e olha o chão.

— Com todo o respeito, treinador, colocar a culpa em Matthews é uma palhaçada.

Phoebe levanta os olhos e vê Kayla, seríssima, olhando o técnico.

— Com todo o respeito? — repete Givhan, com ironia.

— Sim, senhor. — Kayla assente. — Você passou o primeiro tempo inteiro mandando ela avançar. Não pode culpar ela por jogar na frente.

— Pelo jeito, a faixa de capitã está te dando a ideia errada sobre o que você pode me dizer em relação ao que posso e não posso fazer — desdenha Givhan. — Eu posso e vou culpar uma jogadora por estar fora de posição e não voltar a tempo no contra-ataque.

— E eu, com ou sem faixa de capitã, posso te dizer que você está errado — retruca Kayla.

— Kayla, está tudo bem — murmura Phoebe.

É bacana da parte dela defendê-la, mas ela não precisa se encrencar por Phoebe. Phoebe estava fora de posição, é verdade. Ela nunca teve um técnico tão disposto a pôr a culpa numa jogadora, mas não está mais na faculdade. Esta é a liga profissional. Ela tem que jogar de acordo.

Kayla faz contato visual com Phoebe.

— *Não* está. — Ela volta a atenção ao técnico. — A gente jogou melhor com Matthews num papel mais defensivo. Se você deixasse ela jogar assim em vez de berrar, ela teria conseguido impedir o contra. Não dá para ter as duas coisas.

— Se eu quiser, posso botar as duas no banco.

— Se ir para o banco for consequência de defender as minhas companheiras de time, fico contente, senhor.

— Passa essa faixa para Johnson.

Kayla puxa a faixa pelo braço e a entrega à companheira, sem desviar o olhar do técnico.

— Se a Henderson estivesse cem por cento… — murmura Givhan, balançando a cabeça. — Já que a Sorrell aqui parece saber o que é melhor, ela vai fazer o discurso do intervalo.

Ele marcha para a sua sala, quase batendo a porta ao entrar.

Phoebe quer desaparecer.

Kayla nem hesita antes de começar um discurso motivacional — ou o que Phoebe supõe que seja um discurso motivacional. Ainda está humilhada demais para pensar direito. Por que ela foi contratada?

Antes de voltarem ao gramado, Phoebe puxa Kayla de lado.

— Mas talvez seja melhor eu sair mesmo.

— Larga mão disso, Matthews — desdenha Ash, que aparentemente ouviu.

— É sério — diz Phoebe. — Não sei o que estou fazendo lá.

— Sabe, sim — responde Sorrell. — Eu já te vi fazer. Ignora ele. Ele está errado.

Era o que todo mundo tinha dito quando saíram depois do sHeroes — não só quem joga no Krewe, mas Fish, Madeeha e H também. Phoebe tenta acreditar. Tenta lembrar como é o futebol quando ela está jogando bem.

É que… é um jogo ruim, que piora quando Phoebe quer desesperadamente que seja bom. Todo mundo joga mal de vez em quando, mas isso parece algo maior. Parece que os seus sonhos estão escorregando por entre os dedos, como se o seu sonho que estava tão próximo de virar realidade agora tivesse sumido. Amanda é inteligente demais para tomar uma decisão a respeito da convocação baseada num jogo ruim, mas Phoebe não tem tantas chances de impressioná-la.

Talvez ela fique impressionada com o cartão amarelo que Phoebe recebe por cometer falta numa das meio-campistas do Chix em menos de três minutos do segundo tempo para impedir que ela fique sozinha com a goleira. Givhan certamente não se impressiona, mesmo quando Sorrell diz a ela que foi uma boa falta.

— Não parece que você está deixando o seu técnico muito feliz — comenta Kelsey enquanto se alinham para o tiro de meta. Phoebe a ignora, mas ela continua: — A Grace deu um discurso animador no intervalo? Sei que ela gosta de se achar a veterana sofrida que está liderando o time na guerra ou sei lá o quê.

É assim que Kelsey sempre foi — provocadora, mas com uma crueldade por trás. Não é algo de que Phoebe gosta nem no melhor dos momentos, mas é pior agora que ela sabe o que Kelsey fez com Grace. Phoebe não está mais a fim de brincar com ela.

O Krewe se acomoda conforme o segundo tempo continua. Givhan não está gritando tanto, pelo menos, apesar de estarem fazendo o que Kayla sugeriu, com

Phoebe jogando como primeira volante. Ela está jogando bem, essa é a questão — o jogo está indo melhor, o time todo está melhor. Phoebe consegue focar.

Então, a bola sai de campo, e Phoebe quer um recomeço rápido, porque Sorrell está aberta, mas, quando vai cobrar a lateral, Kelsey é quem pega a bola.

— Nem ferrando — diz Phoebe. — É nossa.

Quando o árbitro sinaliza que a bola é mesmo do Krewe, Kelsey a gira na direção de Phoebe, mas pouco além do alcance dela, e dá um sorrisinho malicioso.

— Ops.

Phoebe aperta os dentes, focando a pressão em vez da cara idiota da Kelsey. A melhor vingança é vencer. Phoebe pega a bola e recomeça a jogada.

Depois, num chute da goleira do Chix, Kelsey vem por cima das costas de Sorrell para cabecear a bola para uma das suas companheiras. Kayla acaba no chão, Phoenix tem a posse de bola, e o apito não soa. É uma palhaçada o juiz não apitar. A companheira de time do Phoenix — Phoebe nem sabe quem, de tão focada que está em Kelsey e na sua trança pouco sofisticada — passa de volta para Kelsey, e Phoebe não pensa, não liga, não vai deixá-la se safar de nada disso. Ela avança na bola, avança mesmo, mas também bate com o quadril no de Kelsey e faz a loira sair voando.

Agora, sim, tem um apito, coisa que… é óbvio. Phoebe sabia que o árbitro ia marcar.

Ela se vira para fazer uma barreira para a cobrança de falta, mas o árbitro a chama de volta. Ele enfia a mão no bolso, e Phoebe sente um frio na barriga.

Ela já tem um amarelo. Dois cartões amarelos significam…

Quando o árbitro mostra o cartão vermelho, o restante do mundo volta: Givhan na lateral sacudindo a cabeça, enojado, Kelsey ainda no chão agarrando o ombro. Kayla agora está de pé, implorando e argumentando com o juiz. A torcida está vaiando, mas Phoebe não sabe se é para ela ou para a decisão. Tem que ser para o juiz, né? Sem dúvida a sua torcida não está vaiando ela em casa, no primeiro jogo.

Meu Deus, a família dela está aqui. Por que ela não podia ter se controlado?

É isso. Phoebe está fora, expulsa do jogo. O time tem que continuar com uma jogadora a menos pelos últimos trinta minutos. Elas já estão perdendo, e a falta de pensamento dela arruinou as chances de darem a volta por cima.

Deus, ela quer morrer.

Phoebe precisa passar pelo banco a caminho do vestiário.

— Que caralhos você estava pensando? — murmura Givhan quando ela passa.

Phoebe não responde. Ela quer desaparecer. Como raios vai ser convocada para a Copa do Mundo se não consegue nem terminar um único jogo profissional sem perder a calma? O time tem que jogar com uma a menos, e é culpa dela. Ela é uma babaca do caralho.

— Não abaixa a cabeça.

Phoebe não precisa levantar os olhos para reconhecer essa voz. Não consegue olhar para Grace agora. Nem faz sentido Grace falar isso. Grace, acima de todos, deveria estar decepcionada com ela. Ela sempre quer o que é melhor para o time, e lá vem Phoebe e seu temperamento fodendo tudo.

— Por que diabos você está falando para ela… — Phoebe fica feliz de não conseguir mais ouvir o restante do sermão de Givhan para Grace.

O vestiário está silencioso; até o barulho da torcida desaparece. O que Phoebe vai fazer? Ela tem que ficar, né? Da última vez que tomou cartão vermelho, tinha catorze anos, e Alice a levou para casa na mesma hora. Mas com certeza agora é diferente. Mesmo que ela quisesse abandonar o seu time — o que não quer, ela quer ficar até o fim do jogo, só quer evitar os sermões que com certeza vai receber tanto de Givhan quanto de Grace —, mesmo que quisesse ir embora, toda a sua família ainda está na arquibancada.

Phoebe nem se dá ao trabalho de acender as luzes na sala de transmissões. Ela pega o controle remoto e se joga numa das cadeiras. Tomara que não percam por mais de um gol, apesar de parecer improvável que as suas companheiras sobrevivam a um terço do jogo com uma jogadora a menos, sem entregar outro gol.

Só que, quando ela encontra a transmissão… o jogo está empatado.

O jogo está empatado.

Não faz nem cinco minutos que Phoebe saiu de campo, mas o Krewe deu um jeito de fazer um gol.

Talvez ela não tenha ferrado tudo irrevogavelmente.

Ela tenta focar no jogo em vez de na sua incapacidade de controlar o próprio temperamento. Nada que aconteceu hoje deveria ter refletido sobre ela, na verdade. Deveria ter focado no time. Ela se recusa a ser tão autocentrada. O time se recuperou da sua má decisão e empatou. É isso que importa. Elas só têm que aguentar firme.

No minuto setenta e oito, a porta da sala de transmissão se abre, fazendo Phoebe

dar um pulo.

Grace entra na sala, o retângulo amarelo de luz do corredor desaparecendo quando a porta se fecha atrás dela. Ela não diz nada. Phoebe só a observa, a TV jogando sombras no seu rosto enquanto ela se aproxima. Ela se senta e continua sem dizer nada. Não está nem olhando para Phoebe. À luz baixa, o terno de Grace parece preto. Depois de um momento, Phoebe volta a sua atenção para o jogo, mas não para de olhar para o lado.

Ela não sabe o que dizer. *Desculpa*, ou *Eu faria tudo de novo*, ou só *Por favor, me fala o que você está pensando*.

Por favor, me fala que ainda gosta de mim.

Ela ferrou o primeiro jogo da sua carreira profissional — não deveria ligar para o que Grace acha. Isso não deveria ser importante. Mas ela não consegue nem fazer merda direito.

As duas assistem ao jogo em silêncio. Quando soa o apito final, Phoebe suspira. Elas conseguiram. Aguentaram firme. Conseguiram arrancar um empate desse caos de jogo. Não é uma vitória, mas parece uma. Finalmente passa um replay do gol do Krewe — foi Sorrell, um foguete de fora da área. Phoebe quer comemorar com o time. Ao mesmo tempo, não quer sair desta sala nunca mais.

Ela precisa enfrentar as companheiras, o técnico e a família, mas não se mexe. Nem ela nem Grace disseram nada. O time pode ter sobrevivido à impulsividade idiota de Phoebe, mas e se o relacionamento não sobreviver? E se Grace ficar com vergonha dela? Ao mesmo tempo, Phoebe quer argumentar em favor próprio e nunca mais falar do assunto.

As duas ficam em silêncio até a porta se abrir. Ainda está escuro na sala, exceto pela luz da TV. Stuart está na porta, emoldurado pela luz do corredor.

— Matthews? Sua família está aqui.

— Ah, sim — diz Phoebe. — Obrigada.

Ela se esforça para ficar de pé. Seu corpo todo dói. Deveria ter se alongado antes de se jogar numa cadeira.

— Eu vou conhecer eles? — pergunta Grace.

Phoebe se vira e a olha por um momento antes de responder.

— Você quer?

— Quero.

Trinta



— Ora, ora, vejam só quem é — diz alguém, e depois nada se segue quando Grace dobra a esquina.

Há um clone de Phoebe, exatamente igual, exceto pela altura mais baixa e os cabelos mais curtos, olhando para Grace de boca aberta. Grace não precisa ter visto uma foto para saber que é Teddy. A mão de Phoebe serpenteia e o atinge no estômago, quebrando o seu devaneio.

— Uau, que violência — diz ele. — Não é de se admirar que tenha tomado um cartão vermelho.

Grace não gosta disso — ninguém precisa provocar Phoebe pela expulsão, especialmente depois de dez segundos de conversa. Phoebe revira os olhos exageradamente e puxa o irmão para um abraço, como se não tivesse lhe dado um soco há pouco.

— Estou muito feliz por vocês estarem aqui — diz ela. Ela dá um passo para trás e olha para Grace com uma expressão inescrutável. — Esta é a Grace. Henderson. É claro.

De início, Grace só viu Teddy, mas o restante da família de Phoebe também está lá: Alice, com postura ereta e cabelos castanho-claros lisíssimos; a mãe de Phoebe, a mais baixa, com cabelos ruivos desbotados presos num rabo de cavalo baixo; o pai de Phoebe, de quem ela deve ter herdado a altura e também o sorriso, com covinhas aparecendo quando ele sorri para Grace. Todos estão vestindo vários tons de roxo e amarelo — nenhum com as cores exatas do time, como se não tivessem as roupas certas, mas quisessem mostrar seu apoio.

O aperto de mão do sr. Matthews é forte.

— Você me parece familiar — diz ele.

Grace não entende por que Phoebe geme em resposta.

— *Pai*.

— Ah, sim, lembrei agora. Seu pôster está em cima da cama da minha querida filha.

— Eu te odeio — diz Phoebe, com o rosto tão vermelho quanto os cabelos.

Grace ruboriza. Ela quer beijar Phoebe. Quer beijá-la o dia todo, ou pelo menos desde que Phoebe pediu que ela fizesse uma trança nos seus cabelos.

Isso é um problema, para falar a verdade. Grace deveria estar concentrada — no jogo, em como ajudar a sua equipe, mesmo estando na lateral. Ela voltou para a sala de transmissão porque disse a Eric que "lidaria com Matthews". Isso deveria significar que ela lhe daria um sermão e diria todas as maneiras pelas quais ela errou no jogo. Não deveria significar sentar-se em silêncio ao lado dela e fazer todo o possível para não a beijar.

Grace está tentando ignorar esses… esses… *sentimentos*. Ela não é boa em ter sentimentos. Sentimentos nunca ajudam em nada. E ela *não pode* estar sentindo algo por Phoebe. Phoebe é uma colega de equipe, uma amiga e a sua parceira de sexo, por falta de uma expressão melhor, mas elas deixaram claro que é só isso desde o início. Portanto, não pode estar sentindo algo por Phoebe. Não pode estar querendo protegê-la da maneira como a sua família parece gostar de envergonhá-la.

Provando o ponto de vista de Grace, Alice diz:

— A Phoebe é obcecada por você praticamente desde sempre.

— Alice, meu Deus.

— Que foi? Como alguém que vai trabalhar com serviço social, é meu dever dizer que ela pode ter uma stalker.

— Mudei de ideia, não estou feliz por nenhum de vocês estar aqui.

Grace gostaria que a sua família estivesse lá. Ela disse a eles para não virem, mas gostaria que tivessem vindo mesmo assim.

— É claro que está, Pheebs — diz o sr. Matthews, colocando um braço em volta dos ombros da filha. — Você só está brava porque a gente tem razão. — Para Grace, ele diz: — Ela não para de falar de aprender com você desde que foi contratada. Mas será que não poderia ter ensinado um pouco de moderação à nossa garota?

Grace se lembra das suas mãos nos quadris de Phoebe, no primeiro treino em que estava fora.

— Grace me ensinou principalmente sobre restaurantes, e vocês vão se beneficiar desse conhecimento neste fim de semana — diz Phoebe.

— Mas, falando sério, o que você estava fazendo? — Teddy não deixa que ela mude de assunto. — Sei que conversamos sobre você pegar a vaga da Kelsey na lista, mas não quebrando a garota!

— Não aconteceu *nada* com ela — diz Phoebe, e Grace tenta não estremecer.

— Olha aí aquele temperamento — comenta a mãe dela, passando a mão pelo braço da filha, como se isso fosse amenizar o comentário.

Phoebe sorri para a mãe, mas Grace percebe que os dentes dela estão cerrados. Grace muda de assunto.

— É um prazer conhecer todos vocês.

— Não precisa mentir — murmura Phoebe, e é a vez de Teddy cutucá-la.

— Sei que estava preocupada que a gente te envergonhasse, mas você mesma cuidou disso hoje, né? — fala Teddy. — Sendo expulsa do seu primeiro jogo profissional.

— Vai, Teddy, seja legal — pede Alice, e Grace fica feliz por alguém ser a voz da razão. Mas ela acrescenta: — Você sabe que Phoebe é sensível. Não vai querer irritá-la e fazer ela te derrubar no chão.

Phoebe revira os olhos.

— Você é mesmo engraçada.

Há uma ruga entre as suas sobrancelhas, e Grace nem sempre é boa em ler expressões faciais, mas nunca viu Phoebe assim. Não gosta disso.

— Você não está brava demais para levar a gente para jantar, né? — pergunta a mãe dela.

Grace interrompe, mas não consegue pensar nas palavras rápido o suficiente, fazendo pausas incômodas entre cada uma.

— Na verdade, posso só… tem uma coisa relacionada ao time… que preciso, hum, conversar com você. Antes de você ir embora, quer dizer.

Phoebe inclina a cabeça.

— Está bem.

Grace faz Phoebe parar assim que elas saem do corredor, antes da esquina que as levaria para o vestiário. As vozes das companheiras de time se misturam ao som dos chuveiros e da playlist pós-jogo de Colleen e Ash. O barulho deveria ser suficiente para impedir que alguém ouvisse, mas Grace fala baixinho mesmo assim:

— Você está bem?

Ela não havia perguntado na sala de transmissão. As duas passaram vinte minutos em silêncio porque ela não sabia o que dizer.

— Estou bem, Grace, já fui expulsa antes. — Não é com isso que Grace está preocupada. — Não é nada de mais. Como a minha família disse, meu temperamento às vezes é mais forte do que eu. Eu fui burra, mas está tudo bem. Nós empatamos, então… Tudo certo, acho.

— Você não foi burra — diz Grace.

Phoebe responde como se precisasse se defender.

— Não foi como se eu tivesse decidido trombar nela aleatoriamente. Ela tinha passado o jogo inteiro sendo meio escrota e fazendo comentários sarcásticos sobre você, o que me fez lembrar do quanto ela foi ruim com você. Na verdade, eu tinha me segurado muito bem durante todo o jogo, até o momento em que ela derrubou a Kayla.

Não importa por que Phoebe fez falta em Kelsey. Não é disso que se trata. Não importa que o coração de Grace de repente pareça leve como uma pena, que, mesmo diante do quanto ela quis beijar Phoebe a noite toda, não quis tanto quanto agora. Ela nunca entendeu triângulos amorosos nos cinemas e na imprensa, nunca achou que ter pessoas brigando por você fosse romântico, mas a ideia de Phoebe derrubando Kelsey para defendê-la parece a melhor coisa que qualquer um já fez por ela.

Grace sacode a cabeça para eliminar a distração e tenta continuar como se Phoebe não tivesse dito nada:

— Você não é burra. E, sinceramente, em geral também não tem o pavio tão curto. Não tem problema ficar emotiva e chateada às vezes. Isso não quer dizer que você é sensível demais.

As bochechas de Phoebe ficam rosadas.

— Sei lá — diz Grace. Ela coça o início da trança, com cuidado para não bagunçá-la. — Sinto que a sua família está sendo meio… não gosto do jeito que eles estão falando com você.

Talvez seja pessoal demais, mas Phoebe não precisa se menosprezar por isso, e Grace tem certeza de que a família dela não está ajudando.

— É o que a gente faz. — Phoebe dá de ombros. — Pega no pé um do outro. Não foi nada de mais.

— Tá, mas você obviamente está chateada.

— Não estou chateada — fala Phoebe, parecendo bastante chateada.

— Não estou te julgando — diz Grace. Não é da conta dela, mas Phoebe queria contar *para a mãe* sobre as duas, então provavelmente não tem problema levar as coisas para o pessoal. Phoebe fez falta em Kelsey por ela. — É disso que estou falando… não acho que deviam te falar merda por ser sensível ou impulsiva. Não é ok pegar no pé de alguém pelo sintoma da doença da pessoa.

— Quê?

— Se eles realmente estão preocupados com isso, talvez devessem conversar sobre os seus remédios, mas…

— Meus remédios?

As sobrancelhas de Phoebe estão na linha do cabelo, e a sua voz está indignada e provavelmente alta o suficiente para ser ouvida nos chuveiros, mas Grace não vai pedir silêncio. Aparentemente, *tem* problema levar as coisas para o lado pessoal.

— Com certeza, parece que você está me julgando, sim — diz Phoebe.

— Olha, eu não quis me meter em nada de que você não queria falar. Isso é entre você e o seu médico. Desculpa.

— Que caralhos, Grace?

Grace se encolhe.

— Desculpa. Eu…

— Eu *sei* que sou impulsiva e sensível demais. Podem ser as minhas piores características, mas não quer dizer que eu tenha um *transtorno*. — Ela cospe a palavra com ódio. — Meu Deus, isso é bem pior do que qualquer coisa que a minha família tenha dito.

Ash aparece antes de Grace poder se defender, defender *Phoebe* de si mesma. Elu contorna a esquina do vestiário, com a pele brilhando de umidade. Grace tem certeza de que deu para ouvir.

Mas Ash dá um sorriso, em vez de fechar a cara.

— Olha ela aí! — exclama.

A toalha delu está presa na cintura. É como elu usa desde antes de fazer mamoplastia masculinizadora, mas Grace fica contente por não estarem mais na *era peitos de fora*, como Ash dizia. Provavelmente Phoebe também fica, dado como Ash decide pegá-la no colo. Elu passa o braço por ela e levanta.

— A heroína do momento! — grita, e Phoebe dá um guincho.

Então a toalha cai, mas Ash não parece se importar até só conseguir dar três passos antes de quase tropeçar nela. Phoebe cai com força, mas de pé. Grace quer segurá-la, mas não tem certeza de que Phoebe seguraria a sua mão no momento. Por outro lado, toda a frustração parece ter sumido do seu rosto. Um momento atrás, ela estava quase chorando, mas basta uma pequena interrupção de Ash e está tudo bem?

— Quanta bobeira. — Phoebe ri. — E tudo errado. Em que mundo ser expulsa do jogo é ser uma heroína?

— Hum, neste? Você deu um chute na nossa bunda — diz Ash, como se fosse óbvio. — Tinha menos de dois minutos de recomeço da partida quando Kayla mandou aquele foguete. Sua expulsão ajudou mais a moral do que qualquer outra coisa teria ajudado.

— Você que sabe, goleire.

Ash enfim volta a amarrar a toalha na cintura. Phoebe dá um brevíssimo olhar para Grace.

— Enfim — diz, falando com Ash e apontando para a porta com o polegar por cima do ombro. — Vou levar a minha família para um jantar tardio. Bom fim de semana, tá?

— Eu quero conhecê-los!

— Você está sem roupa.

Ash se apruma.

— Ah, eles ficariam desconfortáveis perto de uma pessoa tão bela e seminua?

— Totalmente nua, Ash. Como vimos, essa toalha não está exatamente segura.

— Tá bom, tá bom. Mas da próxima vez.

— Claro, da próxima vez. Diz para todo mundo que elas são fodas, tá? Desculpa, preciso ir.

Ela nem se despede de Grace.

O que acabou de acontecer?

Grace não está realmente se fazendo essa pergunta — ela sabe o que aconteceu. O que aconteceu é que ela foi para o pessoal demais, e Phoebe se ofendeu.

Algumas pessoas acham rude discutir questões médicas. Grace com certeza não gostava de falar do seu quadril com a maioria das pessoas. Mas é diferente com Phoebe. Tudo é diferente com Phoebe, de um jeito em que Grace não pensa com muita frequência, porque não consegue explicar. Ela gosta de pensar coisas que

fazem sentido, e Phoebe não faz sentido, na maioria do tempo, mas a reação dela foi ainda mais confusa.

Grace considera. Phoebe tem passado muito tempo na casa dela ultimamente, e os únicos comprimidos que Grace já a viu tomar são cápsulas de ômega-3 que ela rouba do armário do banheiro de Grace. É possível que ela não esteja sendo medicada? Mas o TDAH dela parece estar fora de controle. Por outro lado, talvez seja esse o motivo. Talvez ela nem saiba que tem o transtorno.

Se Phoebe não sabe que tem TDAH, não é de se admirar que não soubesse do que raios Grace estivesse falando.

A irmã de Grace, Harmony, quase reprovou na faculdade. Ela era boa no ensino médio, a melhor da turma, na verdade, mas, quando foi para a faculdade, suas notas despencaram. Não porque fosse preguiçosa, ou não fosse inteligente o bastante, ou algo do gênero. Harmony queria desesperadamente ir melhor nos estudos, mas não conseguia. Na metade do segundo ano, em processo de jubilamento, foi diagnosticada com TDAH e medicada.

Ela se formou com louvor.

É claro que não é a mesma situação, mas Phoebe sempre fez Grace se lembrar de Harmony em vários sentidos — sua luta constante para chegar na hora, a maneira como ela inicia conversas sem preâmbulos, como se resolve configurando vários alarmes ou anotando as instruções para chegar na sala de equipamentos. Grace simplesmente presumiu.

Assim como presumiu que Phoebe poderia pagar pelo jantar. Assim como presumiu que Phoebe queria usá-la. Grace tem vinte e seis anos. A esta altura, achava que sabia como o mundo funcionava. Phoebe continua provando que ela está errada.

Grace dá um passo em direção à porta, há muito fechada atrás de Phoebe, mas é impedida pela voz de Ash.

— Você está belíssima, Cap — diz Ash. — Adorei o terno. Não tão bom quanto o meu look de como vim ao mundo, mas ainda muito bom.

Grace olha para Ash e depois de volta para a porta.

— Ela está saindo para jantar com a família — fala Ash.

Elu ouviu, então. O suficiente para saber que algo está acontecendo, pelo menos. O suficiente para dizer a Grace que ela não tem permissão para seguir Phoebe agora. Não são as palavras reais de Ash, mas Grace entende as entrelinhas, pela primeira

vez.

Em vez disso, Grace segue Ash até o vestiário. Ela pode se desculpar com Phoebe depois.

Foi só uma briga. Um mal-entendido. Acontece. Até mesmo entre amigos, então é claro que acontece entre amigas coloridas também. Phoebe precisa de um tempo para se acalmar, e Grace precisa escolher as palavras com mais cuidado da próxima vez, e elas vão ficar bem.

Mais companheiras de time chegaram do campo, todas com grandes sorrisos e camisas suadas. Grace se destaca no seu terno. Se fosse um jogo normal de abertura em casa, ela ainda estaria na lateral, dando autógrafos para o máximo de crianças que pudesse.

Se fosse um jogo normal de abertura em casa, ela se juntaria a todas para lembrar as melhores partes, aproveitando a emoção de jogar com o seu time. As jogadoras se despem ao redor dela, enquanto ela fica entre o armário e o banco em que transou com Phoebe pela primeira vez. Então, Sorrell vira a esquina, e a sala explode em aplausos estridentes.

— Ó, capitã! Minha capitã! — grita alguém.

A pele de Grace parece muito tensa. Ela ainda não foi liberada para jogar, obviamente, mas, se tivesse sido, não teria enfrentado Givhan como Sorrell fez no intervalo. Não teria feito o discurso que Kayla fez. Se ela fosse a capitã hoje, o time provavelmente teria perdido.

Se fosse um jogo normal de abertura em casa, ela se encontraria com a família depois. Em vez disso, está a meio caminho do carro quando seu pai liga.

Grace não quer atender. Não quer *ter* que atender. Normalmente, sua família está *aqui* para a abertura. São os poucos dias do ano em que a família se reúne fora dos feriados. Grace disse a eles para não virem, ela é a razão pela qual eles não vieram, e, ainda assim, seu coração dói ao ver a foto do pai no celular. Não quer falar com ele ao telefone. Quer abraçá-lo. Quer que ele lhe diga que vai ficar tudo bem.

Seu pai sempre liga depois de um jogo. Ele também ligava depois de cada jogo do sHeroes e nunca pareceu incomodado com as respostas monossilábicas que ela dava às perguntas dele. Ela acaba atendendo, porque não atendeu da última vez que ele ligou, depois da final do sHeroes, e não pode ignorá-lo duas vezes seguidas.

— Oi, pai.

— Oi, docinho — cumprimenta o pai, com o apelido que só ele usa com ela, e Grace se sente mal por ter considerado não atender. — Como você está?

— Bem. — Grace odeia conversa fiada. Ela preferiria ir direto ao ponto da conversa. — Viu o jogo?

Quanto antes falarem disso, antes podem desligar. Ela ama o pai, mas agora só quer construir um cantinho de travesseiros na cama e puxar o edredom por cima da cabeça.

— Senti falta de ver você lá — diz ele. — Como foi ver da lateral?

Horrível. Normal.

— Diferente. — Grace não está particularmente a fim de dizer mais. — Estranho.

— Elas também parecem diferentes lá sem você — diz o pai. — Mas tranquilo, você vai voltar logo, logo.

Ele não sabe disso, é claro, porque ninguém sabe. Ela está treinando, mas ainda há um longo caminho a percorrer. Voltar de uma lesão é mais do que se curar; é também recuperar o condicionamento físico perdido no período de folga. Ela já terminou a parte do descanso, mas ainda há muito trabalho pela frente.

No momento, Grace não consegue nem decidir se *quer* estar em campo. O time pode ter ficado diferente, mas, ainda assim, conseguiu um empate, mesmo com uma jogadora a menos. Sorrell foi uma capitã melhor do que Grace jamais foi. Seria muito mais fácil não voltar.

O carro de Grace está a dez metros de distância, mas ela dá uma parada para desamarrar e amarrar de novo os sapatos. Está de tênis, mesmo com o terno, porque sapatos sociais sempre apertam os seus pés. Mas os tênis estão apertados demais. O sutiã também. É um top esportivo, como ela sempre usa. De terno ou não, optou pelo que é mais confortável, e mesmo assim não funcionou. Normalmente, preferiria um top esportivo a qualquer configuração com ganchos e armação, mas agora a peça está se enterrando na pele dos ombros, apertando em volta das costelas.

Ela o puxa através do colete e da camisa social, bem ali, no meio do estacionamento. Se fosse um jogo de abertura em casa normal, ela ainda não estaria saindo. Não precisaria se preocupar se alguém a veria puxando as roupas.

Se fosse um jogo de abertura em casa normal, ela estaria conversando com o pai pessoalmente. Não importa que Grace tenha dito a eles para não virem; eles deveriam ter vindo. Mas é claro que não insistiram. Por que se dar ao trabalho de ir

a um jogo se Grace não ia jogar, e por que se dar ao trabalho de visitá-la se eles não iam ao jogo? O que eles fariam se ela nunca mais voltasse a jogar?

Justamente quando Grace acha que não pode piorar, seu pai diz:

— Aquela Matthews é ótima.

— Ela é uma boa substituta para mim.

Ela se ajoelha para ajustar os cadarços de novo.

— Ninguém jamais poderia substituir você.

Não importa o quanto ela afrouxe os cadarços, seus pés parecem apertados.

— Por que não? Ela sabe jogar na posição. Eu poderia simplesmente parar de jogar.

— Grace, o que está dizendo?

Grace nem sabe. Esse pensamento tem pairado no fundo da sua mente, mas ela nunca parou para pensar nisso e também não está pensando agora — está simplesmente saindo da sua boca como se ela não tivesse controle.

— O que aconteceu? — pergunta o pai.

Grace tenta inspirar, mas acaba mais como um soluço, e os seus olhos estão cheios de lágrimas. Ela não entende por que está tão chateada — nem *sabia* que estava tão chateada.

Grace chega ao carro porque precisa chegar. Ninguém pode vê-la assim. Esses episódios aconteceram durante toda a sua vida. Grace nem sempre expressa a sua discordância ou o seu desconforto. Ela sente que está desconfortável na maior parte do tempo; seria demais se sempre falasse sobre isso. Mas, em momentos como este, ela não consegue esconder. É como chorar quando fica brava — a pior e mais vergonhosa reação. Ela odeia quando fica assim. Sobrecarregada, ansiosa e incapaz de pronunciar palavras. Mal consegue resmungar com o pai ao telefone, e é mais fácil não dizer nada. Ela quase se engasga com o ar parado dentro do carro.

Sua família está acostumada com o silêncio de Grace, mesmo que essa situação não aconteça com frequência. Todos aprenderam, por experiência própria, que tentar fazer com que ela saia disso só piora as coisas. Eles simplesmente têm que esperar. Grace se balança para a frente e para trás no banco do motorista, esfregando os dedos. Seu pai está quieto ao telefone.

Grace nunca poderia abandonar o futebol, não por completo. Mas, talvez, se ela se aposentasse, depois de alguns anos, poderia entrar numa liga recreativa ou algo assim. Seria suficiente. Uma vozinha no fundo da cabeça lhe diz que poderia ser até

melhor. Ela não precisaria ser capitã ou um modelo a ser seguido. Poderia simplesmente ser o que queria ser quando era criança: uma jogadora de futebol.

Talvez Dawn concorde em dizer que a sua lesão é pior do que se pensava, ou que ela a agravou, ou algo assim. Grace não pode se aposentar sem motivo. Haverá perguntas — acusações, até. Abandonar o time em um ano de Copa do Mundo? É impensável. Ela precisaria de uma desculpa.

Ela precisa de uma desculpa agora, para explicar por que está reagindo assim. Esfrega os dedos mais rápido, mas isso não ajuda. Por que ela está assim?

É idiota, mas Grace pensa em Phoebe. Em como ela sempre quer que Grace se permita sentir prazer. Phoebe não a pressiona para gozar nem para recuperar os sentidos depois. Ela simplesmente deixa Grace em paz.

Grace tenta fazer o mesmo agora. Repreender-se para melhorar não ajuda. Ficar envergonhada não ajuda. Ela fecha os olhos, respira pelo nariz e se deixa relaxar.

Quando Grace volta a si, precisa olhar o celular para ver que a ligação ainda está em andamento. Ela pigarreia. Engole em seco. E finalmente fala pela primeira vez em minutos.

— Pai?

— Oi, querida. — A voz do seu pai é suave. — Você está bem?

A reação instintiva de Grace é *sim*. Claro que está bem. Está ótima. Ela sempre está bem. Assim como a sua perna estava bem. Nada com que mais ninguém precisasse se preocupar, com certeza. Ela podia cuidar de si mesma.

Mas ela ficou não verbal. Em geral, *bem* é um pouco exagerado, mas especialmente agora.

Por isso, ela evita a pergunta.

— Desculpa — diz ela. — Tinha muita coisa acontecendo.

Não é bem isso. A única coisa que estava acontecendo era que ela estava caminhando para o carro e falando ao telefone. De alguma forma, isso a deixou sobrecarregada.

— Não precisa se desculpar, Grace — fala o pai dela.

Ela sempre se desculpa. Desculpa e se explica, se puder. Qualquer coisa que possa ajudar a impedir que aconteça novamente.

— Você quer me contar o que está acontecendo?

A voz do seu pai é tão gentil que Grace de fato responde.

— Em todo telefonema, a primeira coisa que você me pergunta é sobre futebol.

Como se você se importasse mais com o time do que comigo.

— Gracie, *não*. — Ele parece horrorizado. — Eu pergunto sobre futebol porque é com isso que *você* sempre se preocupou mais. Quero que o time vá bem porque quero que *você* vá bem. Se você desistir do futebol, suas colegas que me desculpem, mas não sei se eu assistiria a outro jogo.

— Como assim? Mas você assiste à liga desde que eu era criança.

— Docinho. — O pai dela suspira. — Eu não… Quando você e a sua mãe se mudaram para você poder treinar, eu comecei a prestar atenção na liga porque era um jeito de me conectar com você. Era um assunto para poder mandar mensagem sem ser só o seu pai bobão falando que estava com saudade. Sua vida toda, eu te perguntei de treinos, jogos e companheiras de time porque é o jeito mais fácil de fazer você falar. Você e eu não somos assim tão brilhantes em bater papo.

Isso faz Grace rir, mesmo quando todo o restante que ele diz faz parecer que o mundo dela está virando de cabeça para baixo. Ou talvez que sempre tenha estado de cabeça para baixo e enfim estivesse sendo virado para o lado certo.

— Você é minha filha, eu te amo, e você sempre gostou de futebol — diz o pai. — Se você gostasse de cavalos, eu teria te levado no Kentucky Derby. Se gostasse de estrelas, eu teria te mandado para o acampamento de astronomia. Ou se, em vez de astronomia, gostasse de astrologia, em todas as ligações eu perguntaria sobre Mercúrio retrógrado ou… na verdade, não sei mais nada sobre astrologia, mas saberia se você gostasse. E é sobre isso que eu perguntaria. É só isso. Se você não gosta mais de futebol, peça demissão! Vamos pensar em outros assuntos para conversar.

— Não posso pedir demissão em ano de Copa do Mundo, pai — diz Grace. — E, mesmo que não fosse ano de Copa, ainda sou a capitã do Krewe. Que tipo de modelo eu seria se desistisse?

— Parece que você está colocando muita pressão em si mesma — diz o pai. A frase fica suspensa no silêncio entre eles por um momento antes de ele suspirar e continuar: — Quando você e a sua irmã eram crianças, tentamos ensinar que vocês poderiam ser o que quisessem quando crescessem. Nunca quisemos que vocês pensassem que algo era impossível. Mas talvez tenhamos ido longe demais nessa direção. Se a única coisa que você quer ser é a Grace, é o suficiente. — Grace se sente errada só de pensar nisso. — O corolário de *você pode ser o que quiser* é que *você não precisa ser nada que não queira*. Se não quer ser jogadora de futebol, não seja

jogadora de futebol. A vida é sua, Gracie.

Ela poderia pedir demissão? Ela poderia simplesmente… parar de jogar.

É o que o pai dela está dizendo. Ela pode fazer o que quiser.

Grace achava que já estava fazendo isso. Ela ama futebol. Sempre amou. Como jogar futebol profissionalmente pode não ser o que ela deseja?

Ela pensa na sua carreira. No jogo mais bonito. Em tudo o que vem junto — entrevistas, patrocínios e fama. Amigos falsos e julgamentos de desconhecidos.

Não é o futebol que é o problema.

— Eu não quero pedir demissão — diz ela, com a voz baixa, mas segura.

— Bem, então não peça. Mas descubra o que você quer fazer — diz o pai dela, como se fosse simples assim. — Porque quero que você seja feliz, e não parece que você esteja, docinho.

Trinta e um



Quando Grace tinha onze anos, o time dela fez uma viagem de sete horas de trem para um campeonato. O trem era muito melhor do que o ônibus — mais rápido, mais confortável, permitia que você se levantasse e se movimentasse. Os banheiros ficavam num andar separado. Havia um vagão-restaurante inteiro. A equipe de Grace tinha jogadoras de todo o país que tinham ido treinar no sul da Califórnia. Havia três garotas do Meio-Oeste — duas de Michigan e uma de Chicago —, e elas viciaram o time todo num jogo de cartas chamado *euchre*.

Grace passou a primeira parte da viagem ouvindo música sozinha, e quando enfim ficou entediada e entrou no vagão em que todas estavam jogando, tinha perdido a explicação de como jogar. Então, ficou assistindo. Durante uma hora e meia. Depois, se voluntariou para o próximo jogo.

É assim que ela sempre fez na vida: aprendeu as regras observando.

O que torna incrivelmente difícil ter uma amizade colorida secreta.

Grace tem uma vaga noção de como funciona uma amizade colorida, claro. A amizade é autoexplicativa, e a parte colorida é o sexo. Isso é simples. Mas tem mais regras do que isso. Sempre tem mais regras do que qualquer um admite, regras não ditas, e Grace não conhece *nenhuma* delas nesta situação.

Desde o sHeroes, Phoebe tem passado cada vez mais tempo na casa de Grace. Parece normal, porque a ruiva nunca dá muita importância a isso, mas é uma mudança em relação ao início, então Grace não tem certeza. No entanto, quando ela observa as regras que conhece, a situação parece segui-las. Phoebe está mais presente, mas amigas se veem mesmo. E elas em geral acabam na cama — ou no sofá, ou, numa vez memorável, na bancada da cozinha — juntas, o que também segue essa parte das regras.

Phoebe dormir lá é o que realmente deixa Grace confusa. No início, ela não teria concordado com a amizade colorida se soubesse que Phoebe dormiria na casa dela com tanta frequência, porque não gosta que invadam o seu espaço. Mas, quando isso realmente começou a acontecer, Grace percebeu que não se importava — embora Phoebe, de fato, invada o seu espaço, dada a tendência da ruiva de se espalhar toda no meio da noite. É que é confuso. Se tudo bem Phoebe dormir lá, então tudo bem Grace separar uma gaveta para que ela guarde roupas? Grace sempre achou que fosse algo que as pessoas faziam para namorados, não para amigos coloridos. Ter uma gaveta na casa de Grace é, de alguma forma, mais íntimo do que a malinha de viagem que Phoebe normalmente leva?

Grace não ofereceu isso, ainda não. Agora talvez nem tenha a chance, dependendo do quanto Phoebe estiver brava com ela.

Ela lembra a si mesma que está tudo bem. As pessoas brigam. Mas Grace não gosta de incertezas. Phoebe não lhe enviou nenhuma mensagem, e quem sabe se vai enviar? Grace gostaria de saber — não apenas que ela vai mandar, mas quando. Grace gostaria de estar preparada. Ela já analisou várias maneiras de como a conversa poderia se desenrolar, como ela poderia se desculpar, e melhorar, e não magoar Phoebe desta vez. Ela está pronta para quando — *se* acontecer — Phoebe enviar uma mensagem.

Mas, enquanto isso, tem outras coisas a fazer. Planos para tocar.

Ela considera a possibilidade de enviar a Sorrell um convite para uma reunião, mas parece um pouco formal. É que a situação é formal. Trata-se dos empregos delas. Trata-se de a Sorrell ser boa no dela. Mas Grace sabe que um convite oficial pareceria estranho, então, em vez disso, envia uma mensagem perguntando se Sorrell está a fim de tomar um café ou um *smoothie* ou algo assim, só as duas.

Pode ser, sim

Apesar de eu ter quase certeza que você não está me convidando pra um encontro, só para garantir: estou saindo com a Gabby.

Eu NÃO estou te convidando pra um encontro.

Imaginei.

Elas se encontram de tarde para tomar um *smoothie*.

— Eu paguei, mas não é um encontro — diz Grace.

— Já estabelecemos isso.

— Eu não sabia de você e da Rodriguez. Parabéns.

Sorrell dá um sorrisinho discreto.

— Nossas novatas este ano são outra coisa, hein?

Grace pisca.

— Quê? Como assim?

Elas estão falando de Sorrell e Rodriguez — o que Matthews tem a ver com isso?

— Nada. Só… — Sorrell dá de ombros. — Elas são, né?

Grace realmente não pode negar isso.

— São, sim — diz. — Enfim…

— Tá. Como isso não é um encontro, é o quê? Imagino que você não queria aleatoriamente tomar um *smoothie* só comigo pela primeira vez na nossa amizade.

— Estou quase cem por cento para voltar — fala Grace.

Um efeito colateral de passar tanto tempo com Phoebe: Grace passou a esperar ser interrompida. Kayla, porém, só assente.

— Imagino que Eric vá querer que eu pegue de volta a faixa de capitã — diz ela. — Ainda mais com o que aconteceu ontem à noite.

Sorrell continua sem dizer nada, mas as suas sobrancelhas se abaixam, como se ela continuasse brava por isso.

— Não acho que eu devia fazer isso.

É a vez de Sorrell piscar.

— Quê?

— Você é uma capitã melhor do que eu — diz Grace. — Você defende o time em vez de aceitar tudo o que o Eric quer. É disso que a gente precisa numa capitã. Eu fui escolhida por ser veterana. E achei que estivesse acertando, mas não estava.

Você é boa de verdade nisso.

— Eu…

Ela não fala mais nada.

— Não contei a mais ninguém sobre isso — diz Grace. — Se você não quiser a faixa, eu fico com ela. Mas acho que deveria ser sua.

Grace diz que ficaria com a faixa, mas não sabe mais se é verdade. Certamente não deveria forçar ninguém a pegá-la, mas depois da conversa com o pai… é como se ele tivesse lhe dado permissão para imaginar como a sua vida poderia ser sem as partes de que ela não gosta. E agora que considerou a possibilidade, pensar em continuar com seus deveres de capitã coça como uma etiqueta áspera numa camiseta. Grace esfrega a nuca, apesar de ter cortado todas as etiquetas das roupas há anos.

Se Kayla não quiser ser capitã, Grace vai pensar em outra pessoa para quem possa pedir.

— Eu curti ser capitã — diz Sorrell. — Mas não tinha pensado em ficar com a faixa. Não esperava que fosse uma opção. Você realmente não quer?

— Não.

Agora parece simples, mesmo que tenha sido complicado chegar até aqui.

— Não sei se eu teria me posicionado tanto se soubesse que era algo que eu podia continuar fazendo — admite Sorrell. — Imaginei que não importasse se o Eric gostasse de mim ou não, porque você já ia voltar, e aí nós duas íamos embora para a Copa.

Desta vez, a ideia da convocação não estressa Grace.

— Ainda não sei se importa se ele gosta de você — responde ela. — Você meio que mudou a minha compreensão do que é ser uma boa capitã.

Kayla abaixa a cabeça, escondendo um sorriso tímido. Depois de um momento, diz:

— Você sabe que podia só ajustar a forma como atua, em vez de oferecer para mim, né?

— Eu não quero — explica Grace. — Ficar de fora me fez perceber o que eu gosto e não gosto no futebol. Basicamente gosto de jogar, e não do resto.

— Então, você também vai parar de falar com a imprensa? — pergunta Sorrell.

— Quê?

— Se não vai mais fazer coisas de que não gosta, só supus que fosse abrir mão da

imprensa também. Você sempre odiou dar coletiva depois dos jogos e tal.

Grace não havia considerado isso. É uma opção?

— Você acha que eu poderia?

Kayla dá uma risadinha.

— Acho que você pode fazer o que quiser, Grace.

Foi o que o pai dela disse também. Junto com o corolário — ela não precisa fazer nada que não queira. E se nunca mais desse outra entrevista? Não precisasse se preocupar em falar a coisa certa ou em como alguém pode tirar sua fala do contexto?

— Talvez? — diz Grace.

Ela nunca admitia estar insegura, sobretudo para uma companheira de time. Ela era a capitã, a veterana. Deveria saber o que estava fazendo. Mas, mesmo que Sorrell não queira ser capitã, Grace também não será. E, agora que ela sugeriu, é lógico que Grace vai parar com as entrevistas. Por que não pararia?

— Tá bom, sim — responde Kayla. — Eu aceito ser capitã.

Grace suspira. Graças a Deus.

— Você vai ser maravilhosa — diz ela. — Eu soube que devia ser você desde aquela conversa no bar depois do sHeroes, para ser sincera.

Kayla levanta as sobrancelhas.

— Você acha que eu consigo convencer o Givhan a colocar você e a Matthews juntas no esquema de jogo?

Parece um sonho, mas:

— Provavelmente não.

Ela dá uma risada sem humor.

— É, você deve ter razão.

Quando elas terminam, Kayla pega um Lyft, e Grace entra no seu carro. Ela não dá a partida. Nem coloca a chave na ignição. Primeiro, pega o celular e manda um e-mail para o agente, bem ali.

A exclusiva com Megan Thrace vai ser a sua última entrevista.

Ela não vai mais dar coletivas depois dos jogos.

Ela vai dar um passo atrás, mesmo retornando ao jogo.

Normalmente, quando Grace toma uma decisão por si mesma, fica ansiosa. Parece errado. Mas, quando aperta "enviar" naquele e-mail, um peso sai dos seus ombros.

Chega de imprensa. Não quer dizer que chega de fama, claro, mas já é alguma

coisa. Ela considera deletar as redes sociais, abre o Instagram. Tinha postado no primeiro jogo e deveria ver como o post está indo, se alguém comentou algo que ela devia responder ou talvez deletar, porque isso às vezes rola. É por isso que ela está nas redes sociais. Por isso e para decidir se devia ou não deletá-las. Ela odeia redes sociais; obviamente, não estaria lá se não precisasse. Se por acaso ela ignora a bolha vermelha de notificações no canto superior direito e prefere rolar o feed até achar o post mais recente de Phoebe — bom, está só checando como está a companheira que passou por um jogo difícil.

É constrangedor mentir tanto assim para si mesma. Ela sabe o que está fazendo, mas, por algum motivo, parece mais fácil do que admitir a verdade. Do que admitir, mesmo para si mesma, que está com saudade de Phoebe, que está preocupada com ela, preocupada com *elas*, não que haja um *elas*, na verdade, mas, mesmo que não continuem a amizade colorida, têm que continuar sendo companheiras de time. Apesar de que talvez Phoebe vá ser como Kelsey e, mesmo depois de isso terminar, fingir que não foi nada. O pensamento faz Grace se encolher.

Se Phoebe estivesse aqui, Grace não acreditaria nisso. Ela só consegue pensar o pior dela quando ela não está por perto. É mais fácil quando Phoebe não está na sua frente, provando sem parar que ela está errada.

Phoebe parece estar se divertindo com a família, a julgar pela foto dela no aquário, com Teddy, numa chave de braço. Que bom. Ela merece essa folga. E claramente tudo o que rolou na sexta não acabou com o fim de semana dela. Grace não precisa se preocupar. Elas estão bem. Vão ficar bem.

Trinta e dois



Estou na frente do seu prédio. Pode me deixar entrar para a gente conversar?

A família de Phoebe foi embora de tarde. Ela não está muito a fim de tomar sermão de Grace, mas o que vai fazer, ignorá-la para sempre?

Faz sentido conversar hoje, senão o treino amanhã vai ser desconfortável pra caramba, e Phoebe não precisa que todo mundo repare. Isso provavelmente pioraria tudo com Grace, de todo modo, já que ela nunca pareceu querer que ninguém soubesse que elas estão saindo. Apesar de que, no fim, acabou sendo bom. Imagina se Phoebe tivesse apresentado Grace como namorada logo antes de Grace dizer que ela tinha um transtorno.

Isso conta como a primeira briga delas? As duas brigaram porque Phoebe contou a Dawn sobre a perna de Grace, mas, naquele ponto, não estavam namorando oficialmente — foi isso que, tipo, começou a coisa toda. Então, tecnicamente, esta é a primeira briga, né? Quem sabe se elas vão conseguir superar? Talvez seja isso. Talvez elas terminem. Talvez seja sobre isso que Grace queira conversar.

Phoebe manda o número do apartamento por mensagem e abre a porta lá de baixo para ela.

Imediatamente se arrepende. Deveria ter descido para encontrá-la. Elas poderiam ter ido conversar em algum lugar, em qualquer lugar menos o apartamento de Phoebe, que é pequeno, bagunçado e vergonhoso. Talvez um dos sintomas do *transtorno* dela seja a bagunça, já que é outra coisa que Phoebe odeia em si mesma. Enfim. Ela não vai arrumar por causa de Grace.

Só que, então, Grace está lá, na porta, linda como sempre, olhos castanhos tão escuros que são quase pretos, cabelo numa trança embutida simples caindo pelas costas. Grace está na sua porta, Grace está entrando atrás dela, Grace está na sua sala de estar, e por que Phoebe não fez uma faxina?

Ainda tem uma mala no chão. Phoebe só se deu ao trabalho de fechar a tampa. Ela deveria ter feito Grace esperar, deveria ter arrumado tudo, feito o seu apartamento parecer um lugar onde mora um adulto humano. Normal. Não um que tenha um *transtorno*, ou seja lá como Grace a vê.

É mais fácil continuar brava com Grace. Mais fácil para Phoebe saber que está certa do que se permitir mesmo que um segundo de dúvida. Não importa que Grace não tenha sido cruel de propósito; ela foi. Phoebe não precisa ser educada, gentil ou compreensiva.

— O que você quer?

— Pedir desculpas — diz Grace, e Phoebe quer perdoá-la. — E conversar e me explicar melhor.

— Tá bom — fala Phoebe. Ela se joga na poltrona que parece confortável, mas que na verdade é dura como pedra, então gesticula para que Grace fique com o sofá. — Vai.

Grace se senta, bem na ponta do assento. Phoebe quer entregar uma almofada a ela, quer sair e comprar várias almofadas, porque Grace tem tantas no seu próprio sofá, e Phoebe sabe que brincar com as franjas a ajuda a pensar. Mas ela está brava com Grace. Deveria estar apegada a isso. É mais fácil ficar brava com Grace do que se odiar por ser expulsa do seu primeiro jogo profissional, mesmo que Ash tenha insistido que foi por causa dela que o time empatou.

— Eu não sou boa nisso — diz Grace. — Nunca tive prática, não numa situação como essa.

Normalmente, Phoebe não se importa que Grace não queira divulgar o relacionamento delas em público. É algo especial, não é da conta de ninguém, e, de todo modo, se assumir ou não — em especial para quem é uma pessoa famosa — é uma coisa individual. É pessoal, escolha de Grace, e em geral está tudo bem para Phoebe. Mas Grace não consegue nem dizer a palavra *relacionamento*? Ela chama namorar Phoebe de *situação*?

De repente, não é tão difícil para Phoebe segurar a sua raiva.

— Então, desculpa por não me explicar direito — diz Grace.

— Sabe, em geral, se explicar enquanto pede desculpas é só tentar se justificar.

— Não é isso que eu… — Grace se interrompe. — Por que você me deixou entrar se não ia me deixar explicar?

Phoebe não consegue lembrar. Por que ela deixou Grace entrar? Imagina que tenha achado que a coisa se desenrolaria melhor do que isso.

— Talvez eu quisesse gritar com você, Grace — diz ela, irritada. — Talvez o meu *temperamento terrível* tenha me dominado e eu quisesse descontar em você. Talvez eu tivesse achado que ia ouvir, mas sou *sensível* e lembrei como você disse que eu precisava tomar remédio, e isso me magoou. Talvez eu só não tenha pensado direito que nem não penso em nada direito.

— Eu não disse que você precisava tomar remédio — responde Grace. — Supus que você já tomasse.

— Ah, porque isso é bem melhor? Que caralhos? É assim mesmo que você me enxerga, como uma garotinha fodida da cabeça? Como se as minhas qualidades ruins fossem sintomas do meu transtorno?

— Mas nem são qualidades ruins!

Phoebe nunca ouviu Grace gritar antes. Pela expressão que ela faz, parece que a própria Grace também não esperava, mas ela se recupera rápido.

— Não é ruim sentir coisas com o coração inteiro ou fazer o que quer. Eu amo que, assim que você chegou a Nova Orleans, decidiu ver o estádio, apesar de serem 21h30. Amo que tenha pulado a cerca para ir falar comigo. E amo que tenha derrubado a Kelsey, tanto como retaliação pela falta dela na Sorrell quanto… bom… pela ideia de que teve algo a ver comigo. Gosto disso também.

É muito difícil continuar brava com alguém que literalmente está gritando com você sobre o quanto ama as coisas que você odeia em si mesma. *Amor*. A palavra ricocheteia na cabeça de Phoebe.

— Mas, sendo qualidades ruins ou não — Grace solta a respiração —, acho, sim, que algumas dessas características, pelo menos em parte, são sintomas de TDAH.

TDAH é uma coisa que garotos do ensino fundamental têm, não mulheres adultas. Mas, sinceramente, Phoebe não está nem aí para isso agora. Ela quer se jogar em Grace.

Grace continua falando como se Phoebe estivesse pensando em qualquer coisa que não foder ela até cansar.

— Minha irmã tem TDAH. E os remédios ajudam muito nos sintomas. Eu

poderia…

— Grace — diz Phoebe, levantando-se devagar da poltrona —, vou precisar mesmo que você pare de falar de sintomas e me beije.

— Quê?

Phoebe dá um passo na direção do sofá.

— Acho então que eu vou ter que te beijar, né?

Grace se recosta enquanto Phoebe se aproxima, o que só quer dizer que ela acaba praticamente deitada, e Phoebe sobe em cima dela em vez de sentar no seu colo. Os olhos dela estão do tamanho de pratos.

— Você não está mais brava comigo?

Phoebe dá de ombros.

— A intenção foi boa.

Grace fica com uma sombra de sorriso, uma virada mal perceptível do canto dos lábios, e Phoebe talvez morra se não colocar a boca ali.

— Então, a gente está bem?

— A gente está bem — diz Phoebe. — Posso, *por favor*, te beijar agora?

Grace a beija primeiro.

Elas já transaram num sofá antes — um sofá bem mais confortável na casa de Grace. Não que Phoebe não queira foder Grace no seu sofá — ela quer foder Grace em todo lugar, basicamente, e meio que o tempo todo —, só quer garantir que ela esteja confortável. Então, elas não vão transar aqui. Phoebe vai levá-la para a cama. Vai, sim. Num minuto. Ela só precisa beijar Grace um pouco mais. Só precisa deslizar as mãos por baixo da blusa de Grace para acariciar a pele macia da lateral do corpo dela.

Grace tira a blusa por cima da cabeça.

Tá, é, não, Phoebe precisa abrir as pernas de Grace *agora*.

Graças a *Deus* Phoebe trocou os lençóis quando fez faxina antes de a família chegar. Apesar de a cama não estar arrumada e de já ter roupas sujas no chão, pelo menos, quando ela põe Grace no colchão, os lençóis embaixo dela estão limpos.

— Você é a garota mais bonita do mundo — diz Phoebe, e não é nem uma cantada, é a *verdade*, ainda mais quando as bochechas de Grace ficam rosadas pelo elogio.

Grace está sentada na ponta da cama, com os pés ainda no chão. Phoebe se apoia num dos joelhos para descer a calça de Grace pelas pernas dela. Ao subir de volta,

beija o seu tornozelo, a sua panturrilha, o seu joelho.

— Você é perfeita — murmura.

Nas primeiras vezes que transaram, Grace sempre tentou controlar. Agora, confia em Phoebe. Ela não diz isso, mas Phoebe percebe pela forma como Grace se senta, espera, a deixa fazer o que quer que seja.

O que ela vai fazer é deitar Grace de costas no colchão e subir em cima dela, segurando-se com uma das mãos, com o rosto a centímetros do de Grace.

Em geral, Grace fecha os olhos durante o sexo. Não necessariamente, tipo, o tempo todo nem nada assim, mas muito. E tudo bem — Grace pode fazer o que quiser durante o sexo, na opinião de Phoebe. De novo, Phoebe só quer que ela esteja confortável. Se olhos fechados é o que a deixa confortável, ótimo.

Dito isso, ter Grace olhando-a enquanto Phoebe desliza a mão entre as pernas dela? Meio que é tudo.

— Você é perfeita pra caralho — diz Phoebe.

Nenhuma das duas desvia os olhos nem os fecha. Phoebe esfrega Grace por cima da calcinha até o tecido estar tão úmido quanto o ar entre elas.

Phoebe consegue focar sem problema nenhum. Ela foca a pele de Grace, macia, bronzeada e perfeita. Foca em dizer a Grace como ela é perfeita. Aquela pele perfeita, e aqueles peitos perfeitos, e a porcaria do rosto perfeito dela, olhos, boca, lábios, *língua*. Talvez Phoebe devesse pensar num adjetivo que não seja *perfeito*, mas nunca foi particularmente boa com palavras. Ao mesmo tempo que a sua boca consegue se abrir sem consultar o cérebro, outras vezes seus pensamentos fazem uma espiral rápida demais para ela de fato descobrir o que quer falar. E agora? Isso? Ela não faz ideia de como diria isso a Grace. Phoebe teve medo de foder as coisas só sendo ela mesma, só porque isso sempre aconteceu antes. Desde o começo ela teve medo. E então Grace tem que ir lá e basicamente fazer poesia sobre as piores partes dela?

É, ela não tem palavras para como isso a faz se sentir.

Então, ela foca em dar prazer a Grace. Não fazê-la gozar — Phoebe quer isso, claro, mas, às vezes, Grace fica presa demais na própria cabeça, e tudo bem. Um orgasmo não é o objetivo final aqui. Isso tem a ver com Grace ter o máximo de prazer possível pelo máximo de tempo possível. Tem a ver com como Grace fez Phoebe se sentir dizendo o que disse. Grace *ama* as partes que Phoebe odeia em si mesma.

Phoebe quer fazer tudo com Grace. *Tudo*. Mas esfregá-la é tão gostoso, a calcinha dela está tão molhada que seus dedos já estão grudentos. Phoebe não consegue parar. Ela pressiona a testa na de Grace.

Enfim, Grace quebra o silêncio reverente entre elas.

— Eu… — diz. — Sua boca.

— O que tem a minha boca, bebê?

— Por favor — pede Grace. — Coloca em mim. Quero gozar na sua língua.

Phoebe não precisa ouvir duas vezes. Ela ainda mantém a calcinha de Grace no lugar. Está uma bagunça, quente, molhada e tão deliciosa que Phoebe fica zonza de chupar o tecido.

Com a calcinha, Grace aguenta muita coisa — Phoebe usa os dentes, lambe com tanta força que o lado de baixo da língua dói. Grace gira os quadris, um sinal certeiro de que quer mais. Phoebe enfim abaixa a calcinha, voltando para lamber, provar, ter a língua em Grace sem barreiras. Normalmente, suaviza um pouco quando a calcinha sai, mas ela ama tanto a boceta de Grace que nem pensa, não toma cuidado, só vai com um pouco de força demais.

Grace a empurra.

— Foi demais — ofega ela.

— Desculpa — diz Phoebe. — Desculpa.

Grace estremece, e Phoebe odeia que não seja de prazer.

— Tudo bem — fala Grace, com a voz quase profissional. — Mas eu perdi. Não vou conseguir gozar agora. Me deixa tocar você, e a gente tenta de novo depois.

Phoebe faz que não com a cabeça, descansando a bochecha na coxa de Grace.

— Está tudo bem — diz. — Desculpa. Eu consigo ser delicada.

Os olhos de Grace ficam suaves.

— Eu sei que você consegue.

— Me deixa continuar? Por favor?

Grace respira fundo e solta tudo. Depois de um momento, assente.

Phoebe dá uma mordidinha de agradecimento no interior da coxa dela. Continua com a boca lá por um tempo, primeiro numa coxa, depois na outra, beijando, sugando e ocasionalmente mordendo, sem nunca quebrar o contato visual.

— Você tem uma boceta perfeita.

Grace pressiona os lábios um no outro, mas seus olhos sorriem. Phoebe quer

abri-la, soprar um fluxo de ar no seu clitóris, mas está sendo delicada. Está indo devagar. Ela lambe a perna de Grace até o flexor do quadril — Phoebe não é ótima com anatomia, mas pesquisou quando ficou sabendo que era por isso que a jogadora estava afastada —, ela lambe até o local e então planta beijos de leve lá. Grace abre mais as pernas.

— É? — pergunta Phoebe, ainda beijando a área.

Grace faz que sim.

Phoebe então beija a boceta dela. Mantém os olhos nos de Grace, com a boca fechada e suave. Quer sentir o gosto dela de novo, mas a língua continua guardada. Isso não é para ela. Ela evita contato direto com o clitóris até Grace deslizar a mão para o cabelo de Phoebe e a segurar ali.

— Por favor — pede Grace, e Phoebe obedece.

As duas gemem quando Phoebe enfim deixa a língua entrar nas dobras de Grace. O gosto faz Phoebe fechar os olhos, extasiada, e, quando volta a abri-los, Grace finalmente fechou os seus, jogou a cabeça para trás, com o queixo apontado para o teto.

Dali, não demora muito.



Depois, não há escolha a não ser ficarem abraçadinhas, dado o tamanho da cama de Phoebe.

Grace muda de posição nos braços dela.

— Será que tudo bem se a gente… continuar a nossa conversa de antes?

Phoebe não precisa de mais — quando Grace chegou, ela tinha certeza de que precisaria de um pedido de desculpas, bajulações e que Grace entendesse por completo por que ela estava magoada. Agora, estendida na cama de solteiro que veio com o apartamento, sem ter para onde ir a não ser ficar pressionada no corpo nu de Grace, Phoebe nem liga para a briga.

— Claro — diz ela, apesar de não se importar. — Eu não queria te distrair com sexo. Só precisava muito te beijar.

— Não estou reclamando — responde Grace. Ela pressiona os lábios na pele do ombro de Phoebe. — Mas acho mesmo que você tem TDAH. E que tomar o remédio ajudaria.

Phoebe dá de ombros.

— Mas eu não sou hiperativa.

— Uma vez você me disse que é tipo um cachorro e que, se não sai para correr a cada poucos dias, fica inquieta.

Tá, justo.

— Sim, verdade, mas, tipo, eu consigo me concentrar nas coisas.

— Assim que você vê que um vídeo do TikTok tem parte dois, você para de assistir.

— Bom, consigo me concentrar em algumas coisas. Tipo, se eu tiver TDAH, então por que consigo me concentrar em te chupar o tanto de tempo que você deixa?

— Phoebe — diz Grace —, quem tem TDAH consegue se concentrar nas coisas que interessam.

Phoebe não sabe o suficiente sobre TDAH para debater.

— Não estou tentando fazer você se sentir mal — fala Grace, rápido. — Só acho que o remédio pode mesmo te ajudar.

É fofo que Grace queira ajudá-la. Mas Phoebe já tem problemas demais para resolver.

— Sinceramente, eu tenho tantas outras preocupações agora. Talvez, quando as coisas se acalmarem um pouco, eu possa investigar, mas, agora, preciso continuar trabalhando para ser convocada.

Especialmente dado o seu desempenho na sexta, não que ela vá mencionar isso. Ela não entende como Grace acha que ela derrubou Kelsey por ter TDAH ou sei lá o quê. Não importa. Ela o fez, independente do motivo, e isso provavelmente deve tê-la prejudicado aos olhos de Amanda. Vai ter que trabalhar o dobro para compensar.

— Tá, mas, Phoebe, eu posso mesmo te ajudar nisso — diz Grace.

A irritação coça o fundo do cérebro de Phoebe. Ela não quer falar disso. Quer ficar abraçadinha com a namorada que ama coisas nela.

— Sério. — Phoebe dá de ombros, e a cabeça de Grace, que está no seu ombro, se mexe junto. — Onde eu teria que fazer o teste? Como ia pagar? Mesmo que eu seja diagnosticada ou sei lá o quê, como vou pagar o remédio?

— O time tem convênio — responde Grace.

— Sim, eu tive convênio quase a vida toda. Não quer dizer que o acesso à saúde

tenha sido barato.

É constrangedor falar disso com Grace, que obviamente não cresceu pobre. Tecnicamente, o Desenvolvimento Olímpico é gratuito para quem se qualifica, mas, para isso, você precisa de equipamento e fazer parte de um bom programa, ou seja, um time que viaja, o que significa dinheiro para gasolina, hotéis e alimentação enquanto está longe de casa. Além do mais, Grace começou a ser patrocinada, tipo, aos dezesseis anos — mesmo que tenha sido pobre um dia, não é mais. Phoebe não se importa de ser pobre, na maioria das vezes. Não se importa de ter dois empregos se um deles é jogar futebol. Ela sabe que a sua família e ela não são "más" pessoas em algum sentido só porque não estão bem de vida. Não dá para economizar e sair de empregos que pagam um salário mínimo e reduzem a jornada de trabalho e cujos empregadores querem destruir os sindicatos. Especialmente quando o seu filho mais novo precisa de bloqueadores de puberdade e, depois, hormônios, e o seu convênio finge que é tudo "eletivo". Phoebe odeia lidar com convênios. Sempre são caros demais enquanto tentam fazer você sentir que deveria ser grata por simplesmente tê-los.

— A cobertura de medicamentos é bem completa — diz Grace. — Eu podia te ajudar…

— Olha, obrigada pela preocupação, mas realmente não estou interessada em tomar remédios que me desacelerem.

— Essa é uma percepção errada. É…

— Grace, sério. Deixa isso para lá.

Ela não precisa de Grace cuidando dela. Mesmo que o peito de Phoebe fique quentinho com o fato de que ela quer fazer isso. Ela queria ser mais gentil na sua rejeição.

— Você é uma querida, tá? Só não consigo pensar nisso agora — diz ela. — Talvez eu veja depois, mas já me falta tempo no dia para fazer tudo o que quero. Praticamente todo minuto que não estou com você, eu dedico a um dos meus dois empregos. Quer dizer, óbvio, você está comigo num deles também, mas, enfim, você entendeu. Meu sonho de jogar na seleção pode estar se realizando, mas não posso pedir demissão da lanchonete porque não tem garantias. Se eu não for convocada para a Copa, vou precisar das horas de garçonete. Meu telefone morre de maneira aleatória, e eu não tenho dinheiro nem tempo para comprar um novo. Seria de se imaginar que eu fosse ter, com o bônus do sHeroes, mas comprei passagens de

avião para a minha família e enviei o restante para eles. Meus pais têm o convênio merda que dá para pagar, e isso não vai cobrir a mamoplastia do Teddy. Mesmo que eu seja convocada e ganhe bônus e dinheiro extra por estar na seleção… quer dizer, nem sei de quanto eu precisaria para pedir demissão, para me sentir confortável pedindo demissão. Não consigo imaginar isso. E, sim, acho que eu podia olhar as minhas finanças e as finanças da minha família e tentar descobrir, mas isso em si já é trabalho. É avassalador. Não tem tempo suficiente no dia. Fico feliz por você achar que pode me ajudar com isso, sério, mas não tenho tempo. Não tenho dinheiro. Não tenho nem energia. Então, é mais fácil não pensar. Tá?

Phoebe odeia ser vulnerável em relação a dinheiro, mas é mais fácil ser sincera. E, enfim, ela não quer que pareça que não valoriza o fato de Grace gostar dela. É muito importante que esteja tentando ajudá-la, apesar de Phoebe não aceitar a ajuda.

— Tá — responde Grace, baixinho.

Phoebe aperta mais os ombros da namorada e pensa em *amor*.

Trinta e três



Aqueles sentimentos que Grace disse a si mesma que não podia ter — ela tem.

Ela está ficando mais forte a cada dia de treino, exceto pela forma como os seus joelhos ficam fracos perto de Phoebe.

Não literalmente, claro, mas ela está começando a entender a frase.

Ela amoleceu.

Ainda é ela mesma — discreta e introvertida —, mas tem algo diferente. Como se antes ela tivesse um exoesqueleto, mas tivesse crescido além dele e agora não houvesse nada para protegê-la. Depois de Kelsey, Grace não saiu com ninguém. Não se abriu. Disse a si mesma que era uma questão de confiança. Disse a si mesma que as pessoas a usariam, a magoariam se ela se abrisse. Em relação a algumas pessoas, ela com certeza tinha razão. Era um bom motivo e funcionou. Mas com Phoebe…

Com Phoebe, aconteceu algo ainda pior. Grace deveria ter mantido Phoebe longe, porque pelo menos não teria se apaixonado por ela. Elas não podiam ter sido mais claras a respeito de como a situação toda começou — nenhuma delas queria um relacionamento —, e agora o coração de Grace tem que traí-la ao flutuar quando Phoebe sorri para ela.

Phoebe é o que mais deixa Grace mole. Grace antes precisava ficar sozinha para se recuperar da convivência com outras pessoas, mas, agora, quando está sozinha em casa, sente-se solitária. Ela preferia a casa tranquila, mas parece silenciosa sem Phoebe lá, falando, ou rindo, ou vendo TikTok. Pensar em Phoebe faz as entranhas dela — e ela odeia essa palavra, tão vaga e pouco científica — ficarem todas flutuantes. Ela não passa muito tempo pensando em onde estão os órgãos dentro do corpo, mas, quando pensa em Phoebe, todos parecem subir, como se tivesse um

balão de gás hélio amarrado em cada um, como se, caso não balance a cabeça para clareá-la, ela fosse sair voando. Isso também parece bobo: ela precisa fazer algo para se impedir fisicamente de… *sonhar acordada* com Phoebe. Dá vergonha, mesmo que ela *nunca* vá contar a ninguém.

É por isso que Grace não consegue largar mão da história do TDAH. Porque pensar no TDAH de Phoebe é mais fácil do que pensar em Phoebe em qualquer outro sentido.

Além do mais, isso não tem a ver com Phoebe. Bom, literalmente, tem a ver com Phoebe, mas não é porque ela seja *especial*. Grace faria isso por qualquer uma das jogadoras do time. Ela as ajuda a serem a sua melhor versão. Mesmo que esteja abrindo mão de ser capitã, não vai abrir mão disso. Phoebe é companheira de time e amiga dela, e ser diagnosticada com TDAH poderia facilitar a sua vida. É motivo suficiente para Grace fazer isso. Não precisa haver nada mais por trás.

A primeira coisa que Grace faz é baixar o TikTok. Ela precisa falar a língua de Phoebe. Na semana em que Phoebe não parava de falar de D.B. Cooper, ela até encontrou alguns TikToks sobre o assunto. Então também deve ter TikToks sobre TDAH.

Grace nunca entendeu direito o app. O time faz "*Fits* de Dia de Jogo", filmando as jogadoras ao chegarem no estádio. Logo que isso começou, a forma como todo mundo se vestia mudou de maneira drástica — sinceramente, os *sapatos* que algumas das garotas usam —, mas Grace ainda aparece quase sempre de calça de moletom preta e camiseta branca. Essa é toda a sua experiência com o TikTok.

Ela subestimou o app. Tem um vídeo, vários vídeos, para qualquer coisa que ela queira encontrar: como os remédios de TDAH ajudam, quais são os sintomas menos conhecidos do TDAH, como o TDAH pode se manifestar, como é para mulheres, como é ser diagnosticado na vida adulta. Ela coleciona nas suas curtidas os vídeos mais esclarecedores. Se não conseguir convencer Phoebe a ir ver um médico, isso vai ajudar.

Grace já tinha quase certeza de que Phoebe tem TDAH, mas, depois de navegar pelo TikTok do TDAH, ela tem *muita* certeza. Mesmo assim, precisa descobrir como lidar com isso. Sua opinião é só isso: uma opinião. Ela não pode saber de verdade o que é melhor para Phoebe. Ela não tem TDAH.

Portanto, passo dois: ligar para a irmã.

— Preciso da sua ajuda. — Desta vez, é Grace quem pula a conversa fiada.

— Um segundo, estou recebendo outra ligação — diz Harmony. — Sim, é do meteorologista, aparentemente o inferno acabou de congelar.

— Cala a boca. Eu já te pedi ajuda antes.

— Literalmente *nunca*.

— Bom, se você age assim quando peço ajuda, talvez dê para entender por que eu não peço.

Harmony suspira.

— Tá, tá, tudo bem, do que você precisa?

— Eu pesquisei sobre TDAH, mas ainda tenho algumas dúvidas e pensei que você poderia me ajudar.

Grace tem papel e caneta à sua frente, pronta para tomar nota das respostas da irmã.

— Tá…?

— Qual foi o processo para ser diagnosticada? Foi difícil para você?

— Bom, tipo, depois de realmente chegar na parte do diagnóstico, não, não foi tão difícil — diz Harmony. — Mas tudo que levou até isso foi meio que uma porcaria.

— Tipo as suas notas?

— Tinha a ver com mais do que notas, Grace. Obviamente tenho orgulho de mim mesma por ter me formado com louvor, mas nem tenho amigos do primeiro ano da faculdade, porque eu era muito instável. Esquecia o nome das pessoas e era ruim tanto em fazer quanto em manter planos. Eu tinha muita dificuldade de me ajustar à universidade porque era uma mudança bem grande e eu não conseguia autorregular as minhas emoções de jeito nenhum. Meu amor-próprio estava no fundo do poço. Tomar remédio me ajudou a organizar a minha vida.

Parece familiar. A forma como Phoebe tem certeza de que há partes dela inerentemente *ruins*.

— Tá, olha, eu estava esperando você me explicar isso no seu próprio tempo — diz Harmony —, mas você não explicou, então… — Elas não estão conversando nem há dois minutos. — Você precisa me dizer por que está perguntando tudo isso. Você não acha que tem TDAH, né?

— Não — responde Grace.

TDAH não é e nunca foi a questão dela. Apesar de o TikTok de TDAH ter levado ao TikTok de autismo e isso é… algo que talvez ela investigue mais quando

tiver um tempo extra, mas, por enquanto, isso não tem a ver com ela.

— Tem uma garota, a Ph…

— Tem uma *garota*? — guincha Harmony.

— Nunca mais vou te pedir ajuda.

— Grace, sério, é justo eu ficar animada. Você nunca falou comigo de uma garota antes!

Não pode ser verdade, né? Ela não tem nada para mencionar há anos, mas, com certeza, quando elas eram mais jovens — exceto que Grace só saiu do armário aos dezoito e já estava jogando no Lyon na época.

— Bom. Enfim. É. Phoebe. Ela joga no time e…

— Meu Deus do céu, você gosta da garota que eles contrataram para te substituir.

De vez em quando, Harmony faz alguma coisa que lembra a Grace que ela não odeia futebol como finge odiar.

— Ela não vai me substituir — diz Grace.

— Não, quer dizer… tipo, obviamente eu quis dizer só durante a Copa. Não que você vá ser substituída.

Grace se pergunta se o pai contou a Harmony sobre a conversa que eles tiveram, se ela está sendo delicada por causa disso ou só porque está se sentindo fofa.

— Acho que ela pode ser convocada para a Copa — fala Grace, pela primeira vez em voz alta.

Ela ficou preocupada que Phoebe fosse ser convocada para a Copa durante todo o tempo em que esteve fora por causa da lesão, preocupada que ela pegasse o seu lugar na seleção. Mas é a primeira vez que Grace pensa nela *e* em Phoebe sendo convocadas.

Phoebe sugeriu isso no Café du Monde, mas Grace não tinha achado que era de fato uma opção. Eric não as colocaria em posições diferentes; foi só isso que ela pensou na hora. Ainda não vai colocar, provavelmente, mas mesmo assim.

— Acho que ela deveria ser.

— Caralho. Sério?

— Sério. Ela está se esforçando muito, só que obviamente tem um TDAH não diagnosticado e está se recusando a procurar um médico.

— Bom, faz sentido — diz Harmony, apesar de não fazer. — Olha, tinha tanta coisa rolando comigo que eu nunca teria sido diagnosticada por mim mesma. Estava

desesperadamente tentando não reprovar nas aulas. Não tinha espaço mental nenhum para pensar em diagnóstico. Foi o meu pai que marcou a consulta, colocou no calendário da família, me levou de carro até lá. Eu não tinha ideia do que fazer sozinha.

— Então, eu devia marcar uma consulta para a Phoebe — fala Grace.

É fácil. A essa altura, ela já sabe o cronograma de Phoebe. Desde que o médico não tenha muita fila de espera, Grace consegue resolver isso rápido.

— Hum, você quer que ela saiba que você gosta dela?

Os pensamentos de Grace gaguejam até parar.

— Quê?

— É meio que uma coisa grande — diz Harmony.

— Como assim? Não é, não. Essa que é a questão. Não é nada de mais para alguém sem TDAH, por isso que eu posso fazer isso.

— Só estou falando. Ela provavelmente vai achar que é uma coisa grande.

Bom. Talvez não seja o fim do mundo. Talvez ela possa matar dois coelhos com uma cajadada só.

— Vamos ver — diz Grace. — Enfim, obrigada pela ajuda e obrigada por ser só um pouquinho cuzona.

— Sou eu mesma, só um pouquinho cuzona.

Elas conversam um pouco mais, Grace perguntando sobre a vida de Harmony e então se sentindo culpada por não ser mais próxima da irmã. Talvez ela possa mudar isso, agora que está fazendo as coisas que quer fazer.

Marcar a consulta para Phoebe *não* é nada de mais, mesmo. Leva mais meia hora de pesquisa, dois telefonemas e uma conversa curta com a recepcionista para explicar por que Grace não sabe a data de nascimento da paciente e será que seria possível isso ser preenchido depois? Só resta contar a Phoebe.

Se Phoebe agir estranho por achar que é demais, Grace pode deixar para lá. Mas se Phoebe estiver… aberta, talvez Grace possa explicar como ficou mole.

Grace não quer explicar isso, mas não do mesmo jeito que em geral não quer fazer as coisas. Não, é pior, porque é como o que aconteceu quando Kayla perguntou se ela ia parar de falar com a imprensa: Grace não tinha pensado nisso antes, mas, assim que pensa — não quer fazer porque está com medo, mas *quer* fazer desesperadamente. Quer que já esteja feito. Quer estar do outro lado, já ter acabado com isso. Ela não sabe como fazer isso, e, mesmo que vá bem, não sabe

também como fazer o que vem depois. Nunca esteve num relacionamento já adulta. Não algo real. Mas, se conseguir passar por esta parte, a parte assustadora, a parte de admitir coisas — se isso for bem, Phoebe vai ajudá-la no que vem depois. E tem quase certeza de que vai conseguir lidar com isso.

Trinta e quatro



Quartas-feiras são o dia de descanso de Phoebe.

Bom, não de verdade, porque ainda tem treino — e ela está se dedicando em dobro para compensar o fato de ter sido suspensa no jogo do último fim de semana, dada toda a situação do cartão vermelho. Givhan ainda não falou diretamente com ela desde que Phoebe foi expulsa na primeira partida, há uma semana e meia.

Mas a questão é que Phoebe nunca pega um turno às quartas na lanchonete. É uma boa folguinha de meio de semana.

É especialmente necessária nesta semana, dado que ela virou a noite na terça. Em geral, ela não pega mais esses turnos, mas precisavam de alguém, e ela sabia que poderia dormir na noite seguinte, e, de todo modo, Dallas também estava trabalhando, o que quer dizer que eles se revezaram para dormir quando não tinha cliente.

Grace sabe que Phoebe tira as quartas de folga, mas *não* sabe que ela ainda pega o turno da noite às vezes. Então, quando para ao lado de Phoebe para reamarrar os cadarços e pergunta se ela vai para a casa dela depois do treino, o que Phoebe pode fazer exceto dizer que sim?

Provavelmente vai acabar sendo um problema — não Phoebe pegando esses turnos, mas o fato de que Grace só fala algo sobre elas namorarem quando não tem mais ninguém por perto. Ela nunca usou a palavra *namorada*. Phoebe vai cometer um deslize. É questão de tempo. Ou isso, ou vai chegar a um ponto em que não vai mais aguentar. Phoebe é espalhafatosa, afetuosa e incrivelmente assumida. Ela não foi feita para relacionamentos secretos, não assim, não em longo prazo.

Mas esse é um problema da Phoebe do futuro.

O problema principal da Phoebe de agora é o tanto que ela está cansada pra

caralho.

— Lilly, eu sei que a sua mãe não cochila, mas com certeza você vai cochilar comigo — diz Phoebe assim que pisa na casa de Grace.

O gato, como sempre, está bem mais focado em berrar com Grace até ela dar petiscos do que em qualquer coisa que Phoebe tenha a dizer. Phoebe se joga no sofá sem mover nenhuma das almofadas, depois precisa se contorcer um pouco para tirá-las de debaixo de si e ficar confortável. Em vez disso, ela empilha todas em cima de si. Meu Deus, como é bom deitar.

Depois de um tempo indeterminado — só o suficiente para ter quase pegado no sono —, Grace pigarreia. Phoebe abre um olho. A namorada está empoleirada na ponta do braço de uma poltrona, ao lado do sofá.

— Queria falar com você sobre uma coisa — diz ela.

Phoebe sente que alguém jogou água gelada na cabeça dela. Sempre que alguém tem que te avisar que quer falar com você em vez de só falar com você, nunca é bom.

— Não é ruim — diz Grace como se estivesse lendo a mente dela.

Ela provavelmente está lendo sua expressão — Phoebe deve parecer tão apavorada quanto está. Ela dá de ombros para disfarçar a forma como os seus ombros subiram para as orelhas, apesar de estar deitada.

— O que foi?

— Eu sei que você me disse para esquecer a coisa toda do TDAH.

Phoebe suspira. Supõe que esteja grata por Grace não estar terminando com ela ou algo assim, mas não consegue imaginar esta conversa indo muito melhor do que a última sobre o assunto.

— Eu pesquisei um pouco — conta Grace. Ela está brincando com um fio solto numa almofada em vez de olhar para Phoebe. — E conversei com a minha irmã; eu te disse que ela tem TDAH. Queria saber como ajudar.

— Grace, já falei que está tudo bem. Eu…

— Me deixa terminar. Por favor.

Phoebe fica quieta.

— Você disse que não tinha tempo de pensar nisso — fala Grace, enfim. — O que faz sentido. Eu entendo por que seria coisa demais. Mas, de novo, eu queria ajudar. Então… — Ela muda de abordagem. — Tudo bem se você não quiser fazer isso. Eu não vou ficar ofendida. A vida é sua, claro, e não quero pressupor nada.

Quer dizer, eu pressupus, antes, achando que você tomava remédio para começo de conversa, e não quero fazer isso de novo. Não quero…

— Grace — interrompe Phoebe. — Me conta logo.

Grace respira fundo. Ela esfrega o fio solto da almofada entre os dedos.

— Dei uma olhada no nosso convênio, e eles pagam teste e medicação. Então, marquei uma consulta para você, daqui a duas semanas, com um médico que aceita o convênio. Você pode ser diagnosticada. Se quiser.

Phoebe se senta, ignorando as sete almofadas que caem no chão.

— Espera, quê?

— Marquei uma consulta para você talvez diagnosticar o seu TDAH — repete Grace. — Se você quiser.

— Você fez tudo isso por mim?

— Não é *tudo isso* — diz Grace. — Eu sei que teria sido difícil para você, mas não foi para mim. Foi simples.

— Mas não só tipo… tipo, você fez mais do que só ligar para um médico aleatório. Você pesquisou para garantir que o convênio cobria e que o médico aceitava o nosso convênio?

— Bom, tinha uma variedade de especialistas em TDAH que aceitavam nosso convênio, então também li as avaliações dos pacientes.

— Grace.

— Eu posso te mostrar as avaliações, e os TikToks que achei, e…

— Os TikToks que você achou? Sobre o médico?

— Não, sobre ser diagnosticado com TDAH na vida adulta.

— Você pesquisou TikToks por mim?

Grace faz que sim.

Essa *garota*. Phoebe não consegue evitar o sorriso que domina o seu rosto.

— Meu Deus, eu te amo — diz ela, e Grace congela.

Ela congela. Completamente. Os dedos param de brincar com a almofada, o rosto fica inexpressivo e branco, todo o sangue é drenado dele. O cérebro de Phoebe alcança a boca, e ela entra em pânico.

— Quer dizer, tipo, não precisa… eu sei que você não quer um relacionamento. — Ela tenta dar uma piscada, percebe que é uma daquelas piscadas ridículas, extravagantes, exageradas de líder de torcida. O rosto dela parece estar pegando fogo. — Eu só quis dizer… você sabe. Enfim. Obrigada. Era isso que eu estava

tentando dizer.

É apenas uma expressão, só que não. Ou — *é*, obviamente, mas Phoebe não usou nesse sentido. Ela falou *sério*. Ela ama Grace Henderson. Pela expressão de Grace, porém, não é recíproco. E tudo bem! Mesmo! Ela ama coisas em Phoebe — disse isso a ela, gritou para ela, na real, sobre todas as coisas que ama nela. Então tudo bem. Desde que Phoebe não a tenha assustado com as suas palavras.

— Certo — diz Grace, a voz sem um pingo de emoção. — De nada. Como falei, a consulta é daqui a duas semanas, às cinco, para você não ter que perder o treino.

Tá, Phoebe tem que consertar isso. Grace parece atordoada. Mas ela não expulsou Phoebe da casa dela nem nada do tipo. E se deu ao trabalhão de marcar a consulta e tudo o mais. Não é algo que se faz por alguém de quem você não gosta. Phoebe só tem que não ser esquisita em relação a isso, e tudo vai ficar bem. Ela não pode retirar o que disse, mas pode distrair. Ela sai do sofá e vai se sentar no braço da poltrona de Grace.

— Ei — diz ela, e se força a desviar o olhar das mãos de Grace e manter o contato visual em vez disso. — Deixa eu te agradecer de um jeito melhor? Um jeito que não seja a minha boca idiota me envergonhando e deixando tudo estranho.

— Você não… — Grace engole em seco. — Está tudo bem. Sua boca não fez nada.

Phoebe aproveita a oportunidade da insinuação e sacode as sobrancelhas.

— Então que tal eu te mostrar o que ela pode fazer?

Grave revira os olhos, mas um sorriso aparece. Phoebe a beija. Pronto. Melhor assim. Ela vai agradecê-la desse jeito, e as duas podem esquecer que ela falou qualquer coisa ou pelo menos fingir que esqueceram e vai ficar tudo bem.

De todo modo, Phoebe tem outras coisas em que pensar. O próximo jogo delas é no sábado. Não falta muito para a próxima concentração, a última antes da Copa do Mundo. E agora ela tem uma consulta médica em duas semanas. Tem tantas coisas mais importantes do que se Grace a ama ou não.

Porém, quando começa a carregar Grace na direção do quarto, isso não parece verdade. Pela primeira vez na vida de Phoebe, algo parece mais importante do que jogar na Copa do Mundo. Ela quer Grace mais do que quer ser convocada.

O pensamento atinge Phoebe com tanta força que ela precisa parar e colocar Grace na mesa do corredor. Ela encosta a testa na dela. Inspira, trêmula. Está tão encrencada.

Mas é como ela disse a Grace sobre o TDAH — é mais fácil não pensar nas coisas que ela não pode mudar. Ela beija Grace, a boca traindo o seu desespero, então a pega no colo de novo e a carrega pelo restante do caminho até o quarto.

Trinta e cinco



Grace tem se reintegrado ao treino, passo a passo, há mais de três semanas, quando Dawn diz a ela:

— Vou te liberar para jogar.

Por algum motivo, ainda é um choque.

Depois de quase dois meses na lateral, desesperada para voltar a jogar, de repente ela está na escalação de sábado. Daqui a dois dias e meio. Não poderia ter acontecido num momento melhor.

Na noite passada, Grace estava pronta para dizer a Phoebe que tem sentimentos por ela. Graças a Deus Phoebe a impediu antes de ela perder totalmente a dignidade. Phoebe disse *eu te amo* do jeito que diz o tempo todo, do jeito que ama Rodriguez quando ela divide um elástico para prender os cabelos ou Stuart quando ele tira manchas de grama da camisa dela, apesar de esse ser o trabalho dele. Ela disse *eu te amo*, e Grace congelou. Não conseguia respirar.

Phoebe notou — como não notaria? — e fez uma das suas piadas sobre não querer um relacionamento. Grace não sabe quando essas piadas pararam de ter graça — ou, bom, ela nunca as achou especialmente engraçadas. Mas agora parecem quase cruéis. Parecem feitas para fazer Grace se sentir tola. Sempre que ela tem alguma ideia vagamente romântica sobre os seus sentimentos, Phoebe destaca que não é recíproco.

E tudo bem. Grace e Matthews são companheiras de time coloridas, e funciona bem para Grace. Ela gosta do relacionamento delas como é. Não tem necessidade de mudar uma coisa boa.

Nada disso tem importância, de todo jeito. O que importa é que Grace vai voltar aos gramados. O que importa é que o agente dela enfim marca aquela entrevista

com Megan Thrace, a última entrevista de Grace. O que importa é quando Eric diz:

— Bem-vinda de volta, capitã.

Grace percebe que chegou a hora. Ela ia acabar tendo que contar a ele.

— Sabe, treinador — diz ela, enrolando —, andei pensando.

— Isso nunca é bom.

Ela ri, porque é isso que ele quer, porque ele acha que é engraçado. Ele acha muitas coisas — que é um bom gerente, que o time nunca precisa mudar de tática, que sabe mais do que todo mundo.

— E se você colocasse Matthews de primeira volante e eu num papel mais de ataque?

Não é o que Grace ia dizer. Ela ia dizer que desistiu oficialmente do papel de capitã para sempre, mas o que sai é uma sugestão que ele não vai aceitar.

Ela tem razão, claro — ele dá uma risadinha.

— E por que eu faria isso quando enfim tenho a chance de colocar a bunda dela no banco pelo que fez na abertura?

Grace o ignora.

— Eu estou pronta para jogar, mas você sabe como é voltar de uma lesão. O condicionamento sempre é uma preocupação.

— A Dawn disse que você estava bem.

— Eu estou — diz Grace, e, desta vez, é verdade. — Jogar de segunda volante é uma grande responsabilidade para alguém que não joga noventa minutos há meses. Se Matthews entrar como primeira, eu tenho a oportunidade de fazer o meu trabalho, mas correr menos quilômetros em campo.

— Por que eu mudaria algo que funciona há anos? Ou você esqueceu que ganhamos o escudo duas vezes consecutivas?

— Conseguir ter sucesso num certo estilo de jogo é diferente de ser excelente nele. Só porque funcionou no passado não quer dizer que seja o certo para o time agora. — Grace respira fundo. — E, seguindo nesse assunto, conversei com a Sorrell. Ela vai continuar como capitã.

Eric fica boquiaberto.

— Você está mesmo me dizendo que vai me deixar na mão ao mesmo tempo que me pede um favor?

— Eu não vou te deixar na mão.

— Vai deixar o time, então.

Ela *definitivamente* não vai deixar o time na mão.

— Isso é o melhor para o time — diz Grace. — E colocar Phoebe como seis e eu como dez também.

Eric revira os olhos.

— Essa é a sua opinião.

Eric é tão pouco profissional que Grace nem sabe por que achou que ele fosse ligar para o que é melhor para o time.

— Que tal o seguinte? — propõe ela. — Você me dá um jogo. Coloca nós duas na escalação. Se não funcionar, continuo como capitã.

É a última coisa que Grace quer, mas ela está confiante. Elas são capazes disso. Ela sabe que são.

— Qual é? Matthews sabe algum podre seu ou algo assim? Para você defender a garota desse jeito?

Grace não está defendendo Phoebe; está defendendo a si mesma. Ela não explica isso a Eric. Não precisa explicar nada a ele.

— Temos um acordo?

— Tá bom — diz Eric. — Que seja. Mal posso esperar para esse experimento ridículo fracassar.

Grace vai fazer esse homem engolir aquelas palavras.



Ela não conta a Phoebe que conversou com Eric. Não tem por que colocar pressão na garota. Grace agora reconhece o efeito da pressão numa pessoa. A forma como pode moldar sua vida e transformá-la em algo que nunca quis.

As coisas com Phoebe estão surpreendentemente normais. Ela faz dupla com Grace nos exercícios, rouba um beijo de despedida depois do treino antes de sair saltitando para o seu turno da noite na quinta. Nada mudou. Nada foi arruinado. Não como teria sido se Grace de fato houvesse admitido os seus sentimentos. Em vez disso, elas fingem que não estão à beira de algo novo e continuam tudo como está.

De todo modo, as duas têm outras coisas em que se concentrar. Phoebe tem o emprego dela, a convocação e a consulta médica em duas semanas. Grace tem o seu primeiro jogo de volta, daqui a dois dias, sua única chance de provar que Phoebe e

ela deveriam jogar juntas, e a última entrevista da vida na manhã seguinte. Grace tem Amanda, que liga naquela noite para parabenizá-la.

— Nunca tive dúvidas de que você voltaria, e melhor do que nunca — diz Amanda. — A Dawn anda atualizando a Ilse, e quero dizer o quanto estou orgulhosa de você tirar um tempo para descansar e se recuperar. Mal posso esperar para te ver jogar no sábado.

— Sobre isso — fala Grace. — Você devia ver a Phoebe também. Matthews.

No segundo de silêncio que se segue, Grace se pergunta o que raios está fazendo. Mas, então, Amanda responde:

— Devia, é? — diz, com um tom curioso, não de julgamento.

— Ela vai estar de segunda volante. — Grace não se dá a chance de questionar. Também não explica que teve que subornar Givhan para que ele montasse esse esquema de jogo. — E eu sei que você é a técnica. Sei que as decisões de convocação são suas. Sei que você não tem que ouvir o meu conselho e vou entender se não ouvir. Mas a gente devia levar ela para a Austrália.

Ela faz uma pausa para respirar e, quando Amanda não rejeita a ideia de imediato, Grace entende que tem permissão para continuar.

— Ela é muito talentosa e só melhora. Não sei onde pode chegar. Sei que o Eric contratou ela para me substituir enquanto eu estivesse fora com a seleção nesta temporada, mas ela é bem mais do que uma substituta minha. Ainda não jogamos juntas, mas, nos exercícios, em amistosos, jogar com ela é como jogar futebol quando eu era criança, quando eu fazia isso por diversão e não colocava tanta pressão em mim mesma. Quando era só um jogo.

É pessoal demais, emotivo demais. Grace deveria ter se mantido nos fatos, listado as habilidades de Phoebe, dito a Amanda tudo o que ela pode trazer ao time. Um argumento racional não pode ser negado. Os sentimentos dela não deveriam ser parte disso. Ela tenta puxar as rédeas.

— Podemos contar com ela nas bolas paradas. Você viu em primeira mão como ela é boa para bloquear, como está em forma. Eu já vi ela perseguir jogadoras que dispararam com a bola e que ela nunca devia ter conseguido alcançar. Pergunta para qualquer um do Krewe, ela é a jogadora mais esforçada do time. Seria um trunfo para a seleção.

Quando Grace termina, suas narinas estão abertas, o coração batendo forte como se fosse o fim do teste do bipe.

— Gostei disso — diz Amanda, enfim. — De você falando assim. Você sempre foi meio de só dizer sim. Gostei de ver você defendendo o que acredita.

Grace engole em seco. Não sabe o que deveria responder.

— Vou ficar de olho em vocês duas no fim de semana — fala Amanda. — E parabéns de novo pela volta. Tenho a sensação de que vai ser triunfal.

— Obrigada.

Grace desliga o telefone. Seu peito chia a cada respiração.

O que ela acabou de fazer?

Grace não tem opiniões sobre a convocação.

Grace não fala com técnicos em nome de outras jogadoras.

Mas ela já quebrou todas as suas regras no que diz respeito a Phoebe. Disse que não estava interessada em sexo casual, e elas começaram a transar. Disse que não estava querendo um relacionamento, e foi lá e começou a se apaixonar. Disse que se aproximar dela não ia dar vantagem a Phoebe para ser convocada ou ter tempo de jogo, e agora está falando sobre ela não com um, mas dois técnicos.

Quando aconteceram as coisas com Kelsey, Grace não contou a ninguém. Era vergonhoso. Ela se sentiu tonta. E, de todo modo, não era da conta de ninguém. Então, ela havia guardado aquilo para si.

Tinha feito isso com Phoebe também, claro. Ninguém sabe que elas são amigas coloridas. Ninguém, com a exceção de Harmony, sabe que Grace tem algum tipo de sentimento além disso, e, mesmo assim, elas nem conversaram sobre isso.

As coisas com Phoebe podem ainda não ser da conta de ninguém, mas Grace precisa de um conselho.

Ela escreve a mensagem de três formas diferentes antes de enfim enviar. Só para Madeeha, a mais gentil das suas amigas. Quando conversam sobre companheiras de time, é comum usarem sobrenomes, então, de início, Grace a chama de *Matthews*, mas parece distante demais. O motivo todo de contar a Madeeha é que Grace se aproximou muito. Então ela troca para *Phoebe Matthews*, mas é pior, como se não fosse ficar clara a pessoa de quem ela está falando sem o nome completo. Só *Phoebe*, então.

Estou transando com a Phoebe.

Talvez Grace vomite.

Tomara que Madeeha conte para Sarah, já que elas são casadas e provavelmente contam tudo uma para a outra. Vai ser bom receber conselhos de pessoas casadas. Obviamente, elas sabem como é estar num relacionamento com uma companheira de time.

Grace está esperando uma mensagem de volta, mas recebe uma ligação de FaceTime em vez disso. É Madeeha, o que, sinceramente, é uma *grosseria*. O certo é responder do mesmo jeito como a pessoa entrou em contato com você. Uma mensagem gera outra mensagem.

Pior ainda, quando Grace atende, não é só Madeeha — H também se aglomera na tela dela, e não só isso, mas tem uma terceira pessoa na ligação: Fish.

— Wilson, aquela mensagem era segredo — diz Grace, irritada, como se, trinta segundos atrás, não tivesse torcido para Madeeha espalhar a notícia.

— Eu não falei nada! — diz Madeeha. — Mas esta conversa vai exigir mais expertise do que a minha.

— Alguém quer me dizer do que raios a gente está falando? — pergunta Fish.

— Não precisa — fala Madeeha a Grace. — Só achei que mais opiniões poderiam ser úteis.

Provavelmente é verdade. Mas Grace não tem certeza de que consegue falar em voz alta.

Na tela, Madeeha assente, e Grace respira fundo e diz:

— Estou transando com a Matthews.

Merda, ela esqueceu que era para chamar de Phoebe. Tarde demais — Fish já está berrando *quê* sem parar.

— Não *acredito* que você não me avisou que era sobre isso — diz H a Madeeha.

A esposa a ignora.

— Courtney Trout, se você acordar a nossa bebê, juro por Deus.

Fish gargalha.

— Então abaixa o volume do celular! Você não pode me impedir de gritar por causa disso. Isso é ouro.

Grace não entende o que na situação é *ouro*. Ouro se ganha pelo primeiro lugar, então ouro significa *bom*, e isso não é *bom*. Exceto que talvez seja. Esse é o problema. Parece que é bom, ultimamente. Muito bom, bom o suficiente para que Grace queira fazer alguma coisa.

— Não acredito que você está transando com a Matthews — diz H.

— Como foi que isso aconteceu? — questiona Fish.

— Vocês duas não prestam atenção em nada? — pergunta Madeeha.

— Como assim? — diz Sarah, e Grace não tem certeza se ela está brincando ou comprovando o que a esposa falou.

— A Grace e a Phoebe estão se ciscando desde o segundo em que puseram os olhos uma na outra — conta Madeeha. — E como vocês não perceberam o que aconteceu durante o sHeroes?

— O que aconteceu durante o sHeroes? — pergunta Fish.

— A Matthews passou um dia e meio deprimida, depois voltou a parecer que ia assassinar a Kelsey — conta Madeeha. — E, quando fomos no bar depois, ela mal fez qualquer coisa fora olhar para a Grace como se ela fosse a porra da criadora das estrelas.

Grace não gosta que as pessoas especulem sobre os seus relacionamentos. Deveria ficar irritada. Mas sua reação principal é:

— Ela estava me olhando assim?

Madeeha gesticula para a esposa, tipo, *Viu?*

— Se vocês já estão transando, qual o problema? — questiona Fish.

— Eu quero… — Grace esfrega os dedos. — Namorar com ela.

Madeeha e H fazem sons de compreensão. Fish continua parecendo confusa.

— Então… fala para ela? — diz. — Como a hétero chaveirinho, estou deixando de ver algum motivo para que você não possa só dizer "Ei, Matthews, quero ser a sua namorada"?

O coração de Grace incha com a palavra *namorada*.

— Nós duas concordamos, quando isso começou, que não queríamos um relacionamento.

As outras três escutam enquanto ela expõe os detalhes. Na verdade, ela expõe os fatos gerais vagos em vez dos detalhes, o que prefere manter entre Phoebe e ela. Mas é suficiente para todas entenderem.

Ela explica como tentou falar alguma coisa e Phoebe a impediu, como ela quer tentar de novo. O fato de que conversou tanto com Givhan quanto com Amanda sobre colocar Phoebe para jogar — Grace tem que tentar de novo. Ela está com medo, mas…

Não quer admitir, mas, se precisasse escolher entre namorar Phoebe e ser

convocada para a Copa… não seria uma decisão difícil.

— Olha só — diz Fish, quando Grace terminou a sua explicação. — Ela com certeza está a fim de você.

— É óbvio que ela está a fim de mim. A gente está transando há meses.

— Não, tipo, romanticamente — fala Fish.

Grace balança a cabeça.

— Mas ela sempre me lembra que nenhuma de nós quer um relacionamento.

— É, provavelmente para despistar o quanto está obcecada por você.

— Fish, você não pode só falar isso — diz H. — Quer que a Grace declare o amor dela e se magoe?

Grace não falou nada de *amor*.

— Ninguém passa tanto tempo assim com uma amiga de foda — fala Fish.

— Não é tão simples quando você é sáfica — insiste H. — A gente realmente gosta de passar tempo junta fora do sexo. Eu sei que você e o Cam também gostam, mas parece meio raro para os héteros.

Fish revira os olhos.

— Todas as sáficas são burras assim?

H faz um som de desdém como se estivesse ofendida, mas Madeeha faz uma careta e assente.

— Você não lembra quanto tempo levou para a Sarah e eu nos entendermos?

— Meu senhor, sim. — Fish estremece. — Foi constrangedor para vocês.

— Espera aí, Madeeha, quer dizer que você também acha que a Phoebe está a fim de mim? Romanticamente, quer dizer? — pergunta Grace.

Os olhos castanho-escuros de Madeeha parecem tão suaves, mesmo pela tela do celular.

— Grace, estou te falando, o jeito que ela te olhou no bar… ela está a fim de você, romanticamente, há muito tempo.

Grace solta a respiração. Ainda não tem certeza de que acredita nisso, mas, de repente, parece mais possível. Talvez Phoebe também sinta algo por ela.

— Tá, então, você tem que fazer algo grande — diz Fish. — Deixar na cara o fato de que quer namorar com ela.

— Mas de um jeito específico para a Phoebe — fala Madeeha. — Não só uma declaração genérica.

— É uma boa ideia — comenta H.

— Ah, então, agora você concorda que Phoebe gosta dela — diz Fish.

— Eu confio na minha esposa — retruca H. Para Grace, completa: — Tipo, se tem algo que ela quer muito ou precisa e você pode dar… isso mostra que você presta atenção e se importa.

Grace não contou sobre a consulta que marcou para Phoebe. Pelo menos é uma confirmação de que foi uma coisa boa a se fazer.

— Talvez você pudesse comprar cartolina e uns marca-textos — sugere Fish. — Fazer tipo um projeto de ciências da escola.

— Você é tão velha que esqueceu que a Grace não se formou no ensino médio? — diz H.

— Se a gente estivesse no ensino médio, eu te enfiaria num armário.

Grace ignora a provocação brincalhona e considera.

Phoebe precisa de muita coisa, na verdade. O irmão dela precisa de cirurgia. A família precisa de um convênio médico melhor. Grace poderia fazer tudo isso. Ela não é ridiculamente rica, mas tem dinheiro, mesmo que nunca mais aceite outro patrocínio. Mas tudo isso parece sem sentido. Impessoal. Grace quer gastar dinheiro com Phoebe e com a família dela, quer ajudar, e vai, mas não é assim que quer… conquistá-la, por falta de palavra melhor.

É que é preciso dinheiro para dar essas coisas, só isso. Grace quer que Phoebe queira *ela*, não o seu dinheiro, ou o seu estrelato, ou o seu talento. Quer mostrar a Phoebe que ela é mais do que isso. Essas coisas são só o que ela permitiu que a maioria do mundo visse por tanto tempo. Phoebe sempre pareceu reconhecer que Grace é mais do que isso — talvez mesmo antes de a própria Grace reconhecer.

Voltando ao começo, quando elas começaram a passar tempo juntas, quando Grace a levou à Morning Call, Phoebe queria que ela aparecesse numa foto. Queria marcar Grace numa rede social. Na época, Grace pensou em Kelsey, e em ser usada, e em desconhecidos achando que sabiam da vida dela pela pequena fatia que chegava à internet.

— Eu devia sair do armário — diz Grace.

Fish e H ainda estão pegando no pé uma da outra, mas a declaração interrompe as duas.

— Quê? — fala H.

— A Phoebe fala da sexualidade dela, e isso é importante para ela.

— Grace — diz Madeeha. — Não sei se sair do armário por causa de alguém é

uma boa ideia.

Grace balança a cabeça.

— Eu não faria *por causa* dela, mas mostraria que estou falando sério. Para deixar na cara ou isso aí que Fish disse.

— Parece uma ótima ideia para mim — opina Fish.

— Sair do armário é uma coisa cheia de nuances — diz Madeeha. — Se você quiser fazer isso, Grace, óbvio que eu te apoio. Mas quero ter certeza de que está pensando direito no que isso significa. Em quantos artigos, colunas e tudo o mais isso vai disparar.

— Ah, mas eu não vou mais falar com a imprensa.

Tem um coro geral de *Peraí, quê?* Grace esqueceu que não tinha contado essa parte.

— É, hum, isso tudo é parte de, tipo, uma coisa maior. — Parece idiota, mas ela não sabe como explicar. — Em que eu não vou mais ser capitã nem falar com a imprensa.

— Você não vai ser capitã?

— A Sorrell vai ficar com a faixa.

— É uma boa escolha — comenta Fish. — Ela um dia vai ser capitã da seleção.

— É, quando você finalmente se aposentar — diz H.

— Esta ligação é sobre a Grace — fala Fish. — Dá para parar de ser cuzona por um segundo?

— Não sei, parece difícil.

— Sério, calem a boca, vocês duas — diz Madeeha, então se volta para Grace: — Estou orgulhosa de você. Por colocar limites para proteger a sua felicidade. Por ir atrás do que te faz feliz.

Phoebe. É isso que a faz feliz. Phoebe e futebol. É mesmo simples assim.

— Você realmente não faz nada pela metade, né, Baby Spice?

— Como assim?

— Tem gente que faz mudanças incrementais na vida — explica Fish. — Mas você está indo com tudo.

Grace dá de ombros.

— São mudanças que quero fazer.

— Você vai parar mesmo de falar com a imprensa? — pergunta H.

— Eu tenho mais um compromisso para cumprir e aí… — Grace se interrompe,

com uma lâmpada se acendendo na cabeça. — Claro. Tenho a minha última entrevista no domingo, com Megan Thrace. Posso usar essa oportunidade para me assumir.

— Grace, tem *certeza*? — pergunta Madeeha.

— Já me assumi para todo mundo que importa. Não é tão importante quanto vocês estão fazendo parecer.

— Vai ser importante para muita gente — diz H.

— Sim, tem razão — admite Grace. — Não quero agir como se não fosse. Eu entendo que vai ser importante. Por muitos motivos, para muita gente. Mas a forma como vai importar para mim é que é a minha melhor chance com a Phoebe.

— Você realmente está caidinha por essa garota, hein? — pergunta Fish.

Grace desvia o olhar do telefone para o outro lado do sofá. O lado de Phoebe do sofá. Em geral, ela não dorme lá quando tem turno à noite, mas Grace quer mandar uma mensagem e pedir para ela vir depois.

— É — diz, baixinho. — Acho que estou.

Trinta e seis



Jogar futebol é a coisa favorita de Phoebe desde que ela aprendeu a chutar uma bola.

Jogar futebol com Grace é melhor ainda.

Givhan as coloca juntas para o primeiro jogo da volta de Grace. Ele coloca Phoebe como segunda volante! Ela não tem ideia do motivo, mas não pergunta — cavalo dado não se olha os dentes e tal.

Jogar futebol com Grace é… é… Phoebe nem sabe. Ela nunca foi muito boa com metáforas, ou símiles, ou sei lá. É a melhor coisa que ela já fez.

Com onze minutos, Grace cobra um escanteio, e Phoebe fica imóvel um, dois, três segundos mais do que deseja antes de sair. Um mergulho de cabeça dá um primeiro gol profissional bem bacana. Comemorar abraçando a namorada também não é nada mal. Ainda melhor? Seis minutos depois, Phoebe intercepta um passe e começa o contra-ataque, mandando a bola para o espaço aberto dez metros à frente de Grace, que deixa para trás a zagueira e a goleira e faz dois a zero para o Krewe. Depois, ela dá um abraço de coala em Phoebe, e Phoebe tem que se segurar muito para não a beijar na frente do estádio inteiro.

Grace marca de novo no segundo tempo, e Gabby adiciona um quarto gol nos acréscimos.

Apesar de ser o seu primeiro jogo de volta e ela, sem dúvidas, ser a melhor da partida, Grace não dá entrevistas após a partida. E também não espera Phoebe fazer isso, então Phoebe comemora com Gabby e as suas taças de margarita em vez de com a namorada. Tudo bem. Grace não está se afastando porque Phoebe declarou o seu amor aparentemente não correspondido. Ela só precisa de espaço para processar a volta da lesão. Phoebe não precisa se preocupar.

Só que Grace está estranha pra cacete. Faz dias.



Phoebe vai à casa de Grace no domingo à tarde, quando ela termina a entrevista, e claro que pergunta como foi.

— Por quê? — questiona Grace, olhando para Phoebe e desviando o olhar.

— Hum, só queria saber?

Faz muito tempo que Grace não fica tão desconfiada com as perguntas de Phoebe.

— Foi tudo bem — diz. — O artigo sai na quinta.

— Legal — responde Phoebe, então a beija em vez de perguntar mais alguma coisa.



No treino de segunda, Grace anuncia que Kayla vai assumir como capitã. Não explica por quê, só diz que foi uma honra servir e que agora está na mão de Sorrell. Phoebe fica superfeliz por Kayla, mas não adora não ter sabido antes.

Ela espera até estarem no carro de Grace a caminho de casa para reclamar.

— Não acredito que você não me falou nada!

Grace dá de ombros.

— Eu queria contar para o time todo de uma vez.

Phoebe quase alega que, como namorada de Grace, deveria ter tratamento especial, mas elas nunca usaram essa frase em voz alta. Apesar de ontem ter sido oficialmente o aniversário de um mês do relacionamento delas. Não que Phoebe esteja contando nem nada.

Ela opta por algo mais leve, provocador:

— Que outros segredos você está escondendo de mim?

É para ser uma piada, mas Grace abaixa a cabeça.

— Minha entrevista… — diz ela. E para. — Foi a minha última entrevista. Da vida.

— Espera, quê?

Enquanto dirige até em casa, Grace explica que teve uma conversa com o pai e que decidiu só fazer as coisas que quer fazer. É por isso que não é mais capitã e por

isso que não vai nunca mais falar com a imprensa também.

— Eu explico melhor no artigo, que sai na quinta — diz Grace.

— Certo.

Phoebe já sabia disso. Ela quer perguntar o que não sabe: quais são as coisas que Grace quer fazer? Por que Grace está se comportando desse jeito? Só que Phoebe *não* quer perguntar, porque, e se for ela? E se for ela, e a sua boca grande, e como ela disse a Grace que a amava na semana passada? Então, Phoebe fica quieta e deixa Grace ficar estranha.



Tudo faz sentido na quinta.

Elas vão ver vídeos do próximo adversário depois do almoço, e Phoebe chega adiantada — só porque veio com Grace, que tinha uma consulta com Dawn antes. Ela ainda está com Dawn quando outras pessoas começam a se juntar a Phoebe na sala de transmissão, Colleen e Ash, depois Kayla e Gabby. Phoebe está tentando zoar sutilmente Gabby por ter se divertido um pouco de tarde — sério, tem um chupão no pescoço de Kayla — quando Colleen diz:

— Puta merda. Vocês sabiam que a Grace ia se assumir?

A cabeça de Phoebe gira rápido para olhá-la.

— Quê?

— Acabou de sair um artigo.

Phoebe pega o telefone às pressas. O artigo foi postado há três minutos.

A VOLTA DE GRACE HENDERSON

A lesão, sua identidade e a redescoberta do amor pelo jogo.

Puta merda mesmo.

Os olhos de Phoebe escaneiam as palavras mais rápido do que o seu cérebro consegue compreendê-las. Ela se força a respirar. Focar. Desacelerar o suficiente para conseguir de fato ler a reportagem.

Fala mais profundamente da conversa de Grace com o pai, discute como a lesão a fez reavaliar o papel do futebol na sua vida. Mais ou menos no meio, diz:

"Eu sou lésbica", declara Henderson com franqueza. "Meus amigos e a minha família sabem disso há muito tempo, mas chegou um ponto em que queria assumir isso publicamente, por vários motivos."

— O que está acontecendo?

Phoebe levanta os olhos e encontra Grace na porta da sala. Todas as outras pessoas ali estão no celular.

— Sua entrevista — diz Kayla, baixinho.

Grace arregala os olhos, que caem direto em Phoebe. Ela parece apavorada. Phoebe queria poder abraçá-la — espera. Será que pode? Se Grace se assumiu, será que quer dizer… Phoebe olha de novo para o celular e, desta vez, passa os olhos rápido de propósito. Grace a mencionou?

Antes que Phoebe consiga descobrir, os dedos de Grace estão se fechando no seu punho.

— Vem comigo — pede Grace.

Phoebe vai.

Grace as leva para fora da sala, pelo corredor até a sala de equipamentos, a que tinha mostrado a Phoebe na noite que começaram, na noite que jogaram bobinho até não conseguirem mais se fazer de bobas. Por fim, ela solta o punho de Phoebe.

— Você leu? — pergunta ela.

— Uma parte. Por que você não me contou que…

— Lê. Tudo.

Phoebe não sabe o que está rolando. Ela faz o que Grace manda.

Grace, perfeita, discreta, independente, fala tão livremente na página. Doce, vulnerável, sincera. Fala da pressão que sempre colocou em si mesma e sobre como se assumir e se afastar da imprensa e do papel de capitã vai diminuir isso. É idiota o tanto que Phoebe a ama.

Mas se assumir agora tem a ver com mais do que representação e orgulho para Henderson.

"Não estamos juntas, no momento, mas tem alguém que eu…" Ela não termina. "Que é muito importante para mim. E parte dessa coisa toda de fazer o que quero vai ser dizer para ela o que eu sinto."

Tem um parágrafo depois disso fechando tudo, mas Phoebe mal processa. Está confusa pra caralho. *Não estamos juntas, no momento, mas…*

Phoebe levanta os olhos para Grace, que parece estar sentindo mais dor do que jamais sentiu com o problema do quadril.

— Grace — diz Phoebe. — Essa última parte é sobre mim?

Trinta e sete



Grace respira fundo. Ela sabe o que quer dizer, chegou a escrever tudo à mão ontem à noite.

— É, sim — diz. — Eu sei que, quando começamos isso, nenhuma de nós queria um relacionamento, e entendo se você ainda não quiser. Podemos continuar fazendo o que estamos fazendo ou, se você não se sentir confortável com os meus sentimentos, podemos ser amigas. Mas eu precisava falar alguma coisa.

Ela respira de novo e tenta passar a mão pelos cabelos antes de se lembrar que estão trançados. Em vez disso, seus dedos encontram a ponta da trança. Ela está olhando logo acima do ombro de Phoebe; quer olhar para ela, mas fazer contato visual é difícil demais.

— Eu gosto mesmo de você, Phoebe — diz ela. — Você é engraçada, apaixonada e muito linda. Eu mantive as pessoas distantes por muito tempo, mas você passou direto por todas as minhas defesas. Você é confiante e não pede desculpas pelo espaço que ocupa no mundo. A alegria que sente jogando futebol é contagiante e me lembrou que eu também sentia isso. Você me ajudou a reencontrar essa alegria. Ainda que não sinta o mesmo por mim, sou muito grata por te conhecer.

Enfim, ela a fita nos olhos. É preciso inventar novas palavras para descrever o verde dos olhos de Phoebe. Grace desvia o olhar.

— Você é muito especial — diz, baixinho.

— Bebê — fala Phoebe.

Em geral isso é bom, mas também é uma coisa de sexo; é como Phoebe chama Grace quando está prestes a fazê-la gozar. Grace não sabe exatamente o que fazer com o termo nesse contexto. Antes de ela poder entrar em pânico por isso, Phoebe a

encostou na parede e está beijando-a.

Ela beija, e beija, e beija até as duas estarem ofegantes.

— Meu Deus, você me fez chorar. — Phoebe seca os olhos. Suas mãos depois caem para o quadril de Grace, uma delas ainda com o celular. — Mas, por outro lado, isso não faz sentido nenhum.

O peito de Grace arfa. Ela sacode a cabeça para clareá-la.

— Como assim?

— A gente não está junta há, tipo, um mês?

— *Quê?*

— Eu literalmente falei que te amava semana passada.

Grace fica boquiaberta como um peixe.

— Aquilo foi… você terminou me lembrando de que a gente não estava num relacionamento!

— Meu Deus do céu! — Phoebe parece *maravilhada*. — A piada só era engraçada porque a gente *está* num relacionamento.

Grace sempre se orgulhou de ter a cabeça fria. Ela é boa numa crise. Calma. Pragmática.

E, apesar disso, nesse momento, sua voz sai num guincho:

— Desde *quando*?

— Desde o sHeroes — responde Phoebe, como se fosse óbvio. — Tipo, a gente teve a conversa da exclusividade e tudo.

— Não teve, não.

— Teve, sim! — insiste Phoebe. — Eu te disse que não estava a fim de transar com mais ninguém, e você disse que também não estava.

— Eu achei que aquilo fosse sobre ISTs ou algo do tipo.

— É sério?

Grace dá de ombros. Com bastante violência.

— A gente tinha falado de *dental dams*!

— É, mas a gente nunca usou! Mesmo antes disso!

— Eu sei lá! Eu estava confusa! — Grace se solta das mãos de Phoebe, anda até a ponta da sala e volta. A conversa está indo rápido demais para o seu cérebro processar. — Você está dizendo que achou que estávamos namorando desde aquela época?

— Você está dizendo que não achou?

— Óbvio! — Grace gesticula para o celular que ainda está na mão de Phoebe. — Acabei de falar para uma repórter que estava solteira. Claramente não achei que estivéssemos namorando!

— Bebê — diz Phoebe com suavidade, as covinhas se afundando na bochecha.

Agora tanta coisa faz sentido. Tudo o que Phoebe disse depois de Grace contar sobre Kelsey. Como ela queria contar para a mãe. Toda vez que Phoebe dizia algo sobre não querer um relacionamento, dava uma risadinha ou piscava — a risada deixava Grace sem esperança. E, o tempo todo, era porque Phoebe achava que ela tinha entendido a piada.

Grace respira fundo. Se entendeu direito…

— Então — fala —, quando você disse que me amava e depois fez uma piada… não foi porque percebeu que eu estava a ponto de te contar que sentia algo por você?

— Meu Deus, não — responde Phoebe. — Achei que você estivesse surtando porque falei e porque não me amava de volta. O que, estou percebendo, provavelmente é verdade, já que você nem percebeu que estávamos juntas. Mas tudo bem, tipo, sem problemas. Não precisa ser estranho. Eu estou acostumada a…

— Acho que talvez eu te ame — interrompe Grace.

— Ah — diz Phoebe. — Tá. Uau.

Merda, será que Grace não deveria ter dito isso?

— Está… tudo bem?

— Bem pra caralho.

Phoebe diz isso com tanta veemência que Grace não consegue segurar uma risadinha.

Ela está namorando Phoebe. Phoebe a *ama*. A vida toda de Grace no último mês acabou de ser virada de cabeça para baixo, mas ela não está nem aí. Tinha considerado vários resultados da reportagem, se preparado para várias potenciais conversas com Phoebe. Nunca, nem nos seus sonhos mais loucos, ela teria imaginado isso.

Ela dá um passo mais perto. Phoebe a espelha, sorrindo.

— Então — fala Grace. — Você é a minha…

— Namorada? — pergunta Phoebe. — Se você quiser.

Outro passo.

— E eu sou a sua namorada?

— Se você quiser.

— Eu quero.

— Vou te beijar agora.

— Eu quero — repete Grace.

A boca de Phoebe é macia, e quente, e perfeita. Mas ela se afasta rápido demais. Grace quer continuar beijando-a; elas podem conversar mais tarde.

— Sabe — diz Phoebe —, vai ser uma história que vamos contar no nosso casamento e as pessoas não vão acreditar que é verdade de tão ridícula que você é.

Tá, de repente elas podem conversar agora.

— Nosso casamento? — Grace levanta uma sobrancelha.

A ficha de Phoebe cai, e ela sacode a cabeça freneticamente.

— Não. Não, eu não falei nada disso. Vamos voltar a literalmente qualquer outra coisa.

Grace não está a ponto de pedi-la em casamento. Seria uma sapatonice bem avançada ir de não saber que está namorando a pedir em casamento em cinco minutos. Mas o sorriso envergonhado de Phoebe é tão fofo que Grace não se aguenta.

— Acho que *isso sim* é uma história para o nosso casamento — diz —, você falando do nosso casamento dois segundos depois de começarmos a namorar oficialmente.

— Não mesmo. Estamos namorando oficialmente há um mês.

— Acho que não podemos estar namorando oficialmente há um mês se eu só fiquei sabendo hoje — retruca Grace.

Phoebe nem finge pensar no assunto.

— Não sei, não. Parece um problema pessoal seu.

— Você é um problema pessoal meu.

Grace enfia os dedos na cintura de Phoebe. Tomara que ela se distraia com as cócegas e não note como a resposta de Grace não faz sentido. E, de fato, a ruiva dá gritinhos de risada e se contorce para se afastar.

Ela não se afasta, mas, no fim, segura as mãos de Grace. Pressiona a bochecha na têmpora de Grace.

— Será que a gente devia ir ver as filmagens agora?

— Que nada — responde Grace. — Tudo pode esperar.

— Uau, você mudou mesmo. Grace Henderson, atrasada para uma atividade

obrigatória do time.

— Você não ficou sabendo? Agora eu faço o que quero.

O que ela quer é pôr o nariz embaixo do queixo de Phoebe e beijar o mesmo trecho de pele em que colocou a boca pela primeira vez. Phoebe levanta a cabeça, dando mais acesso a Grace.

— A não ser que você ache que a gente deva ir — fala Grace.

— Não, tudo bem. — Phoebe está sem fôlego. — Estou acostumada a me atrasar.

Epílogo



No vestiário, enquanto ela esperava a sua vez de ter as mãos de Grace nos seus cabelos, Phoebe disse a si mesma que só precisava pisar no gramado para ficar menos nervosa. Mas, agora, ela está em campo, com os cabelos em duas tranças embutidas terminando num rabo de cavalo, e não importa que tenha desejado isso a vida inteira, não importa que nunca fique nervosa de verdade antes de um jogo, ela acha que vai vomitar.

Ela sacode os braços e as pernas, juntando-se ao restante das titulares que formam um círculo perto da área do pênalti.

— Quem quer fazer isso?

Fish sempre pergunta quem quer dar o discurso de motivação antes do pontapé inicial. Em geral, Phoebe gosta disso — do fato de elas serem iguais, de toda vez ter o mesmo peso, independente da posição ou do tempo no time. Mas, hoje, um minuto antes de soar o apito do seu primeiro jogo numa Copa do Mundo, Phoebe quer ouvir uma veterana. Ela é a única que nunca esteve nessa posição antes, mas quer ouvir uma das suas companheiras que estão exatamente do outro lado do círculo: Fish, ou Madeeha, ou H, as três que têm mais jogos pela seleção.

A jogadora que fala, porém, está bem ao seu lado.

— A gente vai tirar de letra — diz Grace.

H solta um *uhul* enquanto Fish grita:

— Beleza, Baby Spice!

Phoebe compartilha do entusiasmo delas, mas o seu coração continua acelerado atrás do esterno. Nem o choque de ver Grace se voluntariar para dar o discurso pré-jogo pela primeira vez depois de ter abdicado de todas as responsabilidades supera o nervosismo de Phoebe.

— A gente já fez a parte difícil — diz Grace.

Phoebe sabe que não deveria interromper e, em qualquer outra situação, não interromperia — os remédios de TDAH a ajudaram a controlar os seus impulsos —, mas não consegue se segurar.

— Vencer a Copa do Mundo por acaso é a parte fácil? — pergunta.

— A gente chegou até aqui, Fenô.

Grace não fala de lesões, ou vagas na convocação, ou que é a autoestima delas mesmas que está no caminho. Não precisa. Essas mulheres fizeram a jornada juntas.

— Agora, é só jogar — diz Grace. — Juntem as mãos.

— Você sempre foi uma mulher de poucas palavras — comenta Fish.

— Qualquer uma é uma mulher de poucas palavras comparado a você. — Os olhos de H encontram os de Phoebe do outro lado do círculo. — Exceto talvez a Matthews.

— Juntem as *mãos* — repete Grace, e desta vez elas obedecem, aproximando-se.

A mão de Phoebe está ensanduichada entre a de Kayla e a de Becky.

— *Jogar* no três — diz Grace, focada no time enquanto segura a outra mão de Phoebe, entrelaçando os dedos entre os corpos delas. — Um, dois…

— Jogar! — gritam como time.

Grace aperta a mão de Phoebe.

Elas então se separam e vão para as suas posições. Phoebe dá alguns pulos altos, levando os joelhos ao peito, como se o sangue precisasse de ajuda para ser bombeado.

Ela não está mais nervosa. Só precisa jogar.

O árbitro apita.

Agradecimentos



Há muitas pessoas sem as quais eu não poderia ter feito isso:

Vicki Lame, que me deixou empurrar, empurrar e empurrar os prazos, e acreditou em mim o tempo todo.

Patrice Caldwell, que é tudo o que eu poderia esperar de uma agente.

Trinica Sampson-Vera, que me mantém em dia com tudo o que eu esqueço.

Mary Roach, que foi quem primeiro concebeu Grace e a sua personalidade espinhosa.

Rosiee Thor, cujo incrível conjunto de interpretações da expressão *meet-cute* me deu o título original da obra.

Mary Randall, que leu, e gritou, e me fez sentir que sou boa nisso.

Christina Cheung, que provavelmente leu mais palavras minhas do que qualquer outra pessoa.

Keena Roberts, que deu o primeiro feedback e instantaneamente melhorou o livro.

Jen St. Jude, que é muito boa, e a queer esportiva mais sedenta do mundo, e que me deu informações sobre a NWSL.

Charles Olney, que também me deu informações sobre futebol que eu não usei tanto quanto deveria.

Avery Friend e Tabitha Edmondson, que responderam a todas as minhas perguntas sobre Nova Orleans.

Courtney Kae, que é um deleite de apoio.

Tash McAdam, cuja amizade e crença em mim foi o que me fez iniciar essa jornada.

Becca Mix, que me convenceu a ir ao meu primeiro retiro de escrita (e que me

levou até lá!), e Andrea Hannah, que foi a anfitriã e que me faz sentir muito bem por dentro.

Aimée Carter, que me deixou falar com ela sobre o meu enredo por duas horas quando acabávamos de nos conhecer. É por causa dela que existe qualquer conflito externo.

Zabe Doyle, Emma Patricia, Mary Roach (mais uma vez), Christina Tucker e Ashley Blake: encontrar um grupo tão gay e maluco quanto vocês é uma das melhores coisas que já me aconteceram. Zabe, você é basicamente meu tudo ou nada. Emma, há coisas sobre mim que você entende e que ninguém mais entende. Mary, quero ser como você quando crescer (não me lembre de como você é jovem). Christina, até que você veja como é ótima, acreditarei em você o suficiente por nós duas. A melhor coisa que o *The Morning Show* fez foi nos tornar amigas (também: o episódio dos incêndios). Ashley, eu nem sabia que poderia gostar tanto de *MILFs* quanto gosto de você.

E, é claro, minha Brooke. A vida me levou a lugares que nunca imaginei ir. Estou muito feliz por poder passar por tudo isso com você.

Título original
CLEAT CUTE
A Novel

Primeira publicação nos Estados Unidos por St. Martin's Griffin, um selo da St. Martin's Publishing Group.

Copyright © 2023 *by* Meryl Wilsner

Imagens de abertura de capítulo: Freepik

Todos os direitos reservados.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
NATÁLIA PACHECO

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
PENHA DUTRA

Edição digital: setembro, 2024.

Este livro é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação de Meryl Wilsner ou foram usados de forma fictícia.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W718j
Wilsner, Meryl
Jogando no seu time [recurso eletrônico] / Meryl Wilsner ; tradução Laura Folgueira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2024.
recurso digital

Tradução de: Cleat cute: a novel
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-294-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Folgueira, Laura. II. Título.

24-92716 CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643
08/07/2024 11/07/2024

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora



Meryl Wilsner escreve romances com finais felizes para pessoas queer que amam mulheres. Entre seus títulos publicados estão *Something to Talk About* e *Mistakes Were Made*. Natural de Michigan, Meryl morou em Portland, Oregon, e em Jackson, Mississippi, antes de voltar ao estado em que nasceu. Algumas das coisas favoritas de Meryl incluem: todas as quatro estações, camisas sociais, a forma como girafas correm e a esposa, Delu.

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta

Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Epílogo
Agradecimentos
Créditos
A Autora